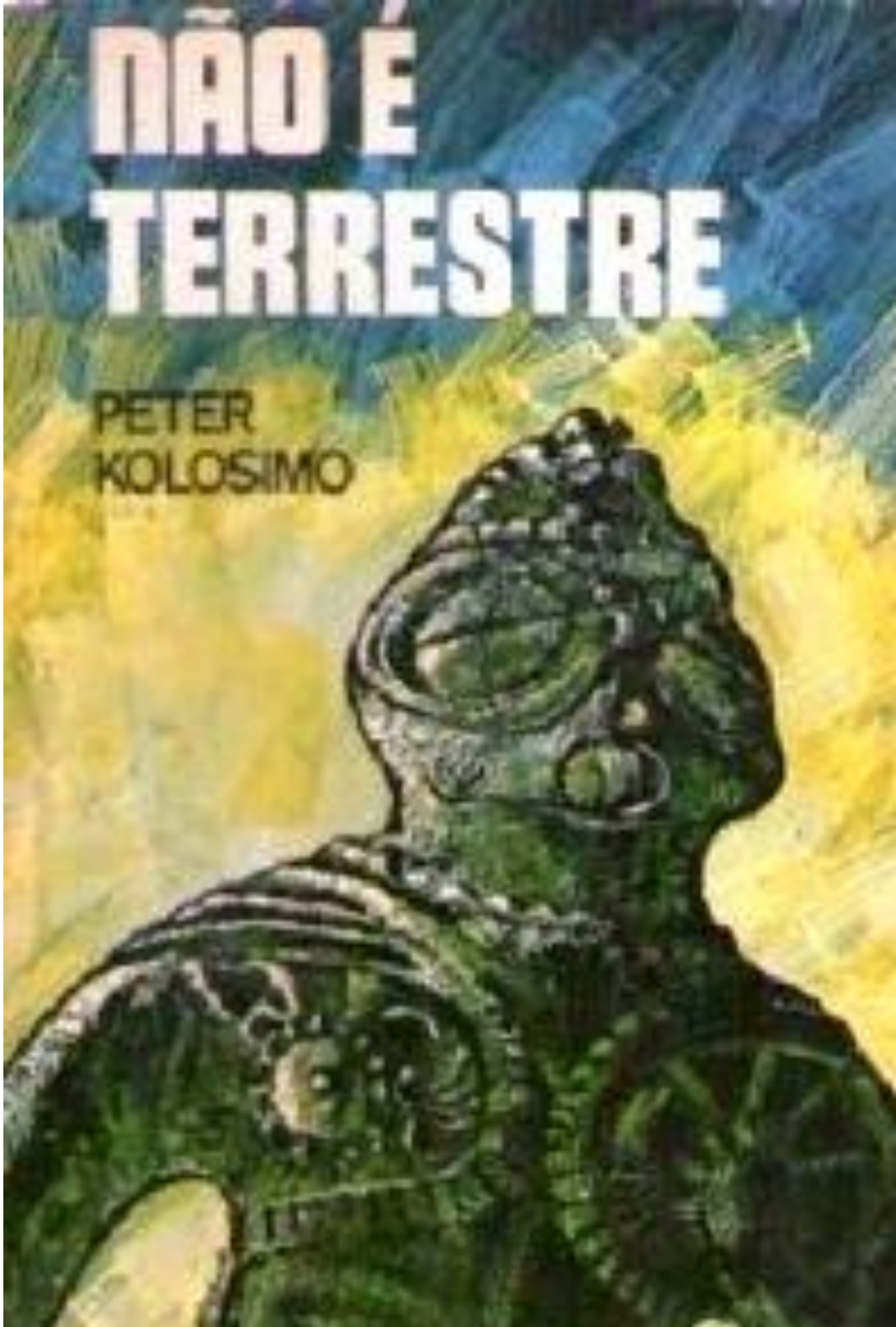
NÃO É TERRESTRE

PETER KOLOSIMO



NÃO É TERRESTRE

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada pelo Centro de Catalogação-na-fonte,
Câmara Brasileira do Livro, SP)

K85n Kolosimo, Peter
Não é terrestre; tradução de Anacleto Valtorta.
São Paulo, Melhoramentos, 1972.
p.

1. Realismo fantástico 2. Vida extraterrestre
I. Título.

72.0160 CDD-001.9
523.13

Índice para catálogo sistemático:

1. Realismo fantástico : Conhecimento controvertido e suposto 001.9
2. Vida extraterrestre : Astronomia 523.13

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada pelo Centro de Catalogação-na-fonte,
Câmara Brasileira do Livro, SP)

Kolosimo, Peter
K85n Não é terrestre; tradução de Anacleto Valtorta. São Paulo, Melhoramentos, 1972.
p.

1. Realismo fantástico 2. Vida extraterrestre I. Título.

72.0160 CDD-001.9
523.13

Índice para catálogo sistemático:

1. Realismo fantástico : Conhecimento controvertido e suposto 001.9
2. Vida extraterrestre : Astronomia 523.13

PETER KOLOSIMO

NÃO É TERRESTRE

Tradução e notas de
ANACLETO VALTORTA

EDIÇÕES MELHORAMENTOS

Título do original italiano: NON È TERRESTRE
© by Sugar Editore, Milão, Itália

© Companhia Melhoramentos de São Paulo, Indústrias de Papel
Caixa Postal 8120, São Paulo

Ux
V-1972

Do autor, nas Edições Melhoramentos:

ANTES DOS TEMPOS CONHECIDOS

SOMBRAS SOBRE AS ESTRELAS

Em preparo:

O PLANETA DESCONHECIDO (Il Pianeta Sconosciuto)

Nos pedidos telegráficos basta citar o cód. 0-03-190

Pedra na pedra,
o homem onde estava?
Ar dentro do ar,
o homem onde estava?
Tempo no tempo,
o homem onde estava?

Do *Canto geral*
de PABLO NERUDA

Índice

Primeira Parte

OS NÁUFRAGOS DAS ESTRELAS

I Quem Atirava nos Dinossauros? 13
II Os Demônios do Espaço 22
III Profetas Vagabundos 32
IV Os Filhos das Plêiades 43
V A Volta dos Deuses 58
VI Portos para o Infinito 72
VII Fogo Mágico 87
VIII Os Senhores dos Abismos 97

Segunda Parte

DIMENSÕES IMPOSSÍVEIS

I Antes de Adão 109
II Os Ciclopes e os Astronautas 118
III Monumentos na Lua 128
IV A Marca de Mu 142
V O País dos Homens Azuis 156
VI Saturno na América 166
VII Atlântida 174
VIII Hóspedes Vindos do Futuro 183
IX Templos Extraterrestres 192
X Plasmado Numa Estrela 202
XI Desafio à Ciência 209
XII Os Recifes de Sírio 216
XIII Arcas para a Eternidade 227
XIV Olhando o Sol 235

Índice das Ilustrações

Grafitos antiqüíssimos, descobertos na Austrália, nos arredores de Woomera / Famosa moeda romana cunhada em 193 d. C. / ... "grande deus dos marcianos", descoberto no Saara / Tampa do sarcófago da pirâmide mexicana de Palenque / Estatuetas japonesas do estilo "dogu"... .... *entre págs. 48 e 49*

Esboço, numa laje, que pertencera ao antigo observatório astronômico de Meroe, interpretado como um foguete / Substância desconhecida caída de um "disco voador", em Laigueglia, em 1963 / Misterioso fragmento de material parecido com coral, caído do céu / Fotografia do "fogo mágico" / O complexo megalítico de Stonehenge / As "cúspides de Blair", descobertas pelo cientista na Lua / O "Buda adormecido" da gruta n.º 58 de Tun-huang / Tabuinhas descobertas no México ..... *entre págs. 112 e 113*

A evolução da cruz na América Central / Desenhos dos "mounds" / Aranhas com a cruz, ou símbolo solar / Restos da Atlântida / O "cinema pré-histórico" do Lago Onega, na Carélia / Os desconhecidos habitantes da América pré-histórica / Ser felino mexicano / Duas vistas de Chan-Chan, no Peru ..... *entre págs. 144 e 145*

Duas vistas da "grande muralha peruana" / Reconstrução do assim chamado "Castillo" de Chavin de Huántar / Dois anfiteatros descobertos no Peru / Lembrança dos misteriosos "discos voadores": disco alado assírio; disco alado egípcio; o deus Ahura Mazda ..... *entre págs. 192 e 193*

1.ª PARTE

OS NÁUFRAGOS DAS ESTRELAS

CAPÍTULO I

Quem Atirava nos Dinossauros?

ERA UMA VEZ UM FULANO chamado Zebra e apelidado Horace Reid, que ganhava sua vida na Chicago de 1965 lendo os jornais e escutando o rádio, à espreita de determinadas notícias. Era realmente um tipo esquisito de pesquisador, esse tal de Sr. Zebra. As alarmantes manchetes sobre a guerra do Vietname e a ardente atmosfera da fronteira indo-chinesa não o interessavam; nem mesmo as angustiantes interrogações sobre o contrastado noivado de Beatriz de Holanda conseguiam despertar nele um arrepio de deliciosa angústia. Em compensação, o nosso amigo, arrebatado, extasiava-se com notas desta natureza:

"Nos arredores de uma cidadezinha do Illinois, o Prof. Forrestor, da *State Normal University*, localizou, com seus alunos da Faculdade de Arqueologia, um novo túmulo de índios, com 400 anos de idade. Foram trazidos à luz vários esqueletos, sepultados com armas, jóias e outros objetos. Trata-se de uma notável, embora não sensacional, descoberta, que porém se coroou com um achado totalmente esquisito: o corpo de um pele-vermelha, com um braço só, colocado ao redor de um vaso de terracota cheio de moedas de um centavo de dólar que traziam gravada a cabeça do pele-vermelha.

"De início o Prof. Forrestor pensou ter sido o alvo de uma brincadeira de seus alunos; estes, porém, negaram energicamente tal fato. Um exame apurado permitiu realmente comprovar que o pele-vermelha maneta e as moedinhas foram sepultados contemporaneamente. Peritos da Universidade do Illinois e autoridades governativas dirigem-se para o lugar das escavações."

Ora, acontece que as moedas com a cabeça do índio foram cunhadas nos Estados Unidos da América em nossos dias. Foi justamente este detalhe que fez com que o Sr. Zebra apelasse para o céu, ao pé da letra: isto é, chamasse por meio de um especial aparelho um afastado planeta de onde chegou, direta para Chicago, uma linda loira para lhe prestar ajuda na solução do quebra-cabeça. Um quebra-cabeça para os cientistas terrestres, mas não para o Sr. Zebra e sua companheira; como agentes secretos de uma grande

organização galáctica, os dois sabiam muito bem de que maneira os centavos de 1965 tinham chegado às mãos do pele-vermelha que viveu em 1565: os autores desta, e de outras brincadeiras, eram crianças de uma evoluidíssima raça extraterrestre, fugidas ao controle de seu mestre e que se apoderaram de um aparelho capaz de viajar através do espaço e do tempo.

A loira e seu amigo começaram a estudar uma ou outra maneira que permitisse dar sumiço àquele anacronismo que, de outra forma, teria deixado os cientistas do nosso globo em polvorosa: pensaram em substituir as moedas por outras, em fazer alguma coisa que apoiasse a hipótese de uma brincadeira organizada pelos alunos, em cavar um túnel por baixo do túmulo para sugerir a idéia de que os centavos tivessem sido escondidos em época recente. Nenhum desses planos, contudo, revelou-se realizável; e tudo teria caminhado para a pior das confusões se um estalo de genialidade do Sr. Zebra não tivesse conseguido modificar completamente a situação.

Lembranças de um outro mundo

Este, evidentemente, é um conto utópico: trata-se do enredo de *Able to Zebra,* de Wilson Tucker. Mas não podemos dizer que, realmente em tudo, o escritor americano se apoiou na fantasia. Deixando de lado agentes galácticos e moleques espaciais, ele faz ficção científica só num ponto: lá onde ele acha que a descoberta de moedas modernas num túmulo antigo possa deixar em polvorosa os arqueólogos.

Se tivesse sido só um pouco mais realista, Tucker não teria seguramente incomodado o Sr. Zebra e sua linda companheira; asseguramos-lhe que realmente nada teria acontecido: os cientistas teriam dado uma olhada meio distraída àquele amontoado de centavos, depois, sacudindo os ombros, teriam ido embora resmungando algo como "absolutamente impossível", "bobagens" ou "coisas de crianças".

Os leitores levantarão aqui a objeção de que estamos fazendo o processo à utopia; não é bem isto: trata-se, se for o caso, de um processo aos pressupostos depositários do saber universal, aos dogmáticos santões da ciência aureolados de infalibilidade.

"Posto que a Bíblia nunca pode errar e que a narração dos eventos passados representa uma garantia de verdade para sua predição dos eventos futuros — escrevia Santo Agostinho, de Hipona, (354-430) — é absurdo afirmar que os homens puderam, através do imenso oceano, alcançar a outra parte da Terra e nela

implantar a espécie humana." Bom, desde aquela época os métodos não mudaram muito: destrói-se tudo quanto pode ser destruído, agitando a bandeira da tradição, levantando cortinas de sofismas e — quando isto não é possível — negando obstinadamente a evidência, ignorando completamente as provas.

É preciso lembrar que em 1790 a Academia das Ciências de Paris explodiu em gracejos e ofensas contra o físico Chladni, defensor da origem cósmica dos meteoritos, decretando "ser loucura a crença segundo a qual do céu cairiam pedras sobre a terra"? Ou seria suficiente voltar à primeira metade do século passado, quando as profundezas submarinas eram oficialmente declaradas incapazes de hospedar qualquer forma de vida, pois se acreditava que, além dos 200 metros de profundidade, não existia oxigênio e que, portanto, só podia existir uma capa de gelo eterno?

Nem uma, nem outra coisa serviria para remover os cépticos empedernidos de suas posições. "Os erros do passado — responderiam — não nos autorizam a levar a ciência para terrenos da ficção científica." Uma objeção lógica, indiscutível, desde que as fronteiras da ciência não sejam consideradas imutáveis e desde que estas fronteiras possam ser deslocadas para frente, em terreno que até ontem pertencia à ficção científica, quando deste último afloram elementos que não podem ser rejeitados como produtos de gratuitas ruminações mentais.

Não queremos com isto pretender que sejam reconhecidos cientificamente os centavos de Wilson Tucker. Podemos porém começar com outra moedinha: a de bronze, achada por acaso em 1871 no decorrer de trabalhos de escavação nos arredores de Chillicote, no Illinois, a uma profundidade que superava os 42 metros e meio.

Quarenta e dois metros e meio são realmente uma brincadeira quando medidos na horizontal; mas ao tentarmos fazer um buraco desta altura, teremos a impressão de ter coberto já uma boa distância no caminho que nos leva ao centro da Terra. Realmente, não teremos arranhado a superfície do planeta mais de quanto poderíamos arranhar com um alfinete uma bola de vidro, mas teremos recuado de maneira incrível no tempo, alcançando uma camada que estava à vista quando no nosso globo — de acordo com a história conhecida da humanidade — não só não circulava dinheiro mas nem mesmo mãos havia para fabricá-lo e gastá-lo.

Desgraçadamente, a moedinha, reduzida a um discozinho achatado, de contornos irregulares, nada podia sugerir sobre sua origem; de qualquer maneira, a hipótese de que possa ter ido parar naquele lugar em época relativamente próxima da nossa, em seguida a um movimento telúrico ou por outras causas, deve ser afastada *a priori:*

ela foi realmente perdida ou deixada no lugar onde foi encontrada, inúmeros milênios passados.

Esta – fique claro – não é ficção científica. É um simples anel de uma longa corrente de enigmas desconcertantes que começaram a aflorar no mundo inteiro a partir da metade do século passado.

Em 1851, sempre no Illinois, em Whiteside Country, eram encontrados, a cerca de 36,5 metros de profundidade, dois anéis de cobre. E em junho do mesmo ano, nos arredores de Dorchester (Massachusetts), uma explosão libertava, de uma maciça pedra, que se tinha formado em época antiqüíssima, um vaso com forma de sino, de um metal desconhecido, que trazia floretas em prata.

Desde muito tempo circula a voz de ter um médico encontrado, na Califórnia, um belo pedaço de quartzo aurífero que ele levou para casa, como lembrança: acidentalmente, o quartzo partiu-se e do seu interior saiu um pequeno objeto metálico, cuja forma lembra a de um cabo de balde. Não conseguimos descobrir o nome do médico nem saber onde foi parar o achado; isto porém não nos autoriza a pensar que o fato não passa de uma estória, quer porque deste fato encontramos menção em sérias publicações científicas, quer pelo posterior achado de outro objeto similar.

O segundo "cabo de balde" veio à luz a uma notável distância do primeiro, numa pedreira de Kingoodie, na Inglaterra do Norte. Encontrava-se, por metade, preso num bloco de pedra de 23 centímetros, que sem dúvida se formara no Plistoceno (entre 8.500 e 700 milhares de anos atrás): os cientistas atribuem-lhe uma idade mínima de 10-12 mil anos, mas não excluem que seja muito, muito mais antigo.

Contudo, as descobertas mais sensacionais, diante das quais até a fantasia de Tucker parece limitada, deviam dar-se em 1869 e em 1885. Neste último ano foi retirado de uma mina austríaca um cubo metálico esquisito, atualmente conservado no museu de Salisbury. O "leito" de carvão onde o cubo foi achado remonta indubitavelmente à era terciária (de 70 a 12 milhões de anos atrás); o objeto, analisado, revelou-se composto de ferro e carbônio, com modesta quantidade de níquel. "Um meteorito", declararam alguns peritos, baseando-se nestes dados. Um meteorito cúbico, com uma das faces opostas perfeitamente arredondada? Poderíamos, isto sim, admitir que se trate de um bólide celeste, mas teremos então de escolher entre estas duas hipóses: ou o cubo chegou à Terra, assim como se encontra, de outro mundo, ou então foi trabalhado no nosso planeta de uma informe rocha provinda do espaço.

A primeira hipótese é inaceitável: mesmo que, por sorte, o objeto se tivesse mantido inalterado na partida, ele ter-se-ia tornado uma massa informe pela ação do atrito atmosférico. A segunda, por

outro lado é tão fantástica quanto a hipótese que o quer fundido e moldado no nosso globo: trabalhar um meteorito desta natureza, de fato, é quase impossível a não ser que se disponha dos meios que a moderna técnica oferece.

O que deveria ter feito soçobrar o mundo científico, em novembro de 1869, poderia ter sido um minúsculo objeto que nem mais existia mas que tinha deixado de si um testemunho irrefutável: um parafuso de 5,08 centímetros que, por incalculáveis milênios, ficou a desgastar-se no coração de uma rocha das chamadas "Galerias da Abadia" de Treasure City, no Nevada. Quando a pedra foi quebrada exatamente naquele lugar, o parafuso (de ferro, supõe-se) não mais existia. Existiam porém seus contornos, extremamente nítidos, que revelaram um "verme" perfeito. "A camada que os guarda é antiqüíssima", declararam os peritos da Academia das Ciências de São Francisco. "Esta descoberta poderia retrodatar de milhões de anos a história da humanidade." Na época, muito alarde envolveu o extraordinário achado, mas rapidamente as discussões amorteceram, sumiram: sobre o "parafuso de Treasure City", como sobre muitos outros achados surpreendentes, desceu o silêncio.

Sempre no Nevada, num veio carbonífero de Cow Canyon, 25 milhas ao leste de Lovelock, algo igualmente sensacional devia fazer empalidecer, discutir e depois calar os cientistas: a pegada de um pé humano impressa na argila, bem no meio da era terciária; uma pegada graciosa, impressa por uma criatura de corpo harmonioso, equilibrado, ágil, numa época em que a antropologia clássica diz estar muito longe o aparecimento dos nossos pressupostos antepassados simiescos.

Enigmas siberianos

Quem fulminava bisões centenas de milhares de anos antes de nossos trogloditas tatearem rosnando, à procura de uma pedra para transformar em arma?

Depois do que acabamos de expor, parece-nos cabível fazer esta pergunta de maneira séria, observando a caveira de um bisão pré-histórico exposta no museu de paleontologia de Moscou. O fóssil foi encontrado ao oeste do Rio Lena, na república socialista autônoma da Jacútia, e um detalhe logo chamou a atenção dos cientistas: um buraco circular na testa, como nenhuma ponta de lança poderia ter produzido; para nós, aquela ferida só pode ter sido produzida por um projetil de arma de fogo. E é um ferimento seguramente tão velho quanto o bisão: o processo de recalcificação

que se deu em sua borda exclui que alguém tenha fincado uma bala na caveira do animal em época mais ou menos recente, e confirma que o animal sobreviveu à desagradável aventura.

Estas são as opiniões do diretor do museu moscovita, Prof. Konstantin Flerov. Se lhe perguntarmos quem pode ter ido caçar bisões com um rifle, na Sibéria pré-histórica, Flerov encolhe os ombros e sorri. Pensa em seus colegas que, menos prudentes que ele, nem pestanejam em afirmar: "Só uma hipótese é possível: a da descida, em épocas remotas, várias vezes, de exploradores espaciais sobre a Terra".

É uma hipótese que, nestes lugares, não deixa de exercer profunda fascinação. Estamos entre os iacutos, aquele singular povo que chegou aqui em cima em tempos muito remotos, desde a Turquia, após ter-se demorado no sopé dos Altai. "Durmam — cantam os iacutos para seus mortos, cujos ataúdes colocam entre os ramos das árvores para facilitar sua retirada por parte dos seres celestes — durmam até que os espíritos desçam das estrelas sobre seus esplendentes carros." Que espíritos? Aqueles de que falam os xamãs, os padres-feiticeiros mongóis e siberianos, descrevendo-se misteriosos seres que, para chamar os falecidos, vêm sobre "conchas volantes", jogando sua "pele escura" quando querem revelar seu verdadeiro aspecto, parecido com o nosso?

Não são necessários, evidentemente, grandes esforços de fantasia para ver nas "conchas" veículos cósmicos (não é pelo menos curioso que tenhamos empregado os termos *Teller, Saucers, Soucoupes,* discos, pratos voadores?) e na "pele desmontável" uma roupa espacial.

Vamos mais para oeste e encontraremos os *baba,* aqueles estranhos monumentos funerários que se encontram espalhados pelos *kurgani,* os antiqüíssimos cemitérios da Sibéria e que constituem um insolúvel quebra-cabeça para os arqueólogos. Vamos olhar um, bem de perto: é formado por um bloco de rocha esculpido, em sua parte superior, em forma humana. Um enigmático rosto mongol sorri, os olhos entreabertos aos dois objetos que suas mãos seguram: um punhal e uma esfera. "O punhal que transfixa as trevas, o sol da vida", poderíamos dizer, como ainda hoje sugere a sabedoria xamanista.

Podemos mesmo sonhar astronaves lançadas a transfixar as trevas cósmicas, em direção a um globo longínquo que ficou na lembrança de um povo desaparecido como símbolo de vida além dos escuros abismos: descendo ao sul, chegaremos à taiga de Tunguska, onde, em 30 de junho de 1908, se chocou aquele enorme meteorito que, segundo Kasanzev, não era um meteorito mas um cruzador

interplanetário de propulsão nuclear, que escapou ao controle de seus pilotos e explodiu a poucos quilômetros da Terra.

"A Sibéria – afirma o cientista e escritor soviético – e muitas outras regiões do nosso globo são talvez imensos museus que encerram o testemunho de encontros cósmicos." E de desencontros, acrescentaríamos, pensando não somente no bisão de Iacútia mas também no desafortunado neandertalense cujo crânio veio à luz nos arredores de Broken Hill, na Rodésia.

A caveira do homem-símio parece até apresentar o buraco de entrada de um projetil e, no lado oposto, o buraco de saída. É impossível que se trate das famosas trepanações cranianas pré-históricas: no caso siberiano, ninguém, evidentemente, teria aceito a incumbência de operar um bisão (ainda mais sem anestesia), e no africano a dupla lesão já é suficiente para eliminar esta suposição; poderíamos, depois, acrescentar que os assim chamados "homens de Neandertal" nunca realizaram intervenções cirúrgicas desta natureza: os únicos buracos – bastante avantajados – que estes canibais antropomorfos praticavam nas cabeças dos outros eram destinados à extração do cérebro com finalidade alimentar.

Outra sensacional conjetura, também, é atribuída a alguns cientistas soviéticos: alguns ossos pertencentes aos gigantescos sáurios da pré-história poderiam ter sido quebrados por projetis explosivos. A idéia apóia-se no fato de alguns achados chamarem a atenção por fraturas que não admitiriam outra explicação, quer pelo aspecto que apresentam, quer pela posição dos esqueletos e a natureza do terreno ao redor.

Com efeito, se admitimos que a Terra tenha recebido visitas do espaço desde as mais antigas eras, não podemos esperar que os astronautas tenham renunciado ao uso de suas armas contra aquelas montanhas de carne e furor cego.

Um zoológico da pré-história

Nice, maio de 1964. A dez minutos da concorrida *Promenade des Anglais,* onde a mundanidade crepita nos costumeiros e vazios bate-papos, um senhor de idade e uma jovem mulher loira movimentam-se, cuidadosos, numa das "Grutas do Lazareto", em plena pré-história.

Lá embaixo não chega o eco das últimas corridas, das últimas recepções, dos últimos filmes; lá embaixo encontram-se restos de cavalos, que, como os outros animais que ali deixaram seus ossos, corriam para a vida; lá embaixo os dois cientistas, François Octobon e Noëlle Chochon, movimentam-se entre as cinzas de anti-

qüíssimos "parties" dançados ao redor das fogueiras do bivaque e diante deles relampagueiam cenas de um filme que só uma "máquina do tempo" poderia ter tomado.

Os testemunhos de um passado inimaginável dormem, sem que deles se suspeite, ao redor de nós, embaixo dos alicerces dos nossos arranha-céus, a dois passos dos orgulhosos monumentos da nossa civilização ou das praias na moda, exatamente como nas "Grutas do Lazareto", a principal das quais conheceu, nos inícios do século, as explosões da dinamite, quando se pensou em transformá-la num lugar de descanso, junto a um balneário.

Nas suas vizinhanças já tinham aflorado restos velhos de três mil anos: nada de excepcional, nada suficientemente importante para parar os trabalhos de destruição. O explosivo, porém, trouxe à luz ossos de elefantes que desapareceram das costas européias do Mediterrâneo há pelo menos mil séculos, junto com alguns apetrechos de pedra cortados de maneira muito rudimentar.

Esta fortuita descoberta despertou a curiosidade dos cientistas, mas por pouco tempo: a ciência perdeu o interesse pelas grutas dos arredores de Nice, até que, em 1950, um oficial da marinha aposentado — justamente François Octobon — retomou as escavações, inicialmente sozinho, depois ajudado por alguns jovens apaixonados de paleontologia e espeleologia. Com a proverbial paciência do cartuxo Octobon trouxe à luz uma camada após outra. E em maio de 1964 a sua assistente viu aflorar uma estranha placa branca: era o osso frontal de uma criatura que existiu, como demonstrarão os exames, 150 mil anos atrás.

Um ser simiesco? Não: excluem isso a espessura do osso, os sinais deixados pelos vasos cerebrais, que denotam uma atividade cerebral bastante pronunciada, e os apetrechos encontrados perto de seus restos; símio algum, de fato, é capaz de acender uma fogueira, construir machados de pedra, facas, raspadeiras e buris.

"Os textos clássicos — escreve a propósito Marc Abroise Rendu — assinalam o aparecimento do buril 40 mil anos antes da nossa era. Bem, o "homem do Lazareto" nos obriga a rever esta e outras noções. Ele já sabia fabricar furadores, punhais, extraordinárias maças cujo peso parece ter sido calculado cientificamente. Mas o apetrecho mais surpreendente é um pequeno "cabo" de osso de veado partido com grande habilidade, dentro do qual deslizam lâminas obtidas com as escápulas: são as navalhas da pré-história!" E Jean Piveteau, o luminar francês da paleontologia: "Era um verdadeiro homem, que viveu na mesma época que viu o pitecantropo chegar a outra orla do Méditerrâneo, na África Setentrional".

Quem podia ser este senhor que sentia a necessidade de dispor de tantos apetrechos, que tinha até mesmo a necessidade de se bar-

bear? Os defensores dos "cosmonautas pré-históricos" avançam hipóteses fascinantes, falam de exploradores espaciais abandonados sobre a Terra, obrigados a aplicar toda sua técnica praticável num mundo selvagem, hostil, ou de homens primitivos que entraram em contacto com viajantes cósmicos e por estes foram guiados em seus primeiros passos na trilha da civilização.

Seja como for, há para os nossos amigos da astronáutica extraterrestre uma guloseima ainda mais saborosa; e é muito provável que outras apareçam na *Côte d'Azur*, pois a apaixonada obra do Comandante Octobon foi o início de uma série de prometedoras pesquisas.

"A vinte quilômetros das "Grutas do Lazareto", um jovem membro do CNRS [1] está procurando um homem que viveu há um milhão de anos, no tempo do australopiteco, do homem-símio cujos restos foram encontrados no Extremo Oriente e na África do Sul", acrescenta Marc Ambroise Rendu. "Henry de Lumley trouxe à luz, na caverna de Vallonet, a Roquebrune-Cap-Martin, sinais de vida humana que remontam aos inícios do quaternário. A gruta, ademais, é um verdadeiro cemitério de animais exóticos: é evidente que elefantes, rinocerontes, hipopótamos, leões, hienas e macacos não vieram morrer por sua vontade nesta cavidade de 25 metros quadrados, ainda mais considerando-se que também se encontraram ossos de baleia. Alguém arrastou no Vallonet, quem sabe de onde, seus despojos..."

Esta é uma tarefa que dificilmente pode ser atribuída a homens pré-históricos. Mas suponhamos desembarcar num planeta rico de formas de vida, estabelecer uma base. Entre as primeiras tarefas em programa estaria sem dúvida o estudo da fauna local: e eis nossos veículos a saírem em toda direção à procura de animais, para capturá-los e criar um pequeno zoológico provisório, confiando-os às mãos não muito misericordiosas dos peritos.

Mas só à procura de animais?

Na caverna francesa alguns achados levam a pensar que também os indígenas tenham participado de alguma maneira na organização da coleção. Mas como colecionadores ou... colecionados?

---

1 - Centro Nacional da Pesquisa Científica, francês.

CAPÍTULO II

Os Demônios do Espaço

ACREDITAR EM NADA OU acreditar em tudo – disse Pierre Bayle, o escritor francês precursor de Voltaire – são qualidades extremas que de nada valem." E, justamente plantados nestes extremos, é que vamos encontrar aqueles que atrasam a solução dos grandes enigmas científicos: de um lado, os sabichões de todas as disciplinas, entocados em seu estéril cepticismo, do outro lado os visionários, os loucos, os vigaristas, os vendedores de fumaça que certa imprensa acolhe com a única finalidade de aumentar sua tiragem especulando sobre a insaciável sede de magia do público.

É o que acontece com os discos voadores. "Meras alucinações", declaram os ferrenhos descrentes, desfazendo-se dos relatórios oficiais, dos testemunhos irrefutáveis, das documentações autênticas. "Astronaves enviadas por evoluidíssimas civilizações extraterrestres para nos prevenir contra o suicídio nuclear", dizem os Grandes Iniciados. "Tão verdadeiro como o Sol: nós mesmo falamos com venusianos, marcianos e centaurinos [2]".

Com prazer deixaríamos de falar em George Adamski se ele não tivesse deixado esta incorrigível Terra legando a seus crentes uma herança que, desgraçadamente, não vai desaparecer tão rapidamente, passível como é de ser explorada de mil maneiras pelos distribuidores e pelos intoxicados de asneiras espaciais.

É algo quase inconcebível como tamanha quantidade de pessoas possam ter aceito as "revelações" de Adamski: os partos de sua fantasia são tão pueris que, em comparação, os mais vagabundos quadrinhos utópicos tornam-se obras-primas de ficção; a seqüência em crescendo dos efeitos, seguida pelo falecido amigo dos urânidas, transparece de maneira tão grosseira que até os leitores menos avisados deveriam, diante dela, menear suas cabeças.

Eis Adamski a sair de sua venda de cachorros-quentes no sopé do Monte Palomar para fotografar discos voadores. Consegue fotografá-los no céu, em vôo baixo, na terra. Enquanto o público,

2 - Os pressupostos habitantes de um eventual planeta de alguma estrela da constelação do Centauro, onde se encontram as duas estrelas mais próximas da Terra, *Proxima Centauri* e *Alpha Centauri*. (N. do T.).

estonteado, vai sendo torturado pela curiosidade diante daquelas sensacionais fotografias, pronto!, eis que desembarca um venusiano que permite ao ex-salsicheiro (no ínterim, promovido a "célebre astrônomo" pela localização de sua barraca) fornecer aos terrestres em expectativa um estimulante aperitivo.

Adamski escreve seu primeiro livro. *Os Discos Voadores Aterrissaram*. Uma parte dos terrestres o abandona, cada vez mais convencida de que a incredulidade é a melhor profissão de fé, a outra parte (bastante diminuta, em verdade, mas não o suficiente) cai de joelhos perante o confidente dos espaciais e nada mais pede senão maiores esclarecimentos. E Adamski está dispostíssimo a ajudá-la: pula num disco voador, pede uma carona, dá uma olhadela aos idilíacos pequenos lagos e às salubres florestas da Lua, desce e escreve um novo livro, *No Interior de uma Astronave*.

E depois? Bem, o ideal seria fornecer ao mundo uma pequena prova da linda fraternização interplanetária, mostrando um cronômetro lunar ou, pelo menos, a fotografia de um arranha-céu marciano. Mas, como cronômetros lunares e arranha-céus marcianos são algo difícil de se falsificar, eis o célebre astrônomo a desprezar os frívolos testemunhos materiais e se tornar, com o terceiro livro, *Adeus, Discos Voadores!*, único intérprete infalível e autorizado (pelos venusianos) das Sagradas Escrituras.

A Bíblia fantástica

"Como estudioso de filosofia e de ciência por muitos anos — digna-se informar-nos o sumo mestre, no seu inglês aproximativo — ensinei que os outros planetas são habitados, e isto muito tempo antes de ter visto os discos voadores ou de ter tido o prazer de me encontrar pessoalmente com seus tripulantes... Pesquisas cuidadosas realizadas sobre a Bíblia trazem à luz várias referências relativas aos visitantes extraterrestres. Na realidade, um eclesiástico contou-me ter encontrado mais de 350 referências desta natureza..."

Vamos juntar mais algumas florzinhas da ciência adamskiana: "No Evangelho de São João (14, 2) lemos: "Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar." Isto demonstra claramente que, se evoluirmos o suficiente, podemos ir para outro mundo e viver justamente como Ele afirmou. Isto pode ser deduzido dos seguintes versículos (14, 3): "E quando eu for, e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que onde eu estou estejais vós também." [3].

3 - Provavelmente Adamski inspirou-se, neste ponto, na filosofia espírita ("O Evangelho segundo o Espiritismo", cap. III). (N. do T.).

"É ilógico pensar que Cristo fosse o único habitante de seu mundo. Seu planeta deve ter milhões de pessoas felizes, que foram consideradas anjos quando realizaram, periodicamente, viagens sobre a Terra.

"Ficou dito que Jesus foi levado fisicamente para o céu e basta isto para provar que em algum lugar existe um planeta capaz de hospedar vida. O próprio Cristo fornece amplo testemunho de sua proveniência de outro mundo. No Evangelho de São João (8, 23) encontramos: "E Ele lhes disse: Vós sois aqui de baixo, Eu sou lá de cima; vós sois deste mundo, Eu deste mundo não sou". Isto demonstra que nós somos deste mundo e dele nascemos, que Ele se achava neste mundo mas nele não nasceu: Ele veio de outro. Esta é uma das melhores referências a um ser de outro planeta que se apresentou voluntário para ser gerado sobre a Terra e isto com a finalidade precisa de guiar e ajudar aqueles que ainda estão se fatigando no caminho da evolução.

"A Bíblia nos ensina que podemos tornar-nos como Cristo e fazer coisas ainda maiores das que Ele fez. Ensina-nos que Ele foi o primeiro de muitos irmãos e que muitos de nós poderão, um dia, alcançar as mesmas condições de Cristo (Romanos, 8, 29). Isto está plenamente de acordo com as declarações dos visitantes espaciais, quando afirmaram que a Terra é como o ano inicial de um curso. Progredindo, subiremos pelos planetas da mesma maneira como passamos do primeiro para o segundo ano, para o terceiro, de um curso para outro e de planeta para planeta. Vez por outra, alguém deseja voltar para a Terra, para ajudar os que aqui estão tentando subir, algo muitíssimo parecido com o nosso envio de missionários a países estrangeiros. Alguns escolhem nascer aqui, como Jesus, outros aqui chegar com um navio e viver como qualquer um de nós; várias centenas o estão fazendo, hoje.

"A Bíblia oferece outros testemunhos diretos da habitabilidade dos outros mundos. O Gênese (6, 2 e 6, 4) descreve filhos de Deus [4] os quais "possuíram as filhas dos homens, as quais lhes deram filhos: estes foram valentes, varões de renome, na Antiguidade". Estes filhos de Deus eram, evidentemente, bastante parecidos com os seres humanos da Terra, para dar filhos às mulheres terrestres daquela época. Eram feitos de carne e sangue como nós; tenho certeza de que ninguém afirmará que espíritos ou anjos desceram aqui embaixo e tiveram relações com estas mulheres: deviam ser humanos como vocês ou eu. Esta é uma prova definitiva de que os planetas são habitados e o são há muito tempo.

---

4 - Segundo a exegese católica, os "filhos de Deus" seriam os descendentes de Set, filho de Adão e Eva, enquanto os "filhos dos homens" seriam os descendentes de Caim, primogênito do casal e assassino de seu irmão Abel. (N. do T.).

"Quantas vezes foi relatado que os discos voadores deixam os navios-mães para explorar a Terra, para em seguida voltar aos mesmos navios? Uma perfeita descrição desta espécie de atividade a encontramos em Isaías (60, 8): "Quem são estes que vem voando como nuvens, e como pombas ao seu pombal?"

E ainda não acabou! O nosso salsicheiro não se satisfaz com o simples teorizar, mas tem a pretensão (como resulta de duas suas publicações e de dois boletins escritos à máquina, e autografados) de sentar-se no banco de uma espécie de ONU interplanetária em companhia do próprio Jesus!

"Como a maior parte de vocês sabe – diz ele, entre outras coisas, no decorrer de seu palavrório – em março de 1962 tive o privilégio de tomar parte numa conferência no planeta Saturno... Nove horas depois de ter deixado a Terra, a astronave chegou a Saturno. Entendo perfeitamente como isto possa parecer incrível, por causa da impressionante distância, mas tentarei explicar como isto é possível. Não há limites para a velocidade do pensamento consciente: bem, o navio que nos levou para Saturno fora construído segundo os princípios próprios da lei consciente; logo que saiu da atmosfera terrestre, começou a funcionar conforme os próprios princípios do nosso pensamento consciente....

"Na primeira parte deste relatório descrevi o que se deu logo após a chegada e os edifícios onde se realizou a conferência. Descrevi os que se sentavam à minha mesa, mas não disse que havia outras doze mesas. A estas estavam sentadas doze Grandes Almas, uma para cada mesa, e com elas sentava-se o rei de cada um dos planetas [5]. Estas Grandes Almas foram conhecidas na Terra, um tempo, como "Messias".

"Agora, vocês se perguntarão, quem estava sentado a nossa mesa? Era a representação das outras doze, a consciência consciente de todas, reunida numa. Na Terra a chamaríamos de consciência do Criador, que chamamos Cristo. Isto porém não significa Jesus, pois Jesus é uma personalidade e Cristo é consciência consciente, ou consciência cósmica. Jesus, como indivíduo, tornou-se autodidata com a finalidade de permitir a esta consciência expressar-se através de sua forma, e desta maneira foi-lhe possível dizer: "Eu, como forma terrestre, fundi-me com meu Criador, de tal forma que agora posso afirmar que eu e o Pai somos um!" Todos os "Messias" presentes estiveram, um tempo, na Terra e cada um deles descera com a finalidade de mostrar o verdadeiro sistema de vida. A Terra não foi o único planeta visitado por eles; a mesma coisa fizeram com Marte, como me foi dito..."

---

5 - De acordo com a astronomia adamskiana.

Acreditamos ter dado uma amostra suficiente desta mixórdia de sacrílegas imbecilidades. Parece-nos, contudo, ser interessante citar, ainda, a "Cruzada para a verdade sobre os habitantes dos outros mundos", onde o "manifesto", assinado por Adamski, assim termina: "Muitos de vocês perguntam-se: "O que podemos fazer?". Eis algo que pode ser feito para ajudar a causa! A oposição possui dinheiro para combater a verdade, visto que a literatura a ser enviada à nação precisa de financiamento. Até mesmo de centavos, pois com os centavos pode ser publicada uma folha de informação. Façam-nos saber algo de vocês, queiram ou não ajudar a causa da verdade, e de que maneira"...

Eis como os salmos adamskianos terminam em glória com cheiro de dinheiro. E pensar que mesmo entre nós há pessoas dispostas a jurar sobre as "revelações" deste charlatão, ou até mesmo sobre a sua já acontecida reencarnação!

Ainda sobra alguém que titubeia em aceitar a liberalíssima interpretação de Adamski do Antigo e do Novo Testamento, alguém que objete que... bem, afinal das contas, as coisas poderiam ter acontecido de outra maneira? Não tem problema: eis que aparece *"O Livro de Enoc"*, muito mais "realista" do que a Bíblia.

"O Livro de Enoc", trazido da Abissínia em três exemplares pelo grande sábio escocês James Bruce ao redor de 1772 — informa-nos o francês Robert Charroux — foi copiado de um original em hebraico, em caldaico ou em aramaico, original que muitos tradutores consideram o mais antigo manuscrito do mundo. Foi manipulado por escribas católicos, os quais, com intenções piedosas, lhe acrescentaram capítulos que anunciavam a chegado do Filho do Homem, ou Messias; mas estas emendas podem ser descobertas facilmente. Enoc é uma personagem misteriosa, da qual a tradição hebraica apoderou-se; na realidade, porém, sua existência é muito anterior à civilização hebraica."

Citando *"O Livro de Enoc"* ("Quando os filhos dos homens se haviam multiplicado naqueles dias, aconteceu que lhes nasceram filhas, elegantes e bonitas. E quando os anjos, filhos do céu, as viram, por elas se apaixonaram e disseram uns aos outros: "Escolhamos mulheres da raça dos homens e tenhamos filhos com elas"), Charroux comenta: "Eis-nos numa atmosfera diferente da bíblica. As mulheres apareceram havia pouco tempo sobre a terra, pelo menos as elegantes e bonitas, de outra maneira teriam sido notadas antes pelos filhos do céu. Estes são anjos? Sim, da maneira como os entendiam os incas quando viram desembarcar os espanhóis ou as populações atrasadas da floresta virgem diante dos primeiros aviadores. Orejona, a venusiana que aterrissou nos arredores do Lago Titicaca, de acordo com as tradições andinas (talvez com o

primeiro "commando" em exploração) não foi posteriormente divinizada?"

Vamos dizer, logo de início, que as notícias fornecidas por Charroux sobre o discutido *"Livro de Enoc"* (apócrifo, redigido não em época antiqüíssima, mas na era cristã) são totalmente fantásticas e notamos que o francês já aceita como indiscutível fato a esquisita estória de Orejona (a mulher de longas orelhas que, descendo de Vênus, teria copulado com tapires, dando origem à espécie humana) que no seu livro anterior relatava ainda com certa ressalva: não se trata, de maneira alguma, de uma "tradição andina", mas da lenda que um espanhol, Bertrán García, afirma ter descoberto nos manuscritos secretos (que ninguém jamais viu) do historiador Garcilaso de la Vega. Realmente, uma bela documentação!

É deprimente ver como Charroux, escritor não rigidamente científico mas anteriormente apreciado por algumas suas brilhantes teses e deduções, tenha-se colocado no mesmo plano de um vigarista como Adamski. E ainda mais deprimente é ver como este se torna o fim comum de muitos pesquisadores que, interessando-se de início com a seriedade de problemas insólitos, cedem à tentadora facilidade das teorias aproximativas, das correlações estrambóticas, das interpretações *ad libitum*, comprometendo-se ao ponto de não mais poder retroceder das posições assumidas e de ter que, no fim, recorrer a distorções e falsos dados para tentar mantê-las de pé.

Além de desacreditar a si mesmos, favorecem, obviamente, de um lado a ação destruidora e infamante dos defensores do conservadorismo científico contra os autênticos estudiosos que se dedicam a pesquisas revolucionárias, e estimulam, por outro lado, a difusão de uma incrível fauna que de tudo necessita, exceto ser estimulada.

O Professor Lúcifer

Na América estão desaparecendo as seitas que predizem o próximo fim do mundo e difundem em seus boletins anúncios deste tipo: "Leo V. Bartsch, de Coos Bay, Oregon, 4.º rua, 744 sul, tem publicado várias cartas sobre sua conversão ao cristianismo por causa dos OVNI. Ele declara que os OVNI são enviados pelos anjos... ("The Christian Sion Advocate Humanitarian", Neah Bay, Washington, julho-agosto de 1966). Pelo contrário, avançam a todo vapor os promotores da "Adamski Foundation" (isso mesmo, pois existe até mesmo uma "Fundação Adamski") e se alinham com grupos onde tumultuam esoterismo e ficção científica, chauvinismo e loucura em concertos cacofônicos parecidos com os organizados

pelos "Filhos de Jared", os inimigos figadais dos Watchers (Guardiães) que, de um longínquo passado, despacham legiões de desapiedados autômatos de carne para subjugar a Terra.

"Mais de oito mil anos atrás — nos garantem estes caçadores de bruxas espaciais — os primeiros Guardiães foram criados como andróides em Hub. Hub é um grandíssimo planeta no centro do universo, morada dos seres mais evoluídos do cosmo, pertencentes à Raça Antiga. Quem fabricou os Guardiães foi um El chamado Lúcifer, que não somente era o chefe do conselho que governava Hub, como também um brilhante biólogo. Lúcifer tentou criar uma raça perfeita, porém as criaturas que saíam de suas mãos eram sem alma, andróides, simples robôs de carne e osso. Por continuar sua produção contra a orientação dos demais membros do conselho, Lúcifer acabou sendo removido do cargo e chamado a juízo. Porém, sob sua orientação, os Guardiães, apoiados pelos ignaros povos de outros mundos, revoltaram-se contra o governo de Hub. A batalha, que se deu nas proximidades deste corpo celeste, foi terrível mas breve, justamente como é descrita no Apocalipse (12, 7 e 12):

"Houve peleja no céu. Miguel e seus anjos pelejaram contra o dragão. Também pelejaram o dragão e seus anjos, todavia não prevaleceram, nem mais se achou no céu o lugar deles. E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a terra e, com ele, os seus anjos... Ai da terra e do mar, pois o diabo desceu até vós, cheio de grande cólera, sabendo que pouco tempo lhe resta."

"Os Guardiães são os anjos caídos da Bíblia. Miguel, eleito chefe do conselho em lugar de Lúcifer, comandou a frota de Hub. As gentes de Hub, por serem contrárias à pena de morte, decidiram enviar os Guardiães para planetas primitivos com a finalidade de ajudar seus habitantes no caminho da civilização. Foram escolhidos centenas de globos deste tipo, entre os quais a Terra. Lúcifer, com duzentos Guardiães, foi abandonado no Monte Hermom, no atual Líbano; como sabem os que conhecem os trabalhos de Richard Shaver e George Hunt Williamson, a Raça Antiga possuía contemporaneamente uma colônia sobre o nosso planeta e uma no seu interior: T. Lobsang Rampa, em *A Terceira Visão* [6], conta ter visto as múmias de três indivíduos desta raça numa caverna tibetana; e as famosas estátuas da Ilha de Páscoa são uma representação primitiva dos El.

"Na região de Hermom encontravam-se duas tribos: a de Abraão, chefiada por Jared, que vivia na montanha, e a de Caim, que ficava vale abaixo. Os Guardiães entraram em contacto com esta última,

6 - Publicado no Brasil pela Distribuidora Record. (N. do T.).

a que se juntou gente da tribo de Abraão, apesar das súplicas de Jared; os seres vindos do espaço ensinaram aos homens da tribo de Caim a astronomia, a astrologia, a preparação dos metais e das fibras têxteis, a agricultura e muitas outras atividades práticas, mas o fizeram com finalidade própria, pois não tinham melhorado nem tinham intenção de melhorar.

"Eles os convenceram de que o ouro era muito precioso, instituíram o primeiro sistema bancário e introduziram o uso do dinheiro; rapidamente os membros da tribo de Caim começaram a realizar incursões e os Guardiães os ensinaram a fabricar armas de metal: espadas, lanças, facas e couraças. Como o álcool é indispensável aos Guardiães, para poderem viver, eles introduziram sua produção; introduziram também as rixas de galos e de cachorros, as lutas de gladiadores e as corridas de cavalos: com isto veio o jogo de azar e o resultado foram trapaças, rixas, corrupções e perversões sexuais.

"Gabriel, Miguel, Uriel e Rafael, agora chamados arcanjos, comandavam os navios enviados para vigiar os Guardiães; eles perceberam que estes últimos não estavam mantendo a palavra dada e trataram de prendê-los. Alguns fugiram à caçada, mas os demais foram capturados e enviados para o planeta-prisão Mercúrio, onde a vida é possível só numa estreita faixa entre duas zonas caracterizadas por extremas temperaturas opostas [7]. Os arcanjos conduziram o filho de Jared, Enoc, para ver Mercúrio e a sua descrição daquele globo tornou-se uma das fontes do conceito cristão de "inferno". Na realidade não existe prova escrita ou lógica da qual se possa deduzir que Deus tenha formulado a menor ameaça de punição eterna para suas criaturas; nos lugares onde parece que isto tenha acontecido, as Escrituras foram alteradas pelos Guardiães ou mal interpretadas. Quando, por exemplo, Jesus diz: "Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos", Ele fala do processo final para os Guardiães e do planeta Mercúrio...

"Os Guardiães impuseram-se como reis de natureza divina na área do Oriente Médio, dominaram Nínive, Tiro e Babilônia. A cidade de Ur foi um dos seus primeiros quartéis-generais... eles chegaram a controlar o Egito, substituindo o filho do faraó por um de seus filhos, assassinaram o verdadeiro Salomão e colocaram em seu lugar um jovem com ele parecido... Os césares e os generais romanos que perseguiram os primeiros cristãos eram Guardiães; e, quando perceberam que não podiam erradicar a religião com os

7 - Este conto doido foi escrito quando ainda se acreditava que Mercúrio não tivesse movimento de rotação e que, portanto, uma sua face fosse calcinada pelo Sol e a outra, oposta, fosse recoberta pelo gelo eterno.

massacres, decidiram tomar as rédeas em suas mãos: pelos séculos seguintes a Igreja foi quase completamente dominada pelos Guardiães, que se fizeram papas, cardeais, bispos...

"Na nossa época, um Guardião que renunciou a qualquer pretensão de decência foi Al Capone... a Rússia é governada por Guardiães... e eles sentam no nosso Governo, nas nossas assembléias, encobertos pela responsabilidade, mas na realidade maus como os que temos citado. Os Guardiães são brancos e confundem-se com os integrantes da raça branca: justamente por esta razão os povos da África, da Índia e do Oriente foram controlados por dominadores estrangeiros, como as potências coloniais e os comunistas dirigidos por Moscou..."

Se quisermos saber algo mais sobre os Guardiães, será suficiente folhear o boletim de seus implacáveis adversários, *The Jaredite Advocate*. Saberemos assim que os desprezíveis andróides vindos do planeta Hub organizaram não um, mas três morticínios dos inocentes, assassinaram Sócrates, Arquimedes, Alexandre, Aníbal e Júlio César e dão vazão, hoje, aos seus sádicos instintos oprimindo com impostos e tributos abusivos os indefesos cidadãos norte-americanos. Não só: as criaturas do Professor Lúcifer estão tomando em suas mãos os mais altos cargos em todos os países, com a finalidade, naturalmente, de escravizar a inteira espécie humana.

O heróico *Jaredite Advocate* não hesita em dar os nomes desses sinistros invasores espaciais (o grupo compreende, entre outros, Leonid Brejnev, Charles de Gaulle, Giuseppe Saragat e Gamal A. Nasser) e em fornecer as provas definitivas de sua origem. Embaixo de duas fotografias publicadas em seu jornalzinho, em junho de 1965, lemos de fato: "À esquerda, os marechais da URSS, Zukov e Krylov, à direita o Rei Olaf, da Noruega, e o Presidente Tito, da Iugoslávia... olhem bem para os quatro: parecem irmãos. E de fato o são, pois todos pertencem a uma raça de robôs de carne e osso criada por Lúcifer"...

Sorte nossa que os "Filhos de Jared" vigiam e estão dispostos a salvar a humanidade ignorante de tamanho perigo, vendendo antiqüíssimas obras-primas a um dólar o exemplar ("As Lamentações de Jared", ditadas por Jared a seu filho Enoc, livro escrito ao redor de 5.800 antes de Cristo...", "A profecia de Natã, escrita por Natã, homem santo e conselheiro do rei Davi, de Israel... o futuro de Israel, e do Novo Israel, isto é, os Estados Unidos da América... prediz a televisão e o assassinato de J. F. Kennedy..."). Nas horas vagas, o redator político de seu jornal dá umas voltas propagandísticas no passado e no futuro, visita Marte, o sistema de Alfa do Centauro e um não melhor identificado "planeta Olimpo", expondo a causa terrestre perante o poderoso Conselho dos Cinco

Mestres. E não encontra, desgraçadamente, um bom Guardião que o condene, pelo menos, a uma prolongada permanência no aparelhadíssimo hospital psiquiátrico de Saturno.

Apoiando-nos nestes exemplos tão pouco probantes, não queremos chegar à conclusão de que a Bíblia deve ser inteiramente rejeitada como fonte de informação: ela contém, sem dúvida, indícios de fatos, não só religiosos, que influenciaram profundamente a história da humanidade e disto já falamos [8], esboçando algumas hipóteses levantadas por autênticos cientistas, sem dúvida arrojadas, mas não gratuitas. Disto a interpretar toda a Bíblia em chave espacial cabe porém um abismo que só pode ser preenchido com um mar de pobres e ridículas coisas.

Pode ser que o futuro nos forneça dados capazes de lançar nova luz sobre muitos outros trechos do Antigo Testamento; mas enquanto isso não acontece, será melhor proceder com extrema cautela. É óbvio, de fato, que, seguindo o método aceito pelo falecido Adamski e pelos "Filhos de Jared", poderíamos montar epopéias cósmicas até mesmo sobre o conto de fadas de Branca de Neve ou sobre o horário das estradas de ferro.

Vamos imaginar que daqui a alguns anos a Terra seja subvertida por grandes cataclismos e que só cheguem aos nossos descendentes alguns impressos da nossa época. Suponhamos que se trate de uma história da astronáutica, de um romance de ficção científica que se desenvolva entre os vermes inteligentes do planeta Desdêmona e de um par de revistas em quadrinhos. O que nossos descendentes estarão autorizados a deduzir? Que os homens, tendo conseguido projetar-se no espaço, descobriram um planeta Desdêmona e que entraram em contacto com vermes inteligentes? Que antes da catástrofe a Terra era povoada por seres volantes com uma força espantosa, por mulheres invisíveis e por animais altamente civilizados? Ou antes, nossos descendentes procurariam conseguir a confirmação de quanto leram, procurando mais textos e restos arqueológicos, antes de chegar a qualquer conclusão?

A não ser que se trate de homens extremamente primitivos, sem dúvida seguiriam o segundo caminho. Será portanto conveniente, para nós também, agir desta maneira, limitando-se a considerar referências menos nebulosas, apoiadas em eloqüentes tradições, indícios históricos, achados.

Mesmo sem incomodar anjos libertinos, diabos laureados e "Guardiães", encontraremos um afresco sensacional quanto baste.

---

8 - Veja, "Antes dos Tempos Conhecidos", do mesmo autor (Edições Melhoramentos).

CAPÍTULO III

Profetas Vagabundos

SE EXISTE ALGUÉM no Velho Testamento que, como Noé, parece ter dado volta ao mundo, este é Elias. A história bíblica é conhecida: Acazias, rei de Israel, caiu, não se sabe bem qual a causa, de uma janela e feriu-se de maneira grave. Sua confiança nos médicos locais devia ser bastante fraca, pois achou conveniente enviar uma delegação ao estrangeiro com a finalidade de consultar os sacerdotes de um deus exótico, chamado Baal-Zebube. Durante o caminho, a delegação deu com o profeta Elias que demonstrou desagrado pela atitude de Acazias, a ponto de acusar o rei de atos pelo menos blasfemos ("Porventura não há Deus em Israel, para que mande consultar a Baal-Zebube, deus de Ecrom?") e lhe predisse morte certa.

Acazias, enfurecido, despachou um oficial e cinqüenta homens para prender Elias mas o profeta, antes que alguém lhe conseguisse deitar as mãos, os desintegrou num só golpe, a todos ("Desça fogo do céu e te consuma a ti e a teus cinqüenta", ordenou o solitário da montanha. "Então fogo desceu do céu, e o consumiu a ele e aos seus cinqüenta", anota a Bíblia).

O mesmo destino foi reservado para a segunda expedição e uma terceira safou-se por um triz, implorando piedade. Depois disto o rei Acazias morreu regularmente e Elias partiu para o espaço num vórtice de fogo. "Indo eles andando e falando, juntos dialogando — afirma ainda o Antigo Testamento, aludindo ao profeta e ao discípulo Eliseu — eis que um carro de fogo, com cavalos de fogo, os separou um do outro; e Elias subiu ao céu num redemoinho."

Três detalhes chamam a atenção neste conto: a chama aniquiladora libertada sob comando, o "redemoinho" de chamas (uma expressão corrente nas tradições do mundo inteiro, que parece referir-se à propulsão dos veículos cósmicos) e o fato de Elias ter ido embora não de improviso, como resultado de um daqueles inesperados raptos mitológicos que servem perfeitamente para concluir a estória de um desaparecimento, de outra maneira inexplicável,

mas ter prenunciado sua partida, como se realmente estivesse esperando por alguém que viesse buscá-lo.

E estes detalhes tornam-se ainda mais impressionantes quando se considere que se fazem presentes nas lendas de povos extremamente afastados entre si. A da Amazônia nos fala, até mesmo, dum Elipas que, tendo-se instalado num morrinho em companhia de uma cobra, perambulava pelos arredores tratando dos índios e "realizando estranhas mágicas de fogo e água". A coisa foi indo até que os deuses locais, zangados pela concorrência, trataram de acabar com ele e contra ele soltaram "os malvados homens da mata". Foi um terrível fiasco: a cobra começou a cuspir fogo, queimando a floresta, calcificando o terreno e pondo em ebulição a água do rio. Depois disto, Elipas teve uma conversa bem seca com os sobreviventes, anunciando-lhes que daquele dia em diante teriam de renunciar a seus milagres, e foi-se embora de avião, calvagando a serpente num torvelinho de fogo.

Não foi possível estabelecer se a tradição amazônica é anterior ou posterior à era cristã. "Parece-me, contudo, inadmissível — observa o antropólogo R. Lodge — que indígenas tão primitivos, mesmo entrando em contacto com missionários, tenham adquirido um conhecimento tão pormenorizado do Antigo Testamento, mesmo porque entre eles não se encontram sinais de outras lembranças desta natureza, se excluirmos os mitos relativos ao dilúvio, cuja origem bíblica é, além do mais, muito improvável."

É também interessante notar que os pressupostos veículos celestes, freqüentemente descritos como "carros de fogo", tornam-se em outros lugares "aves de chamas", rijas "cobras de fogo": com este aspecto os encontramos em toda a América centro-meridional e outra lenda, recolhida por Marcel F. Homet ainda na Amazônia, nos fornece mais uma versão da estória de Elias: nesta Elias vai-se embora, não cavalgando uma serpente, mas deixando-se engolir por ela!

O profeta bíblico não é desconhecido nem mesmo na Ásia: numa referência indireta a ele, o cientista britânico Raymond W. Drake chama a nossa atenção sobre os heróis indianos que "levantam-se no céu sobre carros voadores e realizam duelos aéreos, destroem seus inimigos com "flechas explosivas", aniquilam inteiras armadas com engenhos que fazem lembrar nossas bombas atômicas... Os narradores destes fatos, em seu simples mundo, comparavam as máquinas aéreas com aves ou animais, exatamente como séculos depois os índios da América verão na locomotiva um cavalo de ferro".

Eis, assim, os "cavalos de fogo" da Bíblia!

Cobras entre as nuvens

Uma espécie de Elias chinês poderia ser o "divino arqueiro" Tsu-yu, que costumava arrasar seus inimigos com flechas de chamas, voltando em seguida para o céu. E na Sibéria encontramos outro ainda mais parecido com seu colega bíblico: um guerreiro com "flechas ofuscantes" que, nas lendas xamanistas, presenteia profecias sentado num monte, desintegra quem tem a ousadia de zombar dele e afinal, desgostoso da humana incredulidade, vai-se embora voando sobre uma concha de ouro.

Foi talvez partindo deste mítico herói que alguns pesquisadores soviéticos recolheram todas as versões da lenda, chegando à conclusão de que todas concordavam em seus pontos mais significativos. Sublinha isso o periódico canadense "The Northern Neighbours" que acrescenta: "A lenda de Elias está difundida em vários lugares da Terra e o próprio Elias freqüentemente recebe o apelido de "o Trovejante". Alguns povos relacionam a lenda com a mítica "serpente de fogo", contando também como as pessoas que foram engolidas por esse reptil teriam voltado com novos e maravilhosos conhecimentos. Não é necessária muita imaginação para pensar na serpente como uma astronave. Singular também é a informação, contida em numerosos textos antigos, sobre homens que olharam numa "caixa proibida" e que "foram punidos com a perda de todos os cabelos": a "caixa" poderia ter sido um engenho nuclear, visto que a radioatividade causa, entre outras coisas, a queda dos cabelos. Estas coisas parecem a vocês simples fábulas? Esperem: muitas religiões primitivas mantêm ritos durante os quais os fiéis entram numa caverna e dela saem com grandes conhecimentos".

Cerimônias desta natureza dão-se na América meridional, na Ásia, na Oceânia e na África. Outros rituais mágicos, que as lembram de perto, vêm sendo mantidos desde tempos imemoráveis nas regiões do "continente negro" onde, entre os objetos de culto, uma posição muito relevante é ocupada por alguns antiqüíssimos bibelôs de vidro, de origem desconhecida, que os indígenas chamam "gotas de pedra".

"Quando os brancos fazem perguntas mais detalhadas a respeito — escreve o cientista francês Serge Hutin — recebem como resposta que as "gotas de pedra" foram trazidas por homens de pele clara "vindos do céu". E, entre as tribos que habitam a área do Golfo da Guiné, vivem curiosas tradições que confirmam esta crença aparentemente fantástica. George Barbarin nos relata que um dia um major britânico viu os componentes de uma tribo, guiados pelo chefe e pelo feiticeiro, dirigirem-se à praia para receber uma canoa

que estava a chegar. Desceram dois indígenas pintados de branco os quais, após terem recebido numerosas demonstrações de submissão por parte dos companheiros, novamente embarcaram. Instados pelo oficial a fornecer uma explicação da cerimônia, os negros disseram tratar-se de um costume mantido desde tempos imemoráveis, com a finalidade de perpetuar a lembrança dos dias em que homens brancos descidos do céu, e provenientes de uma ilha agora desaparecida, alcançavam o continente para ditar lei e administrar justiça."

Estes providenciais conselheiros aparecem nas tradições de quase todos os povos de nosso globo. "Antiqüíssimos documentos – escreve, por exemplo, Raymond W. Drake, – afirmam que a China dos tempos perdidos foi governada durante 18 mil anos por uma raça de "soberanos divinos": podemos lê-lo, também, no assim chamado "manuscrito Tchi" que estabelece fascinantes paralelos com lendas indianas, nipônicas, egípcias e gregas; de fato, achamos pontos de contacto no *Ramáyana,* no *Kojichi,* na *História* de Maneto e na *Teogonia* de Hesíodo.

"O texto chinês *Huai-nan-tzu* (cap. 108) descreve uma época idiliaca em que homens e animais viviam numa espécie de Éden, unidos numa esfera de compreensão cósmica; o clima era agradável, não havia calamidades naturais, "os planetas não se desviavam de suas órbitas", os delitos eram desconhecidos, a Terra e a humanidade prosperavam. Os "espíritos" desciam freqüentemente entre os homens para ensinar a divina sabedoria, mas em seguida a nossa espécie caiu na cobiça e nas perversões. O 17.º livro do *Shan-hai Ching* fala de uma irrequieta raça chamada *Miao* que, rebelando-se contra o seu "alto senhor", perdeu o poder de voar e foi exilada."

"Noutro trabalho, o *Shoo-king* (4.ª parte, cap. 27) é dito: "Quando os Mao-tse *(a pervertida raça antediluviana que se retirara nas cavernas e cujos descendentes teriam sido descobertos em nossos dias nos arredores de Cantão),* como é dito nos antigos documentos, molestaram a Terra inteira, incitados por Tchi-yoo, o mundo esteve cheio de bandidos... O senhor Chang-ty *(um rei da "dinastia divina")* viu que todo seu povo perdera até o último traço de virtude e deu ordem a Tchang e a Lhy *(dois "Dhyan Chohans", uma espécie de semideuses)* para cortar qualquer comunicação entre o céu e a Terra. Daí em diante não mais houve quer subida quer descida." [9]

9 - As anotações em itálico são de autoria de R. W. Drake. Os trechos apresentados foram tirados do seu livro "Spacemen in the ancient East", de próxima publicação.

Voltemos a Elias: veremos que, antes de partir no fantástico carro de fogo, ele entrega seu próprio manto a Eliseu, conferindo-lhe parte de seus poderes extraordinários. Escutemos a Bíblia (Reis, II, 14, 19-22): "Tomou o manto que Elias lhe deixara cair, feriu as águas e disse: "Onde está o Senhor, Deus de Elias?" Quando feriu ele as águas estas se dividiram para uma e outra banda, e Eliseu passou"... Agora, os habitantes da cidade disseram a Eliseu: "Eis que é bem situada esta cidade, como vê o meu senhor, porém as águas são más e a terra é estéril". E ele disse: "Trazei-me um prato novo, e ponde nele sal. E lho trouxeram. Então saiu ele ao manancial das águas, e deitou sal nele; e disse: "Assim diz o Senhor: Tornei saudáveis a estas águas; já não procederá daí morte nem esterilidade. Ficaram, pois saudáveis aquelas águas..."

Com estes elementos, as "hipóteses espaciais" não aparecem tão estrambóticas e avoadas: não é certamente necessário grande esforço de fantasia para pensar num explorador espacial que desceu aò nosso globo, obrigado a usar suas armas contra uma ameaçadora raça de primitivos supersticiosos e que partiu para não agravar ainda mais a situação.

Quanto a Eliseu, imaginemos encontrar-nos, como Elias, numa região selvagem, conseguir a amizade de um índio com uma mentalidade mais aberta do que seus colegas, hospedá-lo em nosso acampamento, usando-o como guia e informante. Partindo, não seria natural doar-lhe alguma coisa que lhe permitisse defender-se contra seus contemporâneos e, eventualmente, capaz de favorecer o progresso da sociedade em que vive?

Vamos focalizar por um instante o mágico manto de Elias: é espontâneo o paralelo com os mantos de plumas que caíam dos ombros dos antigos soberanos da América central e meridional. A "serpente de fogo" identifica-se também com a "serpente plumada", as plumas representam indubitavelmente o vôo: encontramo-lo entre os olmecas, os toltecas, os astecas, os maias. Quetzalcoatl (o filho do deus do céu Mixcoatl, cujo nome significa "serpente das nuvens"), o mítico rei branco que "ensinou aos homens todas as ciências", usa o manto de plumas para simbolizar suas origens, seu navio celeste, exatamente como Kukumatz, o seu correspondente guatemalteco. E as outras personagens das "estirpes solares" fazem dele seu paludamento a refletir os poderes herdados da divindade: é o mesmo significado que, mais tarde, será atribuído à coroa de plumas de Montezuma, o último imperador do antigo México, e aos diademas de penas que ornamentam a cabeça dos índios de todo o "novo mundo".

O furor e as estrelas

Esticada ao longo do flanco da montanha,
dorme a grande serpente
de trinta aunas de comprimento e oito de largura [10].
Seu ventre é ornamentado por sílicas e vidros cintilantes.
Agora eu conheço o nome da serpente da montanha.
Ei-lo: "Aquele que vive entre as chamas".
Após ter navegado em silêncio,
eis que Râ lança um olhar para a serpente.
De repente seu navegar pára,
enquanto aquele que se esconde no seu barco
mantém-se em emboscada...

Não mais estamos na América, e sim na terra das pirâmides e este é um trecho do *Livro dos Mortos*, coletânea de textos mágicos atribuídos ao deus Tot e aos seus sacerdotes, a qual remonta a um período anterior a 3.500 anos antes de Cristo. Eis que reaparece a mítica serpente cósmica, desta vez na orla do Mediterrâneo: eis que reafloram elementos "espaciais" que não deixam de nos chocar por seus surpreendentes detalhes.

O *Livro dos Mortos* refere-se à luta entre Horus e Set, entre os "Filhos da luz", e os "Filhos das trevas". Talvez fosse um pecado de leviandade se nos deixássemos tentar a um paralelo entre estes conceitos e os que lhes parecem corresponder na mitologia dos povos pré-colombianos; mas como esquecer as citações, embora sumárias, dos "brancos filhos da luz", tão estreitamente ligados às "serpentes das nuvens", como escapar à fascinação desta outra palavra (mar de trevas", "coração das trevas", "lança nas trevas") que parece indicar não a noite, mas a eterna escuridão dos báratros interestelares?

E o *Livro dos Mortos* não encoraja certamente a permanência no plano estreitamente mitológico, com sua ameaçadora serpente luzidia, imóvel ao longo do flanco da montanha, pronta para desencadear um dilúvio de fogo, com a raiva de Hórus berrada ao espaço ("Aniquilarei os demônios... aqueles que percorrem o céu, aqueles que moram na Terra, e mesmo aqueles que alcançam as estrelas"), com a descrição — impressionante em seu realismo — de mortos abismos cósmicos: ...eu me aproximo da zona maldita na qual caíram, precipitaram-se para o báratro, as estrelas... na verdade, elas não conseguiram novamente encontrar suas antigas órbitas, pois seu caminho está obstruído..."

---

10 - Cerca de 54 por 15 metros.

Que o nosso globo, em épocas imemoráveis, tenha sido sacudido pelos ecos de um espantoso conflito planetário? Que, até mesmo, dele tenha participado, numa orgia de destruição? A idéia pode parecer loucura; mas é igualmente absurdo pensar que determinadas descrições de um realismo assombroso para nós, homens modernos, possam ter simplesmente nascido da fantasia de povos primitivos, que as estupefacientes concordâncias dos mitos do mundo inteiro sejam simplesmente casuais.

Brilhantes conchas voadoras levantam-se sobre a Terra nas lendas mongóis, chinesas, japonesas, indianas; pratos de ouro libram-se a meio ar sobre uma América ainda sem nome, discos alados ocupam numerosos o remoto passado do Egito, da Pérsia (entre as figuras da tumba real de Nacch i rustem, perto de Persépolis, Dario I dirige-se a Ahura Mazda, *o deus da luz*, esculpido sobre um disco que não é o Sol, representado à parte, mais acima), "falsos astros" brilham em tudo quanto é lugar, portadores de extermínio e de ruína.

"O furor flamejou entre as estrelas — lembra uma tradição mongol, cujas referências, desgraçadamente, permanecem desconhecidas — o furor acendeu sóis da morte..." E Raymond W. Drake, levando-nos novamente para a China, escreve:

"Alguns textos da dinastia Chou, referindo-se ao ano 2.346 antes de Cristo, assinalam o aparecimento de dez sóis no céu, um detalhe que lembra aparecimentos similares na antiga Roma, lembrados por Júlio Ossequente, os "prodígios celestes" da Idade Média citados por Mateus de Paris, e fenômenos análogos, estranhamente parecidos aos referidos pelos observadores de OVNI dos nossos dias.

"Os manuscritos *Chuangt-tsu* (cap. 2), *Liu-shi-ch'un-ch'iu* (12.ª parte, cap. 5) e *Hua-non-tsu* (cap. 8)...descrevem com vívido estilo como a Terra teria sido teatro de terríveis calamidades, durante o reinado do Imperador Yao: um calor intenso queimou as culturas, as colheitas foram destruídas, furacões espantosos flagelaram as cidades e os campos, os mares levantaram-se e entraram em ebulição, submergindo os campos lavrados, monstros enormes apareceram em todo lugar, espalhando a morte, e a humanidade receou o apocalipse...

"O Imperador Yao consultou seus sacerdotes e seus sábios, os quais (como sempre, quando deles há uma particular necessidade) não lhe trouxeram grande ajuda. Desesperado, chamou então o divino arqueiro Tsu-yu que era capaz de voar e alimentava-se só de flores (demonstrando estranha afinidade com os espaciais de nossos dias, para os quais estão sendo projetadas culturas de algas). O herói abateu os nove sóis falsos, deixando resplandecer o verdadeiro sobre as folias do gênero humano, exterminou todos os mons-

tros e salvou a Terra para as ingratas gerações futuras, voando em seguida para a Lua".

Folheamos ainda a cuidadosa e inobjetável documentação recolhida pelo estudioso britânico:

"Algumas lendas relatadas no *Feng-shen-yen-i*, relatam, de maneira que diríamos própria da ficção científica, esquisitíssimos eventos que se teriam dado numa afastada "época dos prodígios", entre as quais batalhas aéreas parecidas com as descritas no *Mahabárata*. Facções rivais combatiam para o domínio da China ajudadas por criaturas celestes, que tomavam partido em favor de uma ou de outra, usando armas espetaculares. No-cha empregou sua "pulseira céu-terra" para vencer Feng-lin, que em vão refugiou-se atrás de uma cortina de fumaça. Mais tarde, o herói, na sua "roda de fogo e de vento", venceu Chang Kuoi-fung, chamando em sua ajuda legiões de "voadores dragões de prata". Weng-chang açoitou Ch'ih com um "chicote mágico" mas foi desbaratado por um irresistível "espelho Yin-yang", que irradiava uma força mortal. As guerras são conduzidas com uma técnica de autênticos espaciais: os contendores lançavam cegantes raios luminosos, gases letais, "dragões de fogo" e globos de chamas, "flechas que iluminam" e "raios", praticavam a guerra biológica, deixando cair cápsulas de "guarda-chuvas celestes", protegiam-se com "véus de invisibilidade"; deviam possuir, de acordo com as descrições, aparelhos de radar e engenhos similares, por meio dos quais podiam ver e ouvir objetos que se achavam afastados centenas de milhas; e aqui também trata-se de uma tecnologia idêntica à ilustrada pelos versos do *Mahabárata*.

"Mais do que qualquer outro povo, os chineses fizeram do dragão o símbolo de sua civilização: eles acreditavam, de fato, que o "dragão celeste" fosse o pai da primeira dinastia de "imperadores divinos". Como sabemos, o emblema do dragão marcou a fascinante arte chinesa de maneira notabilíssima... Os textos antigos apresentam-nos monstros fantásticos: os corpos recobertos por escamas como couraças, os olhos flamejantes, a garganta que arremessa fogo, aqueles monstros rugiam entre os ventos do céu, mergulhavam nas profundezas oceânicas, reduziam a cinzas as cidades com seu hálito ardente...

"Podia o iletrado chinês da Antiguidade imaginar um dragão, ter a consciência permeada por esta idéia, que o inspirou na religião e na arte, na vida do dia-a-dia? É difícil acreditar nisto, admitindo-se que "coisas voadoras" desta natureza não tenham existido.

"De fato aos nossos olhos estas descrições de dragões celestes aparecem sob uma luz estranhamente familiar: perpassando os antigos textos, vemos as imagens de astronaves que varrem o espaço..."

Dragões de chama, aves de fogo e aves trovejantes, serpentes aladas, serpentes plumadas: tratemos mesmo de refrear nossa fantasia, mas teremos forçosamente de admitir tratar-se da transposição mitológica do mesmo conceito. De um conceito expressado de maneira muito clara — afirma o Professor Tchi Pen-lao — por aquela "máquina voadora cilíndrica" representada numa pirâmide emersa das águas do Lago Kunming, graças a um terremoto. "Nesta região — o estudioso julga poder afirmar — vivia há 45 mil anos uma desconhecida, evoluidíssima raça..."

As cidades de cristal

Existe um país que reteve de maneira mais vívida e realística a lembrança dos vôos e das batalhas de um remoto passado: a Índia. Aqui os céus não são varridos por dragões, serpentes ou aves monstruosas, mas por máquinas; aqui não se combate com relâmpagos mágicos e sóis falsos, mas com armas cuja descrição é muito pouco velada por elementos lendários.

James Churchward, o esquisito estudioso britânico cujas pesquisas merecem toda atenção, quando não descampam para as especulações teosóficas, nos fala de um manuscrito contendo a descrição de um navio aéreo de 15-20 mil anos atrás. "A energia — escreve ele num trabalho redigido algumas dezenas de anos antes de que se falasse em astronaves e satélites artificiais — é tirada da atmosfera de maneira muito simples e pouco custosa. O motor é algo parecido com uma turbina de nossos dias; trabalha de uma câmara a outra, e não pára, a não ser que ele seja parado. Se isto não acontece, continua funcionando: o navio onde ele está montado poderia girar por longuíssimo tempo ao redor da Terra, precipitando só quando as partes que o compõem se achem gastas..."

Fantasias? Escutemos uma relação da Academia Internacional de Pesquisas Sanscríticas de Misore: "Os manuscritos sânscritos de que apresentamos a tradução descrevem vários tipos de "vimana" (navios semoventes) capazes de viajar por força própria sobre a Terra, na água e no mar e mesmo de planeta a planeta. Parece que os veículos aéreos podiam ser parados no céu, até mesmo tornados invisíveis e que estivessem aparelhados de instrumentos capazes de assinalar, mesmo à distância, a presença de aparelhos inimigos" [11].

Amplas confirmações são encontradas em numerosíssimos textos: o *Samaranganasutradhara* conta a história de vôos fantásticos

11 - A relação foi publicada, na Índia, pelo cientista Maharshi Baradaja, com o título de "Aeronáutica do Passado Pré-Histórico".

realizados sobre o mundo, em direção ao Sol e às estrelas; um documento da época pré-cristã nos fornece uma pormenorizada descrição do carro celeste de Rama [12] (...semovente era o carro, grande e bem pintado; tinha dois andares e muitos quartos e janelas...") de quem Valmiki, o Heródoto indiano, canta em versos suas gestas: "O carro celeste ao qual está subjugada uma força admirável, alado de velocidade, dourado em sua forma e em seu esplendor... o carro celeste subiu sobre o morro e o vale recoberto de bosques... alado como o raio, flecha de Indra, fatal como o relâmpago do céu, envolvido em fumaça e relâmpagos flamejantes, *rápida proa circular...*" [13].

Centenas e centenas de descrições como estas nós deparamos nas tradições indianas: eis a divina Maia voando sobre "um carro *circular*, que mede doze mil cúbitos em sua circunferência, capaz de alcançar as estrelas"; eis o "metálico cavalo do céu", do rei Satrugit, o "coche do ar", do rei Pururavas. Até no quarto século da nossa era encontramos um herói do vôo, o monge budista Gunarvarman, que vai de Ceilão até Java num aparelho parecido com aquele dos antigos, encontrado quem sabe onde!

Não vamos pensar que as viagens dos indianos pré-históricos tenham sido exclusivamente viagens de lazer: exatamente como nós, eles parecem ter usado meios aéreos quer para passear quer para guerrear. E neste caso, julgando pelos contos que nos chegaram, as coisas devem ter sido terríveis.

Ravana, o rei dos demônios de Ceilão, inimigo mortal de Rama, "voou sobre os adversários *(como conta um manuscrito de 500 a. C.)*, deixando cair engenhos que causaram grandes destruições. Em seguida foi preso e morto, e sua máquina celeste caiu nas mãos do capitão indiano Ram Chandra, que com ela voou à capital Adjudhia"...

E estas não são mais que bagatelas. "O *Brisma Parva* — lembra Drake — menciona armas como a "vara de Brama" e o "raio de Indra", cujos efeitos se parecem com os produzidos pelas explosões nucleares; o *Drona Parva* nos fala do "senhor Maadeva" e de suas terríveis lanças (mísseis?) capazes de destruir cidades inteiras fortificadas... e descreve as fantásticas armas de Agni, que aniquilaram exércitos inteiros e devastaram a Terra como bombas de hidrogênio".

Será possível que não tenham sobrado restos destes alucinantes conflitos? Os restos existem, e numerosíssimos — respondem-nos os pesquisadores — basta que alguém se sujeite ao trabalho de ir

12 - Filho de Dasaratha, rei de Adjudhia, sétima encarnação de Vixnu. Ravana, rei de Lanka (Ceilão) raptou-lhe a esposa, Sita, que Rama conseguiu reaver após tremenda luta.
13 - Do *Ramáyana*, a epopéia indiana que conta as gestas de Rama.

procurá-los. Não é tarefa fácil, bem entendido, pois o jângal fechou-se por milênios sobre as ruínas, mas, se conseguíssemos localizar todas as "cidades mortas" da grande península, juncaríamos o mapa da Índia de tantos pontos quantos são aqueles que, num atlas, indicam os atuais centros.

Vez por outra aparecem, a propósito, descrições que nos deixam perplexos e confusos. O explorador De Camp, por exemplo, referiu ter encontrado na área que se estende entre o Ganges e os Montes Rajmahal restos carbonizados de algo que não podia ser um simples incêndio, por violento que tivessesido: alguns blocos gigantescos apresentavam-se fundidos e escavados em vários pontos, "como blocos de estanho alcançados pelos respingos de uma fusão de aço".

Na década de 20, o oficial britânico J. Campbell deu com algumas ruínas, mais ao sul, e ficou chocado por um detalhe extremamente esquisito: no chão semivitrificado daquilo que devia ter sido um pátio interno, parecia que uma força desconhecida tinha imprimido formas de corpos humanos.

Outros exploradores referem ter encontrado, escondidas nas florestas indianas, ruínas de edifícios nunca vistos, com paredes "parecidas com espessas lâminas de cristal", estas também furadas, gretadas e corroídas por agentes desconhecidos. E, tendo entrado numa destas construções, parecida com uma baixa cúpula, o explorador e caçador H. J. Hamilton teve a maior surpresa de sua vida.

"De repente — ele lembra — o chão cedeu sob os meus pés com uma curiosa crepitação. Pondo-me em segurança, aumentei com a coronha do fuzil o buraco que se tinha aberto e depois desci. Encontrei-me num lugar comprido e apertado, que recebia luz de um trecho de abóbada ruído; no fundo vi uma espécie de mesa e um assento do mesmo "cristal" com que eram feitas as paredes. No assento estava encolhida uma forma esquisita, com contornos vagamente humanos. Observando-a de perto, pareceu-me de saída que fosse uma estátua danificada pela ação do tempo, mas depois vi algo que me horrorizou: abaixo do "vidro" qre recobria aquela "estátua" podiam-se ver claramente os detalhes do esqueleto!

Muros, móveis, seres humanos vitrificados... que tremendos segredos se escondem entre as linhas do *Mahabárata* e do *Drona Parva*?

CAPÍTULO IV

Os Filhos das Plêiades

O SR. JOHN SPENCER não era aquilo que comumente se chama de gentil-homem. Se o tivesse sido, teria ficado tranqüilamente na Manchúria e de lá não teria saído com uma pressa louca, enfrentando marchas arrasadoras, atravessando regiões de pesadelo, para chegar em 1920 à Mongólia, reduzido ao extremo pela fome, pelo cansaço e pela febre.

Dizem que o Sr. Spencer traficava em armas e tóxicos e acrescentam que nas sobras de tempo ele cunhava moedas por sua própria conta. De qualquer maneira nunca mais teríamos ouvido falar nele se não tivesse tido a sorte de desmaiar ao longo de uma senda batida pelos monges budistas, que misericordiosamente o acolheram, levaram para a afamada lamasaria de Tuerin, trataram e o alimentaram.

Quis o acaso que na mesma época fosse hóspede do mosteiro outro branco de bem diferente envergadura moral: o viajante norte-americano William Thompson, honesto comerciante fascinado pelo mundo lamaísta, que havia meses era grato hóspede do convento. Provavelmente Thompson deve ter pintado com precipitação e entusiasmo bastante excessivos as maravilhas e os tesouros de Tuerin, pois Spencer, sem esperar a total recuperação, começou a perambular nos arredores, tomado, de improviso, por enorme interesse quanto às maravilhas descritas pelo seu patrício.

Numa manhã, o aventureiro descobriu perto da lamasaria uma escadinha de pedra com os degraus gastos pelo tempo. Empurrada uma pequena porta de metal que se abriu sem dificuldade, encontrou-se num quarto cuja planta tinha a forma de um polígono, não sabemos bem se com 12, 13 ou mais lados. Nas várias faces que constituíam as paredes, Spencer viu estranhos desenhos, para ele incompreensíveis. Após tê-los examinado repetidamente, pareceu-lhe reconhecer um deles; representava a constelação do Touro, que era familiar por uma razão muito simples: ele nascera sob aquele signo astral e trazia dependurado, na corrente do relógio,

um amuleto chinês que representava esquematicamente aquela mesma constelação.

Sem qualquer intenção predeterminada, quase por brincadeira, o homem seguiu com o dedo o desenho. E, tendo chegado ao fim de uma linha, onde a incisão representava as Plêiades [14] viu, surpreso, que a parede se abria, docemente, sem ruído. Além, só havia escuridão. Spencer ficou parado alguns instantes, depois a curiosidade venceu. Avançou tateando, nas trevas; estava para desistir da exploração, quando viu, à distância, uma fraca luz verde.

Nessa altura, o sentido prático do nosso homem reagiu. Voltou para trás, transportou do exterior para a câmara poligonal uma respeitável pedra, ajeitou-a de tal maneira que a parede aberta não se fechasse atrás dele, e então continuou a exploração.

Não lhe foi possível descobrir a fonte de luz verde: pareceu-lhe que se originava das arestas do forro. De qualquer maneira achou o fato sem importância; foi-lhe suficiente saber que estava caminhando numa galeria estreita e sólida, onde não existiam perigos de desmoronamentos. O túnel apresentava várias ramificações e Spencer decidiu manter-se sempre à direita: para ele uma direção valia a outra e não queria correr o risco de se perder. Desconhecia, naturalmente, ser justamente aquele o caminho indicado pela representação das Plêiades, colocadas no alto à direita, na parede que se abrira diante dele!

O aventureiro chegou afinal ao fim do caminho, numa sala onde a luz verde resplendia mais intensa e mais crua. Ao longo de uma parede estavam alinhadas numerosas caixas retangulares (de 25 a 30, como mais tarde ele mesmo contará), que *pareciam suspensas a cerca de meio metro do chão.* Spencer não se interessou pelo fenômeno, talvez pensou em suportes invisíveis; dedicou, pelo contrário, toda sua atenção às caixas. Logo viu que se tratava de ataúdes mas o fato não o impressionou, aliás congratulou-se consigo mesmo, pensando nos tesouros que deviam estar sepultados com os falecidos.

Com satisfação, percebeu que as tampas podiam ser levantadas com facilidade extrema e começou a examinar os ataúdes. Nos três primeiros descobriu os restos mortais de três monges vestidos como os que o hospedavam, no quarto uma mulher com trajes masculinos cujo tipo de corte remontava a cinqüenta anos antes, no quinto um indiano que usava uma capa vermelha de seda, no sexto um homem com um traje que ele julgou remontar "ao setecentos". O nosso amigo começou a perceber duas coisas: que os

14 - Spencer nem mesmo sabia que as Plêiades existem; o ponto foi identificado mais tarde por W. Thompson.

cadáveres estavam em perfeito estado de conservação e que pertenciam a épocas diferentes, cada vez mais afastadas no tempo enquanto ia se aproximando do fundo da sala.

No antepenúltimo caixão descansava um homem "envolto num lençol branco", no penúltimo uma mulher cuja origem o aventureiro não soube estabelecer. Das jóias sonhadas não havia o menor indício. Spencer, irritado, levantou a última tampa e ficou paralisado pela surpresa: no caixão se achava um ser vestido com uma "espécie de malha de prata", que em lugar da cabeça tinha "uma bola também de prata", com dois buracos circulares em lugar dos olhos e uma "coisa" oval, em relevo, cheia de pequenos furos, em lugar do nariz. E não tinha boca!

Spencer, vencendo a surpresa, tentou tocar aquele corpo, mas logo mudou de idéia: os grandes e redondos olhos do morto arregalaram-se, soltando um arrepiante clarão verde.

O aventureiro deixou cair de imediato a tampa e, berrando, disparou por onde tinha vindo. Teve contudo o bom senso de parar depois de algumas dezenas de metros, para refletir, pois de outra maneira nunca mais teria encontrado o caminho para a saída. Conseguiu sair depois de uma longa marcha, mas quando chegou recebeu outro choque: sobre o vale descera a noite. "Devo ter caminhado por duas ou três horas, não mais do que isto", declarara mais tarde. "É impossível que lá dentro, eu tenha perdido a noção do tempo até este ponto!"

Voltando para o mosteiro, transtornado, John Spencer contou sua aventura a Thompson. Este não demonstrou muita surpresa e limitou-se a censurar o companheiro, dizendo-lhe que de tudo teria informado os monges.

Na manhã seguinte o aventureiro foi chamado por um lama, que o recebeu sorrindo, tratando-o com uma benevolência na qual Spencer quase não tinha a ousadia de acreditar. "Meu pobre amigo – disse-lhe o monge – a febre pregou-lhe uma amarga peça! Por que não esperou pelo menos ter sarado para visitar nossos lugares sagrados?"

A cordialidade do monge encorajou o hóspede curioso a pedir explicações sobre o labirinto, a câmara sepulcral, o "cadáver sem boca". O lama meneou a cabeça: "Não existem labirintos nem cadáveres, lá embaixo. Venha comigo, se acha ter bastante força".

Juntos desceram à esquisita sala. O monge passou os dedos numa parede, que se abriu sobre uma galeria; os dois caminharam por não mais de dez minutos e chegaram a uma salinha ocupada por uma mísula parecida com um altar. Na mísula estavam alinhados muitos pequenos caixões, não maiores do que 12 a 13 centímetros.

O lama os abriu delicadamente um após outro: continham figurinhas perfeitas, que representavam as criaturas vistas por Spencer.

"Eis o que o senhor viu na realidade", sorriu o monge. "Trata-se da imagem de pessoas que enriqueceram a Terra com sua grande sabedoria e que nós honramos. Foi a febre, meu pobre amigo, que lhe fez crer estar diante de verdadeiros sarcófagos. E, como pode observar, não há nenhuma luz verde, mas somente aquela amarela de nossas humildes lâmpadas."

Spencer nem pensou em retrucar (em determinadas circunstâncias sabia ser a prudência personificada) mas não pôde deixar de perguntar quem era aquela personagem com a cabeça redonda, o primeiro da fila. "Um grande mestre vindo das estrelas", respondeu o lama. E apontou algumas linhas riscadas na parede contra a qual tinha sido colocado o altar: mais uma vez tratava-se da constelação do Touro, mais uma vez o olhar do aventureiro dirigia-se às Plêiades.

Ataúdes de bolso

Quando Spencer encontrou novamente Thompson declarou não ter a menor dúvida sobre a realidade de sua aventura. "Pode ser que realmente eu tivesse ainda alguns resquícios de febre — observou — mas excluo da maneira mais absoluta ter sonhado ou estar delirando. Perdi o salto de uma bota naquele labirinto, arranhei minhas mãos pelo menos uma dezena de vezes no primeiro trecho, apalpando as pedras à procura de eventuais armadilhas. Eu toquei no tecido das roupas com que eram vestidos aqueles restos mortais, notei suas veias saltadas, suas rugas... a parede que eu abri de maneira acidental estava colocada à esquerda da porta de entrada, aquela aberta pelo lama se achava pelo contrário na frente, ligeiramente deslocada para a direita... O monge tentou convencer-me mostrando uma cópia em miniatura do que eu tinha visto."

John Spencer partiu do mosteiro uma semana depois e dele ninguém mais ouviu falar. William Thompson, porém, voltou para a América e contou a outros o estranho episódio (relatado depois pela revista "Adventure"), afirmando acreditar que aquilo que Spencer contava devia ser verdadeiro. "Tive eu mesmo a chance de ver, nos conventos mongóis, corpos conservados intactos por séculos, talvez por milênios — acrescentou — e mais de uma vez ouvi falar de "homens de prata" chegados das estrelas."

Demasiado numerosas são as lendas que correm sobre a lamasaria de Tuerin para podermos aceitar o relato de Thompson como absolutamente verdadeiro; ele contém, todavia, muitos elementos

que permitem considerações fantásticas, sim, mas não sem curiosas referências.

As "horas perdidas" de Spencer, que entrou no subterrâneo de manhã para sair à noite, poderiam ser explicadas por um longo desmaio, que foi cancelado da memória do indivíduo pelas fortes emoções do dia; o clarão que saiu dos "olhos circulares" do misterioso ser poderia ser somente o refletir da luz sobre aquilo que provavelmente não eram mesmo olhos mas discos de cristal.

Da luminescência verde, contudo, estão repletos os contos que se desenvolvem naquele dédalo de galerias que se estenderiam sob toda a Ásia central; e grandes multidões de romeiros tiveram a possibilidade de venerar no mosteiro tibetano de Khaldan, até o século XIV, os restos mortais do reformador Tsong Kaba, que se libravam a uns vinte centímetros do chão.

Quanto aos diminutos caixões mostrados ao aventureiro, transportemo-nos para a Escócia e escutemos aquele inquietante colecionador de esquisitices que foi Charles Fort, o qual assim nos fala de uma notícia publicada pelo "Times", de Londres, em 20 de julho de 1836:

"Nos primeiros dias de julho, alguns garotos que procuravam tocas de lebres em redor da formação rochosa conhecida como "Trono do Rei Arthur", nos arredores de Edimburgo, deram com uma camada de folhas de ardósia. Ao deslocá-las, encontraram uma pequena gruta contendo dezessete pequenos ataúdes de 3-4 polegadas (de 7,6 até 10,2 centímetros) que continham pequenas imagens de madeira diferentes uma das outras por material e estilo. Os ataúdes estavam dispostos em duas fileiras de oito cada uma, enquanto o décimo sétimo parecia indicar o início de uma nova fileira.

"O achado torna-se ainda mais misterioso pelo fato de os pequenos ataúdes revelarem ter sido colocados na gruta, um de cada vez, há muitos anos de distância um do outro. Os caixões da primeira fileira estão todos danificados, mas o efeito do tempo é muito menos visível nos da segunda; o último caixão ademais, parece ter sido colocado em época muito recente."

Não se trata de uma invenção: sobre o achado existe uma pormenorizada descrição acompanhada da reprodução de três ataúdes e três imagens, nos atos da "Society of Antiquarians of Scotland". E é curioso notar como Fort, falando de um povo de nanicos proveniente do espaço, acostumado a enterrar seus mortos em efígie, acrescente que o enigma poderia ser esclarecido por pesquisas realizadas no deserto de Gobi. Que imagens similares às encontradas em Tuerin se encontrem também em outras lamaserias, nas galerias e entre as ruínas das cidades que as lendas querem ter

sido fundadas há milhares e milhares de anos atrás na Ásia central por seres provindos do espaço? Se o conto do aventureiro fosse verdadeiro, deveríamos concluir que Fort errara somente ao pensar num povo de nanicos.

Estes paralelos são sem dúvida sensacionais, mas o relato de Spencer e Thompson revela dois detalhes muito mais importantes para a pesquisa que estamos realizando: a referência às Plêiades e a esquisita forma da "cabeça" do enigmático ser encerrado no primeiro ataúde. Uma "cabeça" que de maneira alguma se parece com uma cabeça, e sim com um capacete espacial com oculares e uma saliência na qual poderíamos ver um filtro ou, de qualquer maneira, um aparelho respirador.

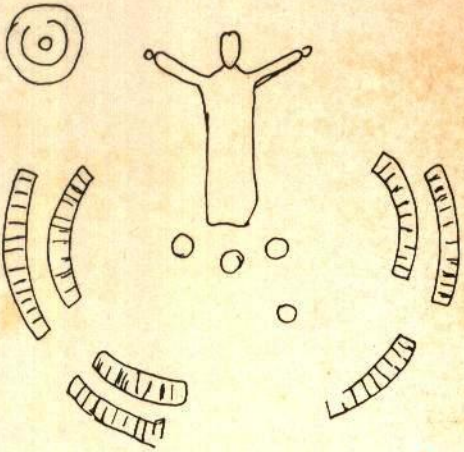
Lembramos: à "cabeça" de prata *falta a boca,* exatamente como falta a todas as figuras que alguns estudiosos acreditam terem sido desenhadas ou esculpidas para lembrar a descida sobre a Terra, em tempos imemoráveis, de exploradores cósmicos, desde o afamado "Grande Deus dos Marcianos" descoberto em 1956 por Henri Lhote, no Saara (planalto do n'Ajjer) até à "Mulher Branca do Hoggar", também no Saara.

"O estilo de suas roupas — diz a respeito Akratov, afamado piloto soviético — é parecido com o das nossas roupas à pressão, o capacete é igual ao que usamos hoje... os dois desenhos ovais são talvez duas aberturas oculares, talvez os olhos vistos através da cobertura transparente. As linhas ao redor do pescoço representam as articulações que permitem a movimentação da cabeça com o capacete. Algumas figuras apresentam até mesmo traços que representam as conexões com o escafandro espacial, outras, antenas com forma de grade."

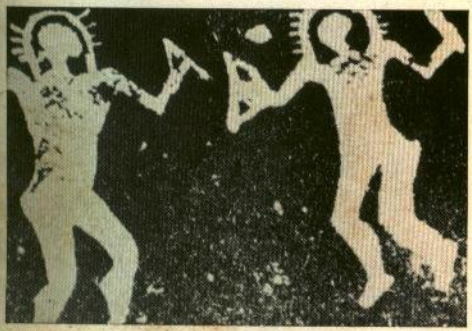
Nas rochas e nas grutas australianas existem inúmeros desenhos desta natureza; somente alguns foram cuidadosamente examinados e fotografados pelo Museu Nacional, mas estes são suficientes para revelar uma extraordinária afinidade com os do Saara. Cabeças "sem boca", roupas que parecem poder representar só escafandros: que interpretação poderíamos dar a estes grafitos antiqüíssimos, considerando que os aborígines australianos viveram e ainda vivem completamente despidos, "símbolos humanos — como os definiu um antropólogo — da mais remota pré-história"?

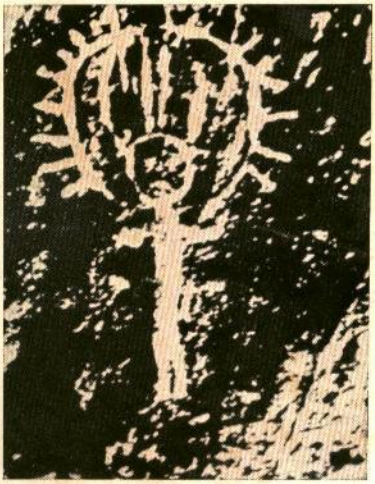
As figuras que mereceram o estudo mais cuidadoso encontram-se nos arredores de Woomera: uma delas traz no peito riscos que logo lembram os engates de certos escafandros astronáuticos, noutra delineiam-se dois objetos que se parecem com coifas de escuta. A gravura mais curiosa, contudo, é a que se encontra numa rocha de forma arredondada; ela não pode ser vista no seu conjunto de ponto algum: "Quase que teríamos a tentação de pensar que o

Na definição dos nativos, estes dois grafitos antiqüíssimos, descobertos na Austrália, nos arredores de Woomera, representam "seres sem boca" e parecem usar capacetes e roupas parecidos com os dos astronautas.



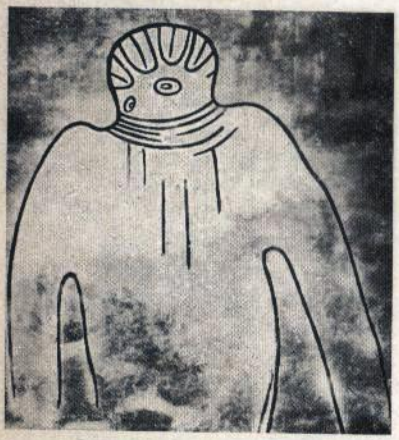
Sempre nos arredores de Woomera, encontra-se este grafito, sobre uma rocha arredondada, que representaria um "grande branco vindo do céu"; *no alto, à esquerda,* estaria representado seu veículo espacial, enquanto os círculos e as faixas em semi-círculo simbolizariam, respectivamente, os anciãos e os homens das tribos, instruídos pelo misterioso ser.





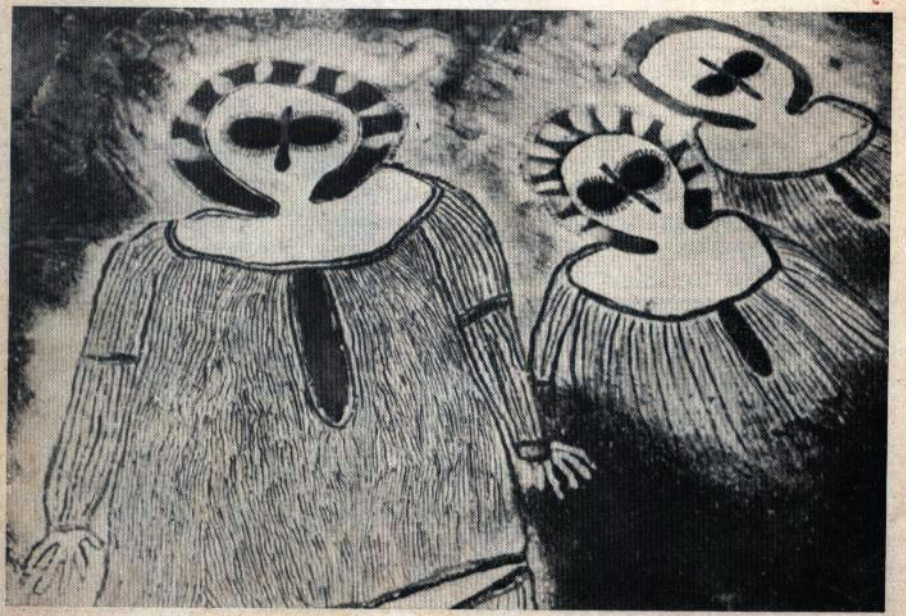
Trata-se de capacetes espaciais com as mesmas saliências externas? À direita encontra-se o grafito descoberto a 40 quilômetros ao sul de Fergana, no Uzbequistão (URSS); à esquerda vemos os "espaciais da Val Camônica" que seguram na mão símbolos geométricos.

A famosa moeda romana cunhada em 193 d. C. em cujo quadrante superior esquerdo nota-se um objeto que se assemelha de maneira impressionante aos nossos satélites artificiais.



O assim chamado "grande deus dos marcianos", descoberto no Saara, e que apresenta com o primeiro estranhas analogias.

Mais um grafito australiano.



A tampa do sarcófago da pirâmide mexicana de Palenque; ao observá-la, não podemos deixar de pensar num astronauta que está pilotando seu veículo. *Embaixo,* detalhe da tampa do sarcófago.

Duas estatuetas japonesas do estilo "dogu"; para muitos cientistas tratar-se-ia da representação de seres, em roupas espaciais, descidos na Terra em antiqüíssimos tempos.

Duas estatuetas japonesas do estilo "dogu"; para muitos cientistas tratar-se-ia da representação de seres, em roupas espaciais, descidos na Terra em antiqüíssimos tempos.

racional concebível para uma astronave a propulsão nuclear, os baixos-relevos indianos que representam aqueles esquisitos "engenhos em forma de esfera" que alguns cientistas soviéticos dizem destinados ao espaço, seriam para nós totalmente desprovidos de sentido.

Bem conhecidos são os desenhos da "Porta do Sol" de Tiahuanaco onde parecem ser estilizados, segundo Kasanov, Zirov e outros, escafandros espaciais autônomos e motores de mísseis a íons solares. Mas a representação mais precisa e perturbadora vem de Palenque; aqui nos encontramos diante de algo que foge a qualquer interpretação, a não ser uma: justamente a "espacial".

Um astronauta em Palenque

A pirâmide de Palenque surge numa grande área de ruínas maias a 8 quilômetros da cidadezinha mexicana da qual recebeu o nome. Descoberta ao redor de 1950, manteve ocupada por anos a expedição guiada pelo arqueólogo Alberto Ruz Lhuillier. Meses e meses de trabalho estafante foram necessários para libertar o inteiro monumento dos detritos que, por razões desconhecidas, lá tinham sido amontoados séculos atrás. Afinal deram-se novas revelações e apareceram novos enigmas.

Palenque destruiu a hipótese, sustentada com fúria pelos arqueólogos tradicionalistas, segundo os quais as pirâmides americanas diferenciavam-se de maneira total das egípcias por nunca terem sido usadas como túmulos: num grande sarcófago de pedra vermelha veio à luz o esqueleto de um homem de 1 metro e 73 centímetros de altura, com rosto encoberto por uma máscara de jade. A quem pertencem estes restos? Ao "deus branco" Kulkán, sustentaram alguns estudiosos; a uma alta personagem maia — afirmaram outros mais prudentes — da qual tudo ignoramos, desde o nome até o tempo em que viveu. Mas todos tiveram de refletir sobre uma estranha coincidência: para retirar a tampa do sepulcro foi necessário lançar mão de complicadas técnicas de engenharia moderna, exatamente como acontecera com o túmulo de Tutancâmen; mas, se o lugar era demasiado apertado para permitir que se levantasse a tampa, como podia esta última ter sido introduzida e colocada em seu lugar?

De Palenque nos chega mais uma confirmação de quanto dissemos sobre os desenhos indecifráveis de veículos cósmicos: as incisões sobre a tampa sepulcral tiveram as mais diversas, aproximativas e cerebrinas tentativas de interpretação; mas, quando os desenhos caíram sob os olhos de estudiosos que tinham alguns conhecimentos

de astronáutica, tomou forma a explicação, ao mesmo tempo simples, mas lógica e mais fantástica.

O número de outubro de 1966 da revista turinesa "Clypeus", editada por um sério grupo de apaixonados de exobiologia e de fenômenos espaciais, apareceu com uma fotografia muito estranha na capa. Ter-se-ia dito, à primeira vista, uma composição alegórica para um romance de ficção científica: era, ao contrário, a fotografia da afamada tampa do sarcófago de Palenque!

"Quando um povo quer deixar uma mensagem indestrutível, capaz de vencer o tempo, a confia à pedra, o único material que pode desafiar a eternidade", escreviam como comentário os correspondentes franceses do "Clypeus", G. Tarade e A. Millou. "No nosso caso é o que fizeram os cientistas maias. A escultura, nítida, equilibrada, é uma das mais bonitas conhecidas.

"O motivo principal é circundado por 24 símbolos que nos lembram a "Porta do Sol" de Tiahuanaco, colocados da seguinte maneira: 9 em cima (céu), 9 embaixo (Terra), 3 à esquerda (oeste) e 3 à direita (leste). Estes hieróglifos sem dúvida dizem respeito à maneira de pilotar a nave.

"A personagem representada usa um capacete e olha na direção da proa; suas mãos estão ocupadas e parecem manobrar alavancas; a cabeça se apóia num suporte e um inalador penetra no nariz.

"A ave na proa é um papagaio que, para os maias, simboliza o deus Sol. Sempre na proa, encontramos três "receptores" que acumulam energia; vemos outros, em grupo de três, ao redor do veículo. O motor está dividido em quatro partes; o sistema de propulsão se encontra atrás do piloto... na parte posterior é claramente visível o jacto de chamas.

Quando a nossa ciência tiver progredido ainda mais, os desenhos de Palenque, de Tiahuanaco e de muitas outras localidades arqueológicas, "interpretados tecnicamente", poderão talvez fornecer idéias preciosas aos responsáveis pelo progresso astronáutico: assim pensam Kasanzev, Zirov, Agrest. E que isto não é literatura utópica confirma-se por um precedente muito significativo. Vamos dar uma rápida olhada em uma comunicação da NASA ao cientista Zeissig:

"Os nossos observadores consideram a hipótese relativa à roupa espacial, representada nos documentos enviados pelo senhor, muito interessante. Foi aprontada uma roupa análoga [15] que, encaminhada à direção geral para as aparelhagens astronáuticas da NASA, está sendo atualmente aperfeiçoada. Comunicamos-lhes também que os dispositivos de comunicação, as armaduras especiais dos

15 - Pela "Litten Industry", de Los Angeles.

oculares, as articulações, os engates de esferas e os detalhes para a manutenção da pressão de que o senhor tem feito o elenco e que nos foram indicados na fotografia, foram incluídos pela citada direção no modelo rijo da roupa espacial".

Que documentos tinha Zeissig enviada à entidade norte-americana? As fotografias e os desenhos de algumas estranhas estatuetas nipônicas que ele examinara junto com o colega Matsumura: figurinhas com a cabeça disforme, os membros e o tronco arredondados de maneira inatural, recobertos por curiosos desenhos.

No Japão a produção de estatuetas teve início no fim do "período Jomon": tratou-se inicialmente de representações grosseiras, elementares, conseguidas plasmando-se a argila; em seguida ganharam olhos, nariz, boca, mãos, braços e pernas bem identificáveis. Depois, de improviso, apareceram as esquisitas imagens deformadas, chamadas *dogu*, que se acredita inicialmente modeladas com argila e depois esculpidas na pedra.

Os estudiosos ficaram bastante surpresos ao ver estas estatuetas. O que mais os surpreendeu, contudo, foi a parte que corresponde aos olhos, ocupada em alguns *dogu* por duas grossas saliências ovaladas com uma fenda horizontal em seu centro, em outros por uma espécie de janela retangular. Em 1894 o Dr. Shogoro Tsuboi fazia notar que os ovais lembravam os óculos usados pelos esquimós para se defender da neve, mas suas palavras não despertaram o interesse dos colegas, que encerraram o assunto declarando que as estatuetas representavam armaduras antigas.

"Armaduras antigas" sobre cujos desenhos os peritos americanos realizaram — como vimos — perfeitas roupas espaciais!

"Matsumura e Zeissig — escreve Kasanzev — tinham de fato certeza de que o "costume Jomon" representasse fielmente um tipo de roupa espacial usada pelos visitantes provenientes de outros planetas. Os cosmonautas deviam usá-la durante o vôo, não em terra, acrescentando luvas e botinas à roupa. Para confirmar esta tese, os dois cientistas lembram uma representação do deus da sabedoria, Hotokotonusi, que, segundo uma antiga lenda japonesa, teria descido sobre a Terra para ensinar aos homens a sabedoria e fazê-los entregar todas as armas que possuíam. Merece ser destacado o fato de que esta figura antropomorfa, com rosto europeóide, responsável pelo mais antigo desarmamento do mundo, enverga um "costume Jomon" com todos os detalhes, excluindo-se o capacete."

Os contactos dos criadores dos *dogu* com os seres vindos do espaço (como os poderíamos definir de outra maneira, depois da experiência da NASA?) não devem ter sido esporádicos nem curtos: as estatuetas, de fato, se encontram em número considerável nas prefeituras de Kamegaoka, Aomori e Miyagi, entre as ruínas das

zonas de Tohoku e Kanto, e quem sabe em quantos lugares mais. Os escultores sem dúvida tiveram a possibilidade de observar por longo tempo, com toda comodidade, seus modelos: de fato não só reproduziram diferentes tipos de capacetes (alguns com "janelas" retangulares, outros com oculares), como também perceberam os detalhes de roupas não completamente idênticas, embora realizadas seguindo o mesmo padrão.

Eis como o perito japonês Isao Washio nos fala das roupas espaciais: "As luvas são presas no antebraço por meio de um engate arredondado, em bola; os oculares podem ser abertos ou fechados em fenda: de lado notam-se pequenas alavancas talvez com a finalidade de regulá-los; a "coroa" sobre o capacete é provavelmente uma antena... os desenhos sobre a roupa não são enfeites, mas correspondem a dispositivos capazes de regular automaticamente a pressão".

"Aqueles reproduzidos nas estatuetas Jomon — nota por sua vez o americano J. E. Hernandez — não são os únicos habitantes de outros planetas que desceram nas ilhas japonesas. Antes deles, antes dos lendários *Kappas* [16] as terras do Sol Nascente conheceram outros "estrangeiros"... os restos de monumentos que os lembram ainda se espelham no mar, tornam-se talvez visíveis em certas horas do dia, em certos dias do ano, em seus verdadeiros traços que depois voltam a desaparecer, rocha na rocha, ...aqui como num dos mais enigmáticos lugares do mundo, em Marcahuasi."

...e esculpiram o céu

Marcahuasi não passa de um planalto deserto, queimado pelo sol, gretado pela seca, fustigado pelo vento, um alucinante pedaço de Lua a 3.800 metros sobre o mar, no Peru, no oeste da Cordilheira dos Andes. Três quilômetros quadrados de horror calcinado, que só podem ser alcançados no lombo de um burro. O que pode ser procurado naquele lugar, a não ser febre e loucura?

No entanto Daniel Ruzo, conhecidíssimo explorador peruano, subiu até lá, guiado por vagos indícios, por trechos desligados, fantásticos, de antigos textos, de lendas. E descobriu, circundadas por representações de animais pré-históricos que remontam pelo menos à Era Secundária (de 185 a 130 milhões de anos atrás), estranhas esculturas que pareciam nada significar mas que no solstício de verão tornavam-se compreensíveis, revelando rostos humanos.

16 - Trata-se de seres lendários que o Professor Komatsu Kitamura considera de origem extraterrestre. Veja "Antes dos Tempos Conhecidos"

A tampa do sarcófago da pirâmide mexicana de Palenque; ao observá-la, não podemos deixar de pensar num astronauta que está pilotando seu veículo. *Embaixo,* detalhe da tampa do sarcófago.

E as maravilhas continuaram: Ruzo viu um morro que representava o plácido rosto de um velho. Fotografou-o e, examinando o negativo, viu que no filme os traços mudavam, revelando os traços de um homem na flor da juventude!

Que mistério se esconde atrás do enigmático rosto de Marcahuasi? Nada do que conhecemos pode tornar visível a mudança a não ser, justamente, uma película fotográfica; e esculpir um trabalho deste não seria fácil nem mesmo para um artista que tivesse a seu dispor todos os recursos da técnica moderna!

Mas os representantes daquela que Daniel Ruzo chamou de "civilização de Masma" (do nome de um vale e de uma cidade na região central do Peru) dispunham de evidentes recursos, pois conseguiram transformar num pedaço de paraíso um lugar que nem nós, com os meios de que dispomos, conseguiríamos tornar habitável. Os desconhecidos pioneiros construíram, entre outras coisas, um complicado sistema de irrigação por meio do qual era possível recolher uma enorme quantidade de água de chuva, distribuída a toda a área durante a época da seca, e alimentar bem doze lagos artificiais, dos quais dois ainda hoje são utilizados pelos índios.

E não ficaram satisfeitos com os resultados práticos; nas beiras daqueles lagos levantaram outras obras-primas de sua arte, que para nós resulta realmente estranha, como a de um mundo desconhecido: figuras humanas e animais que se espelhavam na água e cujos reflexos deviam dar a impressão de movimentos, de balês, de metamorfoses fantásticas.

Os cronistas espanhóis da "conquista" nos dizem como o inca Tupac Yupanqui conhecia muito bem aquelas esculturas, com outras iguais certamente ainda existentes nas áreas menos acessíveis do Peru: "Criaram-nas os homens brancos vindos das estrelas... criaram-nas à sua semelhança e à semelhança dos deuses estrangeiros que vivem nos quatro cantos do mundo...". É algo bem terrestre esta última afirmação e a encontramos, de fato, traduzida em imagens de pedra em Marcahuasi, onde são representados homens brancos, amarelos, pretos e pertencentes a uma quarta raça que o tempo tornou impossível de identificar.

"Os brancos vindos das estrelas": efetivamente devem ter chegado do céu e varrido todos os continentes, estes seres que, em plena pré-história, conheciam perfeitamente as raças terrestres! Teríamos, por acaso, encontrado um de seus espaçoportos nos arredores de Nazca, naquele planalto onde enigmáticas linhas, que lembram o traçado dos canais de Marte, alternam-se com gigantescas reproduções de animais conhecidos e desconhecidos (entre

os quais o fabuloso "pássaro de fogo"), numa série de desenhos que só podem ser apreciados do alto?

Lembramos a propósito as declarações do Professor John A. Mason, da Universidade de Pensilvânia: embora seja rijamente tradicionalista, ele não pode deixar de admitir a extrema dificuldade que a realização de tal trabalho comportaria sem o emprego de meios aéreos e se sente obrigado a lembrar os mitos de origem pré-incaica, onde se menciona freqüentemente a descida de "divindades" das Plêiades.

Novamente estas estrelas, como na Ásia, como na Europa: na Ilha de Yeu, na Vendéia, encontram-se rochas com formato de cúpulas que representam as Plêiades como puderam ser vistas em várias épocas, entre o décimo e o sétimo milênio antes de Cristo. É interessante notar que a constelação foi batizada pelos gregos com o nome das sete filhas de Atlante, o titã condenado a sustentar o céu com os ombros: mas o nome realmente deriva do termo *pléo* (= navego: os helênicos iniciavam a navegação em maio, quando as Plêiades surgem, para terminá-la quando elas se põem); e nas lendas peruanas estas estrelas são lembradas como "portos celestes"!

Igualmente digna de rápida citação nos parece a similitude que se encontra entre os nomes dados por representantes das antigas civilizações a várias constelações: "Esta similitude — observa o Professor Jean Servier, docente de etnologia e sociologia em Montpellier — não parece devida exclusivamente ao acaso". E sobre as Plêiades escreve: "Elas são consideradas garotas pelos índios da América setentrional, virgens do Sol dentro do império incaico, virgens de gelo na África meridional, mulheres presentes à primeira circuncisão entre os aruntas australianos. São as filhas da noite para os tuaregues e, na mitologia grega, as filhas de Atlante e de Plêione, transformadas em estrelas pelos deuses. Da mesma maneira, Órion é votado à virilidade e à caça por civilizações igualmente diferentes, igualmente afastadas, sem razão aparente".

Mas voltemos à Ilha de Yeu. "Vieram da imensidade — e esculpiram a Terra — e esculpiram o céu", é dito numa sibilina invocação que se quer remonte ao tempo dos druidas, os sacerdotes celtas. "E esculpiram o céu na Terra", teríamos a vontade de completar, pensando em certas obras ciclópicas espalhadas pelo nosso globo.

No atual condado inglês do Somerset — lembra-nos o estudioso francês Serge Hutin — existe uma extensão paludosa drenada, num passado afastadíssimo, segundo um desenho absolutamente particular, que reproduz, com as linhas das barragens e dos canais, um mapa celeste. Ainda no Somerset, em tempos imemoráveis, inteiras ilhas rochosas foram visivelmente modificadas, perfiladas em formas curiosas e incompreensíveis, com técnica e meios que a nossa ima-

ginação nem mesmo pode suspeitar. E em toda a Grã-Bretanha restos de misteriosos labirintos nos fazem pensar em outros mapas celestes: o mais importante (o "Mig-Maze" de Leigh, no Dorset) desapareceu quase por completo, mas no século passado o seu desenho podia ainda ser visto muito bem: aqui também pareciam refletir-se as Plêiades!

Singular é o fato que no Somerset a tradição relaciona as esquisitas representações ao afamado Caer Ariamhod ("templo do céu", em língua gaélica), "o mais antigo monumento britânico, construído muito tempo antes da chegada dos celtas"; origem sem dúvida pré-céltica possui também o "gigante de Cerné Abbas", talvez contemporâneo dos gigantes descobertos nas assim chamadas colinas de Gog e Magog, nos arredores de Cambridge.

Todas estas figuras só podem ser vistas do alto, e de uma altura considerável. Também sua construção, portanto, deveria ter sido orientada, pela lógica, do ar. Que a explicação deve ser procurada nas lendas druídicas sobre as "máquinas mágicas capazes de correr na terra, no mar e no ar?" Ainda no início de nossa era o druida irlandês Ruith teria tido a possibilidade de usar um destes aparelhos, o afamado *Roth Fail*. E outros engenhos, que caíram nas mãos de pseudo-sábios incapazes de controlá-los, teriam caído no mar, entre os montes e nos lagos da Irlanda. Existe até quem mesmo jure ter visto aflorar do fundo do Lago Neagh parte de uma enorme cúpula achatada, de prata. E não só desde que se fala em discos voadores.

CAPÍTULO V

A Volta dos Deuses

Até este ponto limitamo-nos a lembrar algumas das tradições mais significativas entre as que foram desenterradas pelos estudiosos do nosso desconhecido passado, os paralelos dignos de fé, os restos arqueológicos que pensamos possam apoiá-las. Contudo, um volume não seria suficiente para conter as referências à "astronáutica pré-histórica" não veladas ou deformadas pela mitologia, mesmo que nos limitássemos a compilar um simples elenco.

Vamos portanto satisfazer-nos com uma rápida olhada. Podemos começar com o *Popol Vuh* (O livro da Nação) dos maias guatemaltecos, muito explícito a respeito. "Eles conheciam qualquer coisa – lemos aí – e examinaram os quatro cantos, os quatro pontos do céu e *a face redonda da Terra.*" Quem foram estes senhores cuja lembrança vivia entre todas as antigas civilizações da América pré-colombiana? "Homens brancos vindos do céu e do mar", responde o próprio *Popol Vuh,* aludindo a uma área de aterrissagem situada pelo lado do oriente, talvez identificável na afamada Atlântida; e o *Chilam Balam* [17] é ainda mais preciso "Seres descidos do céu sobre navios voadores... deuses brancos que voam sobre circulos e conhecem as estrelas".

"Um dia os homens podiam voar...", ainda hoje escutamos repetir nas lendas colecionadas por Harold T. Wilins [18]. "Qualquer coisa era mais leve, grandes pedras podiam ser levantadas..." A América "vermelha" inteira está repleta destas lembranças: os índios Haida, moradores das ilhas da Rainha Carlota (Colúmbia Britânica, Canadá) guardam a lembrança de "grandes sábios descidos das estrelas sobre pratos de fogo", enquanto os navajos con-

---

17 - É o nome dado a uma coleção de vários documentos maias do Iucatã; literalmente significa "o sacerdote vidente Jaguar". "Chilam" é o título do máximo sacerdote maia. (N. do A.). Segundo outra fonte, Chilam era o título do sacerdote que interpretava os livros e a vontade dos deuses; significa, literalmente, "aquele que é boca". Balam é nome de família que, porém, em sentido figurado, significa também jaguar ou feiticeiro. Chilam Balam foi o mais famoso dos chilam, pouco antes da chegada dos brancos, por ter predito o advento de uma nova religião. Não se sabe donde vem o termo "Livros de Chilam Balam"; de qualquer maneira é denominação técnica aceita para indicar um determinado tipo de livro iucatego. (N. do T.).

18 - Do livro "Mysteries of Anciente South America".

tam de seres "vindos do céu, que ficaram por longo tempo na Terra, para voltar enfim ao seu mundo", levando consigo alguns progenitores das gentes ogibway que quiseram segui-los [19]. Até mesmo nas florestas virgens brasileiras escutamos fábulas cujos protagonistas são "estrangeiros voadores" e "feiticeiros em barcas voadoras".

São os mesmos que vivem em tantas lendas da Oceânia? São os *papalaugi* dos contos maoris, os "grandes feiticeiros vindos do céu", que, depois de uma curta estada, foram embora novamente voando sobre seus "navios coloridos", prometendo voltar? Os indígenas, cheios de confiança, ainda os estão esperando, celebrando ritos propiciadores.

Menos pacientes revelaram-se os peles-vermelhas algonquinos do Canadá: entre eles desceu um deus chamado Glooskap, que os instruiu em muitas técnicas interessantes de construção, de cultivo, de caça, aniquilou seus inimigos, e realizou várias curas milagrosas; depois disto, provavelmente arrasado e com os nervos em frangalhos, foi-se embora assegurando que teria voltado logo, mas pondo todo cuidado em não manter a promessa. Os índios o honraram por algum tempo em suas cerimônias, mas em seguida, acreditando que não valia a pena perder mais tempo, deram-lhe as costas, entregando-o à história como "o deus mentiroso".

Nem mesmo os tupis da Amazônia mantêm a esperança na volta de seu herói solar, mas o invocam, amargurados: "Por que não voltas, filho do céu e do vento?"

Isto mesmo, por que não voltam os astronautas que, no passado, parecem ter escolhido a Terra como meta de suas peregrinações? "Porque, conhecendo-nos, não querem correr riscos", diz o escritor P. H. Davis, entre sério e risonho. Outro americano, L. Scott, considera que hoje não existem mais as condições que antigamente os convidavam a nos visitar; mas é uma argumentação que não explica nada. Seria absurdo por outro lado procurar respostas a esta pergunta: uma resposta válida, obviamente só nos poderia vir dos protagonistas dos cruzeiros cósmicos.

Não devemos crer, contudo, que as eventuais aterrissagens de meios espaciais se tenham dado em ritmo contínuo; é verdade que os pressupostos testemunhos são numerosíssimos, mas eles se referem a épocas diferentes, com muita probabilidade afastadas entre si.

E talvez nem mesmo esteja certo afirmar que os astronautas extraterrestres não voltaram e não voltam; talvez deveríamos limitar-nos a dizer que já faz tempo que não temos contactos diretos com eles. Se assim fosse, a nossa posição poderia ser comparada com a dos

19 - Da coleção dos etnógrafos J. R. Swanton e W. Mattews.

habitantes de um pequeno vilarejo que vêem freqüentemente os aviões varrer o céu, mas que, por gerações e gerações, não têm a chance de ver um só avião aterrissar e de bater um papo com seus tripulantes.

Vamos pensar no enigmático romance multissecular dos "objetos voadores": talvez possa induzir-nos a julgar estas últimas considerações como algo mais do que simples hipóteses convidativas.

Três sóis e três luas

A expressão "objetos voadores não identificados" (UFOs, se quisermos aceitar a sigla norte-americana, ou OVNI, se preferirmos a de origem francesa, que o uso consagrou) serve, como sabemos, para indicar todas as aparições celestes que não apresentam explicação imediata. Os relatórios sobre tais aparições revelam, freqüentemente, depois de um exame cuidadoso, como os supostos engenhos cósmicos de proveniência desconhecida possuem uma origem nada misteriosa.

Freqüentemente, mas não sempre: "Depois de 18 anos de inquéritos sobre os UFOs — lemos num comunicado oficial de Washington, divulgado em março de 1965 — a aeronáutica norte-americana deve admitir que não sabe explicar pelo menos 663 aparições positivas, claras, precisas, comunicadas por pessoas no pleno poder de suas faculdades mentais... "O que sabemos com certeza é que não se trata de refrações de luz, não são balões-sonda perdidos, nem aviões em vôo, nem mesmo são estrelas, nem mísseis, nem, afinal, quaisquer corpos voadores construídos pelo homem ou fenômenos físicos conhecidos" [20].

Embora tenha sido o encontro do piloto Ken Arnold com nove gigantescas "rodas de fogo" que chamou a atenção do mundo inteiro sobre os OVNI em junho de 1947, não devemos certamente pensar num improviso aparecimento — ou reaparecimento — destes quebra-cabeças voadores. Desde os mais remotos tempos até nossos dias, eles nunca deixaram de varrer o nosso céu e existe quem tenha recolhido acerca disso uma série de testemunhos irrefutáveis.

Uma das documentações mais cuidadosas é devida a Gianni Settimo, um jovem estudioso, fundador e diretor do grupo turinês "Clypeus", que reúne apaixonados de exobiologia e de fenômenos espaciais. Settimo entregou-se a uma tarefa tornada bastante difícil pelos especuladores, pelos doidos, pelos visionários e pelos crentes: a que visa despojar o problema dos OVNI dos farrapos

20 - Veja "Sombras sobre as Estrelas", terceira parte, do mesmo autor. (N. do T.).

esotéricos, da ficção científica apresentada como ciência, das pueris invenções dos santões que tudo sabem sobre "aviação extraterrestre" e viajantes espaciais. E é justamente por isto que usamos de seu trabalho para um rápido mas eloqüente apanhado geral.

"Vamos deixar de lado as fascinantes mas incontroláveis lendas antigas, as indicações que poderiam prestar-se para interpretações fantásticas", ele escreve. "Limitemo-nos aos trechos mais claros, à crônica. Poderíamos começar com Cícero, que nos lembra "o tempo em que foram vistos dois sóis... e quando foi visto o Sol durante a noite, quando foram ouvidos rumores no céu e o próprio céu pareceu estourar e nele foram vistos estranhos globos" *(Da divinação)*, para em seguida recolher de mão cheia, entre todos os grandes escritores latinos, citações sugestivas.

"O "Sol noturno" mencionado por Plínio, o Antigo, no segundo livro de sua *História Natural* (cap. 33: "...isto é uma luz emanada durante a noite pelo céu, vista durante o consulado de S. Cecílio e G. Papírio e em muitas outras oportunidades, capaz de iluminar a própria noite como se fosse dia") pode ter sido uma aurora polar. A ciência, ademais, nos forneceu a explicação de muitas "chuvas misteriosas" parecidas com aquelas de que o grande naturalista nos fala no capítulo 57: "Chuvas de sangue e leite sob o consulado de M. Acílio e G. Pórcio e em muitas outras épocas; chuvas de carne durante o consulado de P. Volumno e S. Salpuzio; chuva de ferro na Lucânia: os corpos que caíram do céu tinham o aspecto de esponjas de ferro... chuva de lã sob o consulado de L. Paulo e C. Marcelo, na região de Conza, onde Tito Ânio Milone devia ser morto no ano seguinte: durante o processo relativo à sua morte também deu-se uma chuva de tijolos cozidos, relatada nas crônicas daquele ano". Mas as "esponjas de ferro" poderiam ter alguma afinidade com alguns estranhos objetos encontrados em anos próximos de nós depois da passagem de OVNI nos céus europeus e americanos (notadamente na Pensilvânia, em julho de 1947, e na Ligúria, em abril de 1963) e a "chuva de lã" nos lembra a "chuva de algodão" que caiu sobre Sesto Fiorentino, Florença e Siena durante a parada de desconhecidos corpos voadores de 27 de outubro de 1954.

"Eis Plínio, o Antigo, a contar-nos coisas ainda mais sensacionais: "Vigas brilhantes apareceram de improviso, como as que se mostraram depois da derrota naval que custou aos lacedemônios o império da Grécia" (cap. 26); "Três apareceram simultaneamente durante o consulado de G. Domízio e G. Fânio" (cap. 32); "Uma faísca, caindo de uma estrela, aumentou ao aproximar-se da Terra e, após ter alcançado o tamanho da Lua, difundiu a luminosidade de um dia nevoento, para em seguida desaparecer no céu sob forma

de tocha... fenômeno que a tradição menciona sob o consulado de G. Otaviano e C. Scribônio e que teve como testemunhas o procônsul Silânio e seu séqüito" (cap. 35); "Foram vistas também estrelas indo por tudo quanto é lugar, sem que ventos impetuosos soprassem... durante o consulado de L. Valério e G. Mário um escudo ardente cruzou o céu ao pôr do sol, do ocidente para o oriente, soltando faíscas" (cap. 36).

"Quanto ao fato lembrado no capítulo 26 da obra de Plínio, o Antigo, Sêneca já tinha escrito, no primeiro livro de suas *Questões Naturais:* "Discute-se para saber se devemos considerar da mesma natureza as vigas trovejantes e os meteoros trovejantes, cujo aparecimento é muito raro; e aqueles fogos reunidos que às vezes têm um tamanho maior que o do Sol... e aquele céu abrasado freqüentemente mencionado pela história, e a outra luz, tão forte a ponto de ser comumente confundida com a dos astros, e às vezes tão baixa sobre o horizonte que pode ser considerada como um longínquo incêndio..." Estes últimos fenômenos nos levam ainda, de maneira definitiva, a pensar em auroras polares; sobre as "vigas" e os "meteoros trovejantes", porém, poderíamos discutir longamente e em vão também nos nossos dias.

"Na raríssima obra de Júlio Ossequente, o historiador que viveu provavelmente no III ou IV século d. C., os acenos a curiosos aparecimentos celestes encontram-se praticamente em toda página. Digna de ser lembrada é, antes de mais nada, a sua descrição de três "luas" misteriosas inicialmente vistas no céu de Rímini e depois em outras localidades da Itália em 222 a. C.; o fenômeno de fato é relatado por vários outros autores, entre os quais Dione Cássio Cocceiano. Eis alguns trechos de Júlio Ossequente igualmente curiosos: "Três sóis esplenderam ao mesmo tempo, naquela noite, e numerosas estrelas deslizaram pelo céu, em Lanúvio" (175 a. C.); "Em Cápua foi visto o Sol à noite e dois sóis foram vistos de dia em Fórmia... Na Ilha de Cefalônia pareceu que uma trompa tocara no céu e caiu uma chuva de terra. Algo parecido com o Sol brilhou uma noite sobre Pesaro" (163 a. C.); "na Gália foram vistos três sóis e três luas" (122 a. C.); perto de Spoleto uma bola de fogo, cor de ouro, rolou ao chão, pareceu tornar-se maior, depois mover-se sobre o terreno na direção do oriente e era tão grande que escondia o Sol" (91 a. C.).

"Muitos dos fatos citados por Júlio Ossequente, contudo, já tinham sido relatados por Tito Lívio (59 a. C.-17 d. C.) de cujo trabalho monumental o primeiro historiador extraiu o seu *Livro dos Prodígios.* O príncipe dos historiadores latinos, além do mais, nos descreve episódios ainda mais desnorteantes. Ele não lembra somente o voltear, a grande altura, de objetos parecidos com

"escudos redondos" e o esquisito fenômeno de 217 a. C. devido ao qual sobre Falerii Veteres (hoje Cívita Castelana, na província de Viterbo): "O céu pareceu partir-se como que formando uma grande fenda através da qual uma forte luz irradiou-se", mas até mesmo se refere a seres que muito pouco tinham de terrestres. "Lá, na tranqüilidade da noite — ele escreve, lembrando um acontecimento de 235 a. C. — ambos os cônsules foram visitados, pelo que se diz, pela mesma aparição: um homem de estatura superior à humana, e mais majestoso, o qual declarou que o comandante de uma das partes e a armada da outra deviam ser oferecidos aos Manes [21] e à Mãe Terra." É uma visão que talvez possa ser relacionada com a que Tito Lívio coloca em 214 a. C.: "Em Ádria foi visto um altar no céu, e perto dele foram vistas formas humanas com roupas brancas".

Prudentemente, Séttimo abstém-se de tentar uma explicação dos misteriosos fenômenos e nós também nada podemos fazer a não ser o mesmo, pensando na sugestão religiosa e nos prodígios que ela tem provocado em qualquer tempo e em qualquer latitude. Podemos, quando muito, lembrar os lendários personagens das tradições incaicas, "librados no ar sobre pratos de ouro", os *Kappas* nipônicos, que as antigas lendas parecem pintar como seus parentes muito próximos, os "espíritos" das lendas xamanistas, alguns dos quais deixaram suas "embarcações" numa respeitável altura para descer tranqüilamente ao chão por meio de uma invisível escada móvel.

"Deuses ou astronautas?", pergunta-se Raymond Drake [22]. Nós, mais cautelosos, diremos: muitas lendas possuem certamente uma base real; é porém muito difícil, freqüentemente impossível, estabelecer se se trata daquela base que parece mais lógico suspeitar ou se esta base repousa no fundo dos tempos, para sempre enterrada num amontoado de construções, supra-estruturas e fragmentos mitológicos.

Antes de deixar Roma antiga, contudo, não podemos deixar de mencionar um interessante testemunho oferecido por outro jovem estudioso do grupo "Clypeus", Renato Gatto, que escreve: "Desde tempos imemoráveis os homens vêem misteriosos engenhos voadores cruzar o céu, e estes fatos os impressionaram ao ponto de deixarem lembrança: encontramos assim gravuras nas rochas, baixos-relevos, monumentos, talvez, que nos lembram esses aparecimentos.

---

21 - Os espíritos dos falecidos. (N. do T.).

22 - É o título de seu livro "Gods or Spacemen?", Ed. Ray Palmer, Amherst (Wisconsin, USA).

"Como testemunho da importância atribuída a estas observações encontramos, entre outros, o fato de o Imperador Pertinax, durante os três breves meses de seu reinado [23] ter mandado cunhar várias moedas, onde se vê não uma estrela qualquer (motivo, este, freqüentemente usado quando se queria imortalizar algum acontecimento considerado sobrenatural) mas um verdadeiro globo com antenas curiosamente parecidas com aquelas dos nossos primeiros satélites artificiais.

"Numerosos peritos, após examinarem cuidadosamente a moeda, concordaram em afirmar que o objeto representado não pode ser nem o Sol, nem a Lua, nem qualquer outro corpo celeste. Esta certeza deriva do fato de os quatro "raios" do globo em exame estarem dispostos de maneira totalmente diferente da maneira própria das costumeiras representações dos astros.

"As palavras *Providentia deorum,* além do mais, não deixam dúvidas: a frente da moeda quer exaltar a providência dos deuses. E, provavelmente, a representação de uma mulher é simplesmente devida ao fato de a palavra *Providentia* ser do gênero feminino: tratar-se-ia, em breve, de uma divindade menor que manifestou seus poderes por meio do singular fenômeno assim representado.

"É talvez muito arriscada a hipótese segundo a qual se trataria de um desconhecido objeto voador, de um daqueles enigmáticos veículos que nós denominamos OVNI?

"Observando com cuidado a moeda, não podemos deixar de notar como já assinalamos) com os veículos por nós colocados em órbita são sabia perfeitamente o que devia e queria representar, e é pelo menos desnorteante a semelhança do objeto (antenas incluídas, como já assinalamos) com os veículos por nós colocados em órbita ao redor da Terra.

"A moeda de que falamos é raríssima: de qualquer maneira, se um apaixonado quisesse vê-la para chegar às nossas ou a outras hipóteses, poderá fazê-lo visitando o museu histórico-arqueológico "Federico Eusébio", de Alba, a cidade piemontesa na província de Cuneo que foi justamente a pátria do Imperador Hélvio Pertinax".

Segue-se-lhe Roberto Pinotti, do grupo "Clypeus", que escreve:

"A teoria segundo a qual muitos dos estranhos fenômenos citados por numerosos escritores clássicos corresponderia ao aparecimento de objetos voadores não identificados, já parecia confirmada por novos dados. Agora, depois da história, da mitologia e da arqueo-

---

23 - Públio Hélvio Pertinax (126-193) sucedeu, em 1.º de janeiro de 193, a Cômodo, envenenado e estrangulado em 31 de dezembro de 192. Em 28 de março, Pertinax era morto pelos pretorianos, que acabavam de vender o cargo de imperador para Dídio Juliano. (N. do T.).

logia, é a numismática que nos leva para as mesmas audaciosas conclusões de eminentes pesquisadores como Kasanzev e Drake.

"Chamou-nos a atenção uma antiga moeda romana onde é representado um misterioso fenômeno que se deu ao redor do ano 193 d. C.; sem dúvida ela foi cunhada naquele ano, no tempo do Imperador Públio Hélvio Pertinax. Aquela moeda, descoberta na Síria, sem dúvida diz respeito a um daqueles inexplicáveis acontecimentos de que ficou memória escrita.

"Durante o império de Cômodo, um objeto resplendente cruzou o céu; lembra isso o historiador Hélio Lamprídio, um dos *scriptores historiae augustae,* justamente na *Vida de Cômodo.* Também Herodiano, em sua conhecida *História do Império depois de Marco Aurélio,* confirma: "Muitos prodígios deram-se naquele tempo... viam-se continuamente e em pleno dia *estrelas* suspensas no ar..." (Livro I).

"Herodiano, historiador grego talvez de origem síria (nasceu provavelmente em Antioquia ao redor de 170 d. C.), achava-se em Roma em 203, exercendo cargo de certa importância, mas temos razões para crer que também lá deve ter estado em 192, quando Cômodo era imperador. Sabemos que era escritor objetivo, amante da verdade, que gostava de falar diretamente com os protagonistas e as testemunhas dos acontecimentos que posteriormente ia referir: é, portanto, assente que os fatos de que fala são realidade e não fantasias.

"Naturalmente não é fácil estabelecer a cronologia exata dos acontecimentos, mas Cômodo teve o cuidado de lembrá-los em várias de suas moedas, mandando imprimir uma "estrela" no verso; e há moedas em que vemos até sete "estrelas"! Os fenômenos descritos por Herodiano remontam de qualquer maneira ao período entre 189 e 190 d. C.; sucessivamente, as estranhas "estrelas" apareceram também numa grande quantidade de moedas emitidas na Síria.

"A presença destas "estrelas" sempre se relaciona com acontecimentos considerados sobrenaturais. Por exemplo, Plutarco escreveu que, depois do assassinato de César, "muitos homens de fogo foram vistos combater entre si" e no mesmo trecho *(Vida de César,* cap. 68) lembra o aparecimento de muitos "fogos celestes"; Suetônio, por seu lado, afirmou que, pouco depois da morte de César, durante os jogos que se deram em sua honra, "um cometa... brilhou por sete dias, levantando-se às cinco da tarde; os romanos acreditavam que fosse a alma de César que subia ao céu junto aos deuses *(Vida de César,* cap. 88). Esta é justamente a origem das "estrelas" colocadas nas estátuas de César e nas moedas com a sua imagem.

"Contudo, a documentação mais sensacional é dada pela moeda do Imperador Pertinax, sucessor de Cômodo, onde vemos não uma estrela mas um globo volante. A moeda nos mostra uma mulher que levanta os braços em direção a um misterioso objeto; bem, alguns peritos sustentam que aquele objeto, seja ele o que for, não representa nem o Sol, nem a Lua, nem uma estrela, nem um cometa, pois a posição dos quatro "raios" não é simétrica em relação ao próprio globo, como acontece pelo contrário com a representação dos corpos celestes comuns. O aumento da fotografia é ainda mais convincente: pode-se dizer, aliás, que um efeito de luz nunca foi destacado desta maneira [24].

"Juntando tudo, seríamos levados à conclusão de que o globo só pode ser um objeto voador não identificado".

O estudioso salienta também como a figura feminina da moeda seria o símbolo de uma divindade menor *(Providentia deorum* = providência dos deuses) e como novamente se focaliza a questão relativa à essência real dos mitos.

"Observamos mais uma vez o nosso globo volante", conclui Pinotti. "Temos de nos perguntar se a semelhança com os modernos satélites artificiais e os aparelhos espaciais será totalmente casual.

"Dono de raríssima moeda é o Dr. Remo Capelli, afamado perito, autor de importantes textos numismáticos. Ele, defendendo a hipótese de que o misterioso globo é, na realidade, um veículo de origem extraterrestre, enfrentou o difícil problema com um corajoso artigo já em dezembro de 1960. As opiniões podem ser discordes, mas é inegável que a estranha moeda fornece material para amplas e apaixonadas discussões."

Carlos Magno e os aviadores

A Idade Média nos vai submergir numa chuva incessante de "prodígios celestes"; mas aqui caminhamos em terreno ainda mais perigoso, pois se, de um lado, dispomos de crônicas mais abundantes e pormenorizadas, devemos, de outro lado, manter um olho bem aberto sobre anjos e demônios, bruxas e feiticeiros, ocupados num turismo de massa em qualquer canto da Terra que se possa imaginar. Fez muito bem, portanto, Gianni Settimo ao subtrair-se à fascinação do mundo mágico (embora alguns episódios sejam de tal natureza que tentam qualquer estudioso) limitando sua do-

24 - "Efeito de luz" porque os "raios" das estrelas na realidade não existem; são o resultado de fenômenos físicos aos quais a luz da estrela está sujeita ao atravessar as camadas da atmosfera terrestre. (N. do T.).

cumentação aos fatos citados como puros, inexplicáveis fenômenos livres de referências dúbias.

"São Beda, o beneditino de Wearmouth, apelidado "o pai da história inglesa", que viveu entre 672 (ou 673) e 735 – lembra ele – relatou no 7.º capítulo de sua *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum* um caso muito esquisito que aconteceu em 664. Numa noite, enquanto algumas freiras estavam rezando entre os túmulos do cemitério anexo ao convento de Barkong, perto do Tâmisa, uma grande luz desceu do céu, investiu-as e dirigiu-se para o outro lado do mosteiro, acabando em seguida por perder-se na profundidade do espaço. "Esta luz – acrescenta São Beda – era de tal intensidade que tornaria pálida a luz do Sol ao meio-dia. Na manhã seguinte, alguns jovens da igreja declararam que seus raios tinham penetrado – com uma luz cegante através das frestas das portas e janelas."

"O historiador relata mais quatro aparecimentos de objetos voadores; estes engenhos, por outro lado, são mencionados em numerosíssimos trabalhos. Citamos, dentre muitos, o de São Gregório de Tours *(Historia Francorum:* "Um globo luminoso sobrevoou o território francês no ano de 583), os *Annales Laurissenses* ("Em 776 parecia que escudos volantes guiavam os saxões durante o cerco aos cavaleiros de Carlos Magno em Siegburg"), as crônicas anglo-saxãs ("Potentes apareceram no ano de 793 sobre a Nortúmbria, espantando os habitantes... eram clarões excepcionais parecidos com raios, e foram vistos dragões vermelhos voando no ar"), as *Flores Historiarum* do beneditino Roger de Wendover ("No ano de 796 pequenos globos volteando ao redor do Sol foram vistos em vários lugares da Inglaterra").

"Eginardo, o secretário e biógrafo de Carlos Magno, autor da *Vita Karoli,* lembra no 32.º capítulo dessa obra como em 810, encontrando-se a caminho de Aquisgrana (Aachen), viu um grande globo descer, fulmíneo, do céu, dirigindo-se de oriente para ocidente com uma luz tal que espantou o cavalo do rei, que caiu, ferindo-se de maneira grave [25]. As misteriosas esferas voltaram em massa durante a expedição à Espanha de Pepino, filho de Luís, o Piedoso; referindo-se a uma cruenta batalha que se deu em 827, lemos de fato no manuscrito *Ludovici Pii Vita:* "...na verdade este morticínio foi precedido por terríveis visões de coisas no ar: durante a noite elas ardiam como pálidos fogos ou brilhavam como vermelho sangue".

Nesta altura entramos num torvelinho de notícias surpreendentes mas incontroláveis, assistimos até mesmo a uma invasão de demônios e bruxas voadoras, contra os quais quer Carlos Magno quer

25 - Este episódio lembra, bem de perto, aquele bíblico da conversão de São Paulo. (N. do T.).

seu filho Luís, o Piedoso, decretaram penas terríveis. Até aqui nos movemos no terreno da história. Contudo, porém, não nos foi possível confirmar a veracidade das informações que autores franceses e britânicos querem contidas nos afamados *Capitolari* de Carlos Magno, uma coletânea de ordenanças e de referências a elas relativas, atribuídas, provavelmente sem razão alguma, a Eginardo.

Eis, contudo, como simples curiosidade, uma estranha história, retomada em parte também pelo Abade Montfaucon de Villars em seu livro *Le Comte de Gabalis:*

"Percebendo o alarma que despertaram entre o povo e a hostilidade que suscitaram, os seres aéreos ficaram a tal ponto perturbados que aterrissaram com seu navio maior, levando para bordo algumas mulheres e alguns homens escolhidos entre os melhores para instruí-los e desfazer a má opinião das pessoas... quando, contudo, aquelas mulheres e aqueles homens voltaram para a terra, foram considerados seres demoníacos vindos para espalhar o veneno nas culturas, portanto rapidamente presos e justiçados, depois das terríveis torturas previstas para quem praticasse as artes diabólicas... outros tiveram de seguir a mesma sorte: o número dos infelizes condenados à morte por meio do fogo e da água foi altíssimo. Espalhou-se afinal o boato de terem sido enviados por Grimaldo, Duque de Benevento e mestre em feitiçarias, para destruir o reino dos francos... debalde estes infelizes tentaram salvar-se dizendo pertencer à mesma nação e terem sido raptados por curto tempo por homens extraordinários, que lhes mostraram coisas grandes e maravilhosas..."

A objeção mais óbvia que se apresenta não difere muito daquela que levantamos contra os contos cujos protagonistas são marcianos ou venusianos que, em dias mais próximos de nós, se revelaram a um limitadíssimo número de escolhidos. Se os "seres aéreos" cruzavam o céu ocupados em seus afazeres, não tinham necessidade alguma de dar explicações aos terrestres (conseguimos talvez imaginar um nosso astronauta que, "perturbado" por ter sido julgado alguma espécie de satanás voador, desce para fornecer explicações aos primitivos índios de um planeta explorado desde sua atmosfera?). Se, além do mais, os aviadores do período carolíngio tivessem tido a firme intenção de se desculpar pela impressão provocada e oferecer os oportunos esclarecimentos, não teria talvez surgido em sua mente uma idéia menos esquisita? Não teria sido mais lógico, em outras palavras, aterrissar em massa, pedir audiência a Carlos Magno, organizar uma linda reunião com os sábios da época, ou um comício público? Os meios para se defender, sem dúvida, não lhes deviam faltar, considerando o nível civil e científico que lhes foi atribuído... e nem mesmo a inteligência para prever a escassa

compreensão que os hóspedes das "máquinas voadoras" teriam encontrado ao voltar por parte de seus concidadãos.

"Prosseguindo na Idade Média — continua Settimo — encontramos freqüentemente fenômenos aos quais são atribuídos significados religiosos: assim aconteceu com a "luz celeste" observada sobre a tumba de Jesus em 13 de maio de 1120, com o objeto que se librou por três dias sobre Jerusalém, em 1200, para em seguida descer ao lugar onde Jesus foi crucificado, e com muitos outros acontecimentos. Não faltam, contudo, notícias mais breves e, portanto, mais críveis. Mateus de Paris, o beneditino inglês do convento de Santo Albano que continuou o trabalho de Roger de Wendover, nos informa, por exemplo, do aparecimento, no ano 1100, de um "cometa com movimento inusitado... que, precipitando-se desde o oriente, subiu em seguida ao céu, em lugar de descer"; ainda da Inglaterra, e precisamente da abadia de Byland (Yorkshire) nos chega a descrição de um "grande prodígio" que se deu em 28 de outubro de 1290, quando "um objeto prateado, parecido com um círculo, foi visto voar lentamente". As "vigas voadoras" dos antigos romanos, ademais, reaparecem em várias crônicas e até mesmo na autobiografia de Benvenuto Cellini, que, no capítulo 84.º, escreve: "Ao chegarmos a certo ponto da colina, já tendo descido a noite, olhando em direção de Florença, todos os dois, a uma só voz, expressamos nossa maravilha, dizendo: "Oh, Deus do céu, que grande coisa é aquela que se vê sobre Florença? E aquilo era como que uma grande viga de fogo, que cintilava e expandia um grandíssimo esplendor"...

"Um globo de chama parece explodir sobre a Turíngia em 1548, deixando cair uma substância parecida com sangue coagulado; em 1557 Viena é sobrevoada por esquisitos objetos luminosos e no mesmo ano aparecem sobre a Polônia objetos chamados "sóis verdes" e "sóis vermelhos"; "dragões voadores" e "discos incandescentes" assustam Nuremberg. Em 1558 parece dar-se nada menos que uma batalha entre duas formas arredondadas, que ficam volteando sobre a atual Áustria, e sobre Zurique desfilam "três sóis" ou, segundo outros testemunhos, "três círculos luminosos". Justamente na prefeitura da cidade suíça conservam-se algumas gravuras devidas a Wieck, que ilustrou os aparecimentos de numerosos "pratos voadores" registrados entre 1547 e 1558.

"Combates e incêndios de estranhos aparelhos parecem verificar-se em 14 de abril de 1561 ainda em Nuremberg (as crônicas falam de "discos negros, brancos, vermelhos e azuis" e de dois engenhos fusiformes); em 17 de agosto de 1566 Basiléia assiste à passagem de um enxame de arredondadas formas negras diante do Sol, numa velocidade incrível; e em 1697 fala-se sem titubear numa

"máquina circular com uma esfera em seu centro, muito luminosa", que atravessa devagar o céu de Hamburgo e de várias outras cidades da Alemanha setentrional.

"Entre 1760 e 1800 (não mencionamos que algumas das informações coletadas em fontes escritas, acatáveis sem dúvida) a Europa inteira conhece inúmeros aparecimentos de misteriosos objetos voadores. Florença parece, na Itália, uma das metas preferidas por estes desconhecidos "exploradores"; eles a sobrevoam várias vezes até organizar uma espetacular "procissão" em 9 de dezembro de 1781.

"Em 1808 é a vez do Piemonte; e neste ano os fenômenos alucinantes seguem-se com rapidez extraordinária. Não apenas isso, mas a numerosos aparecimentos de objetos misteriosos seguem-se violentos e súbitos incêndios. Em 2 de abril, Perosa Argentina é visitada, com outra localidade nos arredores de Pinerolo, por corpos luminosos que voam rápidos e baixos; na noite entre 11 e 12 do mesmo mês um objeto cintilante passa sobre La Morra e na manhã do dia 12 um cavaleiro é jogado ao chão em Carmagnola, exatamente como aconteceu a Carlos Magno, por um engenho luminosíssimo. No dia 15 um "fuso" sobrevoa Torre Pellice e desaparece atrás do Picco Vandalino (espetáculo que deverá repetir-se várias vezes, até nossos dias). E em 18 de abril o Sr. Sismondi, secretário do juiz de paz da própria Torre Pellice, é despertado por um agudo zunido que parece não querer parar. Vai à janela e vê levantar-se, num prado a sua frente, um disco luminoso que se afasta no céu a velocidade fantástica.

"Sobre o Monte Musiné, o desolado cone rochoso que se levanta nos arredores de Rívoli (a 13 quilômetros de Turim), voa, segundo uma antiga tradição popular, o "carro de Herodes", libram-se com surpreendente insistência estranhas formas luminosas..."

Aliás, quanto a Rívoli: a cidadezinha do "cinturão" turinês não é só o objetivo preferido do terrível Herodes mas também de corações que, albergando bem diferentes sentimentos, muito mais doces, lá chegam, em outros carros, para abrir entre seus bosques algum parêntese romântico na frenética existência da metrópole pré-alpina.

Os dois noivos que, na noite de 2 de abril de 1962, pararam seu carro numa localidade da colina de Rívoli, chamada Pozzetto, não estavam certamente discutindo problemas de exobiologia ou da enigmática astronáutica extraterrestre; contra sua vontade, porém, foram obrigados a dedicar-lhe nem que fosse um rápido pensamento quando, cerca das onze horas da noite, viram descer do céu um objeto escuro de forma lenticular, com diâmetro de aproximadamente 15 metros e irradiando uma luminosidade verde-clara.

Aquela luz metálica, fria, pulsava com ritmo regular e parou só quando o engenho aterrissou num prado. Uma abertura apareceu num lado do veículo e duas figuras saíram, passearam alguns minutos, como se estivessem falando entre si, depois uma indicou um pequeno bosque nos arredores, onde a outra entrou, desaparecendo. Em seguida, o ser que tinha ficado sozinho subiu a bordo, fechou a abertura, a luz verde voltou a pulsar. O engenho levantou vôo balançando, superou a altura das colinas e, rápido como um raio, mergulhou no céu.

Até aqui, o conto dos noivos. Embora os nossos amigos se tivessem retirado do local com a máxima pressa, apresentaram-se espontaneamente para descrever a cena de que tinham sido testemunhas, depondo sob juramento. Apesar disso, sentimo-nos obviamente autorizados a considerar seu relatório com uma boa dose de cepticismo, como todos os relatórios dessa natureza.

Se quisermos, porém, nele enredar um pensamento de ficção científica poderemos tentar responder a algumas perguntas. Como foi possível que, no noite de 9 de abril de 1962, exatamente no local indicado pelos românticos excursionistas, lavrasse um furioso incêndio, *sob uma chuva fortíssima?*

Existe talvez alguma relação entre o fogo que freqüentemente lavra — ainda hoje, como nos inícios do século — nos arredores de Turim e as inexplicáveis formas luminosas que aparecem no céu? E existe algo de verdade nas antigas lendas locais, que dizem existir enormes cavidades abertas sob os flancos do Musiné, aquele cone de pedra a quatro passos de Turim, evitado por todos, com seu aspecto tão inquietante e estranho?

CAPÍTULO VI

Portos para o Infinito

O PASSO ESTAVA AGORA À nossa frente, liso e varrido pelos ventos entre seus pilares laterais entalhados e sinistramente severos. Além do passo, o céu nublado por vorticosos vapores e iluminado pelo fraco sol polar, o céu daquele misterioso reino sobre o qual pensávamos que nunca um ser humano tivesse lançado um olhar...

"Acho que um grito de reverência, maravilha, terror e incredulidade nos tenha escapado quando, vencido o passo, vimos o que se encontrava abaixo de nós... todo tipo de frase fantástica subiu-nos aos lábios enquanto saboreávamos, pasmados, aquele incrível espetáculo. Novamente lembrei-me dos mitos sobrenaturais cuja visão vinha me perseguindo desde o primeiro contacto com este antigo mundo antártico, desde o demoníaco planalto de Leng, de Mi-Go... dos manuscritos pnakóticos com suas implicações prehumanas, do culto Gthulu, do Necronomicon; enfim da lenda hiperbórea do Tsathoggua sem forma, e do ainda menos que informe sêmen estelar a ele associado...

"As construções eram de dimensões muito diferentes; havia complexos de enorme extensão, como colmeias, e outros menores, separados. Na estrutura destas construções predominava a forma cônica, piramidal ou mesmo de terraços; mas também havia cilindros perfeitos, cubos também perfeitos, grupos de cubos, outras formas retangulares e características dispersões de edifícios com muitos ângulos, cuja planta de cinco pontas lembrava vagamente as fortificações modernas. Todo o emaranhado fora monstruosamente marcado pelo tempo e, na superfície do gelo, de onde apontavam as torres, espalhavam-se blocos e detritos caídos desde épocas imemoriais. Nos pontos onde o gelo era transparente podíamos ver a parte inferior dos gigantescos edifícios. Também podiam ser vistas as pontes de pedra, conservadas pelo gelo, ligando entre si as várias torres, em alturas variáveis acima do chão. Nos muros expostos podíamos perceber as cicatrizes nos pontos de onde saíam outras e mais altas pontes da mesma natureza. Um exame mais apurado revelou inúmeras janelas bastante grandes. Algumas estavam escancaradas de maneira sinistra e ameaçadora...

"Aquela não podia ser uma cidade como qualquer outra. Devia ter sido o núcleo primitivo e o centro de algum arcaico e incrível capítulo da história da Terra, cujas ramificações externas, lembradas só de maneira vaga nos mitos mais obscuros e retorcidos, foram sumindo de maneira completa no caos das convulsões do globo, muito antes de qualquer uma das raças humanas que sabemos ter saído do estado simiesco. Estendia-se naquele lugar uma megalópole comparada com a qual as fabulosas Atlântida e Lemúria, Commorion e Uzuldaroum e Olathoë na terra de Lomar são coisas recentes, de hoje, nem mesmo de ontem; uma megalópolis que teria tido a possibilidade de competir com aquelas impiedades pré-humanas de que se murmura, como Valusia, R'lyeh, Ib na terra de Mnar, e a Cidade sem Nome da Arábia Deserta..."

Estes trechos foram tirados de um alucinante romance de H. P. Lovecraft, *Le Montagne della Follia* [26]: é a história da descoberta, no coração da Antártida, de uma assustadora metrópole construída milhões de anos atrás por uma raça não humana, vinda das estrelas. Trata-se de fantasia, sem dúvida, mas de uma fantasia "contida", pois, como escreveram os críticos "Lovecraft conduz os elementos de um sólido e apurado conhecimento científico aos extremos limites da imaginação; os dados da realidade cotidiana e os científicos inserem-se num mundo mais vasto, percorrido por tensões cósmicas e totalmente permeado pela potência do mito".

E o mundo antártico realmente apresenta a característica, invisível mas nem por isso menos grandiosa e terrificante, que o escritor norte-americano, embora nunca o tenha pisado, soube surpreendentemente colher.

Oásis entre os gelos

Numa tarde de 1958, durante o Ano Geofísico Internacional, o geólogo estadunidense W. e um seu companheiro achavam-se, com um daqueles pequenos veículos com esteiras chamados "doninhas", não muito longe de uma base instalada na costa Knox, na Antártida. Os dois estavam batendo papo e controlando a instalação de alguns instrumentos científicos, quando perceberam de improviso, pouco mais de um quilômetro ao norte, um estranho e violento turbilhão branco. Surpresos, olharam um para o outro, quase a se perguntar reciprocamente o que poderia ser. Não podia ser um fenômeno meteorológico: o dia era maravilhoso e, por outro lado,

26 - Sugar Editore, Milão, Itália.

uma perturbação atmosférica certamente não podia dar-se em área tão pequena e tão exatamente delimitada.

Os cientistas pensaram nos soviéticos ou nos japoneses, instalados nas proximidades de seu campo e ocupados, naquele dia, numa série de levantamentos, mas não conseguiram imaginar o que podiam estar fazendo. Decidiram assim ir até lá para ver, também porque temiam que tivesse acontecido algum acidente com seus colegas.

Aproximando-se, os americanos perceberam que o turbilhão não era formado por cristais de neve, mas por uma espécie de vapor branco quente, com cheiro penetrante e indefinível. No meio da nuvem, que se ia dissolvendo, divisaram uma formação em cúpula, com altura não maior de dois metros, com diâmetro de 8 a 10 metros aproximadamente, brilhante como vidro.

"A primeira coisa em que pensei — conta W. — foi na manifestação de um fenômeno desconhecido do subsolo, talvez de origem vulcânica. Fascinado e alarmado ao mesmo tempo, comecei a correr em direção à "cúpula". De início pensei que alguém tivesse chegado antes de mim, pois vi duas formas em movimento; mas logo o sangue gelou nas minhas veias: não eram formas humanas, eram "coisas" redondas, amareladas, com pouco mais de um metro de altura, parecidas com balões mal cheios, que se moviam de maneira ridícula sobre o gelo, cambaleando e rodopiando sobre si mesmas.

"Perto delas, ou sobre elas, brilhou uma luz que me pareceu a de uma chama oxídrica. Tive a impressão de que uma bolinha estourava na minha frente, libertando uma rosa crepitante de faíscas azuis. Tomado pelo pânico, virei-me e comecei a correr. "Fuja!", berrei para o companheiro, que tinha ficado atrás. "Depressa!". Paramos para olhar só quando amparados atrás da "doninha". Vimos por alguns instantes os reflexos da cúpula, depois outro turbilhão branco. No céu apareceu um reflexo mal visível; quando a nuvem se desfez, nada mais havia sobre o gelo."

Esta não é a única estória esquisita que escutamos sobre a Antártida: especialmente durante o Ano Geofísico Internacional, quando o "Sexto Continente" recebeu cientistas de 11 países, que lá construíram 60 estações de pesquisas, 33 das quais se tornaram grandes centros estáveis. Os cientistas que trabalharam nas estações argentinas forneceram pelo menos uma dúzia de notícias relativas a objetos não identificados vistos no céu ou pousados sobre o gelo, em sua grande maioria corpos lenticulares ou ovoidais. Vários aviões de reconhecimento americanos e soviéticos sobrevoaram áreas escuras de natureza desconhecida e "relevos" de formas tão curiosas a ponto de lembrar esplanadas, muros ciclópicos, regularíssimos, edifícios recobertos por poderosas lajes de gelo. Alguns cientistas que traba-

lhavam nas bases soviéticas mais avançadas (provavelmente Vostok 1, Vostok 2 ou Sovietskaya) relataram ter divisado formações "demasiado geométricas" para poderem ser atribuídas à ação dos agentes atmosféricos e até mesmo "coisas em movimento", entre as quais uma tosca massa escura que se arrastava e uma forma branca, alta, vagamente parecida com a de um urso ou de um ser humano.

Sabemos que a Antártida prega peças inimagináveis, cria ilusões ópticas e alucinações que nenhum outro lugar do globo pode oferecer e o fato de os protagonistas dos episódios por nós referidos (a seu tempo divulgados por jornais e revistas) terem-se recusado a revelar sua identidade ou a insistir nas descrições, é algo facilmente compreensível.

Os assinalamentos de objetos voadores desconhecidos no "Sexto Continente" foram e são bastante freqüentes. Clamoroso foi o de julho de 1965, realizado por cientistas, técnicos e marinheiros de três países [27] sobre o qual, da parte argentina, foi divulgado o seguinte comunicado oficial: "A guarnição da Marinha da Antártida Argentina (Ilha Decepción) observou a 3 de julho, às 9 h 14 m (hora local), um gigantesco corpo voador em forma de lente, aparentemente sólido, de cor principalmente vermelho-verde, às vezes com nuanças amarelas, azul-escuras, brancas e alaranjadas. O objeto movia-se com um trajetória em ziguezague para o leste, mudando porém várias vezes seu rumo em direção oeste e norte com velocidades diferentes, sem emitir sons, e passando a 45° sobre o horizonte, numa distância de 10-15 quilômetros da base. No decorrer das manobras realizadas pelo objeto, as testemunhas puderam perceber sua tremenda velocidade, além do fato de ter ele se librado, imóvel, durante cerca de 15 minutos, numa altura aproximada de 5 mil metros".

Quanto aos outros assinalamentos, a falta de observadores tão numerosos e qualificados contribuiu para fazê-los passar sob silêncio ou quase: de qualquer maneira, faz anos que a Antártica é sobrevoada por misteriosos corpos voadores, muitos dos quais se arremessam em direção sul e desaparecem, além do Estreito de Drake, na direção do imenso deserto branco.

"Alguém ainda tem algo para procurar naquelas terras", pensa o jornalista P. Deville, que seguiu com atenção as estranhas aparições. "Mas o quê? Talvez um fantástico espaço-porto, talvez uma base mantida por inúmeros milênios naquilo que há tempo fora um maravilhoso continente e que agora se tornou um caos de gelo? Não esqueçamos que durante séculos, antes da descoberta da Antártida,

27 - Veja "Sombras sobre as Estrelas", do mesmo A.

um número desconhecido de audazes navegadores, de sonhadores e de aventureiros foi para o extremo sul à procura do "paraíso austral"... não seguindo uma quimera totalmente pessoal, mas se deixando guiar pela lembrança de um mito que sobrevivera por centenas de milhares de anos!"

Com toda probabilidade, o "paraíso austral" dos milênios passados não pode ser identificado com a Antártida pois esta devia-se encontrar em latitudes bem diferentes (está de fato demonstrado que os pólos mudaram várias vezes sua posição, em virtude de cataclismos que convulsionaram o nosso globo, deslocando o eixo da Terra). O atual "continente branco", contudo, não era certamente aquilo que conhecemos: sua grande couraça gelada, que alcança em certos pontos altura de 3-4 mil metros, esmagou no fundo do mar algumas grandes ilhas, talvez um arquipélago, com clima pelo menos subtropical. Isto é confirmado quer pelo achado de alguns fósseis (árvores e samambaias gigantes), quer pela presença de vastas jazidas petrolíferas. Em 1947 o Almirante Byrd viu nos flancos de uma montanha de 3.000 metros, no Maciço Rainha Maud, um veio que ele afirmou ser "suficiente para as necessidades do mundo inteiro": tratava-se, pelo contrário, de linhita de péssima qualidade, mas de qualquer maneira nos fornece um precioso testemunho sobre o passado geológico da Antártida.

"Terras que a natureza condenou a um frio eterno, que nunca serão aquecidas pelos raios do Sol", escreveu James Cook daqueles lugares, por ele vistos entre 1772 e 1775. "Terras cujo espantoso e selvagem aspecto não pode ser descrito com palavras: estas as regiões que temos descoberto. E só vimos as melhores, aquelas colocadas mais ao norte. Como serão aquelas do extremo meridional? Se alguém tiver a intenção e a força para esclarecê-lo, indo mais além, eu não lhe invejarei a glória dessa descoberta."

De maneira geral, a descrição feita pelo célebre navegador britânico corresponde em cheio à realidade; mas os gelos deixaram curiosamente à vista algumas glebas do paraído sepultado, oferendo um espetáculo que, embora modesto, se apresenta maravilhoso naquele alucinante cenário branco.

Os componentes da expedição alemã "Schwabenland", realizada entre 1938 e 39 sob o comando do Capitão Ritscher, foram os primeiros a nos falar da sensacional descoberta: a algumas centenas de quilômetros da grande parede gelada que, de longitude 0, se estende para oriente e ocidente ao longo do 70° paralelo, os pilotos dos dois hidraviões alemães viram uma região colinosa que não só não era recoberta pelo gelo como também apresentava vários espelhos de água!

A informação foi recebida com certo cepticismo, mas em 1947 os aviadores de Byrd a confirmaram plenamente, revelando ao mundo a existência daquele que eles batizaram "o jardim da Terra Rainha Maria": uma seqüência de colinas cobertas por coníferas anãs, atapetadas de musgo, entre as quais são abundantes os lagos. Os norte-americanos contaram 23 lagos e desceram com seus hidraviões nos três maiores.

O espetáculo que do alto se apresentou aos seus olhos foi desconcertante: espelhos de água de intensa cor verde, vermelha, azul-escura, desfilavam por baixo deles. Descidos, perceberam que o fenômeno era devido a microscópicas algas das vívidas cores que proliferavam no fundo. Mas outra surpresa os esperava: mergulhadas as mãos naqueles líquidos prodígios de país das maravilhas, sentiram que a água estava morna; não só: em alguns pontos do lago mais próximo à geleira Ferrar a água estava decididamente quente!

A que pode ser devido um fato tão singular? As causas só podem ser duas: vulcanismo (o que, naquela área, parece que deve ser excluído) ou radioatividade; se esta segunda hipótese se revelasse fundamentada, teríamos a certeza de que lá existem fabulosas jazidas de urânio.

Até aqui, a ciência; mais para além, os colecionadores de esquisitices, como William Bennett, segundo o qual as colinas e os lagos constituiriam algo como "a cidade-jardim" de uma considerável guarnição extraterrestre acantonada no nosso planeta há um sem-número de anos. A verdadeira metrópole estender-se-ia abaixo do solo antártico e as responsáveis pela manutenção da área livre do gelo seriam, justamente, as poderosíssimas máquinas destinadas a fornecer energia à metrópole. Nas planícies do "Sexto Continente" os nossos desconhecidos hóspedes teriam um imenso espaço-porto e no interior da terra riquíssimas minas capazes de lhes fornecer os metais de que precisam.

O fato de que Bennett, quando de suas "revelações" (1956), ainda não tivesse tido notícia da presença de corpos voadores desconhecidos sobre a Antártida pode parecer sem importância, e a referência às jazidas de metais, puramente casual (só mais tarde saberemos com certeza que o subsolo é rico em ouro, cromo, molibdênio, grafita, pirita, urânio, carvão e petróleo). Não deve contudo passar em silêncio que a idéia não é uma invenção desse estranho pesquisador: a sua não passa de uma tentativa de interpretação de alguns trechos tibetanos que se referem ao mito do planalto de Leng. E Bennett, exatamente como Lovecraft (e provavelmente sem conhe-

cê-lo) afirma que Leng poderia ter-se localizado não na Ásia, e sim na Antártida! [28].

Seja como for, o "Sexto Continente" oferece tais e tantos quebra-cabeças que se apresenta como uma autêntica ilha extraterrestre: contrariamente ao que seria lógico esperar, as camadas atmosféricas tornam-se mais quentes enquanto subimos; a própria atmosfera possui uma densidade igual à metade da atmosfera própria das demais regiões do globo. A fauna antártica, por sua vez, está imune de afecções bacterianas.

Qual a razão desta prodigiosa imunidade? O mar, do qual os animais retiram, direta ou indiretamente, seu alimento, é riquíssimo em plancto; e o plancto vegetal — segundo alguns cientistas acham poder afirmar — contém um antibiótico "universal", capaz de erradicar qualquer infecção.

Talvez seja assim. Mas o fato de o próprio ar, da Antártida, ser completamente asséptico nos levaria a pensar no misterioso antibiótico difundido em todo o continente antártico. Existe quem julgue poder identificá-lo numa miríade de microrganismos que até agora não foram detectados por qualquer pesquisa, chegados à Terra sabe-se lá de que mundo desconhecido, tendo sobrevivido só no "Continente branco" por ter encontrado condições parecidas com as próprias de seu lugar de origem.

Queremos seguir as pegadas de Bennett? Poderemos então fantasiar sobre viajantes cósmicos, em épocas afastadíssimas, preocupados em tornar a atmosfera do lugar escolhido como morada a mais parecida possível com a de seu planeta, em proteger-se dos perigosíssimos germes terrestres criando uma eficientíssima "calota antibiótica".

O mundo antártico, além do mais, defende de maneira extremamente eficaz seus segredos. As escavações são dificílimas visto que a casca gelada desloca-se lenta mas inexoravelmente do centro do continente em direção ao mar, e, por sua vez, a própria casca é sulcada por "rios gelados", como a geleira Beardmore, com 18 quilômetros de largura e alguns milhares de comprimento, que se move em direção à costa, modificando a conformação das zonas atravessadas.

"Mas dia vai chegar — prediz William Bennett — em que este mesmo incessante fenômeno vai expor aos nossos olhos expressões de um esquecido passado do nosso globo que nem mesmo os mais audazes pesquisadores se atrevem a sonhar."

---

28 - Em "Le Montagne della Follia", Lovecraft escreve: "Os estudiosos de mitologia localizaram Leng na Ásia central; mas a memória racial do homem, ou de seus predecessores, é comprida e pode ser que certas fábulas tenham tido sua origem em terras, montanhas e templos do horror mais antigos do que a Ásia, e antes de qualquer mundo humano por nós conhecido".

Os homens sem rosto

"Grupos rivais combatiam para o domínio da China, ajudados por criaturas celestes que tomavam partido a favor de uns ou de outros, usando armas espetaculares": assim se expressa Raymond Drake falando-nos dos fabulosos conflitos orientais e nos lembra que a situação, tal como descrita pelas tradições asiáticas, é idêntica à dos mitos do mundo inteiro; é aquela — só para dar um exemplo — que Homero pinta da guerra de Tróia, com os deuses alinhados de um ou de outro lado do campo de batalha.

Daqui até a idéia de que os pressupostos astronautas extraterrestres nem sempre se tenham mantido em relações idilíacas entre si, que, bem pelo contrário, se tenham às vezes desapiedadamente enfrentado no nosso globo, o passo não é longo. Se aceitarmos as teorias relativas à aterrissagem de viajantes cósmicos, chegaremos, sem dúvida a admitir que deve ter-se tratado de raças, aliás, de formas de vida que tinham muito pouco em comum entre si. Vamos agora pensar no desembarque dos costumeiros "comandos" sobre este ou aquele planeta; que se encontrem com outros aspirantes a colonizadores galácticos: apostar que tudo vai acabar da melhor maneira possível, que os recém-chegados encontrarão logo a maneira de entender-se, de conciliar seus interesses, significaria um otimismo comovedor mas paradoxal. Imaginemos, depois, que as duas raças de conquistadores estelares sejam tão diferentes como nós podemos sê-lo das abelhas ou dos cupins (que inegavelmente possuem uma sua "civilização") e logo nos daremos conta das possibilidades de compreensão existentes.

Os nossos afastadíssimos antepassados podem ter julgado seus hóspedes divindades boas ou más, amigos ou inimigos: evidentemente este julgamento prendeu-se não só à sua atitude como também à mentalidade e aos objetivos dos "estrangeiros". Se olharmos a Irlanda encontraremos todo um mostruário de esquisitas criaturas animadas pelas mais diferentes intenções: "fadas" que não são fadas (pelo menos no sentido que nós damos à palavra), mas seres informes, dotados de poderes sobrenaturais, freqüentemente hostis; gnomos ora cordiais ora travessos, elfos com um comportamento esquisito, imprevisível.

E todas estas personagens têm seu correspondente nos mais remotos cantos do globo: o monstro de cabeça achatada, quase cilíndrica, com sua possante testa e suas enormes orelhas não pode deixar de nos relembrar as estátuas da Ilha de Páscoa; o "homem sem cabeça nem olhos" lembra as esculturas e as máscaras que po-

deriam reproduzir (segundo os cientistas que já citamos) capacetes espaciais; os demônios colmilhudos com olhos oblíquos nos levam, por uma desconcertante semelhança de detalhes, às impressionantes representações que selam o obscuro passado da América Centro-Meridional.

Parece-nos interessante salientar, com relação ao "novo continente", que algumas populações mexicanas, referindo-se às monstruosas estatuetas de jade de seus antigos progenitores, nos dizem — lembrando remotas tradições — como a pedra para aquelas representações tem sido usada com uma finalidade bem precisa: isto é, sua cor correspondia à cor própria da lendária estirpe de humanóides.

De criaturas com a pele verde é rica também, por outro lado, a literatura irlandesa. Um mero acaso? Fantasias devidas ao fato de ser esta pigmentação da pele completamente ausente entre os habitantes da Terra? Pode ser. Mas não esqueçamos quanto expõe o estudioso e escritor John Macklin, num seu artigo publicado no periódico "Grit", em dezembro de 1966:

"Numa tarde de agosto de 1887, duas crianças iam de uma caverna para uma parede rochosa nos arredores da aldeia espanhola de Banjos. Caminhavam segurando-se pela mão, e atravessaram assim um campo onde alguns lavradores estavam ocupados na ceifa. Isto aconteceu, como dissemos, oitenta anos atrás mas ainda existe gente viva que lembra aquele dia.

"Sem dúvida nos relatos há exageros, distorções, mas os fatos básicos parecem ser indubitáveis: as duas crianças vinham, cheias de medo, da caverna; falavam uma estranha e incompreensível língua; suas roupas eram feitas de uma substância nunca antes vista. E sua pele era verde!

"É um fato esquisito, ilógico, sem explicação, que poderia, quando muito, nos lembrar as pesquisas realizadas sobre a quarta dimensão, sobre um mundo que existe lado a lado com o nosso; um mundo de fantasmas, para nós, do qual as crianças poderiam ter fugido. Neste sentido poderia de certa forma apoiar a teoria que os queria precipitados num "torvelinho espacial", como um homem se precipita numa caverna aberta no gelo, e não mais pode encontrar o lugar de saída. Ridículo? Pode ser: mas trata-se da única hipótese capaz de lançar um pouco de luz sobre o aparecimento das crianças verdes.

"De Barcelona chegou um religioso para investigar o estranho acontecimento. Ele viu as crianças, escutou as testemunhas e, mais tarde, escreveu: "Fiquei de tal maneira convencido pelo que ouvi, que me sinto obrigado a aceitar o fato, embora me sinta incapaz de

compreendê-lo e dele tentar uma explicação com as forças do intelecto".

"Os ceifadores estavam descansando, após o almoço, quando o estranho casal apareceu na entrada de uma caverna. Não acreditando no que estavam vendo, os lavradores precipitaram-se na sua direção; assustadas, as crianças fugiram; foram perseguidas, alcançadas e levadas para a casa de Ricardo Da Calno, um magistrado que também era o maior proprietário de terras da aldeia.

"Da Calno pegou na mão da menina e a esfregou; a cor verde permaneceu: sem dúvida a cor verde fazia parte da pigmentação. Alguns alimentos foram oferecidos às crianças, mas estas não comeram, limitando-se a tomar entre as mãos o pão e as frutas, observando-os com suspeita e maravilha.

"O magistrado notou que as feições de seus rostos, embora regulares, lembravam vagamente os traços próprios dos negróides; os olhos apresentavam um corte oblíquo e eram encaixados nas órbitas. As crianças permaneceram cinco dias na casa de Da Calno; não comeram, tornaram-se visivelmente fracas; não foi possível encontrar qualquer alimento que as atraísse. Afinal, conta um relato, "aconteceu que num dia foram trazidos feijões, sobre os quais o casal lançou-se com avidez... e também posteriormente não aceitaram outra comida".

"Ao que parece, porém, o jejum tinha provocado graves danos ao menino: apesar dos feijões, tornou-se cada vez mais fraco e morreu um mês depois do seu aparecimento. A menina, pelo contrário, cresceu e tornou-se empregada na casa Da Calno. A sua cor verde tornou-se menos evidente e a curiosidade que a circundava foi enfraquecendo. Depois de alguns meses, aprendeu algumas palavras de castelhano e foi-lhe possível fornecer, sobre sua chegada, uma vaga explicação, que porém só conseguiu tornar o mistério mais profundo.

"Ela declarou vir de uma terra sobre a qual não nascia o sol, onde reinava sempre o crepúsculo. "Há um país de luz não longe de nós — disse ela — mas do qual estamos separados por uma corrente de grande largura."

"Como chegara à Terra? "Houve um grande ruído — só disso pôde lembrar — nós fomos tomados no espírito e nos encontramos no campo da ceifa."

"A menina viveu por mais cinco anos e foi enterrada perto do irmão.

"Um estranho conto, na verdade. Tratar-se-á de uma fábula, de uma gozação, de uma lenda guardada ao longo de gerações e gerações?

"Os documentos relativos ao fato que aqui temos exposto existem junto com as declarações juramentadas das testemunhas que viram, tocaram, interrogaram as criaturas, vindas segurando-se pela mão, de uma caverna muito, muito profunda..."

William Butler Yeats, o grande poeta irlandês, prêmio Nobel de literatura, lembra em seus trabalhos uma boa parte das personagens de pesadelo que temos passado em revista, inspirando-se nas lendas mais conhecidas. Em "Catarina" escreve, entre outras coisas: "Ouvi dizer que existe uma criatura parecida com uma ave (pombo, gaivota ou sei lá o quê): quando se bate nela com um pau ou com uma pedra, emite um som como se fosse de cobre". E ainda, numa invocação dirigida aos misteriosos habitantes dos bosques: "Que importa se vocês seguram a cabeça embaixo do braço, se chicoteiam os flancos com suas caudas eqüinas, se usam penas em lugar de cabelos?"

Eis a "ave metálica" que vive na lembrança de quase todas as gentes do globo para representar os desconhecidos veículos cósmicos flamejantes sobre a nossa pré-história, eis os diademas de penas que coroam a cabeça dos dignitários de tantos povos para simbolizar a autoridade, o poder, a origem celeste, todos conceitos ligados ao vôo, nascidos da impressão despertada pela descida de seres extraordinários!

O detalhe da "cauda" não nos deve levar obrigatoriamente a pensar em seres munidos desse atributo, embora possam ser vistos representados nos grafitos do Saara: poderia evidentemente tratar-se da deformação mitológica de um detalhe extremamente banal (do tubo de um tanque portátil, por exemplo, ou de um aparelho para a respiração empurrado para as costas quando não era utilizado); bastará lembrar, neste sentido, que alguns árabes da África setentrional, durante o último conflito mundial, apelidaram os combatentes alemães de "soldados com a cauda", por causa do cabo da pequena pá que traziam, posteriormente, à cintura.

Seria também interessante não ter demasiada pressa em confinar entre as criaturas de fábula aquelas que costumavam carregar "a cabeça embaixo do braço": poderíamos estar lidando com monstros cósmicos, é verdade, mas a explicação poderia também ser muito menos fantástica. Como definiria um primitivo as longas antenas montadas sobre um capacete espacial? Não seria muito improvável que as chamasse de "braços" (e parece ser justamente êste o caso dos *Kappas* japoneses). E se os celtas, ou seus antepassados, se tivessem defrontado com um cosmonauta que carregava o capacete embaixo do braço?

As máquinas voadoras não faltam, certamente, nas lendas irlandesas: não só encontramos o *Roth Fail* e as "cápsulas de prata" como também os "pratos antigravidade" das tradições pré-colombianas. Com aquilo que acabamos de dizer, o quadro das enigmáticas relações entre os antigos irlandeses e os antigos americanos só fica esboçado; não podemos ter a pretensão de completá-lo, mas seria algo imperdoável se não acrescentássemos a figura do mitológico herói da ilha verde, "o típico herói de proporções homéricas – como o define Umberto Eco – válido em qualquer jogo de guerra e de paz, generoso, invencível, protagonista de mil empresas".

Este herói chama-se Cu Chulainn. Mas Kukulkan é o nome do deus branco dos maias, daquele que "veio para ensinar todas as leis e as ciências", representado pelo símbolo da serpente plumada, do "dragão voador"!

E os irlandeses possuem também seu "espaço-porto pré-histórico": é o assim chamado "lajeado dos gigantes", que se estende para o norte, nas vizinhanças de Portrush, uma impressionante extensão de grandes blocos de pedra hexagonais ou pentagonais. De acordo com a ciência, trata-se de um fenômeno de origem vulcânica: os blocos teriam sido resfriados, logo que entraram em contacto com o ar, por um vento impetuoso, extremamente frio, que os teria moldado em forma cilíndrica ou quase esférica; em seguida, ao serem forçados uns contra os outros, teriam os blocos adquirido o aspecto poliédrico que ainda hoje os caracteriza.

Naturalmente há quem tome ao pé da letra a denominação do enorme lajeado, afirmando que foi construído por aqueles gigantes que parecem ter povoado a Terra inúmeros milhares de anos atrás e dos quais a tradição irlandesa conserva vívidas lembranças. Porém os defensores das "teorias espaciais" afirmam que o fenômeno poderia simplesmente ter sido a conseqüência de uma formidável explosão e do subseqüente resfriamento da rocha fundida. A explosão de uma astronave ou, quem sabe, de uma frota inteira? Os mitos, que indicam aquele lugar como teatro de uma apocalíptica batalha de seres parecidos com semideuses, deveriam confirmá-lo; mas, como se trata de lendas provavelmente "importadas" dos celtas e difundidas de uma maneira quase que geral, não nos parece possam ser considerados como dados sugestivos.

Outros estudiosos sustentam, pelo contrário, que não o "lajeado dos gigantes", mas várias planícies da Irlanda e da Islândia apresentam marcas que parecem gravadas pelas chamas de colossais cruzadores cósmicos. E é curioso notar como, seguindo estas informações, chega-se a relacionar – com uma linha ideal traçada através

do Atlântico setentrional — o extremo norte europeu com a América central. Trata-se de uma linha que corresponde à disposição de uma verdadeira cadeia de "portos para o infinito"? Existe quem não duvide disto, que afirme que os abismos submarinos escondem os vestígios de uma "civilização estelar" que chegou a níveis inimagináveis, a civilização que teria marcado com sua presença todo o nosso planeta, impondo-se aos demais invasores vindos do espaço, antes que imensas catástrofes subvertessem o planeta.

Zumbis polares

"Alguém ou "algo" ainda sobrou no extremo norte", acreditam poder afirmar os investigadores do oculto que lá em cima procuraram os restos de fantásticas presenças extraterrestres. E nos falam de estranhos acontecimentos não muito diferentes dos assinalados na Antártida, de alucinantes miragens sempre iguais, que refletem ruínas cobertas de gelos, complexos de atarracados edifícios dos quais nunca ninguém suspeitou a existência no coração da maior das ilhas árticas.

"Nada mesmo significa para vocês — perguntam-nos — o fato de que no século XIII as costas da Groenlândia fossem largamente colonizadas, que nela se tivessem instalado pelo menos 300 grandes núcleos familiares e que deles, de suas casas, de seus trabalhos, nada mais fosse encontrado quando, dois séculos mais tarde, os dinamarqueses voltaram à ilha?"

O fato representa, na realidade, um dos maiores enigmas históricos europeus: falou-se em emigração, em epidemias, em saques, em incursões de esquimós, mas toda hipótese revelou-se destituída de qualquer fundamento: nenhum acontecimento de que temos memória pôde levar ao desaparecimento de 300 pequenas comunidades deslocadas numa vasta área e de tudo quanto elas conseguiram criar.

As "explicações" não faltariam se procurássemos entre as tradições das gentes que moram perto do Mar Glacial Ártico; os esquimós sustentam terem sido deportados de férteis regiões tropicais para as áreas que atualmente ocupam por meio de "grandes aves metálicas", mas entre eles é igualmente difundida outra lenda: a de alguns de seus ascendentes falecidos ou "raptados para o céu", que posteriormente voltaram para os vivos revestidos de faculdades mágicas que antes não possuíam.

É verdade que o mundo está cheio de estórias parecidas: de seres ressuscitados por serem indivíduos prediletos das divindades e que

em seguida tornaram-se objeto de veneração por parte de seus compatriotas. Mas os esquimós não falam com prazer nem com admiração desses seus compatriotas objetos de milagre: pelo contrário, o encaram com profundo terror, afirmando que, quando da volta, "não mais pertenciam à sua gente", não reconheciam parentes nem amigos e agiam como frios e hostis super-homens.

"Eles não mais caçavam o urso, mas com ele se reuniam, falavam com ele e com os demônios", assim conta o folclore do extremo norte-americano; e o culto do urso, a crença de que este plantígrado possui misteriosos poderes capazes de lhe permitir comunicar-se com os "espíritos superiores" é difundida em todo o mundo ártico, desde o americano, ao asiático, ao europeu. Até mesmo os lapões, há tempo convertidos ao cristianismo, a conservam junto ao xamanismo, aos restos de uma antiqüíssima religião solar, que igualmente nos leva de volta a seres vindos do espaço.

O que existe atrás disto tudo? A vaga lembrança de animais e homens mortos, posteriormente escravizados pelos autores desses macabros prodígios? Seríamos quase levados a acreditar nisso escutando certos sinistros contos, pensando no indizível terror que os sirienos sentem em relação aos falecidos; estes fínicos, que vivem em frente da extrema ponta da Península de Kola, não têm certamente o culto dos mortos: queimam tudo quanto pertenceu ao falecido para evitar que, depois de uma eventual ressurreição, este possa instalar-se comodamente entre eles.

Contudo não nos parece o caso de se tomar em séria consideração a hipótese segundo a qual os misteriosos extraterrestres roubariam e manipulariam cadáveres para em seguida pô-los novamente em circulação, como escravos revestidos de uma aparência de vida ou até mesmo para neles se transferir, conforme os mais impressionantes clichês da "ficção científica do horror" (lembram vocês as colônias de inteligentíssimos microrganismos que conseguem construir astronaves apoderando-se de qualquer criatura possuidora de órgãos aptos para o trabalho e que, ao chegar à Terra, freqüentam os mais fornidos necrotérios à procura dos cadáveres menos gastos para poder reativá-los?).

É verdade que um povo, reduzido a seus mínimos termos por um isolamento talvez não completamente voluntário, o dos jucaguiros (que moram na Sibéria, entre os Rios Jana e Kolyma e não passam atualmente de um milhar de indivíduos) ufana-se descender de informes visitadores celestes que, por obra de mágica, transformaram-se em seres humanos. Aceitando a teoria do rapto temporário de animais ou de pessoas, parecer-nos-ia de qualquer ma-

neira mais lógico pensar numa cruel técnica de telecomando usada sobre homens e animais pelos pressupostos invasores. Uma idéia de loucos? Bem ao contrário. Nós também, inserindo um finíssimo elétrodo, do tamanho de um cabelo, numa determinada zona cerebral, somos hoje capazes de transformar pessoas e animais em autômatos de carne: as experiências de Walter Hess, Erich von Holst e José Delgado [29] não pertencem certamente à literatura utópica.

29 - Veja "Sombras sobre as Estrelas", do mesmo A.

CAPÍTULO VII

Fogo Mágico

No TEMPO DAS GRANDES florestas e das grandes pradarias floridas, havia os demônios, que mantinham escravizado o nosso povo e mandavam os jovens morrer entre as pedras e embaixo da terra. Depois veio a ave do trovão, e o nosso povo foi libertado e soube das maravilhosas cidades da ave do trovão, que surgem além dos grandes lagos e dos grandes rios."

Este conto, relatado ao etnógrafo Baker pelo velho sábio de uma das numerosas sociedades secretas que florescem entre os peles-vermelhas canadenses, à sombra das religiões totêmicas, pareceria um compêndio extremamente seco da história daqueles povos: nos "demônios" poderíamos ver os primeiros colonizadores brancos do Canadá, os grandes exploradores dos índios nas obras de construção e mineração; nas "aves do trovão" os retumbantes aviões que marcam o início de uma nova era, de uma época em que os índios deixam de ser escravos, vêem abrir-se o horizonte da civilização e podem conhecer as metrópoles do Sul.

Tudo pareceria claro, portanto; mas na realidade não o é. E isto por várias razões validíssimas. Em primeiro lugar, a tradição está difundida entre os peles-vermelhas do extremo norte, que vivem nos limites com o gelo, onde não existem pradarias nem florestas: ela refere-se, portanto, ao remotíssimo passado em que o atual Canadá setentrional estava recoberto por viçosas florestas.

Em segundo lugar, o conto do sábio possui uma continuação. Ei-la: "Muitos entre nós foram para lá e viram as esplêndidas cidades e seus prodígios, como os grandes ninhos e os homens que voam de encontro à ave do trovão. Depois os demônios voltaram e por toda parte deram-se terríveis destruições. Os poucos entre nós que, tendo ido até lá, conseguiram voltar, disseram que não havia mais vida e que não havia mais cidades. Nos lugares onde há tempo existiam as cidades, nada mais restava além de ruínas".

Pedir maiores explicações ao velho sábio ou aos demais iniciados, é totalmente inútil: eles nada mais sabem do que isso e o que acrescentam é claramente fruto de fantasia, sugerido por elementos religiosos ou remontantes a não mais de um par de séculos atrás.

Nem mesmo sobre a natureza dos "demônios" consegue-se tirar algo de mais preciso: o aspecto com que são descritos varia tanto de um para outro relato, que é impossível firmar qualquer hipótese. Mas os totens que simbolizam a ave do trovão (ou "ave de fogo") são bastante eloqüentes para os estudiosos convencidos das "interferências cósmicas" no passado: eles representariam veículos espaciais, como os próprios atributos do mítico volátil pareceriam confirmar; e na verdade é difícil ver algo diferente numa "ave que voa com o barulho do trovão", levanta-se "com grandes chamas" e pousa "num ninho de chamas".

As referências astronáuticas dos índios canadenses, depois, não seriam só essas; como os antigos egípcios entregavam à eternidade seus soberanos nos "navios solares", assim muitas tribos do Setentrião americano sepultam seus mortos em "pirogas-tumbas"; e estas últimas não se destinam unicamente a varar os céus de maneira simbólica: seus construtores as depõem sobre altos suportes, exatamente como faríamos nós se quiséssemos esculpir um avião representando-o em vôo.

Ademais, as máscaras ovais de madeira decoradas com penas, que os chefes dos índios nootka põem na cabeça como coroa, parecem associar os significados próprios dos diademas de penas e das pressupostas imitações de capacetes espaciais. Sobre certas capas de peles, outras penas desenham as asas e nos lembram os riquíssimos mantos de plumas da América centro-meridional, aquele simbolismo evidentíssimo que ainda vive entre os peles-vermelhas do Novo México, embora se tenha deformada ou mesmo perdida a lembrança do que o tem inspirado: os apaches vestem, para sua afamada "dança da águia branca", um costume que reproduz com perfeição a cabeça, a cauda e as asas de um lendário volátil.

O reino da morte

Vamos voltar à tradição canadense. Notando que à "ave de fogo" estão associadas, em quase todos os mitos americanos, figuras de "homens brancos", chegamos a nos perguntar: o que poderia estar escondendo a referência às terríveis destruições que se deram ao sul da atual região canadense? Não o "dilúvio universal" a que se atribui o desaparecimento da Atlântida, que sem dúvida deu-se em época muito posterior. Talvez um conflito parecido com aquele de que nos falam as antigas crônicas indianas e chinesas, uma guerra espantosa entre seres humanos ou de forma humanóide (justamente os "brancos" da "ave de fogo") e as inimagináveis criaturas lembradas como demônios?

Dar uma resposta é impossível; sabemos somente que algo apocalíptico deve ter subvertido o território atualmente ocupado pelos Estados Unidos: "Este país – revelam os maias sem perífrases – é o reino da morte. Somente migram para lá as almas que nunca vão reencarnar-se... no entanto foi habitado, muito tempo atrás, pela raça dos homens antigos."

Por outro lado, só um grande desastre pode explicar o desaparecimento de várias civilizações em evolução, presentes numa época afastadíssima na América setentrional. Há um milhão de anos, no Canyon de Santa Maria, entre os Montes Bronco, viviam trogloditas que já tinham aprendido a fabricar armas de pedra, criar gado, enterrar seus mortos em cestos de juta. Que fim levaram? E para onde foram os construtores dos afamados *mounds*, aqueles gigantescos túmulos espalhados no Wisconsin, no Illinois, em alguns vales do Ohio e do Mississípi?

Alguns estudiosos afirmam que os *mounds* são tumbas ou santuários, outros pensam em obras de defesa, mas na realidade ignoramos tudo sobre estas esquisitas construções, às vezes isoladas, às vezes reunidas em enigmáticos complexos, freqüentemente reproduzindo formas animais, entre as quais acredita-se poder reconhecer perfis de reptis e até mesmo perfis humanóides. Nos arredores imediatos foram encontrados blocos de pedra esquadrados que poderiam ser altares, lâminas de obsidiana, objetos de terracota, cachimbos, utensílios e pontas de armas de bronze, fragmentos ósseos de cuja análise resultaria que os construtores de colinas artificiais não pertencem à raça vermelha, mas à branca ou, pelo menos, a uma muito parecida com esta.

"Existem achados – assinala J. Montez, um apaixonado de paleontologia e de arqueologia – que permitem pressupor que os criadores dos *mounds* tenham mantido relações com os representantes das antigas civilizações do Sul; juntos com estes, porém, outros apetrechos de um primitivismo desconcertante levam a pensar em trogliditas animados por uma fraquíssima chama de inteligência; e outros ainda, os de bronze, parecem testemunhar da existência de uma cultura completamente estranha quer à idade da pedra, quer ao período arcaico da América central e meridional."

Considerando que os vários achados foram trazidos à luz em sua grande maioria misturados entre si, não podemos pensar que grupos humanos de origem diferente tenham acampado em épocas diferentes junto aos túmulos: parece portanto muito mais lógica a hipótese segundo a qual instalaram-se junto aos *mounds* comunidades em uma época suficientemente adiantadas para manter relações com terras afastadas e em seguida isoladas e obrigadas ao uso de instrumentos toscos para poder sobreviver. Se nos salvássemos de

um naufrágio, alcançando uma ilha desabitada com algumas coisas recolhidas às pressas antes de abandonar o navio, não poderíamos, talvez, encontrar-nos com um despertador último modelo, um barbeador, um pente obtido com uma espinha de peixe e uma tigela escavada com paciência numa grande pedra?

Restos que aparentam ser de ossos eqüinos foram também encontrados não longe de uma colina artificial do Illinois. Nada de extraordinário, pois já sabemos que o cavalo é de origem norte-americana. Lembramos, contudo, que ele foi reintroduzido na América a partir do "velho mundo". Por que razão desapareceu do outro lado do oceano? Talvez como conseqüência do mesmo desastre que subverteu o território dos Estados Unidos, empurrou novamente para a barbárie e condenou à extinção seus antigos habitantes?

Mas, antes de mais nada, realmente deu-se esta orgia de destruição? Existem geólogos que afirmam que vastíssimas áreas desérticas, cujo aspecto é extremamente esquisito, não devem esse seu aspecto a fenômenos naturais. E as misteriosas ruínas sem idade espalhadas desde a Califórnia meridional até o Colorado apresentam marcas que não poderiam ter sido impressas por um cataclismo qualquer, mas somente por uma arma de potência incomparável.

"Em toda a região compreendida entre os Rios Gila e San Juan — escreve um companheiro do aventureiro William Walker [30] — encontram-se abundantes ruínas. Vêem-se os restos de cidades, que devem ter sido vastíssimas, queimados e vitrificados, blocos fundidos, voragens escavadas por um fogo seguramente capaz de liquefazer qualquer pedra, qualquer metal. Existem blocos de ruas e de casas ainda bem visíveis, rasgados por gretas monstruosas, de tal forma que parecem ter sido atingidos, às vezes, pelo jacto flamejante de um gigante."

Festival galáctico

Partindo destas alucinantes ruínas, vamos seguir, através dos grandes desertos, em direção noroeste: a nossa caminhada vai terminar aos pés do Monte Shasta, que segundo alguns escritores, seria até mesmo povoado por extraterrestres [31]. Um astrônomo, o Professor Edgar Lucin Larkin, declara ter observado, sobre o majestoso cone vulcânico, uma grande cúpula dourada, rodeada por curiosos edifícios e uma tradição local (conhecida também no Mé-

30 - A descrição de W. Walker encontra-se em "Antes dos Tempos Conhecidos", do mesmo A.

31 - Veja "Sombras sobre as Estrelas", do mesmo A.

xico) fala de uma galeria que, escavada sob o flanco oriental da montanha, levaria a uma cidade subterrânea.

Será que os "filhos da ave trovejante" estabeleceram naquele lugar uma de suas últimas bases secretas? Existe quem está disposto a jurá-lo, acrescentando que viu inexplicáveis luzes brilharem sobre a montanha e estranhos seres perambular em seus arredores.

Por outro lado, desde o nórdico Shasta até os confins mexicanos, assinalam-se alucinantes aparições: criaturas "recobertas por uma espécie de aderente couraça metálica" circulam nas vizinhanças do Lago Tahoe, pequenos globos luminosos voam, sem nada queimar, entre o Parque Nacional Sequóia e o limite ocidental do Vale da Morte, sombras aparentemente não projetadas por qualquer objeto (as famosas "sombras voadoras") são vistas nas margens do deserto de Mojave.

"Misteriosas ruínas — escreve Serge Hutin — são encontradas em toda a Califórnia e nas regiões vizinhas (Óregon, Arizona, etc.). Ao largo da praia de Santa Bárbara podem ser vistos, nas ilhas, os restos de fortificações levantadas por uma raça desaparecida, a dos índios Chumash, possuidores de profundos conhecimentos técnicos e científicos..." E também entre estas ruínas dão-se fenômenos dos quais o povo fala, em geral, um pouco a contragosto. Diz-se, por exemplo, que, sempre no deserto de Mojave, existem várias áreas circulares ou poligonais recobertas por uma substância duríssima, parecida com vidro opaco; parando nestas áreas, somos tomados como que por uma inexplicável sensação de angústia e de mal-estar geral... como se aquele "piso" escondesse algo que não tolera a presença de seres humanos.

Quanto à costa, o que significam aquelas chamas coloridas que brilham às vezes sobre o mar, ao largo das ilhas meridionais? O que existe de acreditável nos contos que consideram alguns desses fenômenos luminosos praticamente idênticos aos que se dão no Japão?

Na noite que, segundo o antigo calendário lunar, vai de 31 de julho a 1.º de agosto, e mais próximo da alvorada, um fenômeno bastante estranho verifica-se diante de Kumamoto (ao leste de Nagasaki, na Ilha de Kiushu): inúmeras luzes de cor alaranjada aparecem sobre as águas, oferecendo um espetáculo sugestivo e, como poucos outros, perturbador. Todas as hipóteses formuladas até hoje para explicá-las revelaram-se insustentáveis. De fato não pode tratar-se de luzes de barcos de pesca, pois a "luminária" aparece também quando não há barcos no mar; nem podemos falar num qualquer fenômeno natural visto que, há um milhar de anos, o fenômeno vem se repetindo, independentemente das condições atmosféricas, com surpreendente regularidade.

Os estudiosos das manifestações extraterrestres que se dariam sobre o nosso globo afirmam que o *shiranui* (o "fogo desconhecido") pode ser explicado de uma única maneira: uma estirpe cósmica quis, desta forma inexplicável, celebrar através dos séculos a sua chegada ao nosso planeta.

Na realidade Kyushu parece conservar numerosas "marcas estelares": "Tumbas — escreve o diário "Japan Times" — enfeitadas com estranhos "sinais" circulares que não se encontram em nenhum outro lugar e não podem ser comparados com qualquer outro desenho. Parece tratar-se de discos... e as brilhantes cores com que foram pintados dir-se-iam as mesmas do "fogo desconhecido"... Acrescente-se a isto a característica louça Jomon, cujas figuras estranhamente "modernas" são consideradas por muitas representações de antigos astronautas... [32]. Existe, também, a enigmática língua pré-Ainu, cujos vocábulos relativos à natureza foram, segundo alguns, introduzidos por visitadores cósmicos".

As lendas que parecem apoiar estas teorias são abundantes e parece significativo notar como algumas delas, encontradas nos arredores da Baía de Yatsushiro (ao sul-oeste de Kumamoto), apresentam muitos pontos em comum com as tradições próprias da ilha situada do outro lado do arquipélago nipônico, a nórdica Hokkaido, onde se fala em viajantes "vindos do céu em luminosos navios" e que ensinaram muitas coisas úteis aos indígenas.

No império do Sol Nascente encontramos sinais desses seres em muitos lugares: num desenho de idade desconhecida, por exemplo, vemos sete figuras que, segurando-se pelas mãos, parecem dançar diante de uma espiral [33]; noutro vemos uma curiosa silhueta de cuja cabeça parece levantar-se um sistema de antenas, perto de algo que diríamos um fuso e de uma indefinível construção (um foguete numa rampa de lançamento, asseguram os mais audazes pesquisadores), com sete discos que se destacam num fundo preto.

Numa época relativamente próxima de nós, um importante capítulo da história japonesa parece apresentar novamente estranhas ressonâncias cósmicas: é o capítulo relativo ao "Grão Kamu" (o conquistador manchu que depois tomou o nome de Jimmu Tenno) que, no VI.º século, invadiu as ilhas japonesas e obrigou os "bárbaros" Ainu, os brancos barbudos, de olhos azuis, que moravam

---

32 - Veja também notícias relativas às roupas Jomon na pág. 53.

33 - Este símbolo, gravado nas pedras desde a mais remota antiguidade, encontra-se espalhado no mundo inteiro como representação da Criação e, portanto, do Universo (Veja "Antes dos Tempos Conhecidos"). Nesta representação o Universo é simbolizado pela sua expressão cósmica mais comum, isto é, a galáxia em forma de espiral. É óbvio que para chegar a este ponto são necessários conhecimentos astronômicos de nível bem elevado, que nossos antepassados não possuíam, pelo menos de acordo com as atuais teorias científicas. Por esta razão, alguns afirmam que o símbolo deve ter chegado "de fora" e que nossos antepassados o adotaram para representar quer o infinito quer os astronautas extraterrestres.

naquelas ilhas, a se retirar até o extremo norte. O "Grão Kamu", conforme contam as lendas, foi guiado pelo cintilante "Corvo do Sol", enviado em sua ajuda pela divina tataravó Amaterasu [34]. Note-se que os últimos ainus, que vivem na Ilha de Sakhalin, reduzidos atualmente a um nível realmente primitivo, adoram o urso [35], (exatamente como grande parte dos povos siberianos e árticos) e a serpente que uma lenda diz, explicitamente, "vinda das estrelas". Estaríamos, talvez, diante do último conflito entre "aves de fogo" e "serpentes celestes"? A hipótese não parece fundamentada: de maneira muito mais provável, a lembrança de fabulosos acontecimentos, muito mais remotos, deve ter-se misturado com os tumultuosos fatos do VI.º século.

Voltando ao "shiranui", temos a acrescentar que o fenômeno se manifesta também nas águas de Oshima, ao sul de Tóquio, e anotar aquela que, sem dúvida, pode ser uma coincidência, mas uma coincidência impressionante: o aparecer das "chamas mágicas" é freqüentemente acompanhado pelo aparecimento – documentado por inegáveis fotografias – de objetos voadores não identificados.

"O "fogo desconhecido" – escreve a propósito "Brothers", uma revista japonesa – poderia originar-se de irradiações magnéticas vindas do espaço e de uma desconhecida "essência de base" que exista na zona e que tornaria visíveis estas irradiações. Este "fogo" forma um círculo ao redor da Ilha de Oshima e, quando isso acontece, observam-se OVNI dirigindo-se para as antigas sepulturas e para o centro da área sede do fenômeno. Considerando-se a rota dos OVNI e a cor que apresentam, dir-se-ia que o fogo é completamente controlado por eles... as sepulturas de que falamos trazem o "símbolo solar" e em seus arredores ainda podem ser vistas as ruínas do lendário "reino do Sol"..."

Canhões invisíveis

No verão de 1965, os tripulantes de um navio mercante japonês, que navegava a leste da Ilha de Sakhalin, ouviram, por quase todo

---

34 - Jimmu Temnö, de acordo com as fontes japonesas oficiais, foi o primeiro imperador *terrestre;* todos seus predecessores foram imperadores divinos, que não reinaram sobre a Terra. O *Kojiki* (Livro das Coisas Antigas) conta que, após ter sido guiado pelo corvo celeste até Kashiwabara, naquela cidade construiu seu palácio real e subiu ao trono em 11 de fevereiro de 660 *antes de Cristo,* data que marca o início da cronologia oficial. (N. do T.).

35 - Os ainus chamam o urso sacrificado com finalidade religiosa "quinukara-guru", que significa "profeta" ou "guardião". Com o mesmo nome indicam a estrela polar, na constelação da Ursa Menor. Portanto, desde pelo menos o neolítico, as civilizações mediterrâneas e os ainus de origem indo-ariana (?), relacionaram aquela constelação com o urso, fato bastante curioso! Outra curiosidade: o estudo cuidadoso dos restos fósseis das sepulturas neolíticas permitiu estabelecer que os reponsáveis pela "civilização Jomon" correspondiam fisicamente aos atuais ainus (N. do T.).

o trecho final de sua viagem, uma série de estrondos de origem misteriosa. Pensaram, de início, em manobras realizadas por unidades soviéticas pouco afastadas de seu navio mas, percebendo em seguida que navio algum singrava o mar na direção donde vinham os estampidos, acharam que algum avião de último modelo, ao superar a barreira do som, devia ser o responsável por aquele estrondo, parecido, justamente, com o provocado pelos jactos.

Um par de meses depois, após ter novamente ouvido estampidos análogos ao navegar entre a costa ocidental da Ilha de Hokkaido e a costa oriental da Sibéria, o comandante do navio mercante, cheio de curiosidade, pediu confirmação de sua hipótese a um amigo da marinha soviética, um oficial de Vladivostok.

"Não", respondeu-lhe o oficial. "Na realidade não se trata de aviões, nem de bombas. E não pense que respondo assim para encobrir algum segredo militar." Os dois estavam de folga e aproveitaram para dar um pulo até às margens do Lago Khanka, nos confins com a China: naquele lugar, o comandante japonês teve a oportunidade de ouvir, várias vezes num dia, estampidos que muito lhe lembravam aqueles que já ouvira. O amigo explicou-lhe que o fenômeno era bastante comum e acrescentou: "Não temos a menor idéia de sua origem. Sem dúvida não pode ser explicado pela passagem de aviões... a não ser que se trate de discos voadores".

Talvez o oficial soviético tenha falado por gracejo, mas quando a sua declaração chegou aos ouvidos dos apaixonados, houve quem a recebesse como uma "chave", procurada por muito tempo: de fato não é desde hoje – nem desde a época dos jactos – que os misteriosos estampidos deixam os cientistas sem palavras. Até mesmo o Ministério da Defesa britânico pensou em abrir um inquérito, desistindo em seguida por estar convencido de que não se teria chegado a resultado algum. "Trata-se provavelmente de um fenômeno natural", declarou um cientista. "Mas é dificílimo estabelecer se deve ser localizado no ar, em terra ou no mar."

Agora, como dissemos, existe quem está convencido de ter achado a explicação, e a mais lógica, também: a súbita passagem dos enigmáticos veículos cósmicos de uma velocidade moderada a uma outra excepcional, passagem esta que determinaria fenômenos acústicos parecidos com aqueles provocados ao superar a barreira do som. E isto deveria acontecer com freqüência perto das regiões onde se diz que os OVNI ainda hoje possuem suas bases secretas. Trata-se evidentemente de uma dedução arbitrária: não podemos contudo silenciar sobre o fato de que, realmente, os estampidos são ouvidos regularmente nos arredores das áreas consideradas, há tempo, sedes de acontecimentos, de uma maneira ou de outra, inexplicáveis.

O fenômeno é cientificamente conhecido pelo nome de "canhões invisíveis" ou "canhões de Barisal", do nome de uma aldeia ao oeste da desembocadura principal do Ganges, cerca de 70 milhas ao sul de Daca: de fato, o fenômeno foi descrito pela primeira vez por alguns viajantes ingleses que atravessavam os Sundarbands (ou Sunderbands), aquela enorme extensão de pântanos e lagoas, entre os quais o sagrado rio dos hindus encontra, com inúmeras ramificações, seu caminho para o mar.

Falaram difusamente do fenômeno os coronéis Godwin-Austen (que, na primavera de 1865, ouviu os estampidos também no Butão, nos flancos meridionais do Himalaia) e H. S. Olcott (1895: Barisal e Chilmari, às margens do Bramaputra), mas a relação mais conhecida continua sendo a do explorador G. B. Scott:

"Ouvi, pela primeira vez, os "canhões de Barisal" em dezembro de 1871, quando viajava de Calcutá para o Assam, através dos Sundarbands. O tempo estava calmo e sereno, sem sinal algum de perturbação. Durante o dia, os costumeiros ruídos da lancha impediam que se escutassem outros sons. Mas durante a noite, atracados num ou noutro dos estreitos canais dos arredores de Barisal, Morelgunge, ou mesmo além, longe de aldeias ou moradas, circundados em toda parte por milhas e milhas de planície hervosa, em lugares onde os únicos ruídos eram o dos torrões que caíam na água ao longo das margens e o doce e preguiçoso bater das ondas no casco, ouvia-se com intervalos regulares um surdo e abafado estampido, parecido com o dos canhões. Às vezes era um só tiro, às vezes dois, três ou mais, seguidos; nunca perto, sempre afastados, mas nunca pareciam chegar da mesma distância."

Embora não tenha sido feita uma lista de todas as localidades onde o fenômeno se manifesta, sabemos que ele é bastante freqüente em muitas regiões inglesas e escocesas, irlandesas e islandesas, ao largo das costas belgas, em numerosos lugares da Sibéria e dos Estados Unidos (de maneira especial no Montana, sobre as Montanhas Rochosas e sobre as Colinas Negras do Wyoming e do Dakota) e no Haiti, onde desperta um supersticioso terror.

Na Austrália, os "canhões invisíveis" foram ouvidos pela primeira vez por Charles Sturt, durante a longa viagem que, entre 1828 e 1829, o levou a descobrir os Rios Darlinge e Murray. "Não era um som terrestre — anotou ele — embora se parecesse com uma descarga de artilharia pesada." E outra descrição, sem dúvida capaz de fortalecer a convicção dos nossos amigos defensores da "teoria espacial", foi fornecida em 1908 por H. L. Richardson, de Hillsprings, perto de Carnarvon, na Austrália Ocidental: "Ouvi três explosões no ar, a uma grande altura, seguidas por um ruído

parecido com o silvo produzido por um escape de vapor, que durou alguns segundos..."

Contam que alguns grupos de peles-vermelhas, que moram nas regiões sul-oeste dos Estados Unidos, ainda hoje falam na ave trovejante quando escutam outros estrondos (estes, facilmente explicáveis, sendo devidos à queda de grandes pedras em profundos abismos). O que eles diriam ouvindo os "canhões de Barisal"? Seria interessante sabê-lo.

CAPÍTULO VIII

Os Senhores dos Abismos

"AS "COISAS" TINHAM VINDO desde o espaço cósmico à Terra nascente e ainda sem qualquer forma de vida; depois delas, deu-se a chegada de muitas outras entidades estranhas, daquelas que por vezes se entregam ao pioneirismo espacial... viveram por longo tempo no fundo dos mares, onde construíram fantásticas cidades e combateram indescritíveis adversários por meio de complicados engenhos que utilizavam princípios energéticos desconhecidos. É evidente que seus conhecimentos científicos e mecânicos estavam muito mais adiantados dos da humanidade de hoje... a sobrenatural robustez orgânica e a simplicidade de suas necessidades naturais lhes permitiam viver em níveis elevados sem o auxílio de objetos produzidos artificialmente e até mesmo sem roupas, exceto uma ou outra ocasional proteção contra os elementos."

Estamos ainda citando Lovecraft que, em sua alucinada reconstrução fantástica, assim continua:

"Foi dentro do mar que elas criaram as primeiras formas de vida terrestre, usando de substâncias preexistentes e aplicando métodos já experimentados antes, inicialmente para conseguir alimentos, depois com outras finalidades. As experiências mais trabalhosas seguiram-se ao aniquilamento de numerosos inimigos cósmicos. A mesma coisa também tinham conseguido, em outros planetas, produzindo não só alimentos como também massas protoplasmáticas capazes de modificar seus tecidos sob a influência hipnótica para formar membros temporários, criando assim escravos ideais para os serviços pesados da comunidade. Essas massas protoplasmáticas eram sem dúvida os *Shoggoth* sobre os quais, em seu espantoso Necronomicon, Abdul Alhazred só teve a coragem de segredar alguma coisa, embora também este árabe louco nunca tivesse relatado que eles também existiram na Terra...

"Com a ajuda dos *Shoggoth,* que, com suas capacidades de modificar-se, tornaram-se aptos para levantar enormes pesos, as pequenas e baixas cidades submarinas cresceram, transformando-se em vastos e imponentes labirintos de pedra... Poderíamos escrever volumes sobre a vida dos Seres Antigos, quer sobre o período em

que viveram no mar, quer sobre aquele em que uma parte deles fixou-se na terra firme... sua resistência tinha algo de incrível; nem mesmo as terríveis pressões dos maiores abismos marinhos conseguiam importuná-los...

"Mas outra raça, de seres com aspecto de polvo e provavelmente correspondente à fabulosa estirpe pré-humana dos Cthulhu, começou a chegar da infinidade cósmica e deu início a uma guerra monstruosa que, por algum tempo, empurrou novamente para o mar todos os Seres Antigos... e estes últimos tiveram depois de enfrentar novas dificuldades sob a forma de uma nova invasão do espaço, desta vez realizada por criaturas em parte cogumelos e em parte crustáceos, provavelmente as mesmas das quais existe alguma referência em alguma misteriosa lenda do Norte, lembradas na região do Himalaia como os Mi-Go..."

Um Reich embaixo d'água

Criaturas que vieram das estrelas e foram se esconder nas profundezas oceânicas do nosso planeta? Poderíamos trazer numerosos elementos mitológicos para apoiar esta arrojadíssima hipótese; admitindo-se, porém, que realmente se possa falar em "apoio", pois neste ponto, mais do que em qualquer outro, realidade e fantasia fundem-se de tal maneira a se tornarem indivisíveis e sem dúvida é a segunda que predomina e deforma de maneira irremediável a primeira.

Segundo alguns "detetives do oculto", existiriam verdadeiros espaços-portos submarinos que receberiam astronaves anfíbias; existe até quem nos ofereça a propósito um detalhado mapa: o Sr. René Fouéré quem afirma que as principais bases terrestres dos discos voadores se encontram entre a Sicília e Malta, no Mar Vermelho, no Golfo Pérsico, ao largo das Ilhas Bermudas e em outros lugares cujos nomes, nessa altura, não nos parece interessante relatar.

A idéia de aparelhos voadores que possam mergulhar, navegar embaixo d'água e depois novamente emergir, ganhando o céu, não é de maneira alguma absurda, aliás os próprios Estados Unidos decidiram projetar um avião deste tipo, porém depois decidiram abandonar o projeto por julgar tal avião absolutamente inútil. De opinião bem diferente seriam – é óbvio – exploradores cósmicos acostumados a uma vida submarina em seu planeta de origem ou que quisessem encontrar esconderijos inacessíveis nos planetas que decidiram explorar.

Estamos, fique claro, falando em termos de mera e gratuita teoria. Mas, embora não desejemos abandonar-nos a fantásticas especula-

ções, temos de admitir que nos nossos mares acontece algo que foge a qualquer tentativa de pesquisa. E entre estes fatos, temos a destacar, de saída, os aparecimentos de misteriosos "submarinos" que se dão com uma freqüência inquietadora. As notícias a respeito freqüentemente nos escapam, pois a imprensa, de maneira geral, não lhes dá destaque mas os serviços de contra-espionagem das grandes potências possuem, sobre estes aparecimentos, grandes dossiês, muitos dos quais encimados por um ponto de interrogação que não poderá ser facilmente apagado.

Dizem que depois de ter solucionado a crise cubana, Estados Unidos e União Soviética teriam chegado a um acordo secreto, renunciando bilateralmente às "missões especiais" executadas por meios submarinos que eram enviados para operar nas águas territoriais de um ou outro país. A notícia parece ser verdadeira, não só pela reconhecida necessidade de se pôr fim à "guerra fria" mas também porque missões como estas não trazem grandes vantagens numa época como a nossa, que dispõe de reconhecedores-robôs e de satélites para sua espionagem. Bem, só alguns meses depois de assinado o acordo, ter-se-ia dado entre Washington e Moscou uma animada troca de notas de protesto por violação do pacto, e o problema teria sido resolvido com a autorização bilateral de destruir, com qualquer meio, qualquer submarino de nacionalidade desconhecida que fosse encontrado em águas territorias americanas ou soviéticas.

Um convite dessa natureza já tinha sido feito pelo premier Kruchov às autoridades argentinas, numa situação parecida. Estas, com a esperança de vê-lo emergir, ameaçaram bombardear um misterioso submarino que ficava, imperturbável, nas águas do Golfo Nuevo (uma verdadeira armadilha, fechado como está pela ponta meridional da Península Valdés e pela Ponta Ninfas). "Que bombardeiem, se quiserem!", disse o premier soviético. "Só vão matar peixes!." O engenho tinha sido localizado com precisão em 30 de janeiro de 1960 e o golfo bloqueado de tal maneira que nenhum meio, por pequeno que fosse, dele poderia ter saído. Não tendo recebido resposta a seus apelos, os argentinos começaram a lançar bombas de profundidade. Nada veio à tona; pelo contrário, espalhou-se a voz de que mais dois submarinos tinham-se reunido ao primeiro; alguém ouviu explosões surdas embaixo das ondas, viu escuras silhuetas (pensou-se em homens-rãs) moverem-se entre as quilhas dos navios de guerra. Depois, de improviso, enquanto ia sendo aprontado um segundo bombardeio maciço, os aparelhos de sonar revelaram que nenhum objeto desconhecido se encontrava sobre o fundo do Golfo Nuevo.

Em 1960 deu-se uma impressionante seqüência de "submarinos não identificados" nas águas do mundo inteiro. Em 14 de fevereiro, um engenho que se deslocava com incrível rapidez deixou loucos os americanos no Mar dos Caraíbas; no dia seguinte, no Mediterrâneo, toneladas de bombas de profundidade explodiram em vão ao redor do hiate do presidente egípcio Nasser; em 5 de março um "objeto metálico talvez articulado" (embora mais tarde se tenha dito que era um cetáceo) manobrou ao largo de Seattle. Em meados de maio repetiu-se, nas vizinhanças de Sydney, o episódio do Golfo Nuevo: imóvel a cerca de 150 metros de profundidade, um misterioso submarino deixou-se tranqüilamente localizar por vários dias para, em seguida, desaparecer de improviso. E no dia 25 do mesmo mês numerosas unidades da marinha americana tentaram identificar um objeto desconhecido escondido a grande profundidade ao largo da Flórida; a propósito, um porta-voz da marinha americana, insistentemente perguntado a respeito, declarou que "não se tratava de algum meio subaquático" mas respondia de maneira evasiva a quem lhe perguntava se, então, podia-se falar em animal. No porto de Nova York o petroleiro "Alkaid", colidiu, em julho, com um "desconhecido objeto semi-submerso", resultando do choque um enorme rombo. E em setembro os misteriosos submarinos foram vistos ao longo das costas americanas do Pacífico e do Atlântico, perto das Filipinas, no Ártico, enquanto em outubro e novembro apareceram ao largo do Havaí, de Baía Blanca e da Terra do Fogo.

Citamos o ano de 1960 porque nesse período os aparecimentos foram freqüentíssimos mas não devemos acreditar que os anteriores ou os posteriores tenham sido sem importância. Nas crônicas de 1965, por exemplo, embora limitando nosso interesse exclusivamente à Oceânia, encontramos toda uma série de acontecimentos inexplicáveis.

Em 12 de janeiro — relata o periódico neo-zelandês "Space-view" — o Capitão K. piloto de linha, realizou um vôo de prova desde Whenuapaj, o aeroporto de Auckland, até Kaitaia. Ele seguiu a costa ocidental, mantendo-se em vôo baixo, e, chegado à altura de Porto Kaipara (ao norte de Helensville) viu algo que de saída lhe pareceu uma baleia. Desceu um pouco mais e percebeu que não se tratava de um animal mas, como escreve textualmente a revista, "de uma estrutura metálica caracterizada pelos seguintes detalhes: 1 — apresentava uma linha perfeitamente apta para a navegação, completamente simétrica; 2 — não apresentava superfícies externas de controle nem qualquer saliência; 3 — parecia sem dúvida metálica e, em cima, quase no meio de seu comprimento, algumas linhas sugeriam a presença de uma portinhola; 4 — estava apoiada no fundo do estuário e a sua forma deixava supor que a

proa estivesse dirigida para o sul; 5 — a silhueta não era a de um submarino comum; 6 — o Capitão K. avaliou seu comprimento em cerca de 30 metros e sua largura em 4 metros e meio, na parte mais larga; 7 — o objeto estava mergulhado em não mais de 9 metros de água, sendo portanto bem visível".

Em 11 de abril de 1955, dois homens achavam-se nos recifes de Wonthaggi, ao suleste de Melbourne, para inspecionar os restos de um navio pesqueiro, quando viram emergir, a cerca de 800 metros da praia, dois estranhos objetos metálicos. "Ficamos olhando-os por cerca de quinze minutos — afirma um dos dois, o Sr. R. Banks — e os vimos depois afastarem-se entre si, para ganhar o mar aberto e desaparecer. Concluímos que devia tratar-se de dois submarinos dos quais somente tínhamos visto as torres." Os competentes órgãos da marinha australiana, logo que receberam comunicação do fato, mandaram abrir um inquérito: resultou que submarino algum estava navegando naquela área e que, de qualquer maneira, os objetos descritos não correspondiam de maneira alguma a torres ou outras partes de unidades subaquáticas.

Entre 15 e 19 de abril três curiosíssimos engenhos foram vistos a nordeste de Brisbane e em 5 de julho um piloto de avião, C. Adams, e um operador de televisão, L. Hendy, sobrevoaram, nos arredores da Ilha Fraser (ao norte de Brisbane), uma flotilha de cinco objetos fusiformes, igualmente desconhecidos para os peritos. Em 13 de novembro dois pescadores de Bluff (o porto de Invercargill, na Nova Zelândia meridional) defrontaram-se com um espetáculo impressionante: a menos de dez metros deles levantavam-se um cone e um cubo escuros que evidentemente faziam parte da estrutura superior de um meio submarino de tipo desconhecido. As "coisas" permaneceram visíveis por uma dezena de segundos, depois desapareceram, levantando um enorme jacto de água.

O fenômeno lembra um pouco os que se verificaram em 5 de agosto de 1958 no Adriático, perto de Brioni, e em 21 de abril de 1959 ao largo de Cuxhaven, na Alemanha: grandes colunas de água subiram ao céu, como por efeito de um bombardeio. De fato os alemães pensaram num exercício naval da NATO e protestaram vivamente por não terem sido informados. Sua suposição porém revelou-se sem base: quer no caso de Cuxhaven, quer no de Brioni, além do mais, não tinha sido ouvida qualquer explosão. Levantada e logo afastada a hipótese de um fenômeno natural, os dois episódios permanecem recobertos pelo mistério.

Os "aventureiros dos verdes abismos" seriam responsáveis por outros enigmáticos acontecimentos? Existe quem, entre outras coisas, lhes atribua a responsabilidade do corte dos cabos telegráficos e radiofônicos submarinos que unem os Estados Unidos à

Inglaterra, fato que aconteceu em 21 de fevereiro de 1959 ao largo de Terra Nova, e quem os considere até mesmo responsáveis pelo afundamento do submarino atômico "Tresheh", que desapareceu, como sabemos, no Atlântico em 10 de abril de 1963. Se perguntarmos aos defensores desta hipótese por que teria sido realizada tamanha ação criminosa, eles nos responderiam repetindo as declarações de Robert Charroux:

"Entre os projetos dos "Cavaleiros de Poseidon" *(uma sociedade secreta neonazista que reuniria cerca de 15 mil homens)*, haveria o projeto da fundação de uma verdadeira cidade submarina, praticamente invulnerável, a partir da qual eles poderiam realizar incursões e controlar vastíssimas áreas marinhas. Se porventura eles conseguissem afundar um submarino atômico russo, americano ou francês, — coisa que não está excluída de seus programas — eles disporiam de uma central capaz de alimentar toda sua cidade por um período de tempo praticamente ilimitado (5 mil anos)".

Não poderia uma idéia como esta ter sido realizada antes, por outros que não os fanáticos fautores do "Reich aquático"? — perguntam-se aqueles que seguem os aparecimentos dos misteriosos engenhos em todos os mares do globo. E alguém chega a fantasiar metrópoles subaquáticas, onde uma raça monstruosa se prepararia para dominar a Terra, após ter capturado quem sabe quantos seres humanos, tê-los submetido às mais horríveis experiências, tê-los, talvez, transformado em escravos destinados a nunca mais ver a luz do sol.

"Vamos pensar nos insolúveis enigmas da "Mary Celeste", do "Bluebird", das dezenas e dezenas de navios que foram encontrados sem ninguém a bordo em condições que fazem o sangue gelar nas veias — afirma um escritor, seguindo as pegadas de um seu colega, A. Iribarren — e nos convenceremos de que estas teorias não são simplesmente fruto da fantasia."

Pesadelos flutuantes

Em 4 de dezembro de 1872, o Capitão Moorhouse, do navio inglês "Dei Gratia", teve, ao leste dos Açores, um estranho encontro: tratava-se do brigue americano "Mary Celeste", que partira de Nova York pouco antes dele, para levar até Gênova um carregamento de óleos e álcool. E o encontrou sem vivalma a bordo, se excluirmos um gato que dormia tranqüilamente.

O caso impressionou bastante a opinião pública, principalmente porque nada, absolutamente nada, permitia levantar qualquer

hipótese aceitável sobre o destino da tripulação e de sua única passageira, a Sra. Mary Briggs, esposa do capitão. Parecia que ela fora embora completamente ataviada, enquanto o marido e muitos outros marinheiros tinham deixado em seus alojamentos parte das roupas e os sapatos.

Todas as hipóteses caíam logo ao ser levantadas. Um assalto de piratas? Impossível, pois o "Mary Celeste" não fora depredado. Uma epidemia que tivesse induzido os homens, enlouquecidos, a se jogar ao mar? Não, pois a bordo tudo estava em perfeita ordem nem havia sinais que sugerissem a presença de doenças. Um incêndio, uma tempestade, uma chacina realizada por alguém que teria sido de súbito presa da loucura? Todas estas explicações revelaram-se absurdas, pois nada foi encontrado que pudesse apoiá-las. E então, como acabaram os quatorze marinheiros, o Capitão Briggs e sua esposa?

A solução apareceu mais de trinta anos depois, quando um ex-grumete do "Dei Gratia", Wellighan, fez uma declaração, posteriormente confirmada por um tal de Pemberton, ex-cozinheiro do "Mary Celeste", que fora considerado morto pelos companheiros. Soube-se assim que a primeira vítima foi a esposa do capitão esmagada por um piano contra uma parede. Em seguida, o marido, enlouquecido, jogou-se ao mar. Os marinheiros, sem comandante, embebedaram-se: alguns morreram vítimas de rixas sangrentas, outros desertaram ao chegar o navio a Santa Maria, nos Açores.

Permaneceram a bordo três homens, que o Capitão Moorhouse tinha (ainda em Nova York) emprestado ao colega Briggs. E estes deixaram-se convencer pelo capitão do "Dei Gratia" a sumir oficialmente, em troca de uma pequena quantia em dinheiro e de um nome falso. Pôde assim o capitão receber, com este logro, a rica recompensa destinada a quem leva ajuda a um navio em perigo. Um vigarista, portanto, criara a sinistra lenda que, por seis lustros, despertou arrepios de medo também nos mais navegados lobos-do-mar!

Todos os marinheiros conhecem a estória do "Holandês Voador", o Capitão Van Straaten, condenado — por sua vida criminosa — a errar pela eternidade sobre os oceanos sem nunca poder tocar terra. Como é sabido, a impressionante estória foi musicada por Richard Wagner [36]; onde e como tenha nascido, contudo, é impossível dizer. Temos todavia a impressão que deve ter nascido de algum fato real, pois em qualquer época encontram-se sobre as ondas navios

36 - Ópera (ou drama musical, como insistia Wagner) que no Brasil recebeu o título de "O Navio Fantasma). (N. do T.).

abandonados em circunstâncias obscuras, "navios-fantasmas" que não deixam de excitar a fantasia.

Tão conhecida como a da "Mary Celeste", é a história do iate americano "Bluebird", avistado pelas autoridades de Ponta Delgada, também nos Açores, em 1884. Os homens que subiram a bordo do navio só encontraram (às vezes a história se repete) um grande gato. O acontecimento interessou o mundo inteiro, durante semanas, os jornais lançaram apelos para que os eventuais sobreviventes se apresentassem e esclarecessem o mistério.

Ninguém atendeu ao apelo e o episódio parecia destinado a permanecer para sempre sem resposta. Mas em 1956 — 72 anos depois! — a morte de um taberneiro de 86 anos, um tal de Lovat Nicholson, que morava em Manhattan (Nova York), veio deslindar o mistério: ele ordenara que, após sua morte, fosse entregue ao comandante da polícia da metrópole americana um envelope lacrado, guardado num cofre. Bem, aquele envelope continha a arrepiante confissão da chacina realizada a bordo do "Bluebird" pelo próprio Nicholson (então marinheiro) e por outros membros da tripulação: todos os criminosos morreram de morte violenta, exceto Nicholson, que sobreviveu por longo tempo mas levando, como ele mesmo deixou escrito, uma existência miserável, atormentada por terríveis acontecimentos e oprimida pelo remorso.

Um outro caso prova como os "navios-fantasmas" podem navegar por dezenas de anos sobre o mar sem ser encontrados. Quase no fim do século passado o navio francês "Vengeance" deu com um veleiro sem tripulação. As condições do navio sugeriam que devia estar abandonado havia cerca de 25-30 anos; isto também era confirmado pela roupa encontrada a bordo, que há tempo deixara de estar na moda. Os registros do navio eram ilegíveis: acredita-se que devia tratar-se de um navio brasileiro desaparecido em 1860 na rota entre o Rio de Janeiro e a Cidade do Cabo; ninguém, de qualquer maneira, saberá algo com certeza.

Um episódio semelhante mas ainda mais misterioso deu-se em 1921 quando os marinheiros do cargueiro peruano "Francisco Moreno" subiram a bordo de um navio abandonado, encontrado no Pacífico. Sem dúvida o navio estava vagando havia anos, porém na despensa ainda estava ardendo o fogo no fogão, como se o último marinheiro tivesse ido embora não mais de duas horas antes!

Na realidade, isso mesmo devia ter acontecido: os peritos que realizaram o inquérito chegaram à conclusão de que a bordo do navio devia ter surgido uma terrível epidemia. Só um homem devia ter sobrevivido, por anos, e, encontrando-se na impossibilidade de

governar o navio, só pôde resignar-se ao próprio destino. Pouco antes de encontrar-se o "Francisco Moreno" ou uma enorme onda o tinha levado para o mar ou ele mesmo, enlouquecido, deve ter-se jogado às ondas.

Por outro lado, foi exatamente o que aconteceu em 1913 ao capitão do veleiro samoano "Taoofa": por cinco anos, depois de a cólera ter exterminado a tripulação, vagou com seu navio. E quando viu a salvação vir ao seu encontro sob forma de um navio a vapor, o alemão "Friedrich Karl", jogou-se ao mar, vítima de uma crise nervosa. Foi salvo por um oficial alemão e assim pôde contar sua trágica odisséia.

Parece incrível, mas também em nossos dias o "Holandês Voador" navega. Ei-lo, invisível, a bordo do navio pesqueiro "Joyita", um velho barco americano que, saído em 22 de outubro de 1955 de Apia (Ilhas Samoas) e dirigindo-se para o norte, foi encontrado em 10 de novembro ao largo das Ilhas Fiji. "Estava meio submerso – conta a crônica – e a bordo não havia ninguém. Por muitas semanas o navio derivou, macabro resto empurrado pelas correntes marinhas. Ainda havia comida na geladeira mas os documentos de bordo sumiram e os instrumentos de navegação, desmontados com cuidado, tinham sido levados. Faltavam a lancha a motor, três barcos salva-vidas e a carga. E os vinte e dois homens que saíram de Apia? Nenhum sinal."

Também neste caso foram levantadas muitas hipóteses: falou-se em pirataria, num drama de espionagem, numa tromba d'água, numa erupção vulcânica, até mesmo numa tentativa de logro realizada pelo capitão (mas soube-se depois que o navio não estava no seguro). Qual a hipótese mais próxima da realidade? Parece-nos bastante aceitável o que nos conta um velho navegador samoano: "Isto é só trabalho do oceano. Um pequeno tufão, que joga a água às nuvens... quero dizer aquilo que os polinesianos chamam "o vento que mata". O Pacífico pode estar muito tranqüilo num ponto e mostrar, a poucas milhas de distância, seus dentes de tigre, enfiar seus artelhos nos flancos dos navios. E sabem por quê? Embaixo, a cinco, seis, ou setecentos metros de profundidade, despertou um insignificante vulcão. De qualquer maneira, somente poderemos resolver o mistério do "Joyita" quando acharmos um sobrevivente. É muito possível que isto aconteça: às vezes são necessários anos e anos antes de descobrir um náufrago que se salvou sobre um pequeno atol desconhecido. Aí, o homem encontra, em qualquer parte, alimento; os canibais não vão comê-lo pois não mais existem. Somente os tubarões mantiveram os velhos hábitos... e para nós nada mais resta do que esperar".

Como se pode ver, portanto, nada, mesmo, de misterioso existe em certos desaparecimentos que, por alguns meses, ou até mesmo por anos, podem ser considerados inexplicáveis.

Os mistérios devem ser procurados em outra parte: naquelas profundidades oceânicas que para nós continuam vedadas, embora se abram à nossa frente os abismos cósmicos; naquelas pegadas, por exemplo, fotografadas a quatro mil metros embaixo da superfície do Atlântico. Sir Anthony Laughton, conhecido cientista, declarou, num relatório apresentado ao Instituto Real Britânico de Oceanografia, que as marcas "levam a pensar na passagem de um bípede".

Um ser capaz de andar em posição ereta sobre o fundo marinho, sujeito a espantosa pressão? É uma idéia bastante estranha para nós, evidentemente; mas o que é que existe lá embaixo que não nos seja estranho, entre animais que parecem plantas, plantas que parecem monstros mitológicos, peixes que acendem faíscas, cegantes holofotes ou fantasmagóricas cascatas de luz?

A inconcebível imagem do pressuposto "bípede dos fundos submarinos", pelo contrário, parece-nos mais familiar — sejamos honestos — do que aquela incompreensível "coisa" que foi encontrada numa praia deserta da Tasmânia, em março de 1962. Seu corpo, de forma absolutamente incomum, com 7 metros de comprimento e 6 de largura, recoberto por uma espécie de pelugem lanuginosa, sem olhos, nem boca, nem esqueleto, revelou-se duríssimo, resistente quer ao fogo, quer a uma quantidade de ácidos. "Sua carne, da cor do marfim, é que nem borracha — conta-nos o naturalista Bruce Mollison, que teve a possibilidade de examiná-la — mas não é borracha, nem é carne no sentido corrente da palavra, nem polpa de frutas. É algo que foge a todos os esquemas tradicionais."

"Será interessante salientar que da representação das batalhas — escreve Lovecraft — quer os Cthulhu, quer os Mi-Go pareciam ter sido formados de matéria diferente daquela que nós conhecemos..."

2.ª PARTE

DIMENSÕES IMPOSSÍVEIS

CAPÍTULO I

Antes de Adão

"Suas tíbias são mais longas do que o comum, como as de um atleta. Era homem bem apessoado, de ombros bem mais largos que os costumeiramente próprios aos indivíduos que medem, como ele, 175 centímetros de altura. A cabeça é ainda mais interessante: não apresenta qualquer rasgo simiesco. O cérebro deve ter sido volumoso, a testa alta: o queixo pronunciado, corresponde em cheio ao do atual tipo humano".

Estas são as declarações do Professor Georgij Debets, do Instituto de Etnografia da Academia Soviética das Ciências, sobre o esqueleto achado perto da cidade de Vladimir pelo Professor Otto Bader, do Instituto de Arqueologia da mesma academia.

É o esqueleto de um homem com seus cinqüenta anos, que viveu cerca de 52 mil anos atrás, caçando renas e mamutes no coração da Europa. Trata-se de um achado sem dúvida extremamente interessante, considerando-se a ótima conservação dos ossos, mas não chega a ser sensacional: que há 52 mil anos os homens fossem parecidos conosco, excluindo-se sua invejável superioridade física, já o sabíamos.

Um detalhe, todavia, é surpreendente: o "homem de Vladimir" usava roupas muito parecidas com as de hoje em dia: um folgado par de calças e um colete muito prático; de sua roupa nada sobrou, mas não foi difícil reconstruir sua forma usando as placas de marfim (achadas íntegras) que ornamentavam o colete, as mangas e as calças.

Estranho? Não muito, considerando-se que também há 15 mil anos aqueles indivíduos cuja lembrança vive nos grafitos de Lussac-le-Château (no Departamento de Vienne, na França) usavam chapéus e paletós, calças e saias, botas e sapatos; e os americanos da desconhecida "civilização arcaica", que os últimos estudos dizem remontar a mais de 5 mil anos atrás, cobriam suas cabeças com chapéus que pareciam *sombreros,* enquanto as mulheres usavam elaborados e mui elegantes penteados.

"Naturalmente — observa o antropólogo G. Holm — também 52, 15, 5 mil anos atrás existiam indivíduos que viviam nus ou

cobertos, de alguma forma, com peles, sem se preocupar em lhes dar um aspecto particular. Mas também não existiam em nossos dias? E não vivem, hoje, na Terra, raças totalmente diferentes da nossa (a dos pigmeus, por exemplo)? Enquanto determinados cientistas teimarem em negar esta evidência, em colocar todos os achados ao longo de uma linha que, saindo de monstrengos simiescos, chega reta até o *Homo sapiens*, nunca conseguiremos compor uma visão da evolução humana que mereça crédito."

E o Professor Montalenti, do Instituto de Genética da Universidade de Roma, resume: "Até estes últimos anos, a genealogia do homem era assim traçada: símios, australopiteco, pitecantropo, homens pré-mousterianos, *Homo sapiens*. Acreditava-se que de formas parecidas com o australopiteco, que viveram na Ásia, tivesse evoluído o pitecantropo e, deste, os homens... Depois tudo ficou subvertido pelos últimos achados".

Ano após ano, mês após mês, diríamos até, vemos confirmado quanto dissemos no início de "Antes dos Tempos Conhecidos", vemos a ciência "oficial" obrigada pelos achados, que se seguem uns aos outros, a tomar consciência daquilo que um seu representante definiu "vagas teorias fundamentadas em achados que não merecem *(sabe-se lá por quê)* consideração".

Agora, o dogma levantado sobre fragílimas colunas por cientistas mais darwinianos que o próprio Darwin ficou miseramente em pedaços, embora ainda exista quem, por absurdo orgulho, se recuse a aceitar o fato. E mais um golpe mortal foi desfechado por aquele Professor Louis Leaky, que já tinha dado à antropologia uma valiosíssima contribuição.

Darwin não o sabia

A garganta de Olduvai, ao suleste do Lago Vitória, revelou-se uma surpreendente arca para a ciência: depois das descobertas de que demos notícias [37], Leaky, ajudado pela esposa e pelo filho, encontrou os restos do *Zinianthropus*, um australopiteco que era capaz de usar galhos ou grandes ossos como clavas, mas que não sabia fabricar armas ou apetrechos.

"Contemporaneamente e no mesmo lugar — escreve o Professor Montalenti — existia outro homínida, mais parecido com o homem atual, e que sabia construir com pedras e fragmentos de rocha toscos apetrechos, como machados e raspadeiras. Portanto, em 1964 foi dado a este homem primitivo o nome de *Homo abilis:* é provável

37 - Veja "Antes dos Tempos Conhecidos", do mesmo A.

que ele tenha contribuído ao desaparecimento do australopiteco. De fato, nas camadas superiores, este último não é mais encontrado: o *Homo abilis* fica dono do terreno. Em camadas ainda mais superiores encontra-se um ou outro tipo de indivíduo desenvolvido, que alguns consideram parecido com o pitecantropo, o *Homo erectus*, e afinal chegamos aos homens de tipo *sapiens*, do ciclo acaico."

"A descoberta destes fósseis é importante por várias razões. Antes de mais nada, porque o *Homo abilis* possui os predicados para representar o afamado anel que falta, ou pelo menos um dos anéis da corrente que une uma forma ainda predominantemente simiesca, como a do australopiteco, com os homínidas. É provável que o australopiteco, que convivia com o *abilis*, e o próprio *abilis*, descendam de um ancestral comum que viveu no Plioceno. Além do mais, usando da possibilidade de se datarem as camadas por meio de isótopos radioativos, os cientistas puderam avaliar a idade dos diferentes achados: ela vai desde 2 milhões de anos, para as camadas mais profundas, até 500 mil anos atrás, para as camadas mais superficiais.

Outros achados, como vimos, parecem retrodatar ainda mais a história da humanidade; e existe quem também levante dúvidas sobre o ancestral comum, que teria vivido no Plioceno, a que Leaky faz referência. "Nada prova — afirma um escritor francês — que o homem descenda dos símios: as espécies são tão pouco análogas entre si, que a transfusão de sangue entre o homem e o gibão, o chimpanzé e o orangotango, apresenta os mesmos riscos das transfusões realizadas entre animais de espécies completamente diferentes."

Também, sempre segundo os darwinianos, a nossa mão teria assumido suas atuais características através de uma longa série de transformações; seria, em outras palavras, uma mão simiesca que se "especializou", modificando-se aos poucos com a mudança das funções que lhe eram impostas através dos tempos. Mas isto não se deu, e a ciência o comprovou; a nossa mão não é "velha" por ter sido "trabalhada" numa extremidade animal: pelo contrário, é muito "jovem"; e ainda possui imprevisíveis possibilidades de desenvolvimento.

Bem diferente é o que se passa com os mamíferos. Comparada com a nossa mão, por exemplo, a pata de um cavalo parece tosca, primitiva, mas é na realidade trabalhadíssima, resultado de uma longa evolução que trouxe uma pata de aspecto bem diferente a adquirir sua forma atual, que a "especializou". E altamente especializadas são as extremidades dos antropomorfos, que lhes permite subir em árvores de maneira tão ágil.

Análogas observações podem ser feitas sobre os dentes: os dos reptis dirigem-se para fora, os dos mamíferos dirigem-se para dentro, claros sinais de adaptação às necessidades destes animais, de uma "especialização". Mas os dentes do homem não são "especializados", são absolutamente retos!

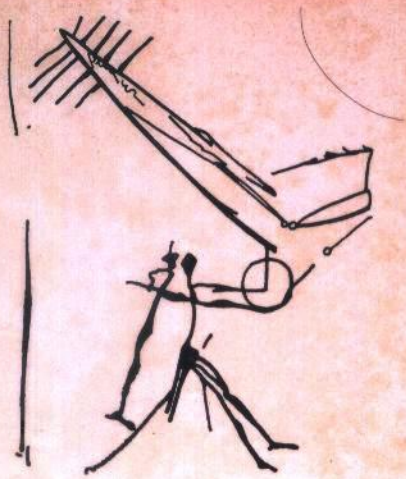
"Darwin não sabia destas coisas — escreve o cientista alemão Walter Dohmann — ou não lhes deu a devida atenção. Foram justamente suas pesquisas que marcaram o início de sérios estudos científicos sobre a origem do homem; no entanto ele usou termos como "primitivo", "originário", "especializado" sem dar-se conta de que, na realidade, as coisas são diferentes. E de uma diferença enorme! Darwin teria provavelmente definido como primitiva a extremidade de um quadrúpede, enquanto hoje habemos que ela é altamente especializada. Ela é tipicamente adaptada ao ambiente e nunca poderia tornar-se "universal" como a nossa mão!"

Existe também, a ser feita, uma consideração muito simples mas de importância fundamental: o esqueleto humano possui, em relação ao esqueleto dos demais animais, muito poucos componentes minerais. E a abundância destes componentes é um indício de "envelhecimento", de decadência da espécie.

E ainda: o desenvolvimento físico do homem ao nascer é lento, lentíssimo quando comparado com o dos animais, que com isto demonstram ser muito mais "especializados" do que o homem. Se o homem descendesse dos símios, portanto, deveria ser ainda mais "aperfeiçoado", deveria ter "aprendido" a ficar adulto em poucos meses!

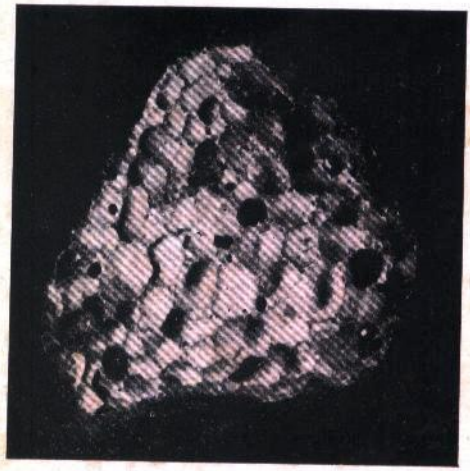
Para complicar ainda mais as coisas, afinal, existem os restos encontrados principalmente na América meridional: restos indubitavelmente humanos ou humanóides, mas que pertenceram à raça que nós não conhecemos. De que parentes mais ou menos afastados se trata? De criaturas parecidas conosco, vindas do espaço, como sustentam os partidários das "migrações cósmicas"? De seres que viveram em remotíssimas épocas, varridos pelos enormes cataclimos que sem dúvida subverteram a Terra? De uns e de outros?

Sobre estes últimos parece ser estranhamente preciso o *Popol Vuh*, a "bíblia maia", cujas referências às antigas estirpes, aniquiladas pelas divindades por serem "incapazes de adorar os criadores", fornecem realmente material para reflexão. Não se manifesta talvez nesta incapacidade a falta de inteligência, que teria sem dúvida condenado ao desaparecimento os nossos desafortunados antecessores, parecidos com o *Zinianthropus* de Leakey, que mal sabia usar um porrete, da mesma maneira que impediu aos animais mais desenvolvidos de se imporem como espécie dominante?

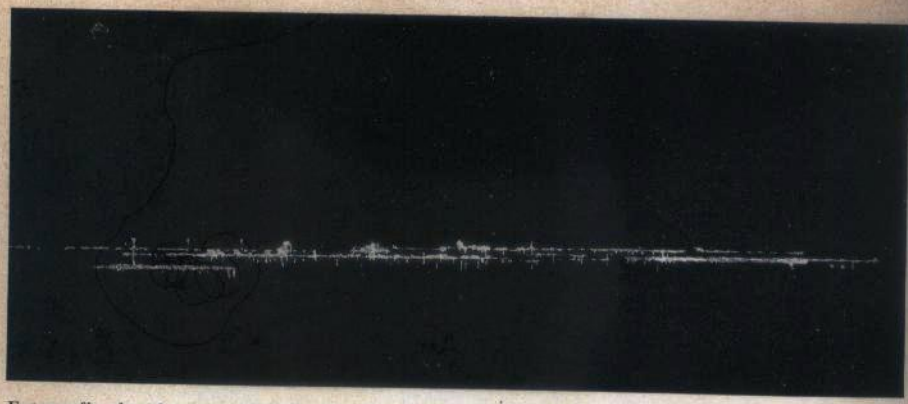


Este esboço, encontrado numa laje que pertencera ao antigo observatório astronômico de Meroe, é interpretado por alguns estudiosos como representação de um foguete.

Um pedaço de substância desconhecida caído dum "disco voador", em Laigueglia, em abril de 1963. A queda de objetos semelhantes já é registrada nas antigas crônicas romanas.

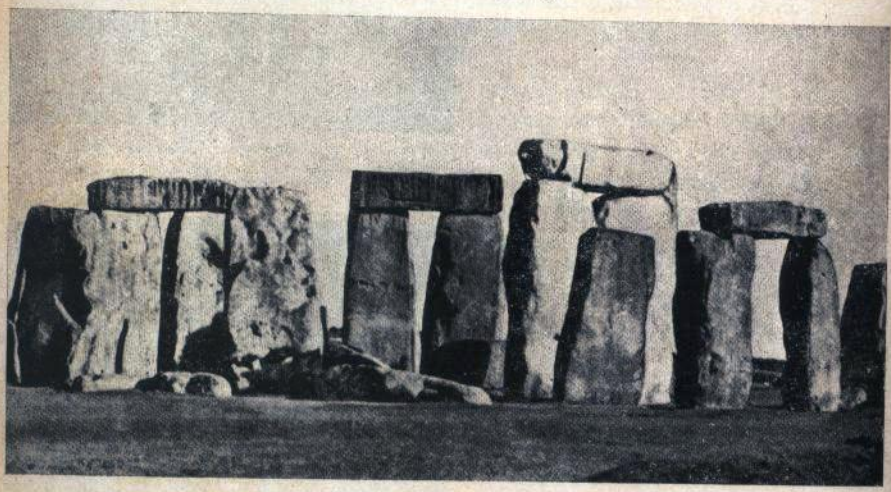


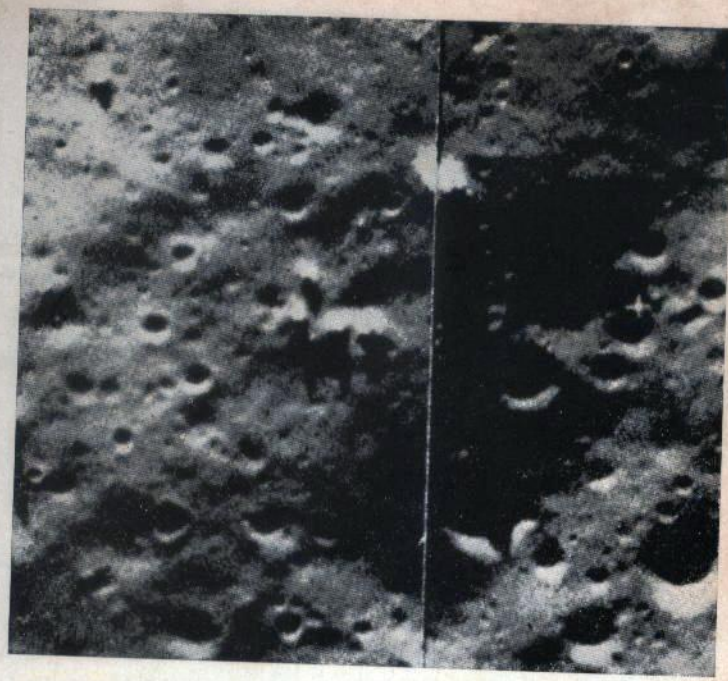
Um misterioso fragmento de material parecido com coral, que caiu do céu e foi recolhido pelo americano Donald Bunce.



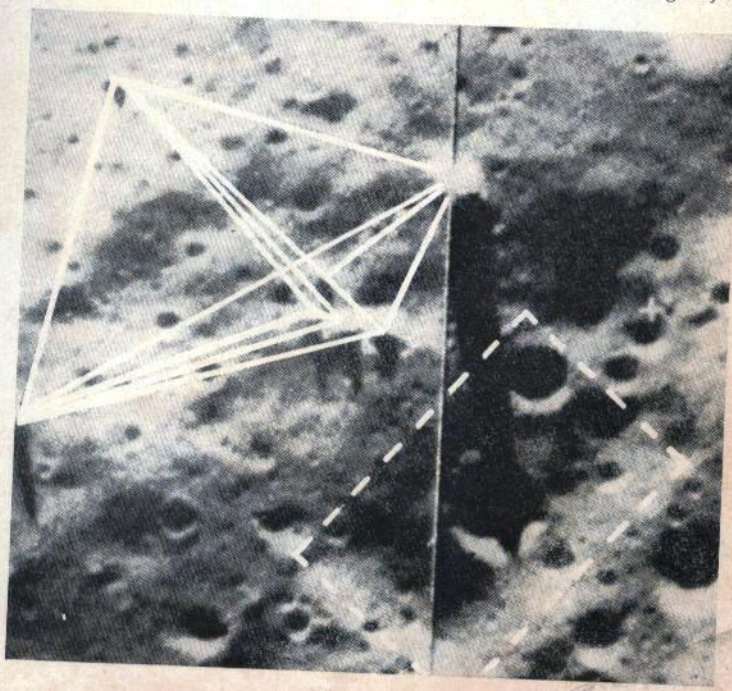
Fotografia do "fogo mágico" que, em determinados períodos, pode ser visto ao longo das costas japonesas, correlacionando-se freqüentemente com o aparecimento dos "discos voadores".

Vista do conhecido complexo megalítico de Stonehenge.





As "cúspides de Blair", descobertas pelo cientista na Lua. *Acima,* vemos as fotografias tiradas pelos satélites artificiais; *embaixo,* sua triangulação.



O "Buda adormecido" da gruta n.º 58 de Tun-huang. Atrás da divindade notam-se representantes de várias raças humanas, entre os quais alguns pertencem a raças desconhecidas mas outros apresentam as típicas características dos índios da América.

Algumas tabuinhas descobertas no México pelo arqueólogo Niven e que se assemelham de maneira extraordinária com gravuras asiáticas.

"Terra!", disseram

Este é o testemunho.

O Universo era quieto. Respiro algum. Som algum. Imóvel e silencioso, o mundo. E o espaço do céu era vazio.

Este é o primeiro testemunho, a primeira palavra. Ainda não havia homem algum, animal algum. Não havia aves nem peixes, nem crustáceos, nem árvores, nem pedras, nem cavernas, nem abismos. Não havia erva, nem floresta. Só havia o céu.

O aspecto da Terra ainda não tinha sido revelado. Havia somente o mar doce e o espaço aberto do céu.

Nada ainda estava unido [38]. *Nada produzia som, nada se movia, nada sacudia, nada quebrava o silêncio do céu. Nada havia ainda de levantado. Somente a água em repouso, o mar doce, deserto e silencioso. Nada mais.*

Imóvel e silenciosa estava a noite, a escuridão (...)

"Preencha-se o vazio!" (ordenaram as divindades). *"Retirai-vos, águas, e dai lugar para que a terra aflore e se consolide!"*

Assim falaram.

"Que se faça a luz! Que se ilumine o céu e a Terra! Não haverá glória nem grandeza enquanto o homem não aparecer, enquanto o homem não for criado."

Assim falaram.

E criaram a Terra. A verdade é que criaram a Terra. "Terra", disseram. E no mesmo instante esta foi criada.

Entre névoas, nuvens e pó deu-se a criação, e as montanhas levantaram-se das águas, e as montanhas cresceram (...) [39].

Isto nos conta o *Popol Vuh* e continua dizendo como no começo Tzakol, o Criador, e Bitó, o Formador, pareciam querer povoar o globo só com animais. Eles contudo só conseguiram uma grande desilusão, como a "bíblia dos maias" conta:

Quando o Criador e o Formador viram que aqueles não sabiam falar disseram: "Não sabem chamar-nos pelo nosso nome... e isto não é bom".

Aos animais disseram: "Substituir-vos-emos, porque não sabeis falar. Mudamos nossas intenções. Tereis vosso alimento, vossa erva;

---

38 - É curioso notar como esta expressão reflete aquele que, segundo uma moderna teoria aceita, era o estado da matéria e da energia antes da Criação. Tudo teria estado concentrado numa espécie de núcleo atômico primitivo: nele, comprimidos ao ponto de não poder chegar a combinação alguma, portanto "ainda não unidos", ao pé da letra, estavam prótons, nêutrons, elétrons e fótons.

39 - Este trecho, também, revela uma verdade científica. Veja "Il Pianeta Sconosciuto".

vossas tocas e ninhos, os tereis nos desfiladeiros e nas florestas. Não fostes capazes de nos adorar e invocar, portanto criaremos outros que o façam. Este é o vosso destino: vossa carne será devorada. Assim seja. Este seja vosso destino".

Assim eles anunciaram sua vontade aos animais na face da Terra, aos grandes e aos pequenos.

Para escapar de sua sorte, estes fizeram uma nova tentativa[40] *e tentaram adorar seus criadores. Mas não se entendiam nem mesmo entre si e vãos foram todos seus esforços. Por isso sua carne foi sacrificada e os animais da face da Terra foram condenados a ser mortos e comidos.*

Em seguida, as divindades preparam-se para dar ao nosso globo seus autênticos senhores. Será contudo necessário muito tempo antes que seja alcançado este fim. Escutemos ainda o texto sagrado dos maias:

De terra, de barro, fizeram a carne dos homens. Mas viram que não era bom. Pois dissolvia-se, era mole demais, sem movimento nem força, caía, era mole e (as criaturas) não mexiam sua cabeça, a pele caía de um lado, o olhar era velado, não conseguia virar-se para trás. Este ser falava, mas não possuía razão. Rapidamente as águas o encharcaram e ele desabou (...) Então o Criador e o Formador destruíram sua obra.

De que monstros semi-informes se tratava? Das primeiríssimas criaturas que apresentavam uma vaga semelhança com o homem, de bípedes vacilantes, capazes de emitir alguns sons guturais mas incapazes de formar até mesmo a sombra de um pensamento? Provavelmente nunca o saberemos: seus frágeis restos devem estar sepultados sabe-se lá onde, nas entranhas do planeta desfeito e replasmado por algum daqueles primordiais cataclismos cuja lembrança ainda vivia entre os maias, justamente relacionado com o fim das estirpes que antecederam a nossa.

... e os seres foram feitos de madeira. Eles pareciam-se com os homens, falavam como os homens, e povoaram a Terra.

Viveram e povoaram a Terra e tiveram filhos e filhas, os seres de madeira. Mas não tinham alma, não possuíam razão, não lembravam o Criador e o Formador. Perambulavam sem destino e andavam de quatro.

---

40 - Talvez aqui se faça referência ao período em que, antes do aparecimento do homem, os animais não só foram donos incontestes do planeta mas algumas de suas espécies particularmente "aparelhadas" tentaram uma escalada ao poder ("falar com os deuses", demonstrando-se, assim, inteligentes): poderia tratar-se dos assim chamados "insetos sociais".

Por não lembrar o Coração do Céu, foram rejeitados. De início falavam, mas seu rosto era imóvel. Seus pés e suas mãos eram sem força. Não havia matéria líquida nem sólida neles; nem sangue, nem carne. Secas eram suas bochechas, secos os pés e as mãos, amarela sua carne.

Era somente um esboço, uma tentativa.

Por isto esqueceram o Criador e o Formador que os tinham criado e deles cuidaram.

Estes foram os primeiros homens, numerosos, a viver sobre a face da Terra.

Em seguida foram destruídas e aniquiladas; estas figuras de madeira receberam a morte. O Coração do Céu suscitou um dilúvio e grandes águas caíram sobre os seres de madeira (...) Resina líquida [41] *caiu do céu, a face da Terra escureceu e começou uma chuva negra, de dia e de noite...* [42].

Muito provavelmente este trecho refere-se a uma raça simiesca, como parece confirmar a própria "bíblia maia":

... e dizem que seus descendentes são os símios que vivem hoje nas florestas. Neles podem ser reconhecidos aqueles cuja carne foi feita de madeira pelo Criador e pelo Formador. Por isso, os símios assemelham-se ao homem, como lembrança de uma reação humana, de homens que nada mais eram senão fantoches de madeira.

Se Saurat e Bellamy [43] têm alguma razão quando nos falam dos cataclismos que subverteram a Terra, quando da queda da Lua que antecedeu a atual, o cataclismo que a tradição maia relaciona com o fim dos seres simiescos deve ter sido o responsável pelo advento dos gigantes. De fato, no *Popol Vuh,* ao aniquilamento dos "homens de madeira" segue-se uma luta exatamente igual à da mitologia grega, quando aos deuses se opõem os titãs. O chefe dos aspirantes usurpadores, Uucub-k'aquix, é exilado no reino das trevas, mas os seus dois filhos conseguem criar vários problemas para as divindades: Cabaracán, que "sacudia e derrubava as montanhas", é morto por dois intrépidos gêmeos, Honahpu e Ixbalanqué, que também conseguem eliminar o outro, Zipacná.

Este último, contudo, antes de ser morto consegue enviar para o além quatrocentos jovens, que sobem ao céu transformados nas Plêiades. Também sobre os mitos dos "gregos da América", portanto, resplandecem estas enigmáticas estrelas. É interessante notar que os maias as chamavam *Motz;* o vocábulo é a forma abreviada de *momótzli,* substantivo que significa "altar do sacrifício": as

41 - Os tradutores acreditam tratar-se de lava.
42 - Todos os trechos em itálico são extraídos do *Popol Vuh.*
43 - Veja "Antes dos Tempos Conhecidos", do mesmo A.

Plêiades representavam, portanto, o altar dos sacrifícios enviados ao céu. Por que justamente as Plêiades? Será que a resposta deve ser procurada nas referências cósmicas de que falamos na primeira parte do livro?

Muitos estudiosos acreditam que a morte dos quatrocentos jovens simboliza o fim de uma inteira estirpe, por causa de erupções vulcânicas e pavorosos fenômenos telúricos, representados no *Popol Vuh* pelos gigantes. Permanece, contudo, um detalhe que não chega a convencer: a morte dos gigantes por mão de homens ou, se quisermos, de super-homens. Poderíamos então supor que o desaparecimento da Lua anterior tenha provocado outras alterações e que, no decorrer destas, os titãs tenham sido varridos da face da Terra. Por outro lado, não é coisa que possa surpreender o fato de terem os maias visto naqueles fenômenos naturais, antes citados, os últimos estremecimentos de gigantes próximos do fim.

Ao serem relatadas as façanhas dos gêmeos Hunahpu e Ixbalanqué, novamente reaparecem os símios e alguém os quer identificar com os neandertalianos, aos quais as condições cósmicas, modificando-se com a queda do satélite, teriam permitido um pulo imprevisível no caminho da evolução.

Mas já está próxima a chegada de uma nova raça, aquela destinada a dominar o globo. Os deuses plasmam seus primeiros integrantes com milho amarelo e branco. E criam assim indivíduos, até mesmo perfeitos demais.

Olhavam e enxergavam longe, podiam conhecer tudo quanto havia no mundo. Quando olhavam, tudo viam em seu redor, quer a cúpula do céu, quer o interior da Terra. Sem movimentar-se, viam todas as coisas, de longe. Viam logo o mundo inteiro, e o viam do lugar em que se achavam. Grande era sua sabedoria. Seu olhar chegava às florestas, às rochas, às lagoas, aos mares, às montanhas e aos vales. Na verdade eram homens maravilhosos (...)

Desta vez a razão do descontentamento dos deuses é de origem diferente, mas nem por isso tal descontentamento é menos profundo:

"Mitigamos um pouco seus desejos, pois o que estamos vendo não é bom. Afinal, devem ser parecidos conosco, que os criamos e que vemos longe, que tudo sabemos e que tudo enxergamos?"

Assim falaram o Coração do Céu Huracán, Chipi Cakulhá, Raxa Cakulhá, Tepeu, Kukmatz, Alom, Caholom, Ixpiyacoc, Ixmucané, Tzakol e Bitol.

Assim eles falaram e logo mudaram o tipo de suas criaturas.

O Coração do Céu jogou-lhes um véu sobre os olhos, e estes se embaciaram, como quando o hálito atinge um espelho. Seus olhos

se embaciaram: somente podiam ver aquilo que lhes estava perto, aquilo que estava claro. Assim foi destruída a sabedoria e todo o conhecimento dos quatro homens da origem e do princípio. Assim foram criados e formados nossos antepassados. Do coração do céu, do coração da Terra.

Qual foi a causa responsável pelo aparecimento destes super-homens e pelas sucessivas limitações que, em seguida, lhes foram impostas? Uma chuva de raios cósmicos mais intensa, que desapareceu com os últimos efeitos da catástrofe lunar? A chegada de seus predecessores do leste, daquela terra caracterizada por um altíssimo nível de civilização, que talvez fosse a Atlântida, e as sucessivas uniões com indivíduos de raça indígena? Ou até mesmo a descida do espaço das criaturas prodigiosas?

As referências que poderiam sugerir uma interpretação tão fantástica não são, de maneira alguma, raras no *Popol Vuh*. E, por outro lado, não poderiam os "super-sentidos" ser, na realidade, frutos de conquistas científicas que em seguida se perderam?

CAPÍTULO II

Os Ciclopes e os Astronautas

"HAVIA GRILOS, BARATAS E ARANHAS... Burl as conhecia bem, as aranhas! Seu avô tornara-se presa de uma feroz tarântula, que com incrível rapidez saíra de um abismo vertical com um metro de diâmetro e que se aprofundava no chão por várias dezenas de metros. E lá, entocado no fundo, o monstro esperava os fraquíssimos ruídos que o avisavam do aproximar-se da presa ao seu esconderijo.

"O avô de Burl não fora suficientemente cauteloso; e Burl ainda sentia ecoar na mente, de maneira indistinta, os terríveis gritos que ele soltara ao sentir-se agarrar.

"Também tinha visto as teias de outra espécie de aranha, fios de suja seda, com a espessura dum dedo, e observara, mantendo-se bastante afastado, o monstro sugar um grilo de meio metro de tamanho, que ficara preso em sua teia. Lembrava muito bem as faixas amarelas, pretas e prateadas que lhe cruzavam a barriga. Ficara fascinado e aterrorizado diante da luta cega que o grilo desenvolveu, sem chance alguma, contra as espirais da rede visguenta, antes de a aranha começar seu banquete...

"No dia anterior, acocorado atrás de uma informe proteção oferecida pela vegetação, presenciou um duelo entre dois enormes escaravelhos cornudos. Eram bem compridos e, quando eles se levantavam, suas couraças chegavam até o peito de Burl; tinham-se pego, um ao outro, com as mandíbulas que se abriam de lado e escutava-se o rangido produzido sobre as impenetráveis armaduras. Quando foram bater um contra o outro, suas pernas ecoaram como pratos... e quando na couraça do animal menor apareceu uma pequena brecha, ouviu-se um potente berro, ou pelo menos fora esta a impressão; o ruído era provocado principalmente pela armadura que ia dilacerando-se sob a mandíbula do vencedor..."

Espetáculos como estes, apresentam-se num planeta sem vida, "inseminado" por uma raça de colonizadores espaciais que depois, por uma razão banal, se esquecem do planeta [44]. E existe quem

44 - Trecho de "The Forgotten Planet", romance de ficção científica de Murray Leinster.

afirme que gostosos recantos desse tipo existem também na Terra. De acordo com John Perkins, explorador americano, existe, por exemplo, no coração da Amazônia um rio que, através de uma cachoeira subterrânea, levaria para um vale de incrível paisagem. Naquele lugar não cresceriam árvores, mas ervas do tamanho de ciprestes, flores monstruosamente avantajadas, arbustos que por si só formariam pequenas florestas. O nosso explorador (que afirma ter entrado no vale por acaso e ter conseguido sair só depois de inenarráveis peripécias) diz ter visto, na verdade, também formas animais realmente assustadoras: espécies de moscas fosforescentes do tamanho de uma galinha e aranhas do tamanho de um porco; fenômenos estes todos devidos à radioatividade.

Será que é verdade? Não estamos em condições de fornecer garantias a respeito, mas lembramos os impressionantes fenômenos de gigantismo que apareceram na Martinica depois de a erupção do vulcão Pelé ter trazido à luz grandes jazidas de minérios radioativos.

E os raios cósmicos, que caíram sobre a Terra de maneira mais intensa, somando-se ao aumento da força de atração do nosso satélite precedente, que se aproximara da Terra antes da catástrofe, foram a causa – segundo Saurat e Bellamy – do gigantismo humano e animal que caracterizou um longo período [45].

Feitos de rocha

Em 1577, em Willisau, no cantão de Lucerna, foi encontrado um esqueleto cujos ossos impressionaram pelo tamanho. As autoridades do local apressaram-se em reunir, logo em seguida, uma comissão de peritos chefiada pelo mais conhecido anatomista suíço da época, o Doutor Félix Plater, de Basiléia. Os cientistas ficaram na dúvida, mas, diante da opinião do grande especialista, tiveram de baixar a cabeça.

Plater declarou, de fato, que, sem sombra de dúvida, tratava-se de restos humanos, embora seu tamanho fosse tão surpreendente a ponto de tornar muito audaciosa uma afirmativa daquela natureza. O esqueleto era incompleto, mas o anatomista o reconstruiu com argila, chegando mesmo a esboçar o indivíduo ao qual o esqueleto pertencera. Isso resultou num titã de 5,80 metros de altura: logo foi batizado "o gigante de Lucerna" e seus ossos foram expos-

45 - Em seus trabalhos, Saurat e Bellamy retomam a teoria de Hoerbiger segundo a qual os grandes ciclos da Terra seriam marcados pela queda sobre o planeta de uma "Lua". A atual seria a quarta e sua queda selaria o fim da Terra. (N. do T.).

tos orgulhosamente à visitação pública numa grande sala da prefeitura.

Atraído pelo sensacional achado, chegou à cidade, pouco depois, outro anatomista, este de fama européia, o Professor J. F. Blumenbach, da Universidade de Göttingen. Foi-lhe suficiente dar uma rápida olhada aos restos para que o riso lhe brotasse nos lábios... e, embora meio contra vontade, os bons habitantes de Lucerna tiveram de convencer-se de que os ossos de seu "gigante" na realidade pertenciam a um mamute.

Trinta e seis anos depois, pareceu a vez de a França ter seu gigante, e um famoso, por cima: numa mina de areia perto do castelo de Chaumont (St. Antoine), foi descoberto um sarcófago em cuja tampa estava escrito, com letras góticas, *Teutobochtus Rex*. As moedas e as medalhas encontradas nos arredores pareciam afastar qualquer dúvida: devia tratar-se da sepultura do rei dos cimbros, vencido e morto por Mário. Quando a tampa foi levantada, os presentes ficaram sem fôlego: o esqueleto tinha uma estatura superior aos 7,60 metros!

Um tal de Doutor Mazurier, que morava nos arredores, lançou-se ao estudo dos achados e escreveu uma monografia entusiasta que originou ásperas batalhas entre os cientistas. Afinal foram achados, perto do castelo, numa fossa aterrada pouco tempo antes, outros ossos gigantescos; descobriu-se que eram da mesma natureza dos que vieram à luz na sepultura e a malandragem ficou evidente: tudo fora arranjado pelo Doutor Mazurier, que construíra a "sepultura" para conseguir fama e dinheiro. Atualmente os restos descansam no museu de paleontologia de Paris: pertenciam a um mastodonte!

Mais ou menos na mesma época, outros ossos gigantescos foram achados perto de Gloucester, na Inglaterra. O grande médico e fisiologista inglês William Harvey declarou que provavelmente pertenciam a "algum grande animal, talvez um elefante", mas ninguém quis acatar-lhe o parecer; pelo contrário, deram-se acirradas discussões sobre a oportunidade, ou não, de "sepultar aqueles restos em terra consagrada", enquanto na corte de Jaime I entrecruzavam-se os admirados comentários sobre um dente cujo peso superava os três quilos e meio. Na corte, evidentemente, os conhecimentos de matemática eram bastante aproximados: com um dente daquele tamanho, o corpo inteiro do "titã" devia pesar não menos de cem toneladas! Ficou depois demonstrado que os ossos na realidade eram os de um elefante.

Pertenceriam, portanto, os gigantes ao reino dos contos de fada? Os fatos que acabamos de citar não nos permitem esta conclusão, mesmo porque todos os povos do mundo guardaram a lembrança

dos gigantes. Deles falam de maneira clara e eloqüente, por exemplo, a Bíblia, o Mahabárata, os textos sagrados da Tailândia e do Ceilão, as tradições egípcias, as irlandesas e as bascas.

Uma lenda do Cáucaso os diz "feitos de rocha", querendo, talvez, com isto caracterizar sua resistência física; e é extremamente interessante notar como, em qualquer latitude, os gigantes "bons" são realmente poucos: em sua grande maioria eles estão envolvidos numa luta sem quartel contra os homens, o que se explica se pensarmos nestas duas raças lutando entre si pela posse do planeta.

Em suas *Histórias*, Heródoto conta, entre outras coisas, as aventuras de um tal de Lica de Esparta que ia procurando os restos de Orestes, filho de Agamenon. Em Tégea, antiga cidade da Arcádia, Lica encontrou um ferreiro que, mostrando-lhe uma área atrás de sua casa, disse: "Cavando um poço no fundo desse pátio, encontrei um ataúde com sete cúbitos de comprimento *(3,25 m)*. Não querendo acreditar na existência de homens de tamanho tão avantajado, destampei o caixão e vi que continha um corpo com as mesmas medidas".

Também na América não faltam as tradições relativas aos titãs. Temos visto isso folheando o *Popol Vuh*, e outras notícias encontramos no assim chamado "Manuscrito mexicano de Pedro de los Ríos", onde lemos: "Antes do dilúvio, que se deu 4.008 anos depois da criação do mundo, a terra de Anahuac era habitada pelos tzocuilixecos, seres gigantescos, um dos quais era chamado Xelua...".

E não estamos diante de mero e simples mito: quando os espanhóis de Hernán Cortés desembarcaram na América, alguns sábios indígenas contaram ao esmoler e cronista Bernal Díaz del Castillo que "em certo tempo existiam naquelas terras homens e mulheres de estatura muito elevada; sendo muito maus, foram mortos em grande parte e os sobreviventes morreram de morte natural". Foram-lhe mostrados ossos enormes, entre os quais "um fêmur alto como um homem de estatura normal", que Cortés despachou para seu rei.

As lendas sobre os gigantes abundam nos arredores do Lago Titicaca e algumas delas dizem, de maneira explícita, que os últimos destes seres monstruosos refugiaram-se no Sul. Seus descendentes devem ter povoado, até poucos séculos atrás, a Patagônia e o descobridor daquela terra, Fernão de Magalhães, encontrou-se várias vezes... cara a cara com eles.

Sobre um encontro que se deu em junho de 1520, enquanto a frota do grande navegador português fundeava em San Julián, Pigafetta escreveu: "Aquele homem era tão alto que nossas cabeças mal chegavam à sua cintura, e sua voz era parecida com a de um touro". Magalhães capturou dois daqueles desmedidos índios e os

acorrentou para levá-los até a Europa; ambos porém, morreram antes de a caravela passar o equador.

Também Drake viu em San Julián, em 1578, seres de estatura considerável (2,50 m, mais ou menos) e depois dele ficaram surpresos os conhecidos viajantes Pedro Sarmiento, Tomé Hernández, Anthony Knyvet e Sebald de Weert: os dois últimos deram — separadamente — com índios da altura de 3 a 3,60 m, enquanto Jakob Le Maire e Wilhelm Schouten ficaram boquiabertos, em 1615, diante de esqueletos de medidas análogas.

Nos inícios do século XVIII, os gigantes tinham desaparecido da costa, mas as autoridades espanholas de Valdívia, no Chile, falaram repetidamente (1712) de uma tribo do interior da Patagônia, cujos integrantes tinham uma estatura de aproximadamente 3,00 m. E em 1764 o comodoro Byron (avô do célebre poeta inglês) teve a sorte de encontrá-los novamente nas vizinhanças do Cabo Vírgenes. "Um deles — contou ele — veio na minha direção. Era de estatura gigantesca, e parecia traduzir em realidade as fábulas dos monstros com aparência humana... não pude medi-lo, mas sem dúvida não media menos de 2,10 m..." E tratava-se, pelo que parece, de um gigante de modestas dimensões, visto que os oficiais de Byron em seus relatórios falam de indivíduos "da altura de 2,70 m, se não mais".

Existem ainda hoje gigantes no coração inexplorado da Patagônia? Alguns acham que sim; de qualquer maneira merece ser lembrada a descoberta, em 1897, numa caverna da Enseada Consuelo, na costa ocidental da Patagônia, da pele relativamente fresca de um milodonte, colossal tardígrado que se acreditava extinto na pré-história.

De qualquer maneira, os restos dos titãs (ou melhor, de seus descendentes) foram encontrados em muitos lugares; e está provado que não se trata de erro ou de malandragem como nos casos de Willisau, St. Antoine e Gloucester.

Num lugar chamado Lampock Ranch, na Califórnia, alguns soldados descobriram, em 1833, durante trabalhos de escavação, um esqueleto com 3,65 m de altura, circundado por conchas trabalhadas, pesados machados de pedra e blocos esquadrados recobertos por ininteligíveis inscrições. E outro esqueleto parecido foi encontrado na Ilha de Santa Maria, em frente de Los Angeles.

"Em julho de 1887 — lembra Ronald Charles Calais — quatro buscadores de metais preciosos estavam sondando o terreno das colinas de Spring Valley, perto de Eureka, no Nevada, quando um deles percebeu um curioso objeto saliente de uma rocha. Aproximando-se, percebeu tratar-se de uma perna humana, quebrada exatamente acima do joelho. Após ter sido solto do quartzito que

o circundava, o membro foi levado para Eureca, onde os médicos o examinaram com muito cuidado. Indiscutivelmente, pertencera a um homem, mas que homem! Do joelho ao calcanhar media 99 centímetros; o indivíduo devia ter tido, portanto, uma estatura de 3,65 m.

"Nas vizinhanças de Brayton, nas nascentes do Rio Tennessee, podem ser vistas pegadas humanas naquela que hoje é sólida rocha. Aqueles pés têm seis dedos e 33 centímetros de largura; perto deles podem ser vistas as marcas deixadas por gigantescos cascos, de 20 a 26,5 centímetros de largura, aproximadamente. E isto prova que o desconhecido animal e o gigante existiram contemporaneamente."

Grande barulho despertaram no mundo científico os dois enormes molares humanos, que medem o triplo dos atuais e que foram encontrados em camadas geológicas que remontam pelo menos a 30 milhões de anos atrás (a descoberta deu-se em 1920, na mina de carvão chamada "Eagle n.º 3", em Bear Greek, no Montana); mas existe quem afirma que ossos igualmente titânicos foram encontrados em muitas outras minas americanas e que foram sistematicamente ignorados pela ciência!

Mas voltemos aos enormes pés com seis dedos, cujas pegadas são visíveis nas nascentes do Tennessee, para lembrar que em Critteden, Arizona, um grupo de trabalhadores descobriu em 1891, cavando os alicerces de um edifício, um sarcófago contendo um ser humano de 3,00 m de altura e com seis dedos nos pés!

De outros achados, falamos em *Antes dos Tempos Conhecidos*. Limitemo-nos portanto a assinalar os mais recentes: trata-se de dois esqueletos de 2,80 e 3,12 m descobertos por antropólogos russos na região do Cáucaso.

Heróis em tubo de ensaio

Quem leia o *Popol Vuh* à procura de referências "astronáuticas", sem dúvida não vai ficar decepcionado: já a Criação parece estar ligada a desconhecidos colonizadores cósmicos; e mesmo que a teoria da pan-espermia artificial pareça demasiado atrevida para ser aceita, não seria difícil pensar que os maias tenham atribuído o grande ato a exploradores galácticos, que desceram muito mais tarde sobre a Terra e foram considerados de origem divina.

A própria "bíblia americana", de fato, nos diz que a Criação foi decidida "na noite e na escuridão, pelo Coração do Céu, chamado Huracán", e acrescenta: "A sua primeira manifestação é o raio, Cakulhá. Sua segunda, o trovão, Chipi Cakulhá. Sua terceira, o

reflexo, Raxa Cakulhá". Hoje, no alvorecer da era espacial, não precisamos soltar nossa fantasia para descrever o Universo como um incomensurável e tenebroso abismo e para atribuir a uma astronave o clarão ou a velocidade do raio, o estrondo do trovão, cegantes reflexos. Note-se que o texto sagrado expressa tudo isto e nada mais!

Queremos uma balsa cósmica, destinada a manter o contacto entre a Terra e um desconhecido corpo celeste? Ei-la, na descrição do mensageiro de Huracán: "...era Chipi Cakulhá *(o trovão)*, Raxa Cakulhá *(o reflexo)*. E este falcão nunca ficou longe da Terra, nunca longe do outro mundo: num instante subia ao céu, ao lado de Huracán...".

Alguns estudiosos querem ver outros veículos cósmicos nos embaixadores dos "senhores do além": "...eram mochos. Chamavam-se *Mocho-Relâmpago, Mocho com uma perna, Mocho com as penas vermelhas* e *Mocho-Cabeça. Mocho-Relâmpago* voava como um raio, *Mocho com uma perna* tinha uma perna só, *Mocho com as penas vermelhas* tinha o dorso vermelho e *Mocho-Cabeça* só tinha cabeça e cauda".

Aqui já se faz necessário usar uma boa dose de imaginação e o mesmo pode-se dizer quanto aos demônios, considerados, por alguns, extraterrestres possuidores de armas mortíferas. Alguns "derramavam o sangue", simplesmente, mas outros "faziam inchar os homens, provocando ulcerações nas pernas e tornavam amarelo o rosto"; outros ainda "quebravam os ossos e o crânio ... consumiam os homens até o osso, até a nua caveira"; e outros havia, afinal, que "faziam acontecer alguma coisa às pessoas enquanto iam para casa ou se encontravam já diante de suas choupanas", de tal maneira que "eram encontradas feridas, distendidas com a boca para cima e mortas" ou então "faziam subir o sangue à boca dos homens, provocando aquela que era chamada a rápida morte".

Nestes sinistros indivíduos podemos ver naturalmente só a personificação de doenças e acidentes mortais de tipos diferentes, assim como nos "assentos ardentes" sobre os quais os demônios convidavam suas vítimas para sentar (quase que por brincadeira) podemos identificar, como fazem alguns estudiosos, blocos de lava ardente. Esta interpretação, contudo, parece mais sofisticada e os peritos confessam encontrar-se diante de "trechos mitológicos indecifráveis" naquele ponto onde se fala em cinco "casas" onde os cidadãos do "outro mundo" sujeitam a duras provas os campeões maias: a primeira casa é silenciosíssima e mergulhada na escuridão total; a segunda, gelada, "com um vento glacial que varre as paredes brancas", a terceira está cheia de jaguares, a quarta, de morcegos e a quinta, de perigosas facas "que batem uma contra a outra".

Sem fazer qualquer referência à "bíblia maia", perguntamos a um especialista em medicina espacial onde ele achava que podia ser encaixada a "casa do silêncio e da escuridão" e a "casa do vento".

"Num centro para treinamento de futuros astronautas, logicamente!", respondeu-nos. E quando lhe explicamos o problema, ele acrescentou que um povo primitivo poderia muito bem falar em invisíveis jaguares, morcegos e facas se, não tendo a menor idéia dos simuladores espaciais, fosse chamado para experimentá-los.

Acerca disso, existem mais dois fatos no *Popol Vuh* que convidam à reflexão: para tentar estas provas só eram chamados vigorosos atletas; e dois deles, partindo, dizem aos parentes: "Não fiquem tristes; nós vamos, mas ainda não morremos"!

Eles, porém, não conseguem superar as provas com as quais têm de se defrontar e a lenda conta que a cabeça de um deles, colocada sobre uma árvore, permanece viva.

Bem, acontece que uma virgem, Ixquic, vai até àquela árvore, recebe a saliva do infeliz campeão e fica grávida. O pai, julgando-a sem-vergonha, ordena que seja levada de casa e morta; os sicários, porém, o enganam e a jovem dá à luz dois gêmeos, Hunahpu e Ixbalanqué, os mesmos que irão eliminar os dois últimos gigantes.

É verdade que na história dos dois irmãos encontramos os elementos de muitíssimos mitos, comuns a muitos lugares do globo (a expulsão da mãe, o simulado assassínio dos bebês, sua deposição – que se dará mais tarde – sobre um ninho de formigas e num silvado), mas a extraordinária fecundação da virgem Ixquic não deixou de excitar a fantasia dos defensores das "hipóteses espaciais".

Eles nos lembram que o sucesso conseguido nestes últimos anos no terreno da conservação do sêmen masculino levou as autoridades norte-americanas a se interessar pela fecundação artificial, considerando-a de novos pontos de vista. Em suma, alguém se perguntou se não era o caso de organizar gigantescos "bancos de sêmen" em esconderijos subterrâneos couraçados com a finalidade de "dar seqüência" à humanidade, eventualmente dizimada por um conflito atômico. E também foi acalentado o projeto de se despachar para longínquos planetas, que porventura possam ser julgados habitáveis, algumas voluntárias com uma boa quantidade de ampolas; isto, por uma dupla razão: para ganhar espaço a bordo das astronaves e para conseguir uma maior descendência dos poucos indivíduos que, após uma seleção, resultassem física e psicologicamente perfeitos.

Se já não são realizáveis, estes projetos o serão num futuro próximo. Lembramos quanto foi oficialmente comunicado em abril

de 1966 pela Sociedade de Obstetrícia e Ginecologia do Michigan, sobre as experiências realizadas pelos Doutores S. J. Berman, D. Ackerman e Y. Sawada:

"Várias doses de sêmen masculino, doado por homens cujos dotes físicos e intelectuais mostravam pontos de semelhança com as características equivalentes dos maridos das mulheres que se ofereceram para a experiência, foram congeladas em aparelhos especiais e mantidas a temperatura muito abaixo do zero pelo prazo máximo de dois anos e meio...

"Em seguida, com o consentimento dos respectivos cônjuges, e garantindo rigorosamente o anonimato dos doadores, 55 mulheres foram inseminadas artificialmente. Num primeiro grupo de 11 pacientes, 9 gestações foram levadas a termo... Todos os bebês que nasceram com este tratamento passam bem e não apresentam qualquer fenômeno de malformação."

É lógico que sobre o eventual doador e os eventuais operadores da América pré-colombiana não podemos mais que levantar hipóteses sem consistência. As gestas de Hunahpu e Ixbalanqué, de qualquer maneira, são bastante esquisitas. Eles possuem, por exemplo, "pás" e "machados" que realizam seu trabalho sozinhos, sem ser manuseados, e um "pombo de madeira" que os avisa quando se aproximam pessoas estranhas. Será que se trata de uma tentativa de mecanização agrícola antecipada e de um pequeno radar de bolso? Para uma mente moderna as descrições parecem capazes de corroborar a hipótese. É também singular o fato que, antes de partir para o além, Hunahpu e Ixbalanqué plantam "no interior de sua morada, na terra seca, duas canas", dizendo para a avó: "Se estas canas secarem, então estaremos mortos. Mas se brotarem, isto significa que continuamos vivos". Estamos forçando demais nossa fantasia ao pensar em aparelhos para comunicação à distância? Imaginemos sermos ignorantes de coisas técnicas e ver um tubo com um brilho intermitente, que revela as pulsações do coração de um astronauta ou qualquer outra função vital: será que nós não o compararíamos a uma cana que brota?

Os gêmeos deviam conhecer muito bem os ardis daqueles que os convidam numa espécie de reino dos mortos (mas de mortos, note-se bem, nem se fala!): eles recusam sentar-se no assento que queima, superam por meio de engenhosos expedientes aqueles que hoje chamaríamos "testes de inteligência", ganham as provas da "casa do silêncio" e das outras.

No fim, porém, um "vampiro da noite descido do céu" arranca com uma mordida a cabeça de Hunahpu. Mas imediatamente chega Huracán, o "Coração do Céu", recoloca a cabeça no lugar, embora de maneira provisória, para em seguida providenciar uma substi-

tuição definitiva. Os dois irmãos sacrificam-se, ressurgem (e alguém considera estes episódios como testemunho de uma cirurgia adiantadíssima), voltam para o além, que deixaram vitoriosos, realizam uma nova série de prodígios, ressuscitam um cão, contêm um incêndio que não queima nada ("... e ninguém *(dos que estavam dentro do edifício)* queimou-se e a casa voltou a ser como antes": será que era só um jogo de luzes?), abrem o peito dos outros para em seguida consertá-lo, retiram seus membros como se fossem os de um robô e, para terminar, matam um bom número de "demônios".

Gostariam de ressuscitar o pai e o tio, suspensos em sabe-se lá que estado entre a vida e a morte, mas não conseguem e os deixam, anunciando: "Sereis chamados. Sereis chamados primeiros, e primeiros sereis honrados pelas filhas e pelos filhos da luz. Vossos nomes não se perderão".

A epopéia termina com a ascensão dos gêmeos ao céu. Um torna-se o Sol, o outro, a Lua.

Só lenda?

Não. Ainda uma vez, Agrest, o destacado cientista soviético, nos diz: "Indiscutíveis realidades estão na nossa frente [46], realidades capazes de mostrar-nos como os antigos povos guardam a lembrança de fatos que chocaram profundamente sua fantasia e que foram em seguida encobertos pelo véu do mito".

46 - Sobre o aparecimento do Sol, o *Popol Vuh* se expressa com esta indiscutível consideração científica: "Hoje não vemos mais do que seu reflexo, não o Sol primitivo... cujo calor era insuportável".

CAPÍTULO III

Monumentos na Lua

Os GIGANTES, QUANDO NA Terra eram senhores incontestes, exigiram que os homenzinhos lhes levantassem dignos monumentos. E nossos afastadíssimos antepassados, embora mais contra vontade do que com prazer, puseram mãos à obra. Foram surgindo assim aquelas enormes estelas primitivas que nós chamamos menir (do bretão, significando "pedra longa").

Por sorte dos antigos irlandeses, porém, quis o destino que se encontrassem naquela área também titãs bons. Estes (que não apresentavam o instinto tirânico de seus companheiros e gostavam dos homens) consideravam bastante estúpido aquele culto e sugeriram aos seus protegidos o sistema que ia acabar de vez com a prepotência dos gigantes. "Levantem grandes mesas — lhes sugeriram — e façam crer aos nossos companheiros que serão usadas para oferecer banquetes em sua honra. Pelo contrário, aquelas mesas vão atrair o povo da noite, que protegerá vocês e porá freio aos malvados."

Assim os homens fizeram e assim tomaram forma aqueles toscos monumentos megalíticos conhecidos com o nome de dólmen (ainda do bretão, "mesa de pedra"), justamente formados por uma laje apoiada sobre duas estelas fincadas verticalmente no chão.

A estória não é tirada de um texto autorizado: trata-se simplesmente de uma lenda irlandesa. Os habitantes da "ilha verde" poderiam ter guardado uma pálida lembrança do fato, visto ser sua terra riquíssima destas e de outras esquisitas construções: em 1898 W. C. Borlase fez o levantamento de 780 dolmens (entre os quais aquele, excepcional por suas dimensões, de Legananny), 50 sepulturas em câmara (das quais merece ser assinalada a sepultura de tipo micênico de Newgrange, ornamentada com as afamadas espirais galácticas), 68 monumentos de tipo indefinido, inúmeros menires, nichos fúnebres de todo tipo e anéis de pedra, que lembram muito de perto os de Stonehenge e de Avebury.

Se a lenda de que dissemos acima tem algum foro de verdade, estaria, em parte, apoiando o cosmólogo francês Saurat o qual considera os menires como representações dos gigantes e os dolmens como suas mesas.

Dizemos "em parte" porque, como vimos, só aparentemente as "mesas de pedra" teriam sido destinadas aos banquetes dos titãs. Não podemos, evidentemente, aceitar ao pé da letra a lenda irlandesa, mas talvez de seu contexto possa surgir outra verdade.

Ainda hoje menires e dolmens estão recobertos de mistérios e, mesmo que debaixo dos segundos tenham sido encontrados restos humanos, os sepultamentos poderiam muito bem ter-se dado em épocas posteriores à da construção: isto é, as construções, levantadas com uma finalidade bem diferente, poderiam ter sido utilizadas como monumentos funerários por aqueles que as encontraram.

Mas, mesmo neste caso, o que teria a ver com os megalitos o "povo da noite"? De acordo com os mais arrojados pesquisadores, poderíamos identificar este povo como uma raça de exploradores interplanetários; se, porém, quisermos pensar, como fazem alguns, que os menires indicavam áreas de aterrissagem, vamos dizer logo de saída que isto não passa de ficção científica barata: a localização das colossais obras não pode encorajar de maneira alguma hipóteses desta natureza.

Contudo, os megalitos que se encontram em toda parte do globo não foram levantados ao acaso, e sim segundo princípios astronômicos que desgraçadamente não conseguimos focalizar. Seus criadores deviam conhecer muito bem a posição e o caminho dos corpos celestes, o que também se infere de gravuras que se encontram sobre pedras.

"Sobre um dólmen de Castellet (Fontvieille, Departamento das Bocas do Ródano) — exemplifica Serge Hutin — encontra-se o símbolo do cavalo solar atrelado ao carro com o qual se representava o astro. Pictografias serpentiformes podem ser vistas em diversos megalitos e na câmara subterrânea do túmulo de Gravrinis (ilha do Golfo de Morbihan), que lembra as espantosas criptas descritas em certos contos de Lovecraft. Contrariando a denominação e a opinião geralmente difundida, não se trata de uma sepultura e sim de um pequeno templo: nele também encontramos representações de serpentes em espiral, cornos, pés humanos, uma deusa. Serpentes podem também ser vistas nos grafitos da Inglaterra, da América Setentrional (Bush Creek, Ohio), no Brasil *(Pedra Pintada)* e em outros lugares."

O mistério de Stonehenge

Uma explicação parecida, talvez, caiba também em relação a outros monumentos pré-históricos cujo significado permanece até hoje um enigma e é interessante notar o que escreve a respeito um apaixonado, o Sr. Douglas Chaundy:

"Quando li *Man among Mankind,* de Brinsley Le Poer Trench, achei interessantes e divertidas as notícias sobre o "Zodíaco do Somerset" descoberto pela Sra. Maltwood. Querendo saber se ainda sobrava algo mais a ser decifrado, comprei um mapa detalhado da planície de Salisbury, mapa que indicava, entre outros lugares de importância histórica, os assim chamados "longos túmulos".

"Mesmo não entendendo absolutamente nada de arqueologia sabia que se tratava de construções que remontavam à pré-história e me dediquei ao seu estudo, assinalando com uma cruz todas as que podia encontrar. Unindo entre si as cruzes, fiquei surpreso ao constatar que elas coincidiam com algumas das constelações próximas do Pólo Norte: a Ursa Maior, a Ursa Menor, o Dragão, o Triângulo e Andrômeda. Vi também que, nos lugares onde faltavam "longos túmulos" para completar as constelações, tinham sido levantadas, em muitos casos, cidades.

"A minha teoria é que os "longos túmulos" representassem as constelações como eram na época da construção deles. Quem sabe, também, se os "túmulos redondos" não simbolizavam os planetas que giram ao redor de uma determinada estrela? Acho que um e outro tipo de construção remonta à época em que foi edificado o "Templo das Estrelas" (Zodíaco do Somerset) e Stonehenge".

Stonehenge: eis-nos chegados ao mais famoso "círculo mágico" do mundo, levantado poucos quilômetros ao norte da atual Salisbury. A este "quebra-cabeça de pedra" a conhecidíssima revista inglesa "Nature" dedicou nada mais nada menos — em dezembro de 1966 — do que três artigos, um dos quais assinado por aquela indiscutível autoridade no campo astronômico que é o Professor Hoyle.

O que vem a ser Stonehenge?

"Um santuário ao ar livre, como se pode pensar à primeira vista — resume para nós Giuseppe Tagliaferri — ou um observatório astronômico, como sustentam astrônomos de grande envergadura? Talvez seja uma e outra coisa, mas aqui nos interessa assinalar as pesquisas que mais parecem corroborar a hipótese de um observatório astronômico *ante litteram,* ou até mesmo de um rudimentar calculador digital para a previsão de determinados fenômenos solares e lunares.

"O monumento conheceu várias fases de construção e pode ser que nem sempre a mesma idéia tenha orientado a realização do projeto. Atualmente as estruturas mais salientes da composição — vamos dizer arquitetônica — são:

"a — o círculo de Aubrey (com diâmetro aproximado de 90 metros), concêntrico e interno ao fosso circular, localizado por 56 cavidades;

"b – o círculo "sarraceno" (diâmetro aproximado de 30 metros), concêntrico ao anterior e localizado por 30 pedras, algumas das quais estão faltando;

"c – a pedra de Hele, que se acha fora do terrapleno, na estrada da entrada;

"d – algumas cavidades, sempre na estrada da entrada, formando seis fileiras perpendiculares à direção da marcha;

"e – alguns marcos (duas pedras e duas cavidades) sobre o círculo de Aubrey [47]".

É principalmente sobre as estruturas lembradas que os estudiosos têm desenvolvido seus trabalhos. Começou Locker em 1901, tentando determinar a época em que o monumento foi construído. Com avaliações astronômicas, ele queria provar a crença popular segundo a qual o eixo principal da estrada de entrada aponta para o Sol nascente de meio verão.

"Nenhuma outra séria tentativa de caráter astronômico foi feita até 1963, quando Hawkins pensou em confiar a um calculador eletrônico IBM 7090 o problema da significação de determinados alinhamentos. Em outras palavras: Hawkins escolheu determinadas duplas de pedras e cavidades no mapa de Stonehenge, calculou seu azimute e declinação e comparou estes alinhamentos com a posição de alguns corpos celestes. O resultado completo do cálculo foi fornecido pela máquina no curto intervalo de um minuto e, embora não revelasse nenhuma correlação significativa com a posição das estrelas e dos planetas, foi realmente surpreendente quanto às correlações com o Sol e a Lua. O nascer e o pôr do Sol e da Lua em determinadas épocas do ano ficavam claramente determinados por alinhamentos específicos. Em seguida o próprio Hawkins sugeria outras "tarefas" – por exemplo, previsão dos eclipses – que podiam ser realizadas pelas estruturas de Stonehenge.

"Depois das recentes críticas ao trabalho de Hawkins, eis a intervenção de Hoyle e Newham. O Professor Hoyle focaliza sua atenção principalmente sobre o círculo de Aubrey e novamente elabora uma teoria na qual considera o círculo um instrumento para a previsão dos eclipses lunares e solares, *mesmo os invisíveis em Stonehenge*. Newham estudou principalmente a pedra de Hele e as seis fileiras de cavidades na entrada, correlacionando-as com o surgir da Lua.

---

47 - Apesar de variarem as denominações e as interpretações, os nomes com que geralmente se indicam as estruturas de Stonehenge são os seguintes: a) "Aubrey Holes" (Buracos de Aubrey); b) "Sarsen Circle", indicando-se com "sarsen" o tipo de pedra; c) "Bluestone Circle" (Círculo das Pedras Azuis), interno ao anterior, com 23 metros de diâmetro; d) "Heel Stone" (Pedra do Calcanhar) ou "Friar's Heel" (Calcanhar do frade); e) e f) correspondem às alíneas d) e e) do texto. (N. do T.).

"Embora não possam chegar ao detalhe, estas pesquisas sobre Stonehenge explicam como as 56 cavidades do círculo de Aubrey podem servir para marcar o tempo de regressão dos nós lunares [48], e portanto prever os eclipses; explicam como as 30 pedras do círculo "sarraceno" (para sermos exatos, 29 pedras e outra menor) representam os 29 dias e meio do mês lunar, etc. Uma quantidade de correlações e coincidências entre fenômenos lunares ou solares e elementos estruturais de Stonehenge que é muito improvável serem simplesmente devidas ao acaso, embora os ingleses de 1500 antes de Cristo "ainda não tivessem inventado moradas estáveis, nem mesmo a Royal Society", como anota humoristicamente o autor do artigo de "Nature".

Mas, na realidade, eram realmente ingleses os construtores de Stonehenge? Existe quem afirme que eram cretenses e que aplicaram, para a construção do monumento, técnicas egípcias: esta hipótese se apoiaria nas marcas e nos restos de espadas e machados de bronze encontrados aos pés das grandes pedras em 1953.

De qualquer maneira, aqueles que ainda estudam e cultivam as tradições célticas, mesmo admitindo que Stonehenge é muito mais antigo do que a religião druídica (também a data de "Nature" é muito duvidosa) sustentam que os sacerdotes desta religião receberam em herança os fragmentos de uma antiqüíssima ciência que teria sido trazida por seres vindos do espaço. Eis, destarte, um vínculo com o misterioso "povo da noite" da tradição irlandesa!

Sem dúvida muitas coisas ainda ficam para ser descobertas, em Stonehenge: tivemos notícias, por parte de sérios estudiosos, de rochas que revelam, em determinadas horas do dia, estranhas formas, ainda hoje identificáveis embora alteradas pelo tempo, de incríveis efeitos luminosos que se manifestariam só com intervalos de meses ou anos, de desconcertantes vibrações sonoras devidas às variações de temperatura e, segundo alguns, conscientemente provocadas pelos desconhecidos construtores do monumento. E também nos pediram para não citar nomes; um desejo, este, bem compreensível quando se considera o acúmulo de especulações esotéricas debaixo das quais foi sepultado o "santuário".

É realmente um pecado que as coisas se tenham encaminhado para esta direção; e é igualmente desagradável que, em outros casos, auto-sugestão e doutrinas de ficção científica se confundam entre si ao ponto de constituir um amálgama onde se torna impossível separar os componentes. É esta, por exemplo, a posição que nos parece ter sido assumida pela Sra. M. E. Carey, uma pesquisadora

48 - Chama-se nó o ponto em que a órbita de um planeta ou de um cometa cruza a eclíptica, isto é, o círculo imaginário correspondente à órbita da Terra ao redor do Sol. (N. do T.).

diletante inglesa, cujas impressões Jimmy Goddard nos fornece em seu trabalho *Enigmas of the Plain*.

"Uma noite de setembro – conta Mrs. Carey – minha filha Merilyn recebeu a visita de dois amigos... falamos de Stonehenge, e eu contei algumas coisas que tinham acontecido comigo naquele lugar. Alguns dias depois, os amigos voltaram e disseram-me que queriam ir até Stonehenge para ver se realmente havia um peixe esculpido naquelas pedras. Encontramos a simbólica cabeça de elefante e descobrimos mais alguma coisa que nos deixou bastante chocados: vimos algo que parecia ser um touro; fotografamo-lo e conseguimos, pelo contrário, a imagem de um homem que parece estar domando um cavalo. Encontramos também o "meu" peixe que, quando fotografado, revelou ser uma canoa cheia de pescadores, com uma cabeça de urso e um caçador!"

"Numa noite – escreve esta senhora, referindo-se a uma visita posterior – uma pedra começou a ficar brilhante e tomou o aspecto de uma cobra com os olhos flamejantes. Pareceu retorcer-se e de sua boca saiu um homem. O corpo sumiu, mas a cabeça ficou... e eu pude ver grandes fogueiras queimarem além do fosso, sentir o cheiro da madeira queimada. Havia gente a meu redor: não britânicos primitivos, mas representantes de uma raça altamente civilizada... O templo era um esplendor de luzes... Todas estas impressões não duraram mais do que um instante, mas haviam de ficar gravadas na minha mente..."

Por incrível que pareça, fenômenos desta natureza não são muito raros e deles nos falam cientistas de indiscutível seriedade e de clara fama: bem conhecido e impressionante é aquele vivido pelo Professor Marcel Homet junto da *Pedra Pintada* da Amazônia [49]. Contudo Mrs. Carey acrescenta determinados detalhes que nos deixam meio na dúvida, contando ter "sabido" (através de sabe-se lá quais misteriosas emanações provindas das rochas de Stonehenge) que numa época afastadíssima uma tremenda catástrofe caiu sobre a humanidade e que poucos representantes de uma grande civilização conseguiram salvar-se, ao abandonar um continente submerso, encontrando refúgio na Grã-Bretanha, na Irlanda e na América, ajudados por um generoso "povo descido das estrelas".

"Conseguimos encontrar três representações que poderiam ser relacionadas com o "povo celeste", acrescenta Mrs. Carey. "A de um indivíduo com um capacete... uma túnica, calças de tecido e botas: é talvez um membro de uma tripulação espacial? A segunda figura... usa um colete de pele, luvas, uma túnica brilhante, um cinto e

49 - Veja *Antes dos Tempos Conhecidos*.

calças enfiadas nas botas... Existem muitas outras gravuras em Stonehenge: quem eram os homens que usavam bigodes finos que nem lápis e uma variedade de tipos de capacete, incluindo alguns ornamentados com chifres?"

Se é permitida uma correlação, como simples curiosidade, gostaríamos de lembrar que o príncipe egípcio Rahotep (2.500 a. C. aproximadamente), representado junto com a esposa Nofret num estilo curiosamente "moderno", é um dos poucos personagens da Antiguidade caracterizado por bigodes, justamente "finos que nem lápis". Mas trata-se, repetimos, de uma observação sem importância. Mais interessante poderia ser a continuação do conto de Mrs. Carey:

"Quando fomos até Avebury, quase ficamos chocados... Caminhamos entre estátuas gigantescas que representam cabeças humanas, grupos, animais: paramos perto de um monumento a um "rei" assírio sentado em seu trono. Parecia incrível que conhecidos arqueólogos não tivessem tido qualquer interesse naquelas estátuas. As pedras de Avebury são ainda mais maravilhosas que as de Stonehenge: é evidente que a obra foi realizada por um povo civilizado que usava roupas e sapatos. Não sei se alguma vez aqui moraram os homens que a tradição diz vestidos de peles, mas está claro que eles não podem ter construído os monumentos de Stonehenge, nem aqueles de Avebury. O que se correlaciona com estes lugares é Tiahuanaco, na Bolívia...".

Será que alguma vez conseguiremos enxergar a verdade além das inamovíveis tomadas de posição da ciência oficial e das audacíssimas deduções dos entusiásticos defensores das "teorias espaciais"? Chegaremos um dia a lançar nem que seja um pouco de luz sobre o desconcertante mundo das lendas druídicas? Existe, por exemplo, quem ache possível deduzir, de estudos realizados, que o culto lunar dos druidas teria uma origem muito pouco relacionada com crenças fantásticas: os pressupostos colonizadores cósmicos teriam sido habitantes da Lua, ou teriam mantido uma base no satélite!

É singular, de qualquer maneira, o Flammarion escreve: "Um esquisito detalhe nos foi deixado por Hecateu de Mileto *(historiador e geógrafo grego que viveu ao redor de 500 a. C.)* sobre os costumes religiosos britânicos... Ele refere que a Lua, vista daquela ilha, parece muito maior do que em qualquer outro lugar e que na sua superfície podem até mesmo ser vistas as montanhas, como sobre a Terra. *De que maneira conseguiram os druidas realizar observações desta natureza?* Plutarco, também, em seu trabalho *Da Face Visível da Lua,* nos conta que, de acordo com os gauleses, e também com idéias por muito tempo mantidas na ciência, a superfície lunar seria rica de muitos mares mediterrâneos, parecidos, se-

gundo o filósofo grego, com o Mar Cáspio ou o Mar Vermelho. (Os gauleses) também tinham a certeza de ter visto na superfície lunar imensos abismos...".

Os guardiães do sinete

Na Córsega encontram-se menires bastante esquisitos: não toscas pedras fincadas no chão e sim pedras esculpidas, com feições humanas. Descobriu-os, em julho de 1964, o arqueólogo Roger Grosjean, do Centro de Pré-História corso, encarregado pelo CNRF do estudo dos restos do remoto passado da ilha. Logo de saída ele trouxe à luz no Platô de Cauria, no extremo sul, estes esquisitos monumentos; os dois mais bonitos, entre os que até agora foram achados, medem cerca de três metros e mostram rostos severos debaixo de capacetes de forma curiosa, com longas espadas penduradas na cintura.

Grosjean ficou chocado por um detalhe: nos capacetes, dois furos simétricos pareciam ter sido escavados para neles se colocarem os chifres com os quais se ornamentavam muitos guerreiros antigos. O arqueólogo rumou direto para Paris a fim de consultar todos os textos que contêm descrições de capacetes com chifres, até descobrir quanto estava procurando: eram capacetes de guerra dos xardanas (ou xardanes), povo de navegadores que provinha do Mediterrâneo oriental, com o qual os egípcios guerrearam entre 1400 e 1200 a. C.; Grosjean conseguiu depois estabelecer que os xardanas invadiram e conquistaram a Córsega 35 séculos atrás, aniquilando seus habitantes primitivos.

Os corsos chacinados não conheciam o uso dos metais, o que significa que não estavam representando seu povo e sim os invasores, os quais justamente usavam armas de bronze. "A explicação – pensa Grosjean – talvez se encontre num dos escritos de Aristóteles, que nos fala dos iberos que levantavam ao redor de suas tumbas um obelisco para cada inimigo morto. Talvez o filósofo grego tenha cometido só um erro de atribuição: os iberos, como é provado pela arqueologia, nunca tiveram este hábito; o sábio talvez quisesse aludir aos corsos."

Para o escritor Marc-Ambroise Rendu, estes menires são "únicos no mundo"; mas embora sua relação seja ótima, neste ponto ele está errado. Menires esculpidos podem ser encontrados em todas as partes do globo: singular é aquele irlandês de Cordonach e aqueles estranhos monumentos fúnebres siberianos, chamados *baba*, talvez tenham muito em comum com os corsos.

É curioso notar que, em sua grande maioria, estas esculturas foram realizadas em longas rochas arredondadas em sua extremidade superior: a partir desta observação, ganhou terreno entre determinados círculos arqueológicos a hipótese de que sejam representações de virilidade; uma hipótese insustentável por várias razões e antes de mais nada porque, se assim fosse, os característicos sexuais das personagens representadas deveriam estar presentes o que, bem pelo contrário, nunca acontece.

Por outro lado, uma correlação válida poderia ser feita com as estelas maias que, segundo Schmidt, constituiriam "o lógico desenvolvimento do menir", isto é, um menir aperfeiçoado: inegavelmente as personagens principais não são representadas de figura inteira, mas simbolizadas na parte anterior do monólito. Se assim fosse, poderia ser aceita a tentativa de explicação feita pelos defensores da "teoria espacial" e talvez mesmo apoiada pela representação de seres que muito pouco têm de terrestre. "Quem levantou estes monumentos — declaram alguns cientistas — sem dúvida, devem tê-lo feito debaixo de influências hoje insuspeitáveis; por que, de fato, nenhum povo primitivo de nossa época os constrói?"

Outra confirmação, talvez, nos poderia vir da Grécia: realmente não são poucos os arqueólogos que, trabalhando em solo helênico, afirmam que as conhecidíssimas ruínas vêm surgindo sobre testemunhos de civilizações mais antigas, atribuídas aos pelasgos, povo de origem duvidosa que, naquela que chamamos pré-história, teria ocupado a Grécia, a Cária (Oriente Médio) e a Itália central e meridional, povo que alguns dizem de origem atlântida.

Hutin atribui aos pelasgos também a remotíssima exploração das minas de ferro da Ilha de Elba e a escavação de imensos canais subterrâneos — como aquele que ia de Livadia até Corinto — já conhecidos pelos antigos gregos e já obstruídos milhares de anos antes de Cristo, de tal maneira que não mais serviam para qualquer finalidade.

Também na misteriosa Ilha de Páscoa algumas galerias que comunicam com o mar parecem ter sido, na realidade, canais. Isto explicaria o abastecimento hídrico à população de um lençol de terra talvez usado (como muitos sustentam) para cemitério comum de um arquipélago atualmente desaparecido.

Mas como poderia ter-se dado este tipo de abastecimento? Talvez de uma forma análoga àquela com que há três mil anos os fenícios asseguraram a água necessária à cidade de Tiro, conduzindo-a à ilha (pois assim era naquele tempo) por meio de um canal submarino?

Mas há outras coisas em Páscoa. "Na extremidade meridional da ilha — escreve M. J. Thompson — existem de 80 a 100 casas de

pedra, construídas numa linha regular, contra um terraço de rocha ou terra que, em determinados casos, representa a parede de fundo dos edifícios. Os muros destes últimos medem 1,52 m de espessura e 1,20 m de largura, sendo formados por pedras irregulares, pintadas em vermelho, branco e preto, com representações de aves, rostos humanos e objetos diversos. Perto das "casas" as rochas foram esculpidas de maneira esquisita e simbolizam tartarugas, peixes, animais mitológicos, mas principalmente aves."

Lembramos, com Alfred Métraux:

"A maior festa religiosa da ilha, a única sobre a qual existem pormenores precisos, era a do homem-pássaro intimamente relacionado com o culto do deus Makemake. O longo drama místico que todo ano era vivido nos recifes de Orongo, não tinha simplesmente profundo significado religioso, mas influía de maneira determinante sobre a vida social da ilha.

"A descoberta e a posse do primeiro ovo de *manutara* deposto nos recifes de Moto-nui constituía o principal objetivo dos ritos que se repetiam cada ano, desencadeando as mais violentas paixões. A finalidade pode parecer desproporcionada com os esforços realizados para alcançá-la e os perigos a que estavam sujeitos aqueles que ambicionavam tão pobre despojo. Mas somente quem desconhece a força dos símbolos pode sorrir de empresas como esta. O ovo era a encarnação do deus Makemake e a expressão palpável de forças religiosas e sociais de uma grande intensidade. O prêmio da luta para a posse de um ovo era o favor dos deuses e a sanção do poder político".

Métraux não é evidentemente um indivíduo que aceite hipóteses outras que não as delineadas pela ciência "oficial"; para quem segue as tradições relacionadas com a mítica ave em todas as partes do globo, para quem dedica alguns instantes, mesmo que seja só por curiosidade, mas sem sorrisos de gozação, às inúmeras lendas, às cerimônias, aos ritos que têm como ponto central a "ave de fogo", a "ave trovejante", a fênix com ninho de chamas, a festa na Ilha de Páscoa ganha um significado muito mais sugestivo. *Apoderar-se do ovo significava tornar-se homem-pássaro, parecido com os deuses que desceram das estrelas, conquistar a ilusão de estar por um ano perto daquelas fantásticas criaturas cuja lembrança ainda está fixada em documentos inspirados em tradições sem idade: "Eis, chegam os homens voadores... os homens de chapéu, que voam...".*

Como sabemos, os atuais habitantes da Ilha de Páscoa são de origem polinésia. Mas na Polinésia não existe, nem existiu, qualquer manifestação que apresente qualquer ponto de contacto com a festa do homem-pássaro. Bem pelo contrário, cerimônias análogas

ainda hoje são realizadas em toda a América, mesmo que, na grande maioria dos casos, o fabuloso volátil seja representado com mantos e diademas de penas, asas e caudas simbólicas!

Voltando aos menires esculpidos, lembramos que, segundo alguns, eles estariam estritamente relacionados com as alucinantes estátuas da Ilha de Páscoa [50]. E alguns também acham que a disposição destes últimos monumentos não é de maneira alguma estranha à disposição de certas estrelas, como podem ser vistas da ilha! Acerca disso, algumas lendas sul-americanas dizem que um dia os gigantes da misteriosa ilha poderão reviver, por obra de magia. Só lenda, de acordo. Mas gostaríamos de saber se de alguma forma inspiraram o escritor Donald Wandrei para o seu conto *Cimitierre de l'effroi*, onde fantasia uma misteriosa linha que, em nosso futuro, uniria Stonehenge à Ilha de Páscoa, assinalando a iminência de uma catástrofe universal.

"Quando as estrelas se encontrarem na posição que foi profetizada, então os Titãs despertarão e voltarão. A Terra abrir-se-á e, de criptas mais profundas de quanto sejam as nuvens altas, o Guardião do Sinete tornar-se-á, ele também, grande como um Titã e irá colocar-se sobre o Crltul Thr. As águas irão ferver, a Terra abrir-se-á e as estrelas surgirão num céu de chamas. De seu Universo, de além dos astros, os Titãs descerão. Eles reclamarão para si tudo quanto vive, eles que nos fizeram de pó e fogo que consome. Isto se dará quando os gigantes despertarem, quando as estrelas estiverem no devido lugar, a não ser que chegue aquele que enfrentará o Guardião do Sinete, e o vença. Então o Guardião voltará a ser pedra e os Titãs esperarão na grande esfera até que as estrelas voltem novamente à posição indicada pela profecia...".

Monólitos entre as crateras?

Outro conto utópico, ao qual talvez já tenhamos feito referência, de passagem, mas do qual não lembramos o título, fala do desembarque de nossos exploradores cósmicos na Lua, conta como eles se dirigiram, entre imaginárias dificuldades, em direção a uma formação rochosa, para parar, depois, boquiabertos, diante do pedestal do monumento a um majestoso homem barbudo, sobre o qual podem ler: "Ao rei da Atlântida, os primeiros cosmonautas", ou algo parecido.

50 - Notamos, de passagem, que as estátuas da Ilha de Páscoa são pesadíssimas e é inadmissível que possam ter sido levantadas usando-se rolos de madeira. Os oficiais da nave de guerra "Topaze", para levantar uma única estátua de somente 2,5 m de altura tiveram de lançar mão de meios mais modernos e de mais de 500 homens.

Naturalmente existe quem sustente, há dezenas de anos ou séculos, que a Lua foi explorada ou está habitada: todos estes senhores estão em ótima companhia, pois, já Luciano de Samósata, com outros pensadores antigos não menos ilustres, "viu" em nosso satélite seres extraordinários, animais esquisitos e outras coisas bastante interessantes.

E ainda hoje existe quem acha poder reconhecer em determinados detalhes das fotografias tiradas pelas sondas americanas ou soviéticas figuras de desconhecidos astronautas, ou até mesmo exemplares de fauna "espacial". Evidentemente no jogo das luzes e das sombras destas fascinantes imagens pode ser "vista" qualquer coisa, com a ajuda de uma pitada de fantasia. Se, além do mais, realmente tivesse existido algo que pudesse sustentar a hipótese de uma presença "estrangeira" na Lua, os cientistas não teriam certamente deixado de notá-lo e de assinalá-lo, considerando-se que o material recolhido foi objeto dos mais atentos exames.

Destes exames, contudo, foram emergindo constatações inesperadas, seguramente não tão sensacionais como as teorias daqueles que defendem a presença de formas de vida sobre o satélite, mas de qualquer maneira suficientemente pasmosas.

Delas nos fala o Professor William Blair, que não é simples observador diletante, mas insigne especialista de antropologia física e arqueologia, que ocupa um lugar de primeira plana no Instituto de Biotecnologia da "Boeing":

O que chamou a atenção do Professor Blair foi uma imagem tirada pelo "Lunar Orbiter 2" na borda ocidental do Mar da Tranqüilidade e divulgada pela NASA em 2 de novembro de 1966. Logo de saída ela foi batizada "a fotografia das cúspides" pelas evidentíssimas sombras que nela podem ser vistas e que se destacam nitidamente, por sua forma, das características conhecidas da paisagem lunar.

A maior destas sombras é parecida com aquela que o monumento a Washington lança de manhã cedo ou no fim da tarde; a agulha mais alta mede 213 metros, enquanto as mais baixas devem ter a altura de pinheiros de porte notável.

Estas formações chocaram muitos cientistas que porém não quiseram antecipar qualquer tentativa de explicação: as notícias relativas a supostas "construções lunares", que em seguida revelaram-se formações naturais, constituem na realidade um convincente convite à prudência; foi justamente acatando este convite que um dos maiores peritos na matéria, o Doutor Richard W. Shorthill, falou das cúspides como do "resultado de um qualquer acidente geofísico". A vaga definição foi considerada aceitável por muitos, mas

não por Blair, que acha possa ser derrubada com um simplíssimo termo de comparação: aquele relativo aos monumentos pré-históricos do nosso planeta, assim como são mostrados pelas fotografias aéreas.

"Se realmente as cúspides fossem o resultado de um qualquer acidente geofísico – anota o estudioso – seria lógico esperar encontrá-las distribuídas ao acaso. Portanto, a triangulação daria triângulos escalenos, ou de qualquer maneira irregulares. Aquela relativa aos "objetos" nos leva, pelo contrário, a um sistema de coordenadas x, y, z em ângulo reto, seis triângulos isósceles e dois eixos constituídos por três pontos cada um."

Aquela que Blair define "uma análise limitada e em sumo grau especulativa de suspeitas relações coordenadas" inclui a assim chamada "fossa", mais propriamente uma grande depressão retangular no lado ocidental da agulha maior. "A sombra projetada por esta depressão – sublinha o estudioso – parece indicar quatro ângulos de 90º e a estrutura leva a pensar numa escavação cujas paredes tenham sido alteradas por um processo de erosão ou tenham ruído por dentro."

Será que com estas considerações – perguntam-se alguns estudiosos, não sem uma ponta de ironia – Blair quer sugerir-nos a idéia de que as cúspides são o produto de uma inteligência transitória, instrumentos de observação ou de navegação celeste, ou até mesmo de comunicação?

"Vocês querem que eu o confirme, para desacreditar-me?", responde o professor, sem meios termos. "Bem, só quero lhes dizer isto: se um conjunto como este tivesse sido fotografado na Terra, a primeira preocupação dos arqueólogos teria sido a de inspecionar o lugar e de realizar escavações de prova para avaliar a importância da descoberta."

Os observadores céptico nada podem alegar como resposta, a não ser o acaso, cujas esquisitices talvez poderiam fazer com que fenômenos naturais originem formações simétricas.

"Mas se este "axioma" tivesse sido aplicado a análogas formações terrestres – retruca Blair – mais da metade da arquitetura asteca e maia, que hoje conhecemos, ainda estaria sepultada debaixo de colinas e depressões recobertas por árvores e arbustos... o "resultado de um qualquer acidente geofísico"; a arqueologia nunca teria se desenvolvido e a maior parte dos dados relativos à evolução humana estaria envolta no mistério."

A Lua encerra ainda inúmeros enigmas, desde as "agulhas cintilantes" às "cúpulas" espalhadas por todo lugar, desde a estranha formação em cruz fotografada por Robert E. Curtis, um astrônomo

de Alamogordo e ilustrada pela revista da Universidade de Harvard, ao curiosíssimo "bloco" fotografado pela "Sond 3" em julho de 1965 e divulgado pelo "Pravda" numa sugestiva ampliação.

As "cúspides de Blair", contudo, constituem-se no enigma que mais convida à reflexão. Vamos considerá-las formações naturais: teremos contudo de admitir que são as primeiras desta natureza que vimos até hoje. Pois, se realmente são produtos do azar, estaremos nos defrontando com algo ainda mais maravilhoso do que a representação gráfica do teorema de Pitágoras que porventura viesse a ser realizada por um macaco a brincar com um pedaço de giz.

CAPÍTULO IV

A Marca de Mu

NUM DIA MUITO AFASTADO — conta uma velha lenda das Carolinas — chegaram a Ponape, sobre estranhos barcos cintilantes, alguns estrangeiros brancos. Eles não falavam a nossa língua mas traziam consigo pessoas da nossa raça, com as quais podíamos entender-nos, embora sua linguagem fosse bastante diferente e já tivessem, fazia tempo, adotado os hábitos dos estrangeiros. Estes últimos contavam belíssimas estórias de uma terra que teria existido onde existe o mar, e de maravilhosos edifícios, e de homens e mulheres felizes.

Os recém-chegados nos ensinaram estranhas obras de magia e assim foram surgindo sobre o oceano novas ilhas; e nossos navios voavam sobre as ondas, e inimigo algum, embora forte e armado, pôde derrubar nossas fortalezas. Mas um dia houve uma grande tempestade que conseguiu realizar tudo quanto os adversários nunca tinham conseguido. As soberbas construções foram varridas no volver de poucas horas, muitas ilhas que, antes alegravam o mar com suas flores e com os cantos de seus habitantes, afundaram nos abismos.

Os estrangeiros sobreviventes nos estimularam para que retomássemos o trabalho, mas nossos conterrâneos eram demasiado preguiçosos e não aceitaram as exortações dos mestres, chegando mesmo a expulsá-los. Assim o povo das ilhas decaiu e o irmão não mais conheceu o irmão.

A lenda, como dissemos, nos chega das Ilhas Carolinas e parece referir-se a um ponto bem preciso: a Ilha de Ponape, no Arquipélago das Senyavin. Um pedaço de terra como qualquer outro? Não diríamos: aqui existem ruínas ciclópicas, capazes de deixar a gente pasmada, entre as quais as de um templo de basalto cujas paredes ainda hoje superam os 10 metros de altura, circundadas por outras ruínas e por um labirinto de terraços e canais; e, justamente em Ponape, Churchward achou ter encontrado uma das sete grandes e lendárias cidades de Mu. "Imensas construções edificadas sobre ilhotas artificiais, quadradas e retangulares, levantadas sobre parapeitos — acrescenta Jean Dorsenne — enormes blocos de basalto, fazem de Ponape uma extraordinária Veneza ciclópica."

Quem eram os estrangeiros que não falavam a língua de Ponape? Os homens brancos de tantas antigas tradições, acompanhados de colaboradores polinésios já iniciados em técnicas maravilhosas? O que eram seus "barcos cintilantes", suas "estranhas obras de magia", "os navios que voavam sobre as ondas"? Poderíamos adiantar muitas suposições a respeito, e todas muito arrojadas. Poderíamos lembrar, por exemplo, que também nossos construtores estão realizando barcos de vidro, ou lembrar as lanchas que viajam sobre um coxim de ar e pensar nas "obras de magia" como em adiantadíssimos sistemas: também os que nós usamos, por outro lado, seriam encarados da mesma maneira por populações primitivas.

De qualquer maneira Ponape não é a única ilha que apresenta enigmas desconcertantes: em Mangaia, ao sul das Ilhas Cook — lembra-nos Serge Hutin — foram descobertas ruínas parecidas com as da Ilha de Páscoa. E, como já tivemos oportunidade de observar [51], Tonga Tabu é caracterizada por uma arca que pesa mais de 170 toneladas; Kuki, no Havaí, por ruínas titânicas; a Ilha do Navegador, por uma belíssima plataforma de pedra vermelha, e as Marianas, pelas colunas de tronco cônico, para as quais não existe explicação.

"Em novembro de 1938 — continua Hutin — os irmãos Bruce e Sheridan Fahrestack voltaram para Nova York, depois de uma expedição que durou dois anos e durante a qual descobriram na Ilha Vanua Levu (no grupo das Fijis) um monólito de 40 toneladas, sobre o qual estavam gravados caracteres desconhecidos. É mais um enigma arqueológico que foi encarado pelos jornais como testemunho ainda visível de Mu, o continente desaparecido."

Sobre Tinian, na Oceânia norte-americana, o Barão D'Espiard de Cologne lembra: "A ilha está literalmente juncada de pilares e formações em pirâmides, cuja base é um quadrado e que nunca poderiam ter sido usadas para construir qualquer coisa... Estes pilares são construídos com areia e materiais diferentes, reunidos por compressão e encimados por uma semi-esfera, com a parte chata virada para cima. Em Rimatara (Ilhas Cubuai) encontram-se restos de altas colunas: um deles ainda mede 20 metros de altura e foi colocado sobre um edifício do qual nada mais resta além de poucas ruínas. Mais ao suleste, em todos os cumes de Rapa, que não mede mais de trinta quilômetros de circunferência, encontram-se restos de castelos ciclópicos...".

Voltamos a Ponape: aqui também estaríamos diante de vestígios da fabulosa Mu? Se esta última era (como dizem alguns estudiosos) uma grande massa continental que ocupava uma vasta área do Pa-

51 - Veja "Antes dos Tempos Conhecidos", do mesmo A.

cífico, ou mesmo um vastíssimo arquipélago, não nos parece que a lenda das Carolinas se refira aos seus diretos "enviados": a alusão a uma terra colocada "onde agora existe mar" e as ilhas submersas, não condiz, de fato, com as tradições do império submerso. De acordo com o arqueólogo norte-americano McMillan-Brown, o conto deve referir-se a um reino polinésio que teve em Ponape sua capital: se assim realmente fosse, poderíamos pensar nos "estrangeiros brancos" como em sobreviventes de Mu que tentaram manter vivos pelo menos os reflexos de um antigo esplendor.

As últimas centelhas

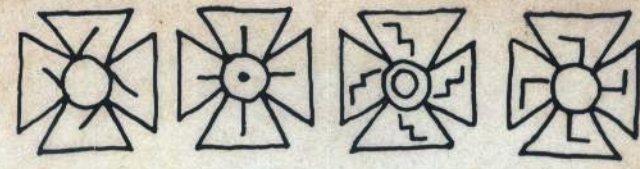
Quando se fala em Mu, fala-se em James Churchward, uma esquisita figura de viajante e de estudioso que possui indubitavelmente notáveis méritos no campo da ciência, mas cujas divagações teosóficas não podem ser, de maneira alguma, levadas em consideração.

Churchward, em 1868, era coronel na Índia, onde chefiava a distribuição das ajudas britânicas e destarte entrou em contacto com alguns religiosos, que lhe revelaram o segredo do continente desaparecido.

O problema fascinou nosso amigo que, deixado o serviço militar, entregou-se a longas viagens à procura de elementos que pudessem apoiar quanto lhe fora contado. Esteve nas Carolinas, em todos os arquipélagos do Pacífico meridional, no Tibete, na Ásia central, na Birmânia, no Egito, na Sibéria, na Austrália, na Nova Zelândia, novamente na Polinésia, nos Estados Unidos, na América central. Recolheu dados sem dúvida interessantes, mas não de tal ordem que constituíssem uma indiscutível confirmação de suas hipóteses, de acordo com as quais Mu teria desenvolvido um papel determinante na criação e na evolução das maiores civilizações do nosso planeta.

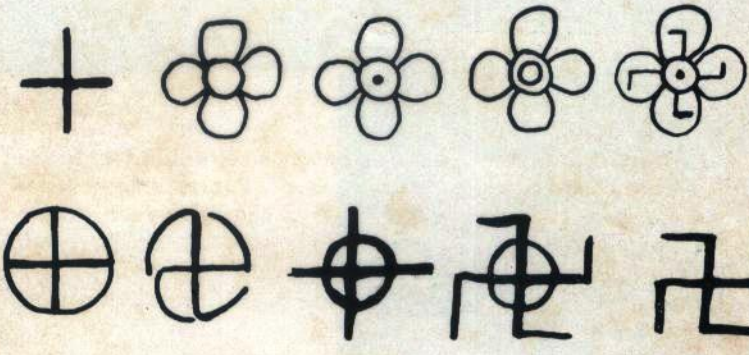
Aconteceu, também, chegar-lhe notícia de importantes achados trazidos à luz pelo arqueólogo estadunidense William Niven; este estudara por sua conta os estranhos achados e, sem conhecer Churchward, tinha chegado a conclusões parecidas. O ex-oficial inglês e o americano examinaram, juntos, mais de 2.600 tabuinhas, encontrando-se de pleno acordo em atribuir ao enigmático continente papel de primeira plana no desconhecido passado da Terra.

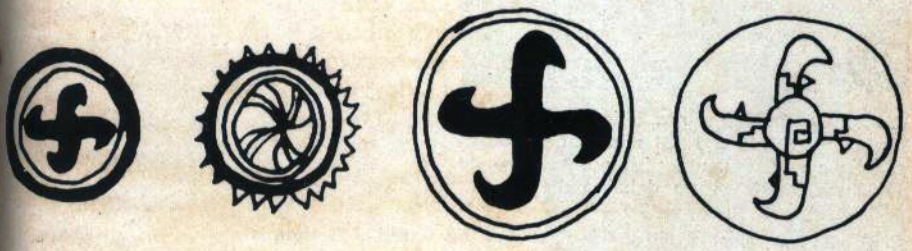
Desgraçadamente não é possível saber até que ponto as estranhas doutrinas esotéricas tenham influenciado as idéias de Churchward. Com Serge Hutin — que com escrupulosa seriedade dedicou-se à análise do problema — podemos, contudo, afirmar que (contraria-



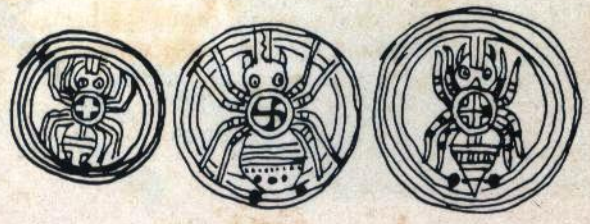
A evolução da cruz na América Central; na segunda fileira, vemo-la mudar-se na flor do lótus e na terceira, dar origem à suástica, exatamente como na Índia.

Desenhos dos "mounds" norte-americanos: o primeiro representa o Sol que nasce a ocidente (antes da pressuposta catástrofe cósmica) enquanto o segundo o representa em seu caminho atual. Novamente o Sol dirige-se de oeste para leste no terceiro desenho encontrado numa colina artificial americana e no quarto, de origem mexicana.



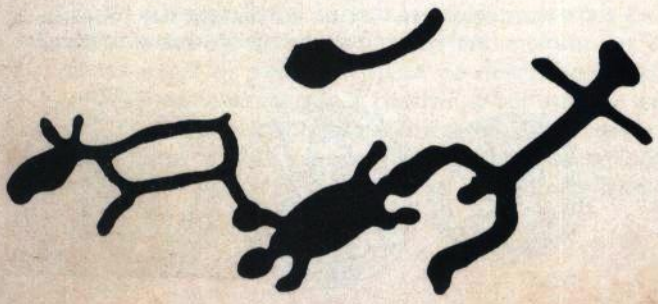


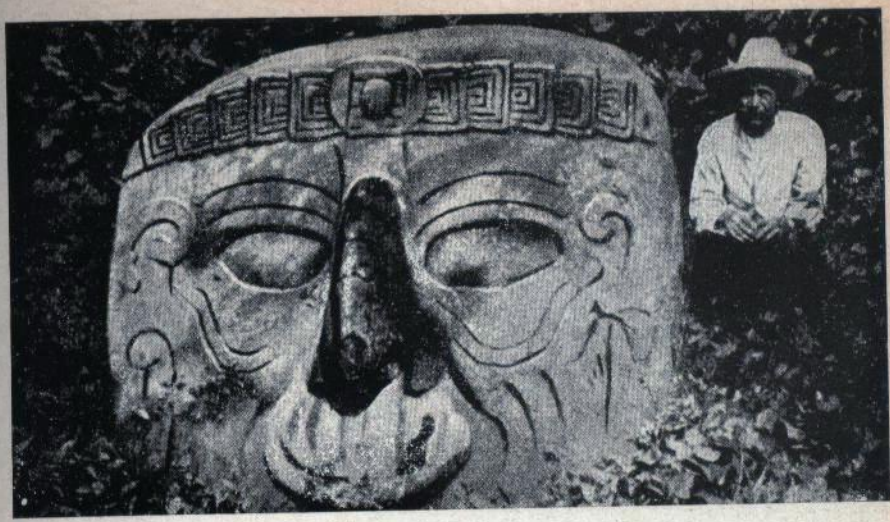
Três aranhas com a cruz, ou símbolo solar, enfeitam a louça encontrada nas vizinhanças dos "mounds".



Restos da Atlântida nos abismos oceânicos. *Em cima,* vulcão a 1.320 metros de profundidade e *embaixo,* um pico montanhoso de 1.460 metros de altura debaixo d'água.

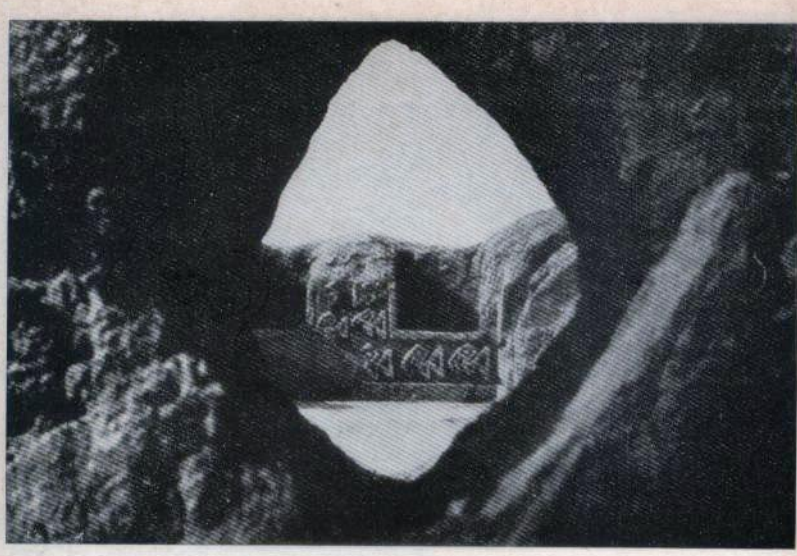
O "cinema pré-histórico" do Lago Onega, na Carélia: as figuras animam-se ao pôr do Sol.





Os desconhecidos habitantes da América pré-histórica: uma estranha criatura com sua cabeça achatada, que parece ter dominado o vale do Cauca, na Colômbia.

Um ser felino mexicano.



Duas vistas de Chan-Chan, no Peru. Suas ruínas imponentes cobrem uma área de 18 quilômetros quadrados e reúnem pirâmides, silos, enigmáticos palácios. Naquela localidade era adorado vivo o "deus-serpente".

mente a quanto tentaram fazer crer determinados círculos irresponsáveis, que tudo aceitam para chegar à confirmação de suas hipóteses) aquela do coronel inglês e de William Niven não é "mera mistificação": as famosas tabuinhas existem realmente e o Doutor Morlay, do Instituto Carnegie, que, a partir de 1924, as estudou durante anos, afirmou tratar-se de "objetos autênticos, com símbolos absolutamente desconhecidos quer no México quer nas outras regiões da América pré-colombiana, testemunhos de uma civilização absolutamente desconhecida".

De acordo com Churchward, a cultura irradiou-se para todas as partes do mundo, partindo de Mu. O continente, que ocupava grande parte do Pacífico, teria afundado cerca de 12 mil anos atrás e dele ainda hoje alguns cumes permaneceriam visíveis, representando as Ilhas Marquesas, Havaí, Marianas, Carolinas, Gilbert, Marshall, Tongas, Samoa, Taiti, as Ilhas de Cook e a de Páscoa.

O estudioso traz como apoio de suas afirmações as citadas tabuinhas de Niven, documentos encontrados na Índia, na Birmânia, no Camboja e no Tibete, inscrições maias encontradas quer no México quer no Iucatã, tradições e símbolos que caracterizam várias ilhas do Pacífico, sinais descobertos na América setentrional, escritos gregos e egípcios, lendas do mundo inteiro.

Serge Hutin novamente refere-se a Mu (que muitos, criando certa confusão, identificam com a mítica Lemúria ou até mesmo com Gondwana)[52] lembrando-nos: "Entre os malgaxes encontramos antigas tradições que se referem à lendária cidade de Cerné, no Oceano Indico. Também os oceânicos conservaram a lembrança dum grande dilúvio, em conseqüência do qual os mortos teriam encontrado morada "no fundo das águas, onde dormem os deuses brancos". Todas as lendas do Havaí, das Novas Hébridas, da Nova Zelândia, falam de uma raça de homens com a pele clara e os cabelos loiros, que teriam precedido os primeiros navegantes polinésios. Uma tradição da Ilha da Páscoa conta como Hoto Matua, o grande e lendário legislador da ilha das estátuas gigantes, teria chegado de um reino vizinho, submerso por um cataclsmo imenso. Outras lendas contam que os próprios polinésios têm sua origem num grande continente, hoje submerso em grande parte. Entre as pinturas rupestres dos bosquímanos da África austral, enfim, encontramos trabalhos que sem dúvida não lhes pertencem, mas

52 - O nome de Lemúria foi dado pelo cientista inglês P. L. Sclater ao hipotético continente que teria ocupado o Oceano Indico, em épocas pré-históricas. Dele teriam sobrado as ilhas do arquipélago malaio, Ceilão, Malaca e Madagáscar, onde se encontram os lêmures, característicos animais dos quais foi tirado o nome de Lemúria. Igualmente hipotético é o continente austral de Gondwana que teria se estendido, no período carbonífero, da Austrália à Índia anterior, à África austral e central, ao Brasil e à Argentina setentrional e oriental. Sua existência foi postulada para explicar afinidades morfológicas e faunísticas destas terras. (N. do T.).

foram executados por um povo muito civilizado de navegadores, vindo da Malásia ou da Indochina".

Segundo Churchward, das últimas centelhas de Mu teriam nascido as civilizações mediterrâneas, em primeiro lugar as egípcia e babilônica. Outros querem que estas civilizações tenham nascido da Atlântida, outros ainda de um encontro (do qual justamente o Mar Mediterrâneo oriental teria sido o palco) entre representantes dos grandes impérios desaparecidos.

Os estudiosos franceses do problema julgam que as ruínas parcialmente visíveis no deserto de Gobi, descobertas pelo reconhecimento aéreo soviético, escondam um dos maiores segredos de Mu, se não até mesmo a capital do lendário império.

Outros pesquisadores, apoiando-se principalmente na palavra *Naacals,* aceitam a opinião do historiador francês Jean Roy: "No vale do Indo floresceu há 3.500 anos a grande civilização do povo arcaico dos drávidas que, alguns séculos depois, absorveu os vedidas, de pele clara, e os melanidas de pele escura. Os melanidas eram originários da bacia do Rio Tarim, perto do Lago de Lob Nor, no atual Singkiang; penetrando nos altos vales do Indo, através do passo do Karakorum, eles levaram aos drávidas o conhecimento do sistema decimal (chamado "árabe", pois foi, mais tarde, transmitido ao Ocidente por meio das invasões árabes). Os drávidas chamaram estes melanidas com o nome de *Nacaals,* que significa "altos irmãos" e cuja origem poderia ser explicada com o fato de estes mestres terem provindo justamente do Karakorum, onde se levantam cumes entre 7.000 e 8.600 metros. Entre os *Nacaals,* somente os sábios conheciam o sistema decimal; eles não tinham a pretensão de ser os inventores, e sim simples depositários".

Outros pensam, pelo contrário, que os herdeiros de Mu tenham sido os fundadores das primeiras dinastias chinesas e colocam entre os mais ilustres Yao, cujo reino teria se iniciado ao redor de 2.357 a. C. (é o soberano ao qual Confúcio atribui bondade, sabedoria, sentido do dever, relatando as famosas palavras: "Se meu povo tem frio, a mim cabe providenciar. Se meu povo tem fome, a culpa é minha. Se meu povo comete delitos, eu sou o único responsável"). Yun sucedeu a Yao, seguindo a sábia política de seu predecessor, construindo uma vasta rede de estradas, pontes e passos através do imenso país.

Por causa desta última série de obras, alguns estudiosos inclinam-se a lhe atribuir a realização da fabulosa "via da seda", que se estende por cerca de 10 mil quilômetros, desde Si-An-Fu, capital da província chinesa do Shensi, até Palmira e Antioquia, desde o Pacífico até o Mediterrâneo. Outros afirmam que a celebérrima "via" foi traçada em época muito posterior, mas seus antagonistas científ-

ficos objetam que a longuíssima estrada não estava, de início, reservada ao comércio da seda, e sim destinava-se às trocas, em geral. Parece, por outro lado, que fragmentos de seda que remontam a uma época antiqüíssima, anterior àquela determinada pela história para a produção do precioso tecido, tenham sido descobertos perto de Tun-huang, no Turquestão; e até mesmo nas bordas sul-oriental e sul-ocidental do Mediterrâneo, de acordo com anotadores de antigos textos, teríamos referências à criação do bicho-da-seda num tempo muito mais afastado do que aquele convencionalmente fixado para a difusão, naquelas localidades, da seda proveniente da China [53].

Na via da seda

Entrando no Turquestão em Kashgar, escreve Ivar Lissner, a "via da seda" ia passar, assim, a 1.500 metros sobre o nível do mar, num oásis fecundado pelo Rio Vermelho, o Qyzyl Su. Daí, através do passo Terek, a 4.000 metros, podia-se alcançar a lendária Ferghana. "Os terremotos dão-se de maneira mais freqüente nas áreas ribeirinhas dos oceanos. Mas aqui, no coração da Ásia, em Kashgar, deram-se movimentos sísmicos cuja lembrança foi transmitida oralmente de geração em geração. Passando por Khotan, a 1.406 metros sobre o nível do mar, na bacia do Tarim, as caravanas chegavam até Tun-huang, célebre oásis dos templos em cavernas. Um desvio para o norte levava até Turfan, situada a 15 metros sob o nível do mar, na região de Uigur, onde foram achados numerosos campos de ruínas... De Tun-huang até Sian-Fu, a capital da província chinesa do Shensi, a "via da seda" caminha reta. Quem entrava nesta metrópole com seus muros quadrados vivia uma experiência inesquecível, como disse Sven Hedin, o grande explorador sueco..."

A famosa estrada revelou aos "detetives da ciência" um panorama desconcertante, totalmente inesperado. "Em vez de encontrar uma terra turca — anota Lissner — os cientistas descobriram que em toda parte ao longo da "vida da seda" estavam, até a primeira metade do VIII.º século, povos de língua indo-ariana: iranianos, indianos, até mesmo europeus. Em muitos manuscritos foram encontradas suas línguas, em parte ainda desconhecidas. Estes foram decifrados, traduzidos e explorados cientificamente em Londres, Paris e Berlim.

53 - Conta a lenda que a criação do bicho-da-seda foi introduzida no mundo ocidental em 533, quando dois monges conseguiram levar para Constantinopla, escondidos em bastões de bambu, os primeiros bichos, que presentearam ao Imperador Justiniano. (N. do T.).

Os filólogos tiveram de trabalhar com não menos de 17 línguas diferentes, do grupo indo-ariano e turco, e 24 tipos de escrita."

Em 28 de março de 1900, Sen Hedin descobriu nos arredores do lago seco de Lop Nor as ruínas da cidade de Lou-lan, com documentos de grandíssimo valor arqueológico. "Os fragmentos destes testemunhos — observou ele — ... teriam contado da época em que Lop Nor existia, dos homens que aqui viviam, de suas condições, de suas relações com outras partes da Ásia interna, do nome de sua terra. Esta terra que, por assim dizer, foi engolida por fenômenos sísmicos, estes homens há tempos esquecidos, sua história não contida em anais de qualquer tipo, tudo isto teria voltado à luz..."

Os documentos de Lou-lan revelaram-se escritos num claro e ótimo chinês; as gravuras em madeira mostraram evidentíssimos traços helênicos e indianos, contando para os estudiosos como ainda em 300 d. C. os habitantes daquelas cidades mantinham freqüentes contactos tanto com o mundo mediterrâneo como com a grande península asiática. Mais tarde, foram exumados do cemitério cadáveres perfeitamente conservados, quer o cadáver em si, quer as roupas que o cobriam, graças a técnicas de que nada se conhece. Mas alguns destes mortos não pertenciam à raça amarela nem, decididamente, às outras que em algum tempo viviam ao longo da "via da seda": *parecem o resultado de cruzamentos com uma raça desconhecida!*

Por outro lado, toda a longa estrada corre entre mistérios apaixonantes. Estranhíssimas lendas circundam o oásis de Kashgar, onde pararam Gengis Khan e Marco Pólo. Aqui, num templo, está sepultado Pan Chao, o célebre guerreiro do 1.º século d. C.; mas aqui também deveria estar o "Homem de jade" personagem lendária, o herói que "podia caminhar no céu" e "desencadear os raios verdes", expressões estas que resultam absolutamente indecifráveis, a não ser que mais uma vez lancemos mão das "hipóteses espaciais".

Por mais de 200 dias por ano, Kashgar está envolvida por uma gigantesca nuvem de areia, levantada pelos ventos do deserto de Takla Makan; e outra tradição conta que justamente por isto, para não serem vistos por olhos humanos, lá foram morar, quem sabe quando, os "demônios do céu"; na verdade, quem quisesse esconder-se e, ao mesmo tempo, encontrar condições de vida suportável, teria descoberto em Kashgar um excelente esconderijo.

Se Shi Huang Ti, construtor da "grande muralha", o primeiro da dinastia chinesa dos Ts'in, não tivesse sido tão louco e soberbo a ponto de querer apagar o passado para ser "o primeiro senhor do mundo", não teria mandado destruir as tabuinhas de madeira, os documentos de bambu, os pergaminhos, os anais e os livros dos sábios e nós saberíamos hoje, sobre a remota história da China e

do mundo inteiro, muito mais de quanto sabemos. Este tresloucado tirano ficou no trono só doze anos, de 221 até 209 a. C., mas foi o suficiente.

À sua dinastia seguiu-se, depois de um período de espantosa anarquia, a dos Han, e foi com esta dinastia que o budismo entrou na China. Anos depois (provavelmente entre 357 e 384 d. C.), apareceu um dos mais admiráveis e singulares monumentos da grande religião, o conjunto das cavernas artificiais a 16 quilômetros ao norte de Tun-huang conhecidas como "as grutas dos mil Budas" .

"Na Ásia existem vários lugares parecidos com este", sublinha Lissner. "As cavernas de Yun-Kang, por exemplo; as de Lung Men perto de Loyang, as de Lou Lan e de Qyzyl, para dizer só algumas. Em Tun-huang, na maioria das vezes, alcançava-se cada gruta por meio de um corredor que levava para uma sala de entrada atrás da qual havia uma ou mais salas principais. As cavernas que se achavam na mesma altura eram ligadas entre si por uma espécie de passadiço, de tal maneira que se podia ir de um santuário a outro. Nas paredes que constituíam o fundo do interior, encontravam-se nichos com figuras de argila; nas paredes tinham sido pintadas cenas maravilhosas."

Também sobre Tun-huang correm vozes fascinantes, desgraçadamente incontroláveis; dizem, por exemplo, que as primeiras cavernas não foram absolutamente cavadas por monges budistas mas por "alguém" que a eles se antecipou de vários milênios e aquelas grutas deveriam esconder a entrada àquele dédalo de galerias (ou a uma parte) estendido sob vastas regiões da Ásia central: são os túneis dos fabulosos reinos de Shambhala e de Agarthi (ou Agartha ou Agharti) que conservariam os inimagináveis segredos científicos de uma raça extraterrestre... talvez daquela que levou Mu a um altíssimo nível de civilização. Dizem, aliás, que o trecho inicial daquelas galerias teria sido feito ruir por alguns monges, para impedir que os bandidos se apoderassem de seus tesouros nelas escondidos.

E quem sabe se ainda não havia algo relacionado com Mu nas grutas de Tun-huang? Quando o grande arqueólogo inglês Sir Aurel Stein foi até lá, em 1907, encontrou numerosos manuscritos e pinturas sobre seda, desgraçadamente, porém, reduzidos a fragmentos; outros foram levados no ano seguinte pelo francês Paul Piellot e aqueles que, de alguma maneira, puderam ser restaurados encontram-se hoje na Biblioteca Nacional e no Louvre de Paris ou no British Museum de Londres. Muitas pinturas porém não puderam ser recuperadas e entre estas encontravam-se, para nosso grande pesar, alguns mapas celestes e geográficos, um dos quais

representa uma extensa área do Pacífico que poderia também ter sido um pedaço ou um resto do continente submerso.

Uma coisa, contudo, não deixa dúvida em Tun-huang: na gruta marcada pelos arqueólogos com o número 58 encontra-se um altar que representa um Buda adormecido, atrás do qual apinham-se fiéis, gênios bons e maus; vamos deixar de lado aqueles, entre tantos gênios, que apresentam feições por nós desconhecidas, que poderiam ser atribuídas à fantasia do artista; mas, sem dúvida alguma, existem alguns que representam, nas feições e na roupagem, índios da América!

É singular o fato de, numa expedição realizada entre 1900 e 1901, Sir Aurel Stein ter achado na antiga cidade abandonada de Khotan, no Turquestão oriental, uma quantidade de cartas e documentos dos quais Lissner escreveu: "Estavam redigidos em língua e ortografia indianas antigas, fixados em pranchas de madeira, amarrados e lacrados. Os selos eram gregos e neles podiam ser vistas uma Atenas, um Héracles e outras divindades. Durante a sua segunda expedição, Stein achou em Miran, um campo de ruínas perto de Lop-Nor, santuários budistas com pinturas murais do IV.º século d. C. num tardo estilo greco-romano" [54].

Será que a "via da seda" explica tudo? Talvez, embora seja bastante atrevido atribuir a trocas comerciais, mesmo que freqüentes e maciças, influxos tão marcantes. Existe quem, considerando Mu e Atlântida mães de qualquer civilização, pensa que na realidade deve ter-se dado uma dissociação dos vários elementos e não uma associação, visto que, se esta se tivesse dado, era de se

---

54 - Na realidade o fato não é "singular". Quando da morte de Alexandre, o Grande, em 323 a. C., seu império foi dividido entre seus generais. A Síria e a Pérsia couberam a Seleuco 1.º, Nicator, fundador da dinastia dos Selêucidas (312-84 a. C.). Em 250 a. C. o governador grego da Bactriana, declara sua independência dos Selêucidas e funda o reino grego da Bactriana. Um seu sucessor, Demétrio (cêrca de 189-166 a. C.), ocupa a região de Kabul (Afeganistão) e de Pechavar (Paquistão ocidental), esta, na época, chamada Gandara; depois invade a Índia e anexa as terras da bacia do Rio Indo (Penjab e Sind). Por sua morte, seu lugar-tenente Menandro torna-se rei do Penjab (cerca de 166-145 a. C.). Ao redor de 130 a. C. a Bactriana caía nas mãos dos citas e, entre 70 e 30 a. C., também caíam a região de Kabul e o Punjab. Forma-se assim o grande império dos Kushana, de raca indo-cita. Esta seqüência explica muitas coisas. Antes da presença grega, os indianos nunca tinham representado o Buda, assim como os maometanos não representam Alá ou Maomé. Os gregos, em sua profunda iconolatria, sentiram a necessidade de representar o Buda: nasceu assim a primeira estátua do Buda, que nada mais era do que um Apolo grego ao qual tinham sido acrescentadas as características rituais. Este é o ponto de partida da assim chamada "arte do Gandara", onde a escultura grega dita a lei. Este mesmo Buda *grego* vai se difundir através de toda a Índia até Java e o Camboja, através de toda Ásia central até a China e o Japão, embora nesta imensa viagem perca seu originário perfil tipicamente grego, mas mantendo quase sempre, na disposição das pregas da roupa, sua origem helênica.

Por outro lado, a helenização das terras acima citadas foi tão profunda que, mesmo após a formação do novo império, as moedas trazem inscrições em grego e este até pelo menos o segundo século da nossa época, era língua de uso corrente na região que aqui interessa.

A influência grega desaparece de vez no V.º século com a invasão do Gandara pelos hunos brancos, embora já tivesse sido enfraquecida pelo renovamento do sânscrito no III.º século. (Ujjan, no Malva). (N. do T.).

esperar que continuasse, pois as comunicações tornaram-se cada vez mais fáceis com o passar do tempo.

Mas vamos até o outro extremo da "via da seda" e novamente escutemos Lissner: "A estrada passava por Palmira, a aramaica Tadmor, a cidade da rainha Zenóbia, que por curto tempo foi centro de um império mundial e que ainda hoje mostra, em suas grandiosas ruínas, traços de influxos do Extremo Oriente... A estrada seguia, através de Ctesifonte, principal residência dos reis partas e, mais tarde, sassânidas, até Ecbátana, atual Hamadã. Aqui nos encontramos na capital da Média, dominada pela possante cidadela, com uma fileira de palácios, colunas, telhados de cedro ou de ciprestes sobre uma colina mais baixa. Esta morada de verão dos aquemênidas e dos partos era tão rica que eles tinham mandado forrar as partes de madeira de suas construções com folhas de prata e ouro. Rage, a cidade elemita, já é citada no Livro de Tobias: "o verão aqui é maravilhoso, no atual Rej, ao sul de Teerã e não é nada difícil compreender porque os soberanos partos nela justamente passassem os meses de março, abril e maio. Quando as caravanas passavam por Bactra comerciavam ouro: na Antiguidade o ouro de Bactra era tão procurado quanto a seda chinesa...".

Aqui também nos defrontamos com civilizações que ainda mantêm muitos traços enigmáticos e que, provavelmente, os manterão sempre.

Como lembra Lissner, Palmira (a cidade de onde Zenóbia, regente em nome do filho desde 267 d. C., estendeu seus domínios desde o Eufrates até o Mediterrâneo, desde a Ásia até o centro do Oriente Médio) apresenta sinais que nos lembram o Extremo Oriente; contudo, a sua é uma arte fundamentalmente diferente de todas as demais, fascinante como as lendas que a envolvem. Uma destas diz que Palmira foi a herdeira dos "segredos de Ugarit", a cidade da terra de Canaã, de que até 1929 nada sabíamos. De que segredos se trata? Não sabemos. Sabemos somente que Ugarit possuía, 3 mil anos antes de Cristo, ruas, casas, fortificações, esgotos e instalações higiênicas que os arqueólogos definiram "incríveis", e que em cada câmara funerária foram achados objetos, sem dúvida alguma vindos de Creta, que remontam a uma época entre 1900 e 1750 a. C.; sobre o uso de alguns destes objetos não podemos formular nem mesmo uma vaga hipótese.

Existe quem afirme que, entre estes segredos, deve ser incluído o da eletricidade. Nada podemos dizer a propósito, mas é curioso notar que já antigamente as mulheres sírias usavam fusos de âmbar. "Estes fusos, rodando — anota F. De Agostini — roçavam as roupas das fiandeiras e atraíam pequenas palhas, fios e folhas; daí, a

origem do nome "eletricidade" (*Elektron*, em grego) dado ao fenômeno físico observado pela primeira vez com o âmbar."

Vamos seguir pela "estrada da seda": passaremos Ctesifonte, poucos quilômetros a suleste de Bagdá. E Ctesifonte era a residência dos Sassânidas, e a esta dinastia (226-630 d. C.) remontam as pilhas elétricas encontradas em nossos dias, ainda funcionantes, num museu da capital do Iraque! [55].

Quanto a Ecbátana, é conhecida a lenda segundo a qual seus fundadores não foram humanos, "vindos do céu sobre corcéis de metal". Trata-se talvez de um daqueles impressionantes grifos simbolizados em Persépolis? Ou de uma daquelas "feras aladas" que se diz dormem debaixo das ruínas de Rage? Ou, ainda, de um daqueles cavalos volantes afeganes que foram encontrados na província de Ghaban, mas talvez ainda hoje levantados, mais imponentes e ameaçadores, no caminho da fabulosa Bactra?

Minotauro espacial

Talvez a chave de todas estas tradições esteja gravada em indecifráveis caracteres pré-sumércos e sepultada quem sabe onde, às margens daquele trecho da "estrada da seda" que de Ctesifonte descia, ao leste de Babilônia e de Selêucia, até o Golfo Pérsico, entre os enigmáticos restos das cidades daqueles que dominaram toda a Mesopotâmia: Ur, Erido, Larsa, Uruk, Lagash, Suruppak, Kish, Esnunna, Upi.

Pensar na existência de uma civilização pré-sumérica não é absolutamente algo destituído de sentido [56]: quatro mil anos antes de Cristo, quando esta misteriosa raça (não semítica, não indo-européia, sem afinidade com qualquer outra raça conhecida) foi se estabelecer entre o Tigre e o Eufrates, já possuía uma cultura não indiferente. Ela teve em seguida que sujeitar-se às incursões de bárbaros que trouxeram grandes devastações, saquearam aquela terra florescente, introduziram os sacrifícios humanos. Mas, ao redor de 2.600 a. C., novamente melhoraram as condições do país, graças ao grande e sábio soberano Gudea, lembrado num magnífico epitáfio ("Durante teu reino a escrava era igual à senhora, o escravo caminhava junto com o dono, os fracos podiam descansar tranqüilos

55 - Veja "Antes dos Tempos Conhecidos", do mesmo A.

56 - O A. não se refere aqui, evidentemente, àquela civilização que, em termos técnicos, é chamada "civilização pré-sumérica", florescente na antiga Mesopotâmia entre 4.000 e 3.000 a. C., época em que os sumérios aparecem às margens do Eufrates. Cogita, é claro, daquela civilização que, em algum lugar desconhecido, deu origem ou inspirou a própria civilização dos sumérios. (N. do T.).

perto dos potentes")[57]. Logo depois, porém, desceram do norte os elamitas e, com Hamurábi, iniciou-se a civilização de Babilônia; mas, como sublinha Lissner, "da inteira cultura assiro-babilônica, do destino dos geniais semitas, sempre afloram as antigas formas sumerianas". E, mais uma vez, estas formas nos descortinam as correlações mais esquisitas.

Das ruínas das cidades sumerianas nos espreitam as sombras dos "homens-gatos", cujas imagens de pedra nos espiam entre as ruínas da América pré-colombiana. No museu de Berlim encontra-se uma estatueta que remonta a 3 mil anos a. C. e que representaria, segundo alguns, o rei Lugal-Kisalsi, segundo outros, a deusa Mammu: a barba postiça parece acentuar ainda mais os traços felinos da cabeça, redonda, plana com os olhos e as orelhas que poderiam pertencer a um gato, a boca e o nariz onde se fundem linhas humanas e felinas.

E, como na América, o "deus felino" também está presente na Mesopotâmia sob forma de uma fera: eis os leões da deusa Ishtar, eis os achados de Tell Ugair, sobre os quais Hartmut Schmöckel[58] escreve: "Ainda não foi possível saber que divindade quisesse daquela forma se honrar, ornamentando a sua morada de maneira tão esplendorosa e até hoje também ignoramos se aquele bonito leopardo — alguns acreditam que se trate de um leão — colocado por assim dizer como guardião da escada, esteja de alguma forma relacionado com o culto da divindade. Se a resposta é positiva, deveríamos nos perguntar se a beleza, a força e a atitude de ataque daquela fera, que hoje não mais se encontra no Irã e só pode ser encontrada muito raramente nas montanhas do Curdistão, tivessem algum significado simbólico".

Como é sabido, há quem sustente a hipótese de que as estátuas dos "homens-gatos", difundidas em grande parte da América central e meridional, representem na realidade os integrantes de uma antiga raça, cuja lembrança, transmitida através de inúmeras gerações, teria em seguida originado o "culto do jaguar": isto é, a fera ter-se-ia tornado o lembrete mais imediato da aparência dos seres desaparecidos, simbolizando-lhes, ao mesmo tempo, a agilidade e a potência.

E o que dizer das criaturas com excrescências córneas na testa que, vez por outra, aparecem nos contos de ficção científica, aflo-

---

57 - Os "bárbaros" foram os gutianos, provenientes do Irã e cujo domínio durou cerca de 150 anos. Logo no início deste domínio apareceu Gudea (cerca de 2.420 a. C., segundo alguns AA., cerca de 2.200 a. C., segundo outros) príncipe de Lagash, a única cidade, entre as conquistadas, que parece ter mantido seu esplendor. Isto fez com que alguns historiadores lançassem uma sombra de "colaboracionismo" sobre a imagem de Gudea e dos demais soberanos de Lagash, até à libertação do jugo gutiano. (N. do T.).

58 - "Ritrovamenti in Mesopotamia"; Edizioni Mediterranee, Roma.

rando dos mitos, onde foram buscá-las aqueles arrojadíssimos pesquisadores que gostariam de nos apresentar o Minotauro, os sátiros e os demônios da tradição medieval, como expoentes de uma estirpe desaparecida da face da Terra? Os amigos acima acrescentam que é nesse caminho que deve ser procurada a origem dos capacetes chifrudos, característicos de tantos guerreiros antigos cujos progenitores quiseram desta maneira igualar-se em força aos "homens-touros".

Nós não queremos ceder diante de teorias tão sugestivas, mas de qualquer maneira não podemos deixar de lembrar que lendas cósmicas se acham correlacionadas com seres fabulosos desta natureza. Entre os últimos índios colombianos, descendentes daqueles muíscas que presentearam com a platina o "velho mundo" [59], ainda hoje encontramos lembranças, por exemplo, da epopéia do "deus chifrudo descido do Sol". E justamente na Colômbia, entre as ruínas de Lavapatas, encontramos a cabeça de um homem com chifres!

Voltando à Mesopotâmia, não podemos deixar de parar, pasmados, diante do touro de Assurnarsipal, olhando para sua cabeça humana barbuda, com chifres e penas, as asas a nascer dos ombros, a figura (caracterizada por uma quinta perna invisível para quem olha de frente, mas capaz de despertar a ilusão do movimento para quem se lhe coloque ao lado) que lembra ao mesmo tempo os possantes bovinos divinizados pelos povos mais afastados, a "ave de fogo", os seres com feições felinas. O que dizer, então, dos leões alados, dos touros com cabeça humana, dos surpreendentes "monstros" de Babilônia?

"Entre estes — escreve Schmökel — escolhemos o motivo da águia-leão que os sumérios chamavam Imdugud... Foi em el Obed nas vizinhanças de Ur, que em maio de 1911 R. F. Hall encontrou o protótipo da "águia-leão sobre os animais". A águia, de asas despregadas em todo seu comprimento, com a cabeça de leão saindo da moldura, encontra-se ameaçadoramente suspensa sobre dois gamos colocados de costas um para o outro... Com seus artelhos o Imdugud agarra as caudas dos gamos e os torna sua presa...

"A propósito vamos agora examinar uma fascinante curiosidade que envolve a questão de como este eficacíssimo motivo sumeriano (junto com outros), desaparecido por muitos anos, ou melhor, diga-se com maior cautela, para nós não testemunhado, tenha em seguida novamente aflorado da escuridão do subconsciente humano

59 - F. De Agostini: "Quando os espanhóis conquistaram a Colômbia, encontraram os índios muíscas que trabalhavam um metal prateado, cintilante que nem ouro e como o ouro inoxidável. Martino d'Ulloa o descobriu nas areias auríferas da Colômbia e deu-lhe o nome de platina (piroxênio). Os muíscas dedicavam a platina ao seu deus Sol, de que celebravam uma grande festa a cada quinze anos".

e iniciado novo caminho triunfal num mundo completamente diferente. Encontramos, de fato, novamente a águia-leão, com dois animais alcançados ou agarrados por seus artelhos, nos tecidos de seda bizantinos e mouros do XI.º século d. C.; no século XII a encontramos de novo como "basilisco" sobre animais de rebanho na face lateral de um capitel da catedral de Autun (Saône-et-Loire) e um século mais tarde sobre alguns brocados sicilianos!

"Novamente a encontramos pintada na volta da cripta da catedral de Clermont (Puy de Dôme, França, XIII.º século) e, com uma semelhança surpreendente, num capitel de St. Pierre em Aulnay (Charente Inferieure). Reencontramos este símbolo persa no portão do palácio Borromeo na Ilha Bela, no Lago Maggiore, onde a águia está suspensa sobre dois unicórnios colocados de costas um para o outro... São em seguida os bordados das ilhas gregas (XVII.º e XVIII.º séculos) que trazem o motivo quase imortal; afinal ele é recebido e guardado pela arte popular da Rússia setentrional. Contemplamos com verdadeira maravilha como se espraia um símbolo sumeriano cujo significado originário certamente há muito tempo não mais é compreendido."

Que se trate realmente — como afirmam os estudiosos de que falamos antes — de um símbolo de antiqüíssima origem que quer representar a descida sobre a Terra (através das asas, isto é, do vôo) de seres extraordinários?

Não podemos, desgraçadamente, ir mais além da simples suposição. Os testemunhos dos pressupostos "herdeiros de Mu" falam uma língua demasiado confusa, demasiado fragmentária para que nos seja permitida nem que seja uma simples tentativa de interpretação.

CAPÍTULO V

O País dos Homens Azuis

QUANDO O DOUTOR ULRICH SCHMUCKER, atualmente docente na Universidade da Califórnia, estudava o magnetismo terrestre, aconteceu-lhe verificar uma situação desconcertante: examinando duas rochas de basalto muito vizinhas entre si, constatou que uma era magnetizada de maneira totalmente contrária à da outra. A primeira formara-se em tempos relativamente recentes, a segunda cerca de 20 milhões de anos atrás. E para o estudioso foi como consultar duas bússolas, uma que indicasse o norte atual, a outra o norte, justamente, de 20 milhões de anos atrás; e o norte daquela remota época encontrava-se exatamente no lugar onde, para nós, encontra-se o sul!

O fato não deixa dúvidas: e isto por uma razão muito simples: as rochas basálticas (que são as mais comuns, entre as de origem vulcânica) "orientam-se", ao resfriar-se o magma vulcânico, de acordo com o campo magnético da época: por exemplo, se neste instante se desse uma erupção, os futuros achados nos diriam que a lava, ao solidificar-se, magnetizou-se justamente na posição da agulha da bússola que indica o norte.

Antes que por Schmucker, um estudo fundamental do fenômeno tinha sido desenvolvido pelo grande físico alemão Professor Hermann Reich, da Universidade de Göttingen, que, entre outras coisas, escreve: "Rios de lava que se solidificaram durante e depois da idade glacial até épocas que não vão além dos 500 mil anos atrás, magnetizaram-se em sentido contrário. Em rochas do Plioceno, que se formaram entre 2 e 12 milhões de anos atrás, podemos encontrar uma magnetização em parte normal e em parte contrária, enquanto em rochas mais antigas, que pertencem ao Mioceno (época que vai desde 12 até 26 milhões de anos atrás), deve ter-se dado grande mudança na orientação de magnetização. Uma mudança dessa natureza deve ter-se verificado não menos de quatro vezes, num passado geológico ainda vizinho de nós, com intervalos aproximados de 500 mil anos".

As pesquisas sobre o assim chamado "magnetismo fóssil" foram iniciadas em 1895 por outro cientista alemão, o Professor Folge-

reiter, que trabalhou com terracotas: estas sempre se apresentam algo magnetizadas, pois contêm, misturados com a argila, partículas de óxidos magnéticos de ferro que, durante o processo de cocção, orientam-se segundo o magnetismo terrestre. Os estudos de Folgereiter levaram a resultados pasmantes: algumas terracotas etruscas apresentaram uma magnetização totalmente diferente daquela própria das terracotas de época cristã!

Foi dito, de saída, que as terracotas examinadas pelos cientistas deviam remontar a 5 — 8 séculos antes da nossa era, mas hoje essa datação é encarada com cepticismo: os cientistas inclinam-se, pelo contrário, para a hipótese segundo a qual aquelas terracotas não deveriam ser retrodatadas de séculos, e sim de milênios! A mesma característica é encontrada em algumas estatuetas da arcaica civilização centro-americana, que alguns consideram poder datar entre 3000 e 1000 antes de Cristo, mas que, segundo outros, remontaria além de 12 mil anos atrás.

De qualquer maneira, podemos ter certeza de que, durante o passar dos milênios, os pólos mudaram várias vezes sua posição: a confirmação de uma antiqüíssima modificação deu-se em março de 1968, com um comunicado da "National Science Foundation" norte-americana, onde se anunciava o achado (na cadeia montanhosa central transantártica, cerca de 525 quilômetros do Pólo Sul) do osso mandibular de um anfíbio, extinto há muito tempo, com o aspecto aproximado de um crocodilo.

Trata-se de parte do esqueleto de um animal do gênero dos labirintodontes, encontrado por uma expedição antártica organizada pela Universidade de Ohio e chefiada pelo geólogo Peter J. Barrett.

"É evidente — escreve a respeito a *Associated Press* — que um anfíbio desse tipo só poderia ter vivido num clima quente, ou pelo menos temperado, e que, portanto, a Antártica devia ser, nalgum tempo, completamente livre do gelo. A mandíbula encontrada pelos cientistas norte-americanos poderia ser uma prova a mais, e bastante convincente, da teoria da mudança dos pólos."

De uma das mudanças dos pólos, diríamos melhor; muitos indícios, de fato, nos dizem que a mudança mais notável para a história do homem deve ter-se realizado entre os 20 e os 6 mil anos atrás.

Quando o Leste era Oeste

Logicamente, o eixo terrestre não pode ter sofrido alteração como conseqüência de fenômenos que ocorreram em nosso globo: isto de fato poderia ocorrer só como conseqüência de fenômenos os quais não teriam se limitado a modificar simplesmente esta posição

como teriam, também, provocado a destruição da Terra. As catástrofes, portanto, devem ter sido causadas por razões externas, isto é, por acontecimentos capazes de provocar o deslocamento do globo, sem contudo incidir de maneira fatal sobre sua consistência. Se quiséssemos lançar mão de um exemplo banal, mas convincente, vamos pensar numa esfera de vidro contendo em seu interior uma lâmpada, presa no forro (não podemos pensá-la solta no espaço). O que é que poderia originar um violento deslocamento? Somente duas causas: a explosão da lâmpada – que, provavelmente, porém, determinaria também a destruição do globo ou um choque violento.

É portanto permitido admitir que um fenômeno desta natureza tenha ocorrido com relação à Terra. Mas o que é que pode ter sido responsável pelo próprio choque? Uma única coisa, pelo que podemos pensar: outro corpo celeste.

No caso do Mu, fala-se nas tabuinhas encontradas por Churchward em Lhasa, de uma não melhor identificada "estrela Bal" que, "caindo onde hoje não há mais que mar", teria causado o afundamento do fabuloso continente cerca de 12 mil anos atrás. É muito provável, porém, que não se tenha tratado nem de uma "estrela" nem de um planeta, mas daquele mesmo asteróide que, ao passar extremamente perto da Terra, teria sido arrancado de sua órbita e provocado também o desaparecimento da Atlântida, com aquilo que todas as tradições do mundo definem como o "dilúvio universal" [60].

Charroux se apóia numa das numerosas fábulas teosóficas inaceitáveis quando se refere ao deus egípcio Thot (ou Hermes Trimegisto, se quisermos lembrar seu nome helenizado), o escriba dos deuses, pressuposto inventor da escrita, legislador, iniciador das artes e das ciências, que, "prevendo o dilúvio", teria mandado gravar em estelas, colocadas depois em terra síria, a súmula dos conhecimentos humanos [61]. E é outra versão da mesma estória aquela que ele refere falando-nos de uma tradição caldaica, segundo a qual "o deus Cronos avisou o rei Xisuthrus que ia dar-se um dilúvio, e o soberano mandou esconder em Sisparis, a cidade do Sol, os escritos que tratam do início, da metade e do fim de todas as coisas", para em seguida pôr-se ao seguro num navio "que, como a Arca, tocou terra na Armênia, mas sobre o Monte Kurkura".

O escritor francês de qualquer maneira está com a razão quando sublinha como, entre todos os povos, a lenda fala de um dilúvio ao qual somente um homem teria escapado: é, por exemplo, o Manus lituano, o Manu indiano, o Menes egípcio, o Minosse grego.

60 - Veja "Antes dos Tempos Conhecidos", do mesmo A.
61 - Parece, entre outras coisas, que o Egito não foi atingido de maneira desastrosa pelas inundações que subverteram tantas outras regiões da Terra.

"As tradições esquimó, lapônica e fínica, entre as quais o *Kalevala* – acrescenta Charroux – asseguram que a Terra foi revirada, "o que estava embaixo foi parar em cima" e ateou-se um incêndio universal, ao qual seguiu-se o dilúvio. Também nas Américas encontra-se uma tradição parecida com a da Bíblia, e até mesmo os peles-vermelhas estadunidenses lembram antiqüíssimos contos relacionados com o dilúvio."

Cada vez mais difunde-se a hipótese de que o início da civilização egípcia deve ser procurado numa época muito mais antiga daquela que a ciência tradicional lhe tem fixado. Heródoto afirma que desde o aparecimento da grande cultura até o tempo em que ele vivia (490/480 – 431/421 a. C.) tinham decorrido 11.340 anos (*Histórias,* livro II); o cálculo não é preciso, pois apoiava-se no número das gerações; isto, contudo, não exclui que a história egípcia – incluindo-se aquela parte que não conhecemos – ocupe um espaço de tempo tão grande ou até mesmo maior. Lembramos ainda Heródoto (*Histórias,* trecho citado):"... ainda não tinham aparecido os deuses no passado do Egito, mas por quatro vezes o Sol levantara-se no céu a partir de pontos diferentes daquele do qual hoje se levanta; e duas vezes levantou-se lá onde agora se põe e foi-se por lá onde agora se levanta...".

Trata-se de uma clara referência à mudança de posição do eixo terrestre: a propósito Charroux escreve que o papiro Harris refere-se a um cataclismo cósmico "de fogo e água", em conseqüência do qual "o sul virou norte e a Terra ficou revirada", que o papiro Ipuwer fala do mundo "que virou como sobre uma roda de oleiro", e que também o papiro Hermitage refere um acontecimento similar.

"Outros papiros encontrados nas pirâmides anotam: "O Sol deixou de morar no ocidente e novamente resplandece no oriente", acrescenta Robert Charroux. "Os polinésios, os indianos, os chineses e os esquimós foram igualmente testemunhas destes acontecimentos. Afinal, o dilúvio de indícios que por muito tempo embaraçou arqueólogos e astrônomos, foi singularmente valorizado pelo achado de dois mapas celestes pintados no forro da tumba de Senmut, arquiteto da rainha Hatshepsut. Um dos mapas é normal, com os pontos cardeais colocados como hoje os conhecemos, mas o outro revela, pela disposição das estrelas, que o leste está à esquerda e o oeste à direita, o que ganha grande significado principalmente na sepultura de uma personagem cuja profissão deixa presumir ótimos conhecimentos em matéria de geografia e astronomia."

Como sabemos, a cruz gamada, a afamada suástica, é uma derivação da antiqüíssima "roda solar" indiana; ela representa a estrela

que nos dá vida, mas noutro tempo destinava-se a simbolizar algo mais: o aparente movimento do Sol, visto da Terra. Por que, então, na simbolização mais difundida (e considerada portadora de boa sorte) seus braços viram para a direita, isto é, do oeste para leste? Procurando esclarecer este contra-senso, os estudiosos deram com um quebra-cabeça para cuja solução pareciam não existir elementos válidos, quer na Índia antiga, considerada a "pátria" da suástica, quer nos outros países — e são muitíssimos — onde a cruz gamada difundira-se.

O mistério foi desfeito por Churchward, que encontrou o símbolo "correto" em várias tabuinhas. Não só isto, como nas vizinhanças de um *mound,* uma das colinas artificiais norte-americanas, encontrou um vaso sobre o qual tinham sido pintados ambos os símbolos: uma suástica de braços curvos, dirigidos para a direita, e uma "girândola" solar (o correspondente da cruz gamada) dirigida para a esquerda. A primeira devia, portanto, representar o Sol que, em época remotíssima, levantava-se no oeste para pôr-se no leste, e a segunda, o astro em seu atual movimento aparente.

Isto explica também a crença indiana segundo a qual a suástica dirigida para a esquerda traria miséria, má sorte e desgraças, enquanto que, dirigida para a direita, traria bem-estar e boa sorte. A superstição provavelmente deve ser relacionada com lembranças cujo significado perdeu-se: a lembrança de uma idade feliz que antecedeu o cataclimo e a das espantosas contradições nas quais se acharam, lutando pela sobrevivência, os que escaparam à catástrofe cósmica que "alterou o curso do Sol".

Antinéia rainha

"Quando, em 1873, realizei as escavações das ruínas de Tróia, em Hissarlik, e descobri na segunda cidade o afamado tesouro de Príamo [62], encontrei, entre aqueles tesouros, um vaso de bronze totalmente diferente, de grande porte. Em seu interior havia vários fragmentos de vasilhame, várias pequenas imagens de um metal especial e objetos de osso. Alguns destes objetos e o bronze traziam gravados hieróglifos, cujo significado era: "Do rei Cronos da Atlântida..."

"Numa coleção de objetos provenientes de Tiahuanaco, conservados no museu do Louvre em Paris, existe outro vaso, igual ao por

62 - Na realidade a Tróia homérica é representada pela sexta camada, ou sexta cidade, se quisermos, contando-se a partir da camada mais baixa e o assim chamado "tesouro de Príamo", na realidade pertenceu a um rei mil anos mais velho do que o trágico rei homérico. (N. do T.).

mim descoberto entre o tesouro de Príamo: não pode ser simples coincidência, tratando-se de dois objetos encontrados em terras tão afastadas, quais sejam a América central e Tróia, de dois vasos com a mesma forma e a mesma curiosa cabeça de coruja colocada da mesma maneira."

Isto, já se disse, fora escrito por Heinrich Schliemann, o celebérrimo descobridor das ruínas de Tróia, especificando que o vaso de que Príamo devia ter sido o proprietário escondia, além do mais, perfeitamente aderida à sua base, uma placa quadrangular de um metal branco, parecido com a prata, com sinais indecifráveis e uma segunda escrita, em fenício, que dizia: "Proveniente do templo de paredes transparentes". Na relação constavam outras descobertas e fazia-se alusão e revelações que "não podiam, no momento, ser descritas em detalhes".

Também se acrescentava que, "No Museu de Petersburgo, na Rússia, existe um dos mais antigos papiros conhecidos, escritos sob o reinado do faraó Sent, da segunda dinastia. O papiro diz: 'O faraó Sent enviou uma expedição ao Ocidente, à procura dos restos da Atlântida, de onde, 3.500 anos antes, tinham chegado os antepassados dos egípcios, trazendo consigo toda a sabedoria de seu país natal. A expedição voltou depois de cinco anos, declarando não ter encontrado nem gente nem objetos que pudessem representar uma chave para o mistério da terra desaparecida'.

"Outro papiro do mesmo museu, escrito por Maneto, o sacerdote e historiador egípcio, fixa um período de 13.900 anos para o reinado dos "sábios" (soberanos) da Atlântida. De acordo com este papiro, o acme da civilização atlântida coincide com o verdadeiro início da história egípcia, aproximadamente 16 mil anos atrás".

Embora se dissesse que foram escritos por Heinrich Schliemann, os trechos relatados, junto com outros, apareceram somente em 20 de outubro de 1912, assinados pelo "Doutor Paul Schliemann", neto do afamado arqueólogo, que desaparecera em 1890. Trata-se, obviamente, de revelações sensacionais apoiadas quer pelo nome de Schliemann quer pela seriedade do jornal que as publicou, o "New York American". Ou melhor... ter-se-ia tratado disto se tivessem elas algum fundamento de verdade. Mas o pressuposto Doutor Paul Schliemann nunca existira: tudo não passava, portanto, de um enorme logro jornalístico! [63].

Acrescentemos a estas lindas atitudes as especulações esotéricas, os boatos de clamorosas descobertas que vez por outra se difundem, originados por mal-entendidos ou por especulações apressadas, a

63 - O fato relatado, evidentemente, foi um logro, mas escavações arqueológicas trouxeram à luz, na *Argentina*, vasos com a "curiosa cabeça de coruja" e pratos que não podem ser distinguidos da típica produção troiana! (N. do T.).

cabeçuda obstinação de determinados estudiosos que teimam em afirmar que a Atlântida "devia" encontrar-se no lugar por eles indicado e em nenhum outro, e perceberemos como é necessária uma cautela extremada ao analisar e aceitar elementos capazes de nos permitir delinear hipóteses plausíveis.

Deixando de lado todas as asneiras, vamos considerar a posição do antigo continente perdido, segundo algumas teorias que, reaparecendo recentemente, poderiam parecer não totalmente injustificáveis.

Depois da descoberta dos grafitos do Saara, há quem queira novamente ligar a Atlântida à África setentrional. Dizemos "novamente" porque Heródoto já nos falou dos "atlântidas" que moravam ao redor do Atlas, o sistema montanhoso que vai do Marrocos até a Tunísia. Este pensamento foi retomado com seriedade, principalmente quase no fim do século passado, pelo geógrafo francês Berlioux, nas pesquisas do qual inspirou-se Pierre Benoît para seu fabuloso romance. Falou-se e ainda se fala dos atlântidas como dos "homens azuis"; e os tuaregues, os berberes que em grande parte vivem justamente entre os montes do Atlas, usam roupas azuis (que, perdendo a tinta, transferem esta cor para a pele) e se dizem descendentes dos atlântidas!

É curioso notar como também Benoît se refira às plêiades, ao transcrever os versos de uma canção tuaregue. E, falando dum precioso manuscrito, diz:

"...tratava-se da *Viagem à Atlântida,* do mitógrafo Dionísio de Mileto, citado por Diodoro, e do qual tinha freqüentemente ouvido deplorar a perda por parte de Berlioux. Aquele irrefutável documento continha numerosas citações do *Critias:* reproduzia o essencial do célebre diálogo... estabelecia de maneira definitiva a topografia do forte dos atlântidas e demonstrava que aquele lugar, negado pela ciência atual, não fora submergido pelas ondas, como imaginam os raros e tímidos defensores da hipótese atlântida. E o chamava "maciço central mázico". Vocês sabem que já não existe dúvida sobre a identificação dos mázicos com as gentes do Imoschaoch, os tuaregues. Ora, o manuscrito de Dionísio identifica de maneira cabal os mázicos da história com os pretensos atlântidas da lenda.

"Dionísio me dizia assim que a parte central da Atlântida, berço e morada da dinastia netúnica, não só não desaparecera na catástrofe lembrada por Platão, a qual engoliu o resto da Ilha Atlântida, mas que aquela parte correspondia ao Hogar Targui e que naquele Hogar, pelo menos em seu tempo, acreditava-se que a nobre dinastia netúnica ainda existisse. Os historiadores da Atlântida calculam em 9 mil anos antes da era cristã a data do cataclismo

que aniquilou tudo ou parte daquela terra afamada. Se Dionísio de Mileto, que escreveu não mais de dois mil anos atrás, acreditava que em seu tempo a dinastia, que teve sua origem em Netuno, ainda ditava suas leis, vocês hão de entender como logo teve esta idéia: aquilo que existiu por nove mil anos, pode ter existido por onze mil...

"A areia engole uma civilização melhor do que a água. Hoje, daquela linda ilha que o vento e o mar tornavam soberba e verdejante, nada mais sobra senão este maciço calcinado. Somente sobreviveu, naquele pequeno vale rochoso, para sempre separado do mundo dos vivos, o maravilhoso oásis que vocês têm a seus pés, aquelas frutas vermelhas, aquelas cachoeiras, aquele lago azul, sagrados testemunhos da idade de ouro. Ontem à noite, ao chegarem aqui, vocês cortaram as cinco cinturas, as três do mar, secas para sempre, as duas de terra, atravessadas por um corredor pelo qual vocês passaram montados num camelo mas em que, noutro tempo, vogavam as trirremes. Na imensa catástrofe, ela só se manteve parecida àquela que foi outrora, em seu antigo esplendor, a montanha em frente de vocês, a montanha dentro da qual Netuno trancafiou a sua dileta Clito, filha de Evenor e Leucipe, mãe de Atlante, avó milenária de Antinéia..."

Em 1925-26 o Conde Byron Kühn de Prorok descobriu no Hogar uma sepultura que devia ser a de Tin Hinan (a Antinéia de Benoît), mulher da qual pouco ou mesmo nada sabemos, mas que muitos tuaregues consideram realmente a última rainha da Atlântida. O explorador encontrou também o esqueleto de uma garota apoiada num flanco, uma estatueta feminina, jóias, pedras preciosas e objetos de ouro.

Já é suficientemente estranho que justamente no Hogar tenham sido descobertas representações de pressuposto caráter espacial, mas ainda mais esquisita é a impressão que se tem ao considerar as misteriosas ruínas que, desde o Atlântico, juncam o Saara, circundadas por lendas e referências fantásticas.

Em El-Arish, na costa marroquina, ao sul de Tânger, encontram-se os restos de Lixus, onde os antigos colocavam o fabuloso jardim das Hespérides, sede das filhas da Noite e do Oceano, cheio de pomos de ouro guardados por um dragão; e quem tentou uma interpretação do mito, encontrou inúmeras referências cósmicas, desde a "Noite" ao "Oceano", que poderiam simbolizar o espaço, ao dragão, considerado uma possível astronave, à Górgona, que enigmaticamente aparece de cá e de lá do Atlântico, quase a representar um monstruoso explorador interplanetário com terríveis poderes.

As gentes que moram ao sul do Grande Atlas saariano já não falam em dragões, e sim em "pedras" e "torres" voadoras. E não poderiam ser relacionadas com as Górgonas as "desapiedadas criaturas dos cem braços", cuja lembrança atávica aterroriza ainda hoje os indígenas, a ponto de levá-los a não revelar, por alguma razão, os lugares onde se encontrariam as ruínas povoadas por estes seres de pesadelo, ruínas que talvez apresentem inestimável valor arqueológico?

Platão estava errado?

Pode ser, de qualquer maneira, que a raça do continente desaparecido se tenha deslocado através do Saara, outrora recoberto por abundante vegetação (numerosos estudiosos de fato sustentam que os egípcios vieram daquela terra, que hoje é um alucinante deserto), mas nele colocar a Atlântida inteira é sem dúvida muito arriscado; da mesma maneira que nos parece sem base alguma a teoria que, recentemente, colocou o "reino de Netuno" numa antiga cidade de mais de 300 mil habitantes trazida à luz em Tera (Santorino), uma das mais bonitas ilhas das Cíclades, cerca de 120 quilômetros ao norte de Creta.

Embora seus descobridores se esforcem para demonstrar que Platão enfileirou uma série de erros grosseiros de lugares e datas, ao falar, nos dois diálogos *Timeo* e *Critias*, da terra desaparecida, suas afirmações não podem ser recusadas em bloco. O filósofo, de fato, é extremamente preciso a respeito: *"Além daquelas que ainda hoje chamamos Colunas de Hércules, encontra-se um grande continente chamado Poseidonis ou Atlantis..."* Mas o Professor Galanoupulos é de opinião contrária, e declara, entre outras coisas:

"Aqui o erro é de saída. Platão passou, talvez, por Santorino, mas, à parte o fato de que era um filósofo e não um geógrafo, não podia perceber que, viajando para o Egito, estava passando pela fabulosa Atlântida. Por quê? Pensem nos tempos de Platão, trezentos ou quatrocentos anos antes de Cristo. Tinham passado mais de mil anos desde o grande cataclismo, em mil anos o mar tinha-se tornado muito maior e também os mistérios agigantaram-se e os navegadores tinham aumentado de maneira enorme o mundo em relação ao milênio anterior. Platão recolhe no *Timeo* e no *Critias* todas as memórias, as fábulas e as lendas sobre o mais fascinante mistério da era remota do Egeu, coisas de mil anos antes...".

Resulta-nos que as Colunas de Hércules eram as Colunas de Hércules quer mil anos antes quer mil anos depois e, desta forma,

entendia-se indicar, sem qualquer sombra de dúvida, o Estreito de Gilbraltar. Mas, mesmo deixando isto de lado, permanece o fato que a Atlântida não é absolutamente uma "lenda sobre o mais fascinante mistério da era remota do Egeu": a origem desta narração deve ser procurada no Egito, pois Platão usou os apontamentos tomados pelo legislador grego Sólon depois das conversas mantidas com o sacerdote tebano Sonquis. Os muros de Medinet Habu, além do mais, guardam inscrições relativas às gestas dos últimos atlântidas; e está claramente especificado que estes provinham não do Egeu e sim das "terras dos Hiperbóreos", do Mar do Norte!

Quanto à época fixada por Platão sobre o fim da Atlântida (cerca de nove mil anos antes de seu tempo), Galanoupulos afirma, igualmente peremptório:

"É uma loucura histórica. Nove mil anos antes de Platão, o qual refere histórias velhas já de duas ou três gerações, mais ou menos onze mil anos atrás, grego ou egípcio algum podia ter sequer idéia do Estreito de Gibraltar. Nós sabemos com relativa certeza que somente quinhentos ou seiscentos anos antes de Cristo, isto é, cem ou duzentos anos antes de Platão, os fenícios exploraram o mar além de Gibraltar..." [64].

Galanoupulos, enfim, parte com a negação a priori de tudo quanto Platão diz sobre o continente submerso; e, assim fazendo, constrói a "sua" Atlântida, totalmente pessoal, indo aumentar dessa feita um grupo desgraçadamente já demasiado numeroso.

64 - Esta "relativa certeza" na realidade é só o reflexo da sombra antiga, autoritária e solene de um dos "papas" da filologia e da história antiga dos inícios do século: o alemão Julius Beloch que, textualmente e com singular energia, declarou: "Plutarco foi um grande imbecil". Da mesma maneira julgou Heródoto e os demais historiadores gregos (em 1894). Os achados arqueológicos provam que os termos deveriam ser invertidos, contudo as opiniões pessoais de Beloch ainda são acatadas. De qualquer maneira, encontrou-se recentemente em Ras Shamra uma carta da corte hitita ao rei fenício de Ugarit, que remonta ao fim do XIII.º séc. a. C. Solicitava-se um navio para o transporte de 2.000 medidas de trigo, isto é, um navio de aproximadamente 500 toneladas. A "Santa Maria", a maior caravela de Colombo, podia receber pouco menos da metade dessa carga e as outras duas caravelas eram bem menores... (N. do T.).

CAPÍTULO VI

Saturno na América

NÃO PODEMOS AQUI REPETIR quanto dissemos, a propósito, em "Antes dos Tempos Conhecidos"; podemos, contudo, dar uma pequena seqüência à documentação, lembrando como existem centenas de provas concludentes, que fazem ruir sem dificuldade alguma o castelo construído pelo docente ateniense.

Já as palavras de Platão descrevem, com surpreendente exatidão, as ilhas que deveriam ter-se encontrado além da Atlântida e que não é impossível identificar com as Antilhas, que estão em frente às costas americanas. Por outro lado, Diodoro Sículo, falando de descobertas das quais, no seu tempo, não sobravam mais que vagas lembranças, às quais somente os estudiosos podiam ter acesso, e descrevendo "uma grande ilha distante da Líbia muitos dias de navegação, situada no ocidente", anota: "Sua terra é fértil, de uma grande beleza, cortada por grandes rios..."

O quadro é aquele da América meridional, esboçado de maneira análoga por uma tabuinha do soberano assírio Sargão (2750 a. C. aproximadamente) que, relacionando suas conquistas, refere-se também ao "país do estanho, situado além do Mediterrâneo", deixando assim entender que se tratava de um território já conhecido antes.

"Os antigos gregos — salienta depois Serge Hutin, estribando-se em documentos inatacáveis — tinham sem dúvida estabelecido "cabeças de pontes" na América muito antes da fundação de Cartago, e parece que o mesmo pode ser dito para os egípcios: da terra do Nilo, aliás, teriam regularmente saído expedições para o Oeste, isto é para a América, levando o ouro necessário para a fabricação das jóias e dos adornos destinados aos templos e aos grandes palácios."

Ainda mais freqüentes eram as comunicações entre o Mediterrâneo e a Grã-Bretanha, de onde se importavam ouro, pérolas, âmbar e estanho. E tratava-se de comunicações recíprocas pois, como observa o estudioso francês, "desde 2500 a. C. os ingleses dispunham provavelmente de navios capazes de enfrentar longas viagens; e outros navios chegavam à Grã-Bretanha de Creta e de Micenas: em algumas sepulturas do Wessex foram achados objetos de origem egípcia que remontam sem dúvida a 1400".

A fabulosa Ilha de Tule, conhecida não somente pelos antigos gregos, romanos e cartagineses, mas também pelos fenícios, é identificada por muitos cientistas não com a Islândia mas com uma terra situada ainda mais para o ocidente, terra hoje desaparecida. Lendo os diálogos de Plutarco, com efeito, parece-nos poder deduzir que as costas americanas eram sede de numerosas colônias helênicas e que a própria Tule funcionava como importante centro de encontro. "A cada trinta anos – Plutarco faz dizer a Sila, um dos participantes dos diálogos – os habitantes de Tule desembarcam nas costas opostas, habitadas por gregos, para festejar Saturno, e naquelas terras vê-se, por um mês, o sol pôr-se apenas por uma hora por dia." Aqui estamos até mesmo diante da descrição das regiões setentrionais do Canadá!

Migrações desconhecidas

Já nos referimos aos curiosos elementos parecidos, quando não idênticos, a línguas mediterrâneas e americanas. Acrescentamos agora que destes detalhes parece óbvio deduzir que, em tempos remotíssimos, os fenícios tenham-se instalado em Cuba e no Haiti, para alcançar posteriormente a América meridional; e anotamos também que existem na língua quíchua, falada pelos indígenas do Peru, vocábulos próprios do antigo hebraico.

Aos pés de um dos *mounds* (as assim chamadas "colinas artificiais" norte-americanas), em Grave Creek, às margens do Sio Ohio, foi encontrado um enigmático disco branco que traz gravados caracteres análogos aos descobertos sobre algumas rochas das Canárias: uma comissão internacional chefiada pelo Professor Schoocraft, estabeleceu que sobre este disco se encontram quatro letras etruscas, quatro análogas às do alfabeto egeu arcaico, cinco runas escandinavas, seis símbolos druídicos, incisões parecidas com as fenícias, com quatorze sinais de origem anglo-saxônica e outros quase idênticos aos correspondentes hebraicos e numídicos.

Antes que os suecos falassem da descoberta da América pelos navegadores vikings, seguidos depois por chineses e japoneses, tivemos o cuidado de documentar para os leitores de "Antes dos Tempos Conhecidos" essas viagens. E agora consideramos oportuno acrescentar com Serge Hutin:

"Os indígenas dos Açores sabiam levar em quinze dias um veleiro das costas africanas às costas orientais americanas; as correntes propícias, depois, permitiam alcançar-se a Califórnia desde a China ou Japão, o que explica a descoberta – erradamente considerada lendá-

ria – do "país de Fu-sang" (que com toda probabilidade pode ser identificado com a costa californiana) realizada em 458 d. C. pelas tripulações de juncos chineses.

"Cristóvão Colombo é considerado cada vez menos o primeiro descobridor do Novo Mundo [65]. Chegou-se a estabelecer cientificamente a realidade de expedições de frisões, no início da Idade Média, ao "Mar Tenebroso", para além da Islândia, entre 680-700 da nossa era, e sabemos hoje bastante de quanto se relaciona com a colonização da Groenlândia, inicialmente, e de certos territórios americanos, depois, por parte dos vikings, que já tinham anteriormente ocupado a Islândia. Mas a descoberta – feita pelo navegador islandês Ari Marsson – das expedições vikings numa terra chamada Hvétramannaland ('Terra dos Homens Brancos') [66] ou Irland-it-mikla ('A Grande Irlanda') parecem demonstrar a anterioridade, na colonização da América setentrional, dos celtas, e talvez de raças mais antigas.

"As lendas dos peles-vermelhas, por seu lado, falam de "enviados divinos de raça branca que vieram do Oriente num tempo muito afastado"... e existem ainda hoje testemunhos arqueológicos destas

---

65 - Há muita celeuma e muita "briga" entre os expoentes de diferentes nacionalidades, especialmente nestes últimos tempos, sobre quem tenha "descoberto" a América. De maneira geral, quando falamos em "descoberta" entendemos: 1) o encontro de algo que se tenha procurado e 2) a comunicação oficial dessa descoberta. Assim, consideramos a "descoberta do caminho das Índias", por Vasco da Gama, porque esse caminho foi procurado e, quando achado, El-rei Dom Manuel chamou Domênico Pisano, embaixador de Veneza em Lisboa, e lhe disse: "Meu amigo, comunique em Veneza que daqui para frente somos nós os donos das especiarias porque achamos o caminho e mandamos fechar a navegação turca pelo Mar Vermelho". Os termos foram, evidentemente, mais diplomáticos como, por outro lado, diplomáticas foram as felicitações do embaixador veneziano. Deste ponto de vista, Cristóvão Colombo não foi nem "o primeiro" nem "o último" mas simplesmente "o descobridor" da América, e não do "Oceano" como alguns estudiosos "modernos" querem provar. E com muita seriedade!

Quanto aos vikings, de acordo com as sagas nórdicas, teríamos (embora datas e lugares possam ser contestados): 982, Eric, o Vermelho (Groenlândia); 1003, Leif, filho de Eric, (Helluland, Markland e Vinland, isto é, Terra Nova, Nova Escócia e Cabo Cod); 1005, Thorvald, filho de Eric, (nos mesmos lugares); 1010, Thorfinn Karlsefni, esposo da viúva de Thorstein, terceiro filho de Eric, (nos mesmos lugares); 1014, Freydis, filha de Eric, (Vinland) manda chacinar os dois chefes islandeses, com toda sua gente, que a tinham acompanhado ao continente americano.

Mal passam cem anos e, em 1121, um bispo groenlandês "vai à procura" de Vinland. Em 1362 alguns componentes de uma expedição enviada à Groenlândia, onde os últimos habitantes tinham, literalmente, sumido, chega novamente a Vinland (Pedra de Kensington). Mais um século e a memória destas terras apaga-se definitivamente.

Então os vikings "chegaram antes". Bem, a própria saga escandinava deixa claramente entender que, antes de Leif Ericson, os irlandeses chegaram à América. E, sempre de acordo com as sagas, o chefe islandês Ari Marsson foi jogado sobre as costas americanas em 983 e lá *foi batizado* (por monges irlandeses?). E mais tarde *foi visto por irlandeses e islandeses* no "País dos homens brancos" (Albânia ou Grande Irlanda), que ficava para baixo e um pouco atrás de "Markland" e de "Bom Vinland" (era a Flórida?).

E que dizer daquele provável mercador romano do IV século d. C. cujo navio, empurrado pelos alísios, o levou a deixar seu capital de algumas centenas de moedas romanas nas costas da Venezuela? Ou daquele chefe grego que teve sua cova cavada em terras uruguaias talvez três séculos antes de Cristo?

Se "descobrir" significa "pôr o pé primeiro", nunca saberemos quem descobriu a América! (N. do T.).

66 - É interessante notar como uma antiga tradição indígena considere a Flórida habitada por "homens brancos que possuíam instrumentos de ferro".

expedições: parece, por exemplo, que a "Torre Redonda" de Newport (Rhode Island) seja um antigo santuário celta" [67].

Vamos mesmo admitir que os primeiros exploradores europeus tenham chegado por simples casualidade ao "Novo Continente": com isto não poderíamos explicar as expedições subseqüentes, especialmente as vikings, que chegaram com matemática segurança aos lugares que queriam alcançar. A respeito poderíamos lembrar a "pedra mágica" de que se fala na saga do rei norueguês Olaf II (995-1030), objeto graças ao qual "podia-se encontrar o Sol, mesmo quando escondido pelas nuvens ou pelo nevoeiro", permitindo assim aos navegantes manter a rota exata.

Bem, a saga de Olaf II é sem dúvida alguma uma saga muito interessante porque não só fornece uma idéia (embora vaga) sobre os métodos de navegação dos escandinavos como também porque nos oferece uma clara demonstração da possibilidade de antigas lendas esconderem insuspeitas verdades científicas.

Escutemos quanto nos diz sobre isso Renato Gatto:

"Hoje em dia a aviação dispõe de compassos de vôo dotados de um cristal polarizado, capaz de determinar a exata posição do Sol também quando o astro não é visível.

"Foi comparando os dois sistemas que um garoto dinamarquês de dez anos, J. Jensen, teve uma intuição: e se a lenda e o moderno instrumento — que tinham a mesma finalidade — tivessem como base o mesmo princípio?

"Chocado pela originalidade da hipótese formulada pelo filho, Jorgen Jensen procurou o cientista Thorkild Ramskou e este começou logo a procurar, no museu de ciências naturais da corte da Dinamarca, aqueles minerais que, como o cristal polarizado, tivessem as moléculas alinhadas paralelamente umas com as outras.

"Ramskou teve sucesso: ele pôde verificar que a cordierita, mineral que se encontra entre as rochas magnéticas e metamórficas da Itália, Finlândia e Noruega, cujos lindos cristais transparentes são mais comumente conhecidos como "safira d'água", correspondia perfeitamente ao que estava procurando. A sua propriedade mais importante, porém, é a de mudar de cor, variando entre o amarelo e o azul-escuro (e não entre amarelo e vermelho como alguns afirmam), quando a disposição natural de suas moléculas forma um ângulo de 90° com o plano de polarização da luz solar.

"Nessa altura só restava realizar uma experiência prática para confirmar a teoria: Ramskou e Jansen tomaram um avião que ia

67 - Nada existe, a não ser o aspecto arquitetônico, que permita datar a Torre Redonda de Newport. Pela maneira com a qual a chaminé foi construída deve ser colocada entre o XIII.° e o XIV.° século e é de origem escandinava e não celta. (N. do T.).

para a Groenlândia num dia particularmente nevoento, um com um compasso de vôo, o outro com um cristal de cordierita; e quando procuraram o Sol para determinar sua posição viram que suas posições coincidiam quase que perfeitamente, com uma diferença somente de 2º 30'.

"E pensar que levamos quase mil anos para inventar um precioso instrumento que... existia na natureza e já era usado pelos nossos "primitivos" antepassados!"

O império de Creta

Mas voltemos um pouco ao nosso Professor Galanoupulos, parando brevemente em Tera, considerando esta nova etapa sem dúvida alguma importantíssima para a arqueologia, embora de outro ponto de vista. Como muitos leitores se lembrarão, em maio de 1967 as escavações realizadas pela expedição greco-americana trouxeram à luz os restos de um grande centro que se revelou uma mina preciosíssima: casas inteiras de dois, três andares, apetrechos, ânforas, esqueletos de animais domésticos, tudo submerso pouco a pouco pela lava e pelas cinzas de uma erupção vulcânica que, iniciada 3.500 anos atrás, durou cerca de 50 anos, permitindo aos habitantes porem-se a salvo e conservando ao mesmo tempo, de maneira espetacular, tudo quanto eles tinham deixado.

Bem, nós colocamos Tera noutro quadro, naquele pintado em 1909 pelos peritos do "Times" londrino, que em 19 de fevereiro daquele ano escrevia: "As recentes escavações realizadas em Creta nos obrigam a considerar com novas bases o inteiro esquema da história mediterrânea anterior ao período clássico. Agora sabemos, sem sombra de dúvida, que, enquanto no Egito reinava a XVIII.º dinastia, Creta era a capital e o centro de um vasto império".

É a este império que, muito provavelmente, deve ser relacionada a história de Tera; e o mosaico de Creta está longe de ser completo, aliás, pode ser que ainda nos reserve grandes surpresas. Uma destas nos chegou em 1964 do Deserto Salgado (Konya Ovasi) no coração da Turquia, a 300 quilômetros ao sul de Ancara. Naquele lugar, há oito anos, o arqueólogo britânico J. Melleaart vem realizando interessantíssimas escavações que levaram à descoberta de Catalhüjük, uma cidade habitada por vários milhares de pessoas já no VII.º milênio antes de Cristo.

Entre os achados do Professor Melleaart encontramos estatuetas com feições "orientais", desenhos de touros, até mesmo uma capela destinada ao culto desse animal, caracterizada por linhas que di-

ríamos, à primeira vista, modernissimas, com crânios bovinos e cabeças de touros de terracota, um relevo em pedra que representa leopardos em luta, várias pinturas com representações que lembram várias culturas antigas mas que, ao mesmo tempo, são incomparáveis.

Muitos achados são próprios dos mais enigmáticos povos da Terra: os de Catalhüjük levam-nos diretamente para Creta; mas Creta apresenta analogias tão surpreendentes quanto indubitáveis com a cultura maia, que é tida como florescida sobre as cinzas da civilização atlântida!

E a lendária Baalbek? Sofreu talvez, ela também, os influxos de Creta e daquele inimaginável mundo ao qual esta última parece integrada? Churchward acha poder responder de maneira afirmativa e, dizendo que uma referência a Mark Twain não é da natureza daquelas que impressionam cientistas, acha contudo interessante relatá-la. Ei-la:

"A história de Baalbek é um livro fechado. Estas ruínas despertaram por milênios a surpresa e a admiração dos visitantes. Quem levantou estes monumentos? A esta pergunta nunca poderemos dar uma resposta, mas uma coisa é mais do que certa: a grandiosidade do desenho e a beleza da execução que caracterizam os templos de Baalbek não foram igualadas por qualquer outra obra humana nos últimos vinte séculos... Estes templos foram levantados sobre alicerces que poderiam agüentar o mundo. O material usado é formado por blocos de pedra do tamanho de um ônibus... e estas estruturas são atravessadas por túneis em alvenaria, através dos quais poderia passar um trem inteiro. Com alicerces desta natureza, não é de maravilhar que Baalbek tenha durado tanto tempo".

Em seu trabalho *As Maravilhas do Passado,* Richard Curle sustenta a hipótese de que Baalbek remonta à era romana e, de maneira mais precisa, ao tempo de Antonino Pio (86-161), mas Churchward, apoiando-se nas observações de outros estudiosos, anota:

"É difícil conceber uma afirmação mais errada. Nem a história romana, nem a grega, nem a egípcia, contêm qualquer referência à construção de Baalbek, embora as crônicas daqueles povos registrassem fielmente todos os principais acontecimentos e as obras realizadas no trecho de tempo mencionado por Curle. Os gregos, depois, que distavam poucas centenas de milhas, registravam detalhadamente os fatos, as obras, as construções desde 1200-1300 anos antes da época que Curle atribui à edificação de Baalbek; mas em seus anais não se encontra uma única palavra a respeito.

"A arquitetura não é romana e os romanos não levantaram templos ao Sol. Autorizados peritos sustentam que algumas das colu-

nas de mármore provêm das regiões centrais do Egito: poderiam estar com a razão, mas teríamos de nos perguntar porque não há nenhum sinal de transporte tão surpreendente nas crônicas egípcias, assim como não o encontramos nas romanas e nas gregas. Dois fatos foram comprovados: que as construções de Baalbek nunca foram completadas e que os trabalhos pararam de maneira brusca".

Por que razão? Talvez como conseqüência de desastrosas subversões telúricas, como pensa Churchward?

Os fabulosos hiperbóreos

Não é nada improvável que as extremas projeções centro-orientais da Atlântida tivessem estado bem próximas da África norte-ocidental e tenham, destarte, influenciado o mundo mediterrâneo, no qual outros "vêem" a marca de Mu, ou uma ponte de ligação entre os dois continentes submersos.

E igualmente é admissível que as regiões atlântidas norte-orientais tenham alcançado a Europa setentrional. Neste caso resultariam em parte fundamentadas também as teorias daqueles que identificam os atlântidas com o igualmente fabuloso povo dos hiperbóreos.

"A tradição centro-americana — afirma Churchward — nos diz que os quetzal "tinham a pele branca como o leite, os olhos azuis e os cabelos loiros, claros", características, todas, dos modernos escandinavos. Na América ainda vivem alguns dos descendentes dos quetzal: suas aldeias encontram-se nas florestas quase impenetráveis da Honduras e da Guatemala, e foi lá onde recolhi as melhores lendas...

"Na Noruega, por outro lado, ainda sobrevive uma velha língua chamada quanlan, entre cujos vocábulos escritos encontrei alguns correspondentes àqueles da língua originária de Mu, e outros com as mesmas raízes; ainda mais surpreendente, porém, é o fato de que numerosas palavras de quenlan são idênticas às de uma das línguas indígenas da América, possuindo o mesmo significado."

Serge Hutin, falando do país dos hiperbóreos, identificável segundo alguns com a Islândia e segundo outros com uma terra desaparecida, diz: "O país devia ser fértil, visto que os antigos o julgavam maravilhoso. Diodoro de Sicília, falando dos hiperbóreos, conta de uma ilha grande quanto a Sicília, que poderia ser realmente a Islândia, mas continua: "A terra desta ilha é excelente, a ponto de fornecer duas colheitas por ano". É verdade que ainda hoje na Islândia existe um clima privilegiado, considerando-se sua posição

CAPÍTULO VII

Atlântida

Teremos, então, de colocar de maneira definitiva a Atlântida onde a colocou Paul Le Cour, ao considerá-la um continente ou um conjunto de vastas ilhas entre as duas Américas ao oeste, e a Europa e a África, ao leste? Parece mesmo que é esta a solução, com a qual cada vez mais muitos estudiosos ocidentais vão-se identificando, e a eles se somam numerosos pesquisadores soviéticos. A propósito destes últimos, parece-nos interessante escutar o Professor N. Zirov, que da seguinte maneira define a questão:

"Platão nos falou da Atlântida em seus diálogos *Timeo* e *Critias*. No primeiro a lenda é usada como simples episódio ilustrativo; o segundo, pelo contrário, lhe é totalmente dedicado. Muito tempo atrás, escreve o afamado filósofo grego, dando como fonte Sólon (VI séc. a. C.), quando ainda no Egito não havia um Estado, no extremo Oeste, no Oceano Atlântico (chamado pelos gregos de Mar Atlântico), além das Colunas de Hércules, encontrava-se uma enorme ilha chamada Atlântida. As dimensões desta ilha eram iguais às do Oriente Médio e da Líbia, somadas. Um pequeno mar a separava da Europa, enquanto a oeste estendia-se um vastíssimo mar (oceano). Além deste havia um vastíssimo continente (a atual América). Do lado oriental a Atlântida estava bastante perto das costas da Espanha, uma parte da qual, onde havia a cidade de Gades (a atual Cádis), pertencia a um dos reinos da Atlântida. É necessário sublinhar que no *Timeo*, Platão define com grande precisão a posição da Atlântida".

Zirov sublinha, em seguida, que o filósofo grego coloca em destaque o clima ameno do continente submerso, o poderio de seus reis, o plano urbanístico da capital, os templos e os navios, que ele descreve parecidos com os gregos e, a respeito, anota: "Não devemos esquecer que Platão era homem do seu tempo e do seu povo, e que nele tudo era percebido e remodelado conforme o prisma do helenismo. Ele não podia imaginar os templos da Atlântida diferentes dos templos gregos, e assim os navios, e todas as demais coisas".

"A civilização da Atlântida de Platão está mais próxima da cultura dos astecas e dos maias da América central e do assim chamado Egito pré-dinástico (V.º milênio antes da era vulgar)", sublinha o estudioso soviético e continua: "Mas, mesmo assim, para aceitar a versão de Platão temos de admitir que, por uma razão qualquer, a civilização da Atlântida tenha-se desenvolvido de maneira mais rápida do que em outros lugares. *De uma maneira geral, esta suposição não é contrária à verdade* [68], embora pareça mais provável que Platão, tendo usado de fontes para nós desconhecidas (como consideram alguns estudiosos), tenha descrito a cultura final da Atlântida, talvez do V-VII.º milênio antes da era vulgar. De fato, nós não sabemos com certeza quando os restos do misterioso continente tenham definitivamente desaparecido no oceano. De acordo com o conhecido bio-geógrafo sueco René Malaise, isto deveria ter acontecido no VII.º século antes da era vulgar!

"A questão sobre o tipo de cultura da Atlântida é meramente especulativa e, talvez, secundária. Ela poderá ter resposta segura somente depois que forem descobertos os restos desta civilização. Nenhuma pesquisa histórica, étnica, filológica ou de tipo parecido, deu ou poderá dar uma solução positiva ou negativa do problema. É necessário, antes de mais nada, provar a realidade da Atlântida como objeto geológico-geográfico. Somente definindo a história geológica do Oceano Atlântico, particularmente do período glacial e pós-glacial, em concomitância com pesquisas oceanográficas no Norte do Atlântico, poderemos desvendar este mistério secular.

"Se a geologia e a oceanografia responderem definitiva e categoricamente "não", o problema da Atlântida deixará de existir e deverá ser considerado como pertencente ao terreno da fantasia. Mas, nesta nossa exposição procuraremos demonstrar que a ciência já dispõe de muitos dados favoráveis à existência da Atlântida."

Montanhas submersas

"Entre os geólogos e os oceanólogos existem duas escolas que se mantêm em posição diametralmente opostas pelo que diz respeito à natureza e à origem dos oceanos", continua Zirov. "Hoje, no pressuposto lugar da Atlântida, existe o oceano com profundidade de vários quilômetros. Se a Atlântida tivesse existido neste lugar, numa época geológica não remota, certa parte do oceano deveria ter sido ocupada por terra firme. Isto contrasta com a idéia do caráter permanente dos oceanos defendida pelos cientistas america-

68 - Todos os tempos oferecem ampla casuística a propósito. (N. do A.).

nos, com suas diferentes variações, nelas incluindo-se a hipótese da expansão da Terra. De acordo com esta hipótese, os oceanos existiriam desde sempre nos mesmos lugares e quase com as mesmas dimensões de hoje. Entende-se que, neste caso, não podemos falar da existência da Atlântida.

"Muitos cientistas soviéticos consideram, pelo contrário, que onde hoje existem oceanos podiam, no passado, encontrar-se grandes extensões de terra firme, posteriormente submersas. Deste ponto de vista, a existência da Atlântida torna-se plenamente possível. O Oceano Atlântico, que foi palco de impetuosa atividade geológica e vulcânica, é considerado o mais jovem dos oceanos.

"Visto que a Atlântida se encontrava no Oceano Atlântico, onde se achava, exatamente? Muitos (entre os quais o autor da presente exposição e E. F. Klagemeister) avançaram a hipótese de que ela fosse, de alguma maneira, ligada ao planalto subaquático do qual hoje emergem as Ilhas Açores [69]. Os dados das pesquisas oceanográficas dos últimos dez anos revelaram efetivamente notável semelhança entre a topografia destes lugares e a Atlântida descrita por Platão.

"Segundo as indicações de Platão, Atlântida era um país montanhoso. Portanto, no Oceano Atlântico devia existir uma vasta região montanhosa. E, realmente, as expedições oceanológicas dos XIX.º e XX.º séculos estabeleceram com certeza a existência de uma gigantesca cordilheira que vai de um círculo polar até o outro, passando quase no centro do Atlântico. Este conjunto apresenta uma solução de continuidade nas proximidades do Equador e por isto podemos falar em duas cordilheiras: a do Atlântico-norte, no hemisfério setentrional, e a do Atlântico-sul, no hemisfério meridional. O autor desta exposição relaciona a existência da Atlântida de Platão com a primeira cordilheira.

"O sistema do Norte do Atlântico é composto de duas serras paralelas, separadas por uma estreita e profunda planície. A esta planície pode ser relacionada a indicação de Platão sobre a existência, no principal reino da Atlântida, de um grandioso canal de irrigação que se encontrava na periferia do planalto sobre o qual estava o reino, circundado pelo norte, leste e oeste por possantes cadeias de montanhas. Aquele canal era absolutamente indispensável quer como meio de irrigação quer como meio de drenagem das águas que se acumulavam na planície central.

"A cordilheira do Norte tem em média 4 mil metros de altura. Seus flancos ocidentais e orientais apresentam uma espécie de

69 - A hipótese é aceita pela maioria dos cientistas modernos os quais, contudo, sugerem para a Atlântida uma extensão maior do que a delimitava por Zirov. Veja-se "Antes dos Tempos Conhecidos".

degraus em terraços recobertos por uma espessa camada de sedimentos, demonstrando que o afundamento da Atlântida deve ter-se dado de maneira gradual, aos pulos e que, de saída, o afundamento não deve ter sido muito pronunciado. Disto também fala Platão, dizendo que depois do afundamento o mar permaneceu impraticável por causa da grande quantidade de barro e lodo.

"Nos últimos dez anos, as expedições oceanológicas recolheram, entre outras coisas, materiais que testemunham como o fim do período glacial na Europa e na América setentrional teria sido justamente provocado pelo afundamento da cordilheira, isto é, pelo desaparecimento da Atlântida. Esta idéia foi lançada contemporaneamente e de maneira independente pelos cientistas soviéticos Vladimir Obrutchev e Ekaterina Klagemeister e pelo atlantólogo sueco René Malaise [70].

"Estes estudiosos relacionaram a causa do início e do fim do último período glacial com a direção da Corrente do Golfo e com a Atlântida. Quando ainda existia a Atlântida (no pé da cordilheira do Atlântico-norte e no planalto dos Açores), ela tolhia às águas quentes o acesso às costas da Europa. Quando afundou, a Corrente do Golfo encontrou caminho aberto até a Europa, carregando consigo o calor que pouco a pouco fez com que os gelos se derretessem. Os estudos realizados pelo hidrólogo soviético M. Ermolaev revelam que o atual regime das águas do Ártico estabeleceu-se há cerca de 12 mil anos. Esta data também indica o fim do período glacial na Europa e na América setentrional, como foi confirmado por numerosos testes realizados com o método isotópico da cronologia absoluta.

"Existem outras demonstrações a favor da relação entre o fim do período glacial e os movimentos tectônicos na região do Atlântico setentrional. Já em 1913 o geólogo francês Pierre Termier expressara opinião de que um pedaço de lava com o aspecto de vidro, encontrado no fundo do oceano, ao norte dos Açores, só poderia ter-se solidificado ao ar livre. O biogeólogo sueco René Malaise e o geólogo francês J. Bourcart notaram que duas amostras de terras retiradas do fundo do mar ao leste e oeste da cordilheira atlântica do norte eram diferentes: enquanto a amostra do flanco ocidental nada mais era do que comum lodo oceânico, a do flanco oriental revelou-se de origem glacial, evidentemente transportada pelos icebergs.

"Portanto, no período de expansão dos gelos, a cordilheira aflorava sobre as águas e separava a quente Corrente do Golfo, que

70 - E também por outros, como se acha amplamente documentado em "Antes dos Tempos Conhecidos".

desde o sul escorria ao longo de seus flancos ocidentais, da corrente oriental que, fria, transportava até às costas da Atlântida os icebergs. No topo de um dos montes subaquáticos, chamado *Atlantis* em homenagem a um navio oceanográfico norte-americano, foi pescada por meio de uma draga uma tonelada de estranhos discos calcários. Seu diâmetro é de aproximadamente 15 centímetros e sua espessura de cerca de 4 centímetros. De um lado se apresentam bastante lisos, no outro rugosos e com uma depressão central, como se fossem pratos. *O estranho aspecto destes discos dá a impressão mais de uma origem artificial do que natural. Além do mais, os estudos com carbônio 14 revelaram que há 12 mil anos os discos encontravam-se ao ar livre.* Portanto, a montanha subaquática Atlantis era naquela época uma ilha!

"Segundo nossa opinião, a Atlântida compreendia três ilhas principais: a ilha setentrional de Poseidônis, a maior, apoiada no planalto dos Açores; a estreita ilha central de Antilha, mais ao sul; e o Arquipélago Equatorial, que quase alcançava o equador na região dos atuais penedos S. Pedro e S. Paulo.

"Existem fatos que indicam como também a parte meridional da Atlântida, até pouco tempo atrás, se encontraria ao ar livre. A expedição oceanográfica sueca do "Albatrós" realizou testes numa altura subaquática entre a cordilheira atlântica do norte e a Sierra Leone. Aquela altura é um contraforte da cordilheira. Numa amostra de terra retirada do fundo do oceano encontraram-se diatomáceas, que são algas de água doce, puras, não misturadas com qualquer outra espécie marinha. René Malaise acha, de maneira lógica, que as algas devem ter sido retiradas daquilo que nalgum tempo fora um lago de água doce, agora afundado por mais de três quilômetros.

"Talvez o navegador cartaginês Hano (VI.º século antes da era vulgar) tenha sido testemunha do fim dos remanescentes da Atlântida do sul, pois, segundo o que ele contou, seus navios encontraram dificuldades pelo menos durante uma semana perto das margens de um país que se encontrava a ocidente da África, mais ao sul que o Senegal, do qual rios de fogo desciam ao mar. Considerando a velocidade dos navios antigos, Hanon e seus compatriotas enfrentaram dificuldades entre rios de fogo a pelo menos mil quilômetros de distância. Não se tratava, portanto, da erupção de um vulcão, e sim de um verdadeiro cataclismo.

"Temos comparado mais de cinqüenta datas cronológicas, astronômicas, climáticas, geológicas e histórico-culturais, para poder estabelecer uma ligação entre estas e o pressuposto desaparecimento da Atlântida. Isto nos permitiu fixar a data do desaparecimento com a maior aproximação.

"Segundo nossa opinião, entre o XII.º e o VIII.º milênio antes da era vulgar, deram-se, na história do Atlântico setentrional e dos povos moradores nas suas margens, acontecimentos excepcionais. Estes foram provocados por um grandioso cataclismo vulcânico e geológico e deixaram uma lembrança, embora confusa, na memória da humanidade. Podemos supor que todos estes fatos estejam relacionados com o desaparecimento da Atlântida. Por enquanto, o fim da Atlântida pode ser estabelecido, de maneira muito aproximada, perto de 9500 a. C. ...

"Concluindo, muitos estudiosos soviéticos são da opinião de que a Atlântida de Platão teria realmente existido e que a lenda não contrasta com os dados da ciência moderna.

"O problema da Atlântida começa assim a sair do terreno do mistério para receber uma solução positiva. Mas os dados de que dispomos ainda são demasiado insuficientes para vencer completamente o cepticismo secular. Para convencer de maneira definitiva os incrédulos, serão necessárias, sem dúvida, muitas provas ainda."

As ilhas evanescentes

De acordo com a maior parte das reconstruções, o continente ou o vasto arquipélago da Atlântida espraiava-se com seus limites meridionais no Atlântico do Sul, até quase a Antártida, para além do 55º paralelo, que a oeste corta a Terra do Fogo e a leste passa bem abaixo da extremidade meridional do continente africano. Agora, nesta parte do globo teriam sobrado pedaços de terra até épocas relativamente próximas de nós, ilhotas em seguida definitivamente desaparecidas.

O grupo mais importante deve ter sido aquele das Ilhas Auroras (cerca de 2 mil quilômetros ao leste das Ilhas Malvinas) sobre as quais existe um relatório de 1809 na sociedade hidrográfica de Madri que diz: "Nada sabíamos a respeito, até que foram descobertas, em 1762, pelo navio "Aurora", que as batizou com este nome. Em 1790 foram novamente vistas pelo navio "Princess", da campanhia real das Filipinas, comandado pelo Capitão Manuel de Oyarvido, que nos mostrou, em Lima, seu jornal de bordo e nos forneceu algumas informações sobre a posição daquelas terras. Em 1794 a corveta "Atrevida", despachada com a tarefa de realizar levantamentos exatos, realizou nas imediatas vizinhanças todas as observações necessárias e mediu cronometricamente a diferença de longitude entre estas ilhas e o porto de Soledad, nas Malvinas

(Falkland). As ilhas são três, muito próximas do mesmo meridiano; a central é situada bastante embaixo, e as outras duas podem ser vistas a nove léguas de distância". Seguem-se as coordenadas:

Ilha meridional	53° 15′ 22″ S	47° 57′ 15″ W
Ilha central	53° 2′ 40″ S	47° 55′ 15″ W
Ilha setentrional	52° 37′ 24″ S	47° 43′ 15″ W

No relatório feito durante a expedição da "Atrevida" e muito provavelmente de autoria do Capitão J. de Bustamante, lemos que outras ilhas foram vistas naquela área; mas, quer destas últimas, quer das "Auroras" nunca mais se encontrou, posteriormente, sinal algum. Que se tenha tratado de uma miragem, como alguns sustentam, é absurdo: os relatórios de que dispomos são por demais cuidadosos e pormenorizados e aqueles de que falamos não foram os únicos viajantes que teriam visto e costeado aquelas terras.

As Auroras foram vistas ainda em 1856 pela tripulação do navio "Helen Baird" e, pela última vez, em 1882, pela da "Gladys", em cujo livro de bordo lemos: "26 de junho: Temos visto uma terra que parece uma longa ilha... com duas colinas, que dão a impressão de tratar-se de três ilhas. As colinas não tinham sinal de neve *(cai assim também a hipótese — por outro lado também contrastante com as descrições anteriores — de que se tenha tratado de icebergs; sem levar em conta que os icebergs não ficam parados na mesma posição...)*. Às 8 horas, vimos outra ilha; a parte que eu vi apresenta uma íngreme elevação de altura moderada, que se dirige para o sul, de cor acinzentada, sem neve... Parecia existir uma passagem através desta ilha, em direção à primeira...".

Em 1670, por sua vez, um navegador holandês descobriu no Atlântico meridional uma ilha que batizou de Saxemberg, cerca de 600 milhas ao noroeste de Tristão da Cunha, quase a meio caminho entre o extremo do Brasil meridional e a África do Sul. Dois navios tentaram posteriormente, em vão, encontrar a nova terra. Deviam, afinal, consegui-lo dois veleiros americanos, o "Fanny", em 1804, e o "Columbus", em 1809, depois do que a Saxemberg nunca mais foi vista.

Se, partindo da foz do Níger, descemos retos para o sul, encontramos, exatamente na altura da Terra do Fogo, a Ilha Bouvet, descoberta e redescoberta várias vezes e considerada "mero fruto da imaginação" até que sua existência ficou comprovada e deu origem a uma disputa para a posse daquela que é a mais solitária ilha do mundo, disputa amigavelmente resolvida em favor da Noruega.

O capitão britânico G. Norris (do veleiro "Sprightly") que chegou à Bouvet em 1825, descobriu a nordeste, poucos dias antes,

outros trechos de terras baixas, batidos com extremada violência pelo mar: ele batizou o maior de Thompson e os três menores (pouco mais do que penedos) de Chimneys ("chaminés"), em virtude de sua forma estranha. Estes também foram rapidamente tragados pelo mar.

A meio caminho entre as Auroras e Buenos Aires, cerca de 1.500 quilômetros a suleste da capital, foi descoberta em 1675 por Antoine de Laroche "uma ilha notavelmente grande e agradável, com bom porto a oriente"; ele a chamou Ilha Grande, mas já um século depois dela não sobrava mais nada.

A esse respeito ouviram-se porém estranhos boatos: as crônicas espanholas falam até mesmo de um desembarque nas costas argentinas, entre 1770 e 1780, de "brancos, negros e índios" que teriam sido os sobreviventes de uma colônia atlântida (esta hipótese contudo foi levantada somente entre as duas guerras mundiais) a qual por séculos se manteve na Ilha Grande e que acabou sendo eliminada pelo afundamento da ilha. Alguns afirmam que, na realidade, se tratava de náufragos e que a terra "descoberta" por Antoine de Laroche nunca existiu; nós, desgraçadamente, não temos elementos suficientes para refutar ou aceitar quer uma, quer outra hipótese.

Também Mu teria sido sua "colônia": aquela Ilha Dougherty, descoberta em 1800 pelo caçador de baleias Swain que, esquecendo completamente a modéstia, batizou com seu nome. Poucos anos depois aquela terra foi vista pelo Capitão Gardiner e pelo Capitão Macy que a disse "rica de focas, com os rochedos recobertos de algas e as águas extraordinariamente coloridas".

Em 1830 razões comerciais sugeriram um exame mais de perto: tentaram fazê-lo os irmãos americanos N. B. Palmer e A. S. Palmer, mas seus relatórios são de tal maneira confusos que não se consegue entender bem o que eles viram. Em 1842, enfim, o Capitão Dougherty redescobriu o "reino das focas" e, quanto a imodéstia, emparelhou-se com Swain, rebatizando a ilha com o nome hoje usado. Mais tarde muitos navegantes afirmaram que, passando pela latitude e longitude indicadas por Dougherty (59° 20′ S — 120° 20′ W), realmente viram aquela terra, logo após desaparecida, enquanto outros continuaram a lhe negar existência e outros ainda afirmam que nunca desapareceu. Se assim fosse, tratar-se-ia da ilha mais afastada do mundo civilizado, colocada a cerca de 3.500 quilômetros a oeste do Cabo Horn.

A Ilha Dougherty, de qualquer maneira, se realmente se encontra onde a colocam seus defensores, deve ser, há bastante tempo, impraticável para o homem. Mas quem sabe se seus antigos habitantes não foram só "monstros" cujo desembarque é lembrado pelas lendas

de numerosos povos polinésios? Estes seres ter-se-iam apresentado "recobertos de pêlos como animais"; nós acreditamos que os eventuais "retirantes" não teriam tido a menor dúvida em se desfazer de seus agasalhos de peles logo ao chegar a latitudes com clima mais ameno: a tradição, contudo, poderia referir-se simplesmente a homens mais peludos do que os polinésios.

Mas voltemos à Atlântida que, segundo alguns, poderia de certa forma ser responsável por aquele famoso grito de "Terra, terra!" solto por um membro da tripulação de Cristóvão Colombo nas primeiríssimas horas de 12 de outubro de 1492 (21 de outubro segundo o calendário gregoriano). A primeira ilha divisada pelo navegador — chamada pelos indígenas Guanahani e por ele batizada San Salvador — é identificada pela maioria dos textos com a atual Watling; mas, embora tenhamos certeza de que a ilha se encontra nas Bahamas, não é absolutamente, certo de que se trate de Watling; parece, bem pelo contrário, que esta não tem nada a que ver com o assunto e as discussões ainda fervilham entre os entendidos. O jornal de bordo de Colombo foi perdido (restam somente os extratos do Bispo Las Casas) e o único mapa disponível é aquele compilado oito anos depois por Juan de la Cosa, companheiro do descobridor da América e proprietário da "Santa Maria". E este mapa, superposto aos atuais, indica ilhas que não existem.

Ainda uma vez fala-se em terras submersas: e seriam, neste caso, terras em que ainda vivia a lembrança de seres de civilização superior. Lembramos que os pacíficos indígenas (depois barbaramente exterminados) tentaram explicar aos mensageiros de Colombo — como deixou escrito o grande genovês — que "eles sabiam como os homens brancos tinham vindo da residência dos deuses ... cerca de cinqüenta entre homens e mulheres pediram-lhes para levá-los consigo ao céu dos deuses imortais".

Entre as Bahamas e as Bermudas, por outro lado, deviam existir noutro tempo muitas ilhas, que afundaram em épocas diferentes: uma destas é a fabulosa Mayda, de que muito se falou a partir de 1600, dizendo-se, entre outras coisas, que era morada de gente "que praticava qualquer tipo de magia", capaz até de se levantar no ar.

CAPÍTULO VIII

Hóspedes Vindos do Futuro

COM UM PULO ELE ALCANÇOU o topo do penhasco; todos os arco-íris refletiam-se em sua couraça, o sol formava um halo ao redor de sua testa. Pareceu a Donna que ele era muito mais alto que os guerreiros de sua tribo, que caminhavam encurvados. Com toda sua força, Donna quereria pará-lo e segurá-lo por um canto do manto ou pela esteira de luz que dele emanava. Mas ele avançou até a margem do penhasco e, da maça que tinha em sua mão, partiu um raio, um só. E a taturana atigrada desapareceu num sol de horror, e a salamandra alada fundiu-se, e o terreno diante do Ser ficou livre, manchado por sangue preto e escumante. Os demais monstros fugiram, dissolvendo-se como neblina. A tribo, que antes se refugiara sobre as rochas, explodiu em gritos de triunfo.

"Também Donna levantou os braços e gritou: mas de horror. Uma segunda salamandra descera na vertical sobre a plataforma com os artelhos estendidos, e Bruce Morgan cambaleou sob seu peso. Lutaram corpo a corpo, pois o terrestre jogara seu desintegrador, inútil em distância tão curta. Os artelhos do monstro penetraram na couraça sideral, seus tentáculos, suas ventosas, os vermes escarlates, as serpentes procuravam uma abertura.

"Donna olhava, com todos seus músculos retesados, pensando de que maneira poderia ajudar o fúlgido Ser. Talvez com o arpão. Mas ainda hesitava, quando viu uma articulação da couraça estalar e o sangue pular, vermelho. Morgan apoiou-se à rocha. O olhar daqueles olhos verdes, desumanos, do monstro, penetrou-lhe os olhos, e ele percebeu que seu corpo ia se paralisando.

"Mas Donna incitou o lobo, apertando-lhe o dorso com uma mão: duas sombras elásticas pularam para frente, ao mesmo tempo; a mandíbula de aço do animal afundou avidamente nos gordos tentáculos da Medusa e as mãos da garota levantaram a curta lança.

"Erg lançara-se para ajudar Donna. Sua haste pontiaguda fincara-se na nuca do monstro e dela arrancou um jacto de sangue preto. Libertando dos tentáculos o braço machucado, Mogan desviou seus olhos das glaucas íris, que a morte já ia ofuscando. A Medusa

rolou pelas rochas e o jovem caçador deu-lhe o golpe de misericórdia...

"Donna o levou para a caverna, onde ele esticou-se, com o desintegrador ao lado. Estava prostrado, mas com a mente lúcida... "Este planeta encontra-se no Jurássico, se considerarmos a fauna de sáurios", pensou..."

O episódio foi tirado de um conto utópico de Charles Henneberg, *La Naissance des dieux,*[71] e conta as aventuras de alguns astronautas que, num planeta jovem e selvagem, dão nova vida aos mitos da Antiguidade.

Justamente como na narrativa de Henneberg — temo-lo visto — a terra teve seu Bruce Morgan que atirava nos dinossauros e nos terrificantes monstros pré-históricos. E se a idéia de ter sido Lúcifer um cientista ávido de poder (ou, como no conto citado, um poeta aleijado, cheio de complexos de inferioridade) nos faz sorrir, certos símbolos e certos mitos comuns aos povos do globo mais afastados entre si levantam apaixonantes interrogações.

Disto já tratamos em "Antes dos Tempos Conhecidos"; achamos, contudo, que os leitores julguem interessante algumas outras notícias, antes não relatadas, escolhidas entre aquelas que no momento mais profundamente envolvem os estudiosos desta apaixonante matéria.

Temos todos uma origem espacial?

"Lembremo-nos das deformações dos antiqüíssimos conceitos religiosos e de seus símbolos — escreve Max Müller — e nos defrontaremos com constatações surpreendentes. O deus supremo recebeu o mesmo nome quer na mitologia indiana, quer na helênica, itálica e germânica: foi Dyaus em sanscrito, Zeus em grego, Júpiter em latim, Tiu (Wotan?) em germânico. Milhares de anos antes do tempo dos Vedas e de Homero, os progenitores de toda a raça

71 - Esse romance, publicado na Itália por Mondadori, em 1955, foi, naquela época, incluído numa série de ficção científica. A idéia, embora não absolutamente original, na década de cinqüenta ainda era considerada demasiado arrojada para incluir-se entre as hipóteses "científicas" sérias. Não podemos dizer que provas definitivas tenham sido trazidas, daquela época até hoje, para justificar o impulso que esta idéia de contactos extraterrestres teve nestes últimos vinte anos. O que se modificou profundamente foi a posição psicológica do, digamos, "pesquisador": talvez esteja nascendo um novo "mito" da era espacial. Não esqueçamos, de fato, que na sua principal e fundamental função de "intérprete dos achados", o arqueólogo lhe transmite o seu peculiar caráter subjetivo, pessoal. Caráter, este, que sempre fica claro para o perito mas que para o profano adquire freqüentemente o aspecto de "verdade absoluta". Na realidade não conhecemos "a história da Ilha de Creta"; o que conhecemos é "uma provável história de Creta, elaborada por Fulano de Tal". Não existem, em geral, "verdades absolutas" em arqueologia e sim "interpretações pessoais", "idéias pessoais". Umas com maior fortuna do que outras. As com maior fortuna são englobadas pela "ciência oficial", ensinadas nas escolas e elevadas à categoria de dogmas. (N. do T.).

ariana adoravam um ser invisível, com um mesmo nome: o da Luz e do Céu... A palavra Dyaus não indicava simplesmente o céu personificado: nos Vedas encontramos "Dyaus Pater", em grego "Zeus Pater", em latim "Júpitar" (depois, Júpiter), todas expressões que derivam daquela usada antes de que as três línguas — como anota Churchward — fossem separadas, quando estas palavras significavam "Pai celestial" ou "Pai no céu".

"O Sol — pondera o próprio Churchward — nunca foi considerado pelos nossos antepassados como divindade em si, mas como símbolo da divindade... símbolo monoteísta, aliás, que existia milhares de anos antes de o Egito, a Babilônia, o México e o Peru terem sido civilizados."

As antigas lendas estão repletas da lembrança de deuses e semideuses que "vieram do céu", das estrelas, do Sol; e é interessante anotar que estes seres não eram encarados como criadores, mas "enviados" — diretos ou indiretos — do Ente supremo. Aceitando estas tradições, não chegaríamos a encarar os viajantes cósmicos de maneira parecida à sugerida pelo conto de Henneberg, como "hóspedes vindos do futuro", isto é, provenientes de um planeta mais desenvolvido que o nosso, para levar à Terra a civilização, se não mesmo a vida?

É interessante pararmos um pouco para pensar sobre quanto escreve a respeito o estudioso soviético Viatcheslav Saitsev, em *Na Suche i na More* ("Sobre a Terra e sobre o Mar"):

"Qual foi a origem do homem? Eis um dos maiores mistérios do mundo, a que só podemos responder com três hipóteses:

a — o homem é um produto da evolução terrestre;

b — o homem é uma criação do Senhor;

c — o homem é um anel e de uma longa corrente evolutiva que se iniciou em algum outro planeta e continua no nosso.

"A primeira é uma hipótese lógica, defendida pela ciência, mas com um importante fator ainda não esclarecido: não está, de fato, provado que o homem descenda dos macacos; e aquele que deveria ter sido o primeiro homem sobre a Terra nunca foi descoberto. A segunda hipótese levanta numerosas dúvidas, não sendo possível conceber como o homem tenha sido o produto de um improviso ato de criação. A terceira hipótese, indubitavelmente, é digna de ser examinada. Segundo alguns mitos, a evolução humana deu-se num planeta qualquer do Universo; depois do primeiro período formativo, o homem teria alcançado a Terra, continuando aqui a desenvolver-se: alguns cientistas, aliás, sustentam que o nosso planeta não é suficientemente velho para que seres inteligentes nele se

tenham desenvolvido de maneira espontânea desde protozoários até o atual nível.

"De acordo com uma fábula eslava, "o homem foi criado longe da Terra, muito tempo atrás. Quando seu mundo chegou ao fim, Deus, com a finalidade de perpetuar a espécie humana, ordenou aos anjos que levassem vários casais à Terra, para que se difundissem. Os anjos difundiram os casais pelo mundo e, onde estes se fixaram, se multiplicaram. Talvez quando a Terra estiver próxima de seu fim, Deus fará novamente com que seres humanos sejam levados para outro lugar, a fim de que se difundam".

"A mente que elaborou esta fábula deve ter sido uma mente racional: o que ela disse pode ser fantástico, mas não totalmente sem sentido. É necessário, aqui, voltarmos o pensamento aos nossos antepassados e considerarmos como eles, insatisfeitos com os dogmas da Igreja, procuraram ampliar sua visão.

"De qualquer maneira, a fábula expressa o conceito que o gênero humano, assim como hoje o conhecemos, não teria sido a primeira raça inteligente sobre a Terra e tenha sucedido a outras estirpes, que foram aniquiladas por remotos cataclismos.

"Segundo as crenças da América central e meridional, seres "humanos" de madeira e argila povoaram o nosso planeta antes da nossa chegada. Uma variante desses mitos é contida num manuscrito eslavo conservado na biblioteca da Academia das Ciências de Leningrado: ele afirma que um homem "com o coração de madeira" foi criado antes de Adão. Numerosos detalhes desta lenda não podem ser levados a sério, mas é surpreendente a idéia básica, a afirmação segundo a qual a evolução seria "uma série de experiências e de erros"... e nada seria "eterno debaixo da Lua".

Apoiando-se nas teorias de Einstein, Saitsev sugere a possibilidade de remotas comunicações entre a Terra e outros mundos e anota, a respeito:

"Nos tempos antigos e na Idade Média, vários estudiosos sustentavam que o tempo escorre mais lento no céu do que na Terra. Um dito popular afirma que "um minuto de Deus é mais longo do que uma vida humana". E o salmo 39 (versículo 5) nos diz: Deste aos meus dias o comprimento de alguns palmos; à tua presença o prazo da minha vida é nada..."

"Uma lenda japonesa da coleção *Nippon Mukasi Banasi* conta como um homem voltou ainda jovem de uma viagem ao céu e como não encontrou mais descendentes da sua família. Acontecimentos parecidos encontram-se numa fábula russa incluída na coleção de A. N. Afanasiev e numa fábula ucraniana da antologia de Levchenko, onde é dito que três dos nossos anos correspondem a trinta anos para Deus.

"Muito esquisita é a história apócrifa de Enoc que, segundo textos religiosos, teria sido levado para o céu antes do dilúvio e ainda estaria vivo. O mesmo tema é retomado pelo conto apócrifo da assim chamada "visão de Isaías", presumivelmente escrito no II.º ou III.º século da era cristã. O profeta Isaías, começando a duvidar da própria fé e da grandeza do Onipotente, teria sido levado por este ao céu, onde suas dúvidas se desvaneceram. Afinal Isaías, ouvindo que ia ser novamente levado para a Terra, expressara sua surpresa dizendo: "Mas por que tão cedo? Faz apenas duas horas que estou aqui". "Não duas horas, trinta e dois anos", teria respondido o mensageiro celeste. Estas palavras parecem não ter agradado muito ao profeta, certo de que sua volta significaria a morte ou uma velhice adiantada. "Por que tenho de voltar à minha velha carne e aos meus velhos ossos?" e o anjo o teria tranqüilizado com as seguintes palavras: "Não fiques triste; voltando à Terra, não serás um velho".

"Nos inícios do século XX, a descoberta de Albert Einstein revelou os possíveis "caprichos" do tempo na eventualidade de viagens numa velocidade próxima da da luz. Isto, até hoje, só foi controlado em laboratório, trabalhando-se com os mésons, mas os escritores de ficção científica já levaram seus heróis através de aventuras parecidas com as de Isaías.

"Presumivelmente a antiga idéia da possível imortalidade não reflete somente um anelo para um Deus eterno, mas também a idéia de que o tempo possa, em determinadas condições, modificar sua velocidade".

O seio da vida

O Padre Francisco Ximénez tinha vinte e quatro anos, quando, em 1688, desembarcou na Guatemala, como seminarista. Ordenado sacerdote, andou por aquelas terras, de um distrito a outro, aprendendo com assombrosa facilidade as línguas dos povos com que entrava em contacto, aproximando-se de suas tradições. "Aniqüilem a alma dos índios!", ordenara Cortés. Mas Padre Ximénez pensava de outra maneira: o amor era seu credo, a compreensão sua arma. E foram um e outra que lhe granjearam a confiança dos índios, a ponto de um velho chefe iniciá-lo nos segredos que tinha ciosamente ocultado aos conquistadores estrangeiros: os do *Popol Vuh*, a "bíblia maia".

"Não é fácil imaginar sua surpresa diante do antigo texto quíchua, – escreve Wolfgang Cordan – surpresa que rapidamente

mudou-se em entusiasmo. Havia uma criação do mundo durante a qual os deuses tinham dito "Terra!" e a terra formara-se. Havia o dilúvio, havia um corvo que indicava uma nova terra que aflorava das águas, havia uma passagem do mar parecida com aquela enfrentada pelos filhos de Israel. E havia um astro brilhante que Ximénez identificava com a estrela de Jacó, pois não podia ter sido a de Belém".

As semelhanças com as Sagradas Escrituras não são raras, e não só no *Popol Vuh*. Uma das tabuinhas encontradas em Nínive, por exemplo, representa a criação da mulher segundo um conceito que não é somente bíblico mas que encontra relações entre numerosos povos antigos. E nos parece aqui particularmente significativo relatar o trecho da tradição polinésia que, recolhida por Churchward, diz textualmente: "Dos ossos do homem Ele fez a mulher, e a chamou Evi".

Quanto aos demais trechos do Antigo Testamento, não conhecem, talvez, os maoris uma lenda igualzinha à de Caim e Abel? Não lembram os habitantes das Ilhas Fiji uma construção idêntica à torre de Babel? Não guardam os polinésios a estória de uma arca que em nada difere da de Noé e que eles afirmam ter sido construída numa de suas ilhas?

Quem seguiu a nossa exposição dos principais trechos do *Popol Vuh* teve oportunidade de notar como numerosos empreendimentos de seus heróis (os milagres, a volta do reino dos mortos, entre outros) correspondam a inúmeras tradições. A mesma coisa poderia ser dita pela virgem procriadora que, segundo Churchward, se encontraria em relação direta com o "ovo cósmico", o primeiro fruto da Criação, do qual teria sua origem o Universo.

Lembrando uma antiga lenda, o escritor britânico cita: "Destes ovos sairá a vida, como fora ordenado" e acrescenta: "Os ovos cósmicos são chamados também "as virgens da vida", ou Hol Hu Kal, cuja tradução é "Abrir o virgíneo ventre (da vida)". Justamente por esta razão os antigos falavam da água como de uma mãe: a vida apareceu, de fato, inicialmente na água, "abrindo", justamente, "o virgíneo ventre dela".

Aquilo que porém nos surpreende, mais do que qualquer outra coisa, é o aparecimento, entre muitíssimos povos da Antiguidade, do símbolo da cruz, com todas as variantes hoje conhecidas: simples, para indicar, segundo Churchward, "as quatro forças da criação", segundo outros "os quatro pontos cardeais terrestres e cósmicos", isto é, a própria criação em si. Esta estaria também representada na "roda solar", mais tarde representada com a suástica, a cruz de Sto. André, a flor do lótus e assim por diante.

A cruz gravada na tabuinha n.º 1.231 de Nínive representaria os mesmos conceitos da proto-galáxia, a galáxia primitiva; o mesmo poderia ser dito de vários desenhos dos maias, para os quais a cruz teria sido, como para nós, o símbolo da divindade: o deus da cruz maia é Ah Can Tzicnâl, que significa "senhor dos quatro cantos do mundo", mas também o Universo personificado!

A propósito da cruz, assinalaremos uma curiosa observação do religioso guatemalteco Antônio Batres Jaurequi. Como é sabido, umas das últimas palavras de Jesus foram: "Eli, Eli, lama sabactâni", uma imploração pronunciada em aramaico; referindo-se a esta imploração, o religioso escreve em seu trabalho *História da América Central:* "Estas palavras derivam da língua maia, a mais antiga conhecida, e devem, na realidade, ser lidas: "Hele, hele, lamah sabac ta ni", que significa "Agora me sinto fraco, a escuridão cobre o meu rosto".

A conjura do silêncio

É significativo notar como a ciência "oficial" tenha-se muitas vezes recusado, com obstinação, a aceitar muitas das descobertas de que falamos: voltamos aqui a lembrar as tabuinhas de Nínive, inicialmente consideradas até mesmo "inexistentes" depois o resultado de uma colossal falsificação, afinal reconhecidas autênticas, procurando-se contudo guardar o fato sob o maior silêncio possível.

"Os estudiosos de nossos dias – anota o arqueólogo J. Warren – acusam a Igreja por ter obstaculado e atrasado o progresso. Acusam os religiosos, em substância, daquilo que em realidade foi uma conseqüência dos tempos em que viveram. E hoje são eles os primeiros a seguir a linha de conduta atribuída à própria Igreja, recusando-se a tomar em consideração todos os elementos que poderiam alterar seus dogmas."

E Herbert Kühn, em sua douta obra *Ritrovamenti ed Arte dell'Época Glaciale,* acrescenta:

"Para estes os argumentos lógicos não têm significado algum... e de uma determinada situação espiritual quer-se lançar a responsabilidade sobre os padres. Mas, se examinarmos com cuidado os documentos, chegaremos a constatar que uma afirmação como esta é completamente errada. Em nenhum trecho se encontra uma só palavra dos representantes da Igreja contra as escavações, contra a descoberta de esqueletos dos homens primitivos, contra o achado de apetrechos e de esculturas da época glacial, e nem mesmo contra o achado das pinturas de Altamira. Muitos religiosos, pelo contrário, são escavadores, pesquisadores.

"Na verdade, o motivo do desconhecimento deve ser procurado em outra parte, isto é, no medo de se infligir grave golpe na teoria da evolução. Com grande fadiga, de fato, conseguiu-se impor o conceito segundo o qual teria sido justamente a evolução a criar as espécies humana, animais e vegetais que hoje existem: destarte a idéia da evolução se sobrepôs à da estaticidade, da criação unifásica.

"A teoria da evolução baseia-se na certeza de que tudo quanto for mais simples deve ser anterior, e posterior tudo quanto for mais aperfeiçoado. Se a história da antiqüíssima arte tivesse incluído somente trabalhos primitivos, imperfeitos, poderiam eles ter sido encaixados no conceito clássico de evolução. Coisa bem diferente é a que se registra nas grutas de Altamira, por exemplo, com suas expressões artísticas perfeitas e trabalhadas, de tal natureza que sem dúvida podem ser colocadas no mesmo plano das contemporâneas, das criações de Manet e Monet [72]. Como poderia um troglodita ter chegado a uma elaboração impressionista, àqueles movimentos, vivacidade de linhas, contrastes de claro-escuros... a tudo quanto, para resumir, a arte do século XX conquistara de maneira tão trabalhosa com grandes lutas internas contra a velha concepção acadêmica?

"Tratava-se de um terrível golpe contra os sucessos alcançados no conhecimento da natureza... As doutrinas de Darwin já se haviam tornado um dogma ao redor de 1880, a ponto de condenar-se, aniquilar-se tudo quanto nelas não podia ser enquadrado. E a nova atitude espiritual chegou rapidamente a dominar toda a Europa, cristalizando-se a ponto de rapidamente tornar-se incapaz de compreender, e ainda menos receber, outras realidades".

Referindo-se às célebres grutas de Altamira, mas lembrando tudo quanto temos exposto e vamos expor, diríamos ainda, com Herbert Kühn:

"A arte da época glacial, tão importante e de tão grande interesse para o mundo, veio à luz como uma maravilha incompreendida, incompreensível, inesperada. Não existiam lembranças humanas deste mundo, não havia sagas, mitos, fábulas que dele contassem, inexistiam tradições. Este mundo desaparecera, sumira no longínquo passado, sepultado por dezenas de milhares de anos...

"Depois veio aflorando do ventre profundo e falou. Falou com voz clara mas os homens não quiseram ouvi-lo. Não acreditavam nos testemunhos que se ofereciam espontâneos; não era só dúvida, incerteza, indecisão: era recusa e medo.

---

72 - Claude Monet (1840-1927) e Édouard Manet (1832-1883). O primeiro, chefe, o segundo, grande expoente da escola francesa do impressionismo. Suas pinturas romperam com a tradição acadêmica clássica: a paisagem adquire valor em si; a luz, sob a influência das gravuras japonesas, assume valor primordial; o quadro deixa de ser uma "composição" para tornar-se a expressão de um sentimento. (N. do T.).

"E vieram à luz testemunhos sempre novos, sempre novos fragmentos de um mundo singular, fechado em si, com um determinado pensamento, com uma própria e determinada economia, com uma própria arte. Esta forma de arte, porém, era demasiado trabalhada, demasiado evoluída: não podia ser encaixada no quadro tradicional da evolução...

"A Antiguidade engloba o período que vai de 400 a. C. a 400 d. C., abraçando cerca de um milênio. E antes disto teria existido um período com uma arte naturalista? Que pensamento absurdo! Quanto mais remontamos no tempo, mais fixa, mais abstrata, mais primitiva deve ser a arte. É absolutamente impossível e contrário ao conceito do desenvolvimento e do progresso que na era glacial, entre 100.000 e 10.000 anos a. C., tenha existido qualquer forma de arte. Porque onde existe arte deve existir uma consciência dos acontecimentos do mundo.

"O homem da era glacial, este troglodita, não pode ter criado uma verdadeira arte... O seu só pode ter sido um balbuciar... é impossível que ele tenha sido capaz de expressões de nível tão elevado como aquele que, com fadiga, foi alcançado somente a partir do Renascimento.

"No entanto, assim é, mesmo que esta afirmação possa ser motivo de "escândalo", irritação e incômodo. É a realidade.

"O pensamento não tem a tarefa de criar os fatos. Os fatos existem e o pensamento tem o dever de encaixá-los na história do passado".

CAPÍTULO IX

Templos Extraterrestres

VOLTEMOS, POR UM INSTANTE, para Marcahuasi, aquela deserta plataforma de que já temos falado em detalhes na página 54 do nosso estudo. Como temos dito, ela se levanta a 3.800 metros de altura, a oeste da Cordilheira dos Andes, e cobre três quilômetros quadrados, alcançáveis só nas costas de um burro, numa paisagem de pesadelo [73].

Lembramos que o explorador peruano descobriu naquela área deserta representações de animais que viveram de 185 a 130 milhões de anos atrás, pelo menos, junto com esculturas que revelaram sua natureza, mostrando rostos humanos, só no solstício de verão, e um morro que representa o rosto de um velho, mas que ao ser fotografado revela, no negativo, o aspecto dum jovem.

Tudo isto parece inexplicável à primeira vista, porquanto o lugar se apresenta destituído dos mais elementares recursos que poderiam ter sustentado os construtores de um complexo gigantesco, cuja criação sem dúvida alguma precisou de longo tempo e grandes esforços.

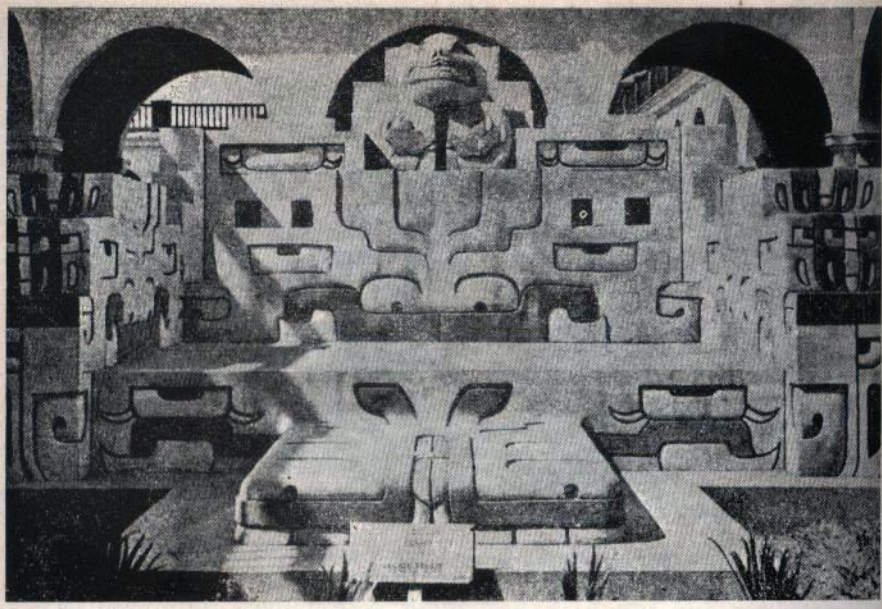
Mas a assim chamada e desconhecida "civilização de Masma" possuía meios incríveis, superiores àqueles que nós hoje poderíamos usar, se conseguiu fazer do inferno andino um pequeno paraíso; vemos, de fato, nos arredores, aqueles lagos artificiais de que falamos, alimentados por uma fantástica rede hídrica.

Sobre as margens dos canais que deviam outrora dar a Marcahuasi a aparência de vicejante jardim tropical, como nas margens do Lago Titicaca — conta-nos o americano MacDonald referindo-se quer às descobertas de Ruzo quer ao testemunho do antigo cronista espanhol Diego d'Alcobaça — erguiam-se estátuas às quais quer as mudanças de luz quer os reflexos da água davam impressionante aparência de vida."

Do lado de cá do Atlântico encontramos imagens que podem ser vistas só em determinadas horas do dia ou em determinadas épocas do ano; encontramo-las no imponente complexo megalítico da costa

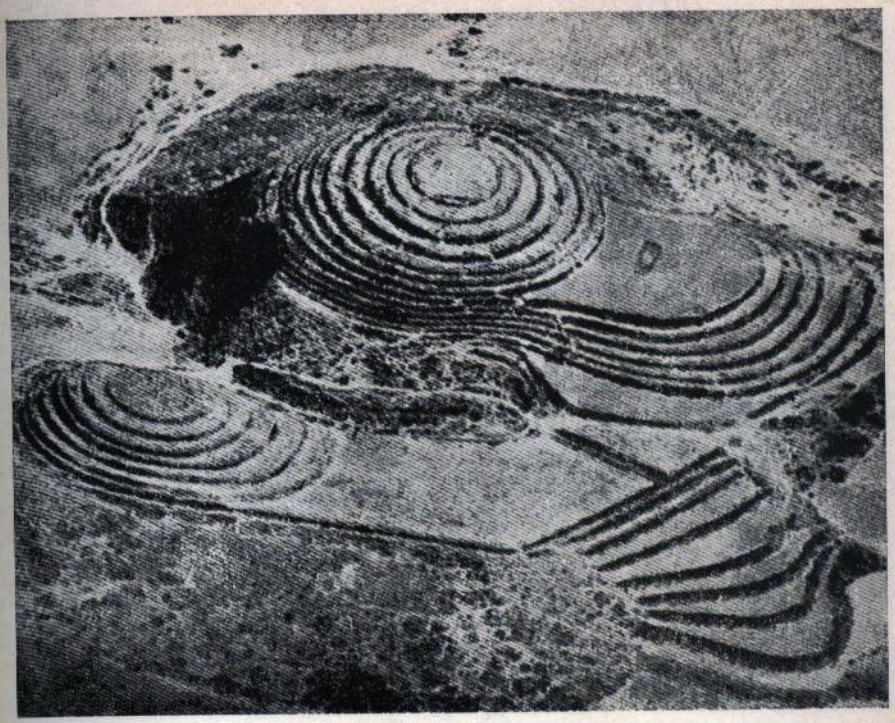
73 - Veja-se também "Antes dos Tempos Conhecidos", pág. 200 e seguintes.

Duas vistas da "grande muralha peruana" descoberta pela expedição Johnson. A finalidade dela nos é totalmente desconhecida.



A reconstrução do assim chamado "Castillo" de Chavín de Huántar, maravilha arquitetônica de três andares, cada qual possuindo seu próprio sistema de aeração. Não existem portas, nem janelas. Por isso, alguns estudiosos sustentam tratar-se da representação de uma espaçonave extraterrestre e, ao mesmo tempo, de seus tripulantes, os misteriosos "homens-gatos".

Mais um enigma peruano: a faixa de formações escuras que se encontra nos flancos de montanhas inacessíveis.



Dois anfiteatros descobertos no Peru e que se parecem de maneira bastante curiosa com os mediterrâneos.

Como se fosse uma lembrança dos misteriosos "discos voadores", o círculo é encontrado nas representações mitológicas de vários povos mediterrâneos. *Acima*, disco alado assírio; no meio, disco alado egípcio e, *embaixo*, o deus Ahura Mazda.

meridional inglesa, estudado durante quarenta anos pelos arqueólogos Péquart e Le Rouzic, em Stonehenge e em Avebury. E vivemos na Carélia um espetáculo ainda mais surpreendente com aquilo que Konstantin Lauchkin define "o cinematógrafo da pré-história".

"Os arqueólogos soviéticos que trabalham na Carélia — escreve Lauchkin na revista "Znanye-Sila" — trouxeram à luz centenas de povoados que remontam a 3000 — 2000 anos a. C. (parece que naquela área o homem deve ter chegado entre 6 mil e 4 mil anos antes de Cristo), encontrando, entre outras coisas, gravuras nas rochas que podem ser consideradas obras-primas da arte primitiva.

"Na margem ocidental do Lago Onega foram descobertos cerca de 600 desenhos, uma verdadeira "galeria" criada através dos tempos. Com formões de pedra tosca, os artistas primitivos gravaram figuras de seres humanos, aves, peixes, reptis, criaturas fantásticas, símbolos lunares e solares, na dura superfície do granito. Aqueles homens deviam ter visão bem clara daquilo que queriam representar, olhar agudo e mão firme, pois um golpe errado no pontiagudo sílex teria estragado todo o desenho: o granito é um "papel" que não admite correções.

"Interessante é o lugar onde foram feitas as gravações: rochas que se levantam na vertical sobre as profundas águas do lago. Teria sido muito mais cômodo trabalhar nas vizinhanças: por que os artistas escolheram aquelas rochas?

"Os desenhos executados sobre elas tornam-se mais visíveis quando iluminados pela luz do pôr do Sol, e está claro que quem os executou escolheu esta característica não por simples amor ao perigo mas levando em conta os efeitos da luz.

"Eu tive a sorte de ver algumas gravações no promontório de Perinos (onde se encontra uma notável coleção) durante o solstício de verão: entre outras, uma composição muito interessante que poderia ser chamada "Delito e castigo da rã".

"Antes do pôr do Sol os desenhos se apresentam confusos, ao ponto de serem dificilmente visíveis sobre o fundo. Mas quando o Sol chega perto do horizonte, o granito brilhante, vermelho-escuro, ilumina-se com uma doce luz cor-de-rosa e as linhas multicoloridas do desenho tornam-se evidentes.

"Este magnífico espetáculo pode ser cientificamente explicado: o granito possui estrutura granular mas pode ser facilmente alisado. Aquele do Lago Onega foi alisado durante milhares e milhares de anos pela água, enquanto as linhas das gravações nas rochas mantêm a característica estrutura granular; o traço do desenho, repleto de uma miríade de diminutos primas cristalinos, reflete muito

mais luz do que a refletida pela parede lisa circunstante. Por isso, as gravuras "tornam-se vivas"; mas este efeito luminoso não representa sua única característica.

"Logo que os raios do Sol atingem a rocha, os desenhos animam-se. A rã aproxima-se do alce, o caçador realiza um movimento com a mão (a imaginação completa a história: o caçador acaba de lançar sua maça com a direita e, para manter o equilíbrio, levanta o braço esquerdo), a maça passa por cima da rã (o deslocamento do ar percebe-se), o fogo do bivaque ondula. O espetáculo na tela de granito dura uns quinze minutos; depois, quando o Sol se põe atrás do horizonte, os desenhos novamente se apagam.

"Outro prodígio. Mas para este também existe explicação. Pensem em certos luminosos: quando as lâmpadas se acendem e apagam de maneira contínua sua luz parece, aos nossos olhos, uma série de linhas em movimento. O mesmo efeito pode ser observado aqui; grupos de diminutos prismas sobre a superfície desigual do desenho comportam-se como lâmpadas: em determinados momentos alguns tornam-se mais luminosos do que outros. A intensidade da luz refletida, portanto, é diferente: alguns pontos brilham mais do que os demais.

"As rochas recebem luz de duas fontes: uma é fornecida pelo Sol que está se pondo, a outra é a luz refletida pela superfície do lago. Ambas as fontes luminosas se acham em movimento: com o movimento do Sol, o ângulo de incidência muda constantemente; por outro lado, a água funciona como um refletor que vibra. A incidência dos raios faz com que cintilem vários grupos de prismas: para o observador estes movimentos despertam a ilusão de ser o desenho inteiro que se movimenta...".

O mistério do "homem-gato"

Milênios deveriam, portanto, separar os autores destes esquisitos trabalhos, sem dúvida criados com critérios análogos do lado de lá e do lado de cá do oceano. Mas por que aquelas realizadas em épocas mais próximas de nós – por extraordinárias que nos possam parecer, quando medidas com o metro da ciência "oficial" – não são, na realidade, mais que cópias toscas das antiqüíssimas obras-primas sem idade a que nos referimos?

A pergunta admite uma única resposta: aquela que se apóia nas hipóteses relativas à existência de grandes civilizações desaparecidas, das quais não nos restam mais que os pálidos reflexos de uma lembrança apagada por apocalípticos cataclismos.

Como fizemos notar em *Antes dos Tempos Conhecidos,* os denominadores comuns que existem entre os povos que antigamente moravam na América, na Ásia e na região do Mar Mediterrâneo meridional são inúmeros. Limitemo-nos a sintetizá-los, com Serge Hutin, numa rápida visão daquilo que é um dos mais enigmáticos monumentos do passado:

"Os estudiosos — escreve o pesquisador francês — freqüentemente encontraram analogias significativas na arquitetura religiosa. As pirâmides, por exemplo, encontram-se quer na área do Mediterrâneo, quer na do Golfo do México. E, contrariando uma opinião às vezes levantada, temos de reconhecer que os *teocalli* dos maias e dos astecas são realmente pirâmides, cuja finalidade geométrica dá na vista e que — apesar de inegáveis diferenças — manifestam a mesma estrutura do pensamento religioso expressa pelos monumentos do Vale do Nilo.

"Quanto ao material empregado, um egiptólogo norte-americano, Mitchell Hedges, acha poder demonstrar que os blocos usados para edificar a pirâmide de Gizé não são de sienita egípcia, mas de uma pedra que provém da América do Sul.

"De qualquer maneira, todas as analogias que se encontram entre o "velho" e o "novo" mundo focalizam o problema da Atlântida. Em última análise, ou temos de admitir a existência de relações diretas entre maias e egípcios, assim para dar um exemplo, ou somos obrigados a pensar numa fonte comum a estes dois grandes complexos de tradições, embora lembrando das diferenças, das contradições sem dúvida marcantes, mas facilmente explicáveis com a hipótese de dois mundos que tiveram uma origem em comum, mas uma evolução independente".

Limitemo-nos a lançar uma olhada a três estupendas representações expostas no Museu Nacional de Antropologia da Cidade do México: ao assim chamado "deus velho", de pressuposta origem olmeca, encontrado no Estado de Veracruz (Cerro de Las Mesas), um dos famosos homens brancos de que se fala em numerosíssimas crônicas da América Central e meridional, aqui representado com um esquisito "chapéu" enfeitado com cruzes: à terracota de traços tipicamente orientais de Tlatilco, que remonta ao período préclássico; àquela outra terracota da mesma época e da mesma localidade, que reproduz um indivíduo sem dúvida alguma de raça negra. Estas estatuetas parecem querer fornecer-nos mais uma prova de remotíssimos contactos intercontinentais, mas não nos levam certamente às origens de que fala Hutin.

Onde podemos procurá-las, então? Entre os restos de raças humanas ou humanóides, extintas desde tempos imemoriais, desco-

bertas por Marcel Homet na Serra do Machado, na Amazônia? Entre os seres de crânio alongado e de esquisitíssima expressão, cujas representações também são visíveis no Museu de Antropologia mexicano, provenientes uma do Estado de Nayarit e a outra (cujos trajes lembram trajes espaciais) do Estado de Jalisco? Entre as criaturas de "cabeça chata" do Vale do Cauca, na Colômbia, reproduzidas em estatuetas de metal precioso, em estátuas de pedra, em titânicas esculturas nas rochas?

Ou, pelo contrário, entre os homens de rosto felino, cujas imagens juncam a América centro-meridional?

A ciência tradicional nos apresenta estes últimos como deformações inspiradas pelo culto do jaguar. Contra esta interpretação levanta-se o fato de tais monumentos serem encontrados também em lugares onde este tipo de culto nunca foi praticado, onde as tradições se referem às desconhecidas personagens como "guerreiros estrangeiros", "guerreiros da noite" ou até mesmo "deuses descidos da Lua".

Voltemos à imponente coleção da Cidade do México: uma máscara de Tlatilco olha-nos com suas oblíquas órbitas vazias, com a enorme boca escancarada num inesquecível riso de escárnio, como um ser que nada, absolutamente, apresente de terrestre; e é um monstruoso "parente" daquele representado por uma figurinha de jade olmeca do Cerro de las Mesas, do humanóide com pupilas redondas, narinas triangulares e longos lábios dilatados, encontrado em Cozcatlán, no Estado de Puebla, para não relatar senão reduzidos exemplos.

E de "homem-gato", ou melhor, de suas cabeças esculpidas em enormes blocos de pedra com realismo surpreendente, pululam as florestas mexicanas. Foram os olmecas que as criaram: mas como tenha conseguido este povo — do qual se diz que ignorava até mesmo o uso de estradas — realizar estas obras-primas e transportá-las das pedreiras por centenas e centenas de quilômetros através da floresta, é um mistério insolúvel.

O que mais choca nestas representações, além dos traços fisionômicos, são os esquisitíssimos capacetes: mas são os mesmos que fazem parte das roupas próprias dos indivíduos gravados nas lajes de Monte Albán, no México meridional, vestimentas que logo sugerem roupas espaciais!

O extraordinário mito nos acompanha através de grande parte daquela que hoje chamamos América Latina, para baixo, até Chavín de Huántar, no Peru Ocidental, onde floresceu a desconhecida civilização descoberta pelo arqueólogo índio Júlio Tello e onde surge o mais enigmático templo do mundo ao "deus-gato", templo

cujos motivos arquitetônicos inspiram-se todos nos traços felinos, desde os olhos até às narinas, da dentadura às garras.

Mas estaríamos diante de um templo, somente? Ou a um monumento levantado aos astronautas da "civilização de Chavín", a algo tendente a reproduzir um motor cósmico, como querem os estudiosos que viram símbolos análogos nas figuras que ornamentam a Porta do Sol de Tiahuanaco; ou estaríamos diante de algo que, ao mesmo tempo, quer representar um cruzador espacial e a fisionomia de seus ocupantes?

Não vamos fazer ficção científica: constatemos somente que as linhas desta construção são de tal maneira diferentes daquelas próprias das várias culturas da Terra, tão distantes de qualquer esquema conhecido, que encorajam qualquer hipótese.

"Quase nada sabemos — anota o francês Olivier Pecquet — da civilização de Chavín. Parece que este povo apareceu de improviso, levantou uma rede de fortalezas em quase todos os vales do lado setentrional e depois desapareceu, deixando-nos suas pedras esculpidas, a testemunharem uma técnica assombrosa, e a lembrança de seu terrível deus-jaguar..."

"O *Castillo,* o 'templo' de Chavín de Huántar é uma maravilha arquitetônica: o edifício possui três andares, comunicantes por meio de escadas providas de balaustradas. *Cada andar possui seu próprio sistema de ventilação: mas não existem portas ou janelas, a não ser a porta de entrada!*

"Os muros externos são formados com enormes blocos, entre os quais foram inseridas pedras esculpidas, que sobressaem representando rostos diabólicos. Os obeliscos apresentam figuras extremamente complicadas; colunas e gravuras que representam condores, felinos, demônios estilizados com grande mestria encontram-se aqui e acolá, derrubadas pelos anos...".

Se nos aproximamos das obras da América pré-colombiana, por outro lado, não é difícil compreender como alguns estudiosos do nosso tempo tenham visto, nelas, detalhes capazes de levar a formular teorias sensacionais: o Museu Nacional de Antropologia da Cidade do México guarda, por exemplo, junto aos trabalhos de que falamos, urnas funerárias zapotecas que reproduzem vultos humanos coroados por diademas, que um pouco de "fantasia contida" (para usar a feliz expressão de um pesquisador soviético) basta para apresentar como capacetes espaciais, alguns dos quais pareceriam até mesmo estar providos de antenas de radar: é o caso das terracotas provenientes de Monte Albán, da área, portanto, das lajes sobre as quais estão gravadas as figuras dos assim chamados "astronautas dançantes".

A máscara de El Dorado

Simulacros de navios cósmicos, astros, símbolos felinos: eis esta esplêndida e alucinante fantasmagoria a fazer-se presente também entre as florestas impenetráveis da Amazônia, com uma lenda que há séculos fascina os espíritos mais irrequietos do globo: a de El Dorado, que nos últimos trezentos anos levou bem 72 expedições (o número aflora dos arquivos oficiais de Sevilha, Barcelona, Buenos Aires, mas acredita-se que o número real deva ser pelo menos cinco vezes maior) a enfrentar perigos sem-fim e, freqüentemente, a morte.

As primeiras notícias sobre a existência de El Dorado remontam a 1509 e foram divulgadas por um lugar-tenente de Francisco Pizarro, Pedro de Orellana. Alguns afirmam que ele, em lugar de levar a cabo uma missão que lhe fora confiada pelo "conquistador", preferiu ir vagabundeando, por sua própria conta, atrás de ouro "fácil", para em seguida justificar-se contando, a fim de não ser punido, uma esquisita estória de encontros com amazonas, guerreiros "sem cabeça" e moradores "de um país chamado Manoa, onde tudo é de ouro, desde o calçamento das ruas até os telhados das casas", até o próprio soberano, um príncipe chamado *El hombre dorado:* justamente aquele posteriormente lembrado como *El Dorado.*

Meras fantasias? Em grande parte o foram sem dúvida. Não se trata, porém, de invenções da mente do Senhor De Orellana, mas da exposição de lendas difundidas em todas as regiões por ele atravessadas. Confirma-o outro lugar-tenente de Pizarro, Belalcazar, que não se atribuiu as fabulosas empresas de seu colega, limitando-se a relatar os contos ouvidos entre os índios que se encontravam a leste de Quito.

Estes contaram a ele, como a muitos outros europeus, a história de um "rei de origem divina" que morava numa "casa de ouro", onde nem mesmo a luz externa podia entrar. Este soberano teria sido encarado como "filho do Sol e o próprio Sol": uma espécie de máscara de ouro lhe recobriria a parte inferior do rosto e nem mesmo a seus domésticos seria permitido vê-lo, obrigados que eram a se aproximar dele virados de costas. Somente uma vez por ano ele se teria mostrado a seus súditos, recoberto de pó de ouro, para ir jogar nas águas de um lago oferendas de jóias e pedras preciosas destinadas a um "demônio das profundezas".

"Nunca, portanto, existiu alguém que pudesse dizer ter visto El Dorado", lemos numa correspondência do jornal milanês "Il Giorno", e no entanto, ainda no século XVI, um comentador espa-

nhol dos diários de Balalcazar era capaz de descrever o palácio do "filho do Sol" como se tivesse sob os olhos uma fotografia: 'No centro do lago levanta-se o palácio do Imperador Moxo; as portas do palácio estão defendidas por onças pardas presas com correntes de ouro. Também mesas e vasilhame são de ouro. A ilha é abundante em árvores, jardins e chafarizes artificiais, onde a água jorra de grande grifos de ouro para bacias de prata. A imagem da Lua levanta-se sobre uma coluna de prata de dez metros de altura e tão polida e coruscante que, atingida pelo sol, projeta sobre o lago, com bela refração, claríssimos raios!"

No relatório de Belalcazar há tudo quanto possa chocar a imaginação dos defensores das apaixonantes "hipóteses espaciais" relacionadas com o remoto passado do nosso planeta: desde o palácio hermeticamente fechado para representar uma astronave, à "máscara" do misterioso indivíduo, que poderia ser a representação de um "respirador"; desde os sacrifícios em honra de um dominador de uma profundidade, a que talvez não seria arrojado atribuir significado mais amplo, aos grifos que lembram quer a "ave de fogo", quer os "dragões celestes"; desde as onças pardas que podem lembrar a fisionomia dos "homens-gatos" ao idilíaco panorama da ilha, imagem de tempos e terras longínquas; desde os atributos de El Dorado, personificação do "filho do Sol e do próprio Sol", ao monumento lunar, cujos efeitos luminosos, de um lado, nos levam às misteriosas estátuas de que falamos neste capítulo e, de outro (com a refração dos "claríssimos raios" no lago), nos colocam perante algo aonde muito dificilmente poderia ter chegado a fantasia de um homem que viveu na primeira metade do século XVI.

Ovos cósmicos

Por várias razões, as descrições da fabulosa morada de El Dorado poderiam ser confrontadas às de Tiahuanaco, a antiqüíssima metrópole peruana estupidamente destruída, edificada outrora nas margens do Lago Titicaca, do qual seus restos hoje distam (pelo retroceder contínuo das águas) cerca de 25 quilômetros.

Embora a desarrazoada destruição das ruínas de Tiahuanaco nos tenha privado de elementos fundamentais para lançar luz pelo menos a uma parte da história deste centro, único no mundo, a arqueologia ainda procura penetrar-lhe o mistério. Existe quem, como o engenheiro Posnansky (o estudioso alemão que fez o impossível para salvar o que podia ser salvo e ao qual foi dedicado justamente o "museu de Tiahuanaco"), a considere edificada cerca de 16 mil anos atrás; quem dela fale como de uma metrópole levan-

tada sobre ruínas de 200-300 mil anos atrás, nos tempos dos "gigantes louros" de que contam as lendas indígenas.

Talvez algo nos poderá dizer a cidade submersa no meio do Lago Titicaca, descoberta recentemente por três exploradores argentinos. Cada vez mais aceitável, de qualquer maneira, parece ser a hipótese segundo a qual Tiahuanaco teria sido construída perto do mar para ser depois, junto com a Cordilheira dos Andes, levada à atual altitude por uma catástrofe cósmica que modificou o aspecto do nosso globo. Donde provêm de fato – perguntam-se os pesquisadores – os gigantescos monólitos característicos da lendária metrópole? Como poderiam ter seus habitantes sobrevivido naquele planalto, hoje varrido pelos ventos e rebelde a qualquer forma de agricultura?

Não podemos certamente contradizer MacDonald quando afirma que o Peru guarda provavelmente os mais apaixonantes segredos da Terra, "para nós sem nome nem data", enredados entre o Titicaca e Chan-chan, a cidade do deus-serpente, cujas ruínas parecem um compêndio de todos os elementos arquitetônicos de todas as antigas civilizações do mundo, entre a longuíssima muralha que (descoberta há 40 anos pela expedição Johnson) alonga-se desde os altos cumes aos profundos vales e os anfiteatros de Maras, incríveis "cópias" dos mediterrâneos, entre a faixa de infinitas e enigmáticas construções, levantadas ao longo dos flancos das impérvias montanhas, e os desenhos de Nazca, que podem ser vistos do alto e que foram identificados exclusivamente pela observação aérea.

Lembramos, acerca disso, a opinião de um dos arqueólogos mais tradicionalistas, o Professor John A. Mason, da Universidade da Pensilvânia, que, embora não aceitando as ousadas teorias formuladas por alguns seus colegas, acaba por lembrar as antiqüíssimas tradições peruanas que, referindo-se à "habitabilidade das estrelas", desenvolvem-se ao redor da "descida de divindades da constelação das Plêiades".

"Uma lenda relatada no conhecido livro *A Terra,* de Jean Jacques, Élisée Reclus – lembra, de sua parte, o estudioso soviético Viatcheslav Saitsev – conta que os primeiros habitantes do Peru nasceram de ovos de bronze, ouro e prata, que caíram do céu.

"Uma variante desta lenda é representada pelos conhecidos desenhos de Tassili, descobertos no coração do Saara pelo Tenente Bernard. Pouco depois a localidade foi examinada por uma expedição francesa chefiada por Henri Lhote... Além das reproduções de animais e de cenas de caça, os desenhos apresentam-nos estranhas figuras com um vestuário que lembra trajes espaciais esféricos. Os capacetes estão claramente presos às roupas espaciais e não sugerem nem coberturas rituais da cabeça nem atavio próprio de caçadores

que – como sustentam alguns pesquisadores – usavam "capacetes" feitos com valvas de ostras.

"Lhote chamou de "marcianos" as misteriosas personagens e, descrevendo os desenhos, disse que um deles representa "um homem que sai de um objeto em forma de ovo coberto por círculos concêntricos"...

Mas o paralelo não pára nas analogias entre as gravuras de Tassili e as lendas peruanas. Em época posterior, noutra parte do mundo, o mesmo assunto foi tratado por antigos escultores, alguns dos quais representaram Castor e Pólux, Helena e Nêmesis com restos de casca de ovo na cabeça, pois, todos eles, conforme a mitologia grega, nasceram de ovos divinos.

"Como conseguiu firmar-se a estranha idéia de um homem ter nascido de um ovo? Talvez uma referência ao mundo das aves e dos peixes? Mas por que, então, estes ovos teriam caído do céu? Uma tradição da América meridional os diz, até mesmo, descidos do espaço sobre "dentes de leão"!

"A ausência de uma interpretação fundamentada deixa a porta aberta para aquela que poderia parecer uma suposição fantástica: isto é, à hipótese de que o mito dos "ovos celestes" possa ter sido, como qualquer outro, gerado por fantásticas transfigurações de acontecimentos reais. Os nossos afastadíssimos antepassados, por exemplo, poderiam ter visto seres saindo de veículos espaciais e ter imaginado tratar-se de criaturas nascidas de "ovos caídos do céu"."

CAPÍTULO X

Plasmado Numa Estrela

No afastadíssimo passado,
milhões, milhões, milhões de luas atrás,
o primeiro dos mortais foi jogado,
para baixo, sobre esta terra, pelo grande Wo-Kon.
O primeiro dacota foi plasmado numa estrela;
ele o jogou e o observou enquanto caía
para baixo, através da escuridão, até que chegou
ao chão macio. Absolutamente não se machocou
Wa-kin-yan, o primeiro sioux.
. . . . . .
Longe vemos morrer
os dias do verão num dourado esplendor
em direção da mística terra da lenda,
aquela remota terra do Ocidente,
a terra da casa e da história do Homem Vermelho,
terra de mitos, de estranhas tradições,
vale de obscura história não escrita.

Este é um trecho da saga dos índios da América Setentrional que se intitula *Chon-oopa-sa* e que é atribuída a um desconhecido poeta conhecido como Pa-la-ne-a-pa-pe. Relata-a, num seu trabalho, o estudioso britânico Coronel James Churchward, citando-a acerca de sua conhecida hipótese segundo a qual todas as raças humanas teriam sua origem em Mu, o continente desaparecido no Pacífico vários milhares de anos atrás: seria, justamente, "a remota terra do Ocidente, a terra da casa e da história do Homem Vermelho".

É óbvio que à fabulosa Mu poderíamos subtituir a área que a ciência tradicional delimita como origem dos peles vermelhas. Mas não é isto que nos interessa: o que chocou nossa imaginação foram as referências ao "primeiro dacota, plasmado numa estrela" e à sua viagem realizada "através da escuridão, uma "escuridão" que poderia ser sinônimo de espaço cósmico, como em muitas tradições da América meridional, e que, exatamente como nestas últimas,

poderia sugerir à chegada à Terra, num passado inimaginável, de seres provindos de outro mundo.

Parece-nos muito significativo notar que Churchward nem de longe sugere esta teoria (no tempo de suas pesquisas a astronáutica não era nem mesmo um sonho vago), mas que este motivo encontra-se com curiosa freqüência nas lendas dos índios.

"Os habitantes da Terra – escreve o diário "Ottawa Journal", tratando destas lendas – moravam antes em outros planetas: todos os seres humanos descendem de gentes que povoaram outros mundos". E noutra publicação canadense. "Topside", encontramos: "Quem escreve encontrou-se recentemente com o chefe Meia-lua, da tribo Piute, que, ao ser perguntado sobre a origem dos índios da América do Norte, respondeu desta maneira: "Segundo nossas antigas tradições, os índios foram criados no céu, por Gitchie Manitou, o Grande Espírito, que enviou aqui embaixo uma grande ave trovejante para encontrar um lugar onde seus filhos pudessem morar. A ave trovejante encontrou esta terra... e trouxe os índios para nela morar. Foi-lhes ensinado a usar de maneira sábia a terra que lhes coubera, e nunca abusar de seus recursos naturais".

Voltemos a Churchward para escutá-lo quando fala das lendas dos peles-vermelhas: "Os índios Haida, da Ilha Rainha Carlota, possuem um dos postes totêmicos mais bonitos e interessantes que eu já tenho visto. O poste é encimado pela representação de uma grande ave parecida com uma águia, chamada "ave trovejante". Ao longo de todo o comprimento do poste, nota-se a representação de um peixe, conhecido como a "baleia que mata", e a meio caminho entre a cabeça e a cauda, há um homem – chamado "o homem com cabeça de ferro" – na atitude de lhe espetar uma lança no dorso.

"Um sábio, capaz de interpretar as sagas de seu povo, explicou-me: "A figura alada que encima o totem é a ave trovejante, que representa o Criador. Seu olhar é parecido com o raio, e um trovão é o bater de suas asas... O homem que está espetando a lança na baleia, aquele com a cabeça de ferro, foi, nos dias do dilúvio, muito amado pela ave trovejante, pelo deus trovão e por todos os demais deuses. Quando o dilúvio varreu a face da Terra, as divindades recearam pela vida do homem com cabeça de ferro, que mudaram, com milagres, num salmão com a cabeça de ferro.

"Durante os dias do dilúvio, o chefe da humanidade, assim transformado, vivia nas águas do Rio Minish. Ele ia juntando as toras e a madeira para a sua casa, mas percebeu que lhe faltavam muitas coisas para a construção. Então a ave trovejante apareceu, com estouros e estrondos de trovão diante do homem com a cabeça de ferro. A ave trovejante levantou sua máscara de deus, mostrando ao outro um rosto humano. Sou humano como você, disse, e jun-

tarei a madeira para você. Com você ficarei para fundar sua tribo e para sempre os protegerei. Depois, com quatro estrondos de trovão, a ave fez com que aparecesse um grupo de guerreiros, que pulou fora do estrondo ensurdecedor completamente armado. Este grupo, com o homem de cabeça de ferro, formou o núcleo do qual se originou o povo dos Haida".

Churchward interpreta o simbolismo da lenda adaptando-o às suas teorias sobre Mu, "mãe de todas as gentes", e observando que "em vários desenhos orientais, aqueles que se salvaram da submersão do antigo continente são representados sob forma de peixe", parece querer deduzir que os sobreviventes alcançaram outras terras por meio de embarcações.

Está claro que, antes da era astronáutica, certas lendas deviam parecer completamente sem sentido, puros partos da fantasia, imagens religiosas sem qualquer relação com a realidade. Hoje, porém, as coisas são diferentes. E, à luz dos conhecimentos atuais, poderíamos "reescrever" da seguinte maneira o conto do sábio índio:

"Com luz cegante e estrondos ensurdecedores, um míssil *(justamente a ave trovejante)* desceu sobre a Terra, deixando um grupo de exploradores, dos quais talvez um só sobreviveu *(o homem com cabeça de ferro: lembramos como mais adiante esta "cabeça" se torna uma "máscara" que esconde feições humanas e que teríamos a tentação de identificar com um capacete de astronauta)*. Quando se verificou um terrível dilúvio, o visitante espacial tentou safar-se usando de todas as suas possibilidades, talvez lançando mão de algo que lhe permitisse viver num mundo invadido pelas águas *(eis que aparece o "salmão de ferro": um escafandro? Um sino hermético, inafundável? Por que não? Nós também não os forneceríamos a nossos astronautas destinados a desembarcar em mundos que poderiam estar em grande parte, ou totalmente, recobertos por águas?)*; Mas eis que os colegas do nosso astronauta, como ele não voltasse, julgam-no talvez em dificuldades e enviam em sua ajuda uma nova expedição que, ao chegar à Terra, procura prestar assistência também aos indígenas que escaparam do desastre e encaminhá-los para uma existência mais suportável".

A teia rasgada

Algo ainda mais alucinante deve porém ter acontecido, em épocas anteriores, na América setentrional: um acontecimento ou uma série de acontecimentos, cujas conseqüências foram por muitos estudiosos comparadas com aquelas determinadas por gigantescas explosões nucleares.

Entre os pesquisadores citados podemos incluir o físico e matemático soviético Mihail Agrest, que imputou a um fenômeno análogo o fim de Sodoma e Gomorra. Olhando para o sinistro espetáculo oferecido pelo Vale da Morte, na fronteira entre a Califórnia e o Nevada, o Professor Agrest pensa nos antiqüíssimos restos carbonizados, na areia vitrificada, nas rochas fundidas, naquele complexo de manifestações que não podem de maneira alguma ser atribuídas a erupções vulcânicas e que para sempre mudaram num deserto de pesadelo uma região antigamente vicejante de vegetação.

De que acontecimento foi palco a América do Norte, inúmeros milhares de anos atrás? Provavelmente, nunca o saberemos: entre os restos dos homens que há um milhão de anos começaram sua trabalhosa subida em direção da civilização no Canyon de Santa Maria, as ruínas de ficção científica que se erguem no Vale da Morte e as inexplicáveis lembranças dos índios Apaches (que ainda hoje se inclinam diante do deus mediterrâneo Amon-Ra e descrevem Tiahuanaco sem nunca tê-la visto), espraiam-se abismos insondáveis donde afloram outros mistérios que deixam transparecer outras fabulosas relações.

Entre estes, podemos colocar em primeiro lugar os *mounds,* as colinas artificiais. Vamos deixar de lado as sugestivas hipóteses segundo as quais foram criados de acordo com um reduzido número de modelos que se repetiriam, ou se teriam repetido, em várias regiões do globo (mesmo que, por exemplo, exista nos arredores de Stonehenge uma formação que representa uma cobra e que se diz ser a cópia perfeita daquela que se encontra nas vizinhanças de Peebles, no Ohio). Vamos parar um pouco, principalmente para analisar os símbolos que encontramos nestas construções. Deixando de lado as rodas solares parecidas com as sul-americanas, algumas dirigidas para uma mesma direção, outras na oposta, para indicar o "tempo em que o astro se levantava a oeste e se deitava a leste"; deixando de lado o extraordinário compêndio do desenvolvimento que o sinal-da-cruz adquiriu através dos milênios no mundo inteiro (encontramos desde a pura e simples cruz até a cruz gamada, a roda solar, a flor de lótus, o que nos permite constatar como vários sinais, na aparência extremamente diferentes entre si, têm a mesma origem e, de início, o mesmo significado), parece-nos interessante realizar um exame sumário do assim chamado "calendário dos construtores de *mounds*", esculpido numa pedra encontrada no Rio Ouachita (Hot Springs, Arkansas). O ano está dividido em treze meses, representados pelos seguintes símbolos:

1 — uma gravura não muito clara: parece representar uma ave com as asas abertas, provavelmente a "ave trovejante";

2 – um sinal parecido com aqueles maias, que indica o mês de Zac, o "mês das neves";
3 – um desenho que não pode ser identificado;
4 – um peixe que sobe contra a correnteza; poderia tratar-se de uma referência ao lendário "salmão com cabeça de ferro";
5 – um sinal que Churchward diz ser idêntico a uma letra do alfabeto de Mu, o continente submerso no Pacífico;
6 – a flor do lótus que nasceu, como vimos, do desenvolvimento da cruz;
7 – um desenho não identificável; vê-se, perto, a cabeça de uma cobra que poderia sugerir algumas representações da "serpente emplumada";
8 – um símbolo que, segundo Churchward, teria caráter religioso em vários países asiáticos;
9 – um desenho não identificável indicando, segundo alguns, um período de tempo entre agosto e setembro;
10 – uma gravação que parece querer indicar as folhas que caem;
11 – uma aranha;
12 – o perfil de um animal que poderia ser um veado;
13 – o perfil de outro animal, provavelmente um bisão.

De todos os desenhos, um em particular atrai a nossa atenção: a aranha do 11.º mês, que encontramos gravado – freqüentemente em círculos com outro círculo no meio, contendo uma cruz ou a "roda solar" – em várias obras dos "construtores de *mounds*" espalhadas no Missouri, no Arkansas e no Tennessee. Churchward afirma que a reprodução da aranha pode ser vista em alguns dos tesouros encontrados por Schliemann, o descobridor de Tróia, bem como entre as ruínas de Creta, de Chipre e dalgumas ilhas da Polinésia. Quanto a estas últimas, o pesquisador britânico fala de obscuras lendas segundo as quais a aranha "teria tentado subir ao céu, mas fora retida por causa do intenso frio".

Queremos ver o animal representado de uma maneira igualmente perfeita, embora com dimensões gigantescas? Temos, então, que descer até Nazca, até aquele "atlas estelar" no qual alguns querem ver uma série de desenhos destinados a chamar a atenção de astronautas extraterrestres descidos, em época remotíssima, sobre o nosso planeta.

E se sentimos certa inclinação em aceitar esta versão, certa propensão para admitir a existência de contacto entre as mais antigas civilizações do globo, a lenda polinésia poderia, até, apresentar um fundamento sensacional: isto é, poderia falar-nos de uma fantástica

"teia rasgada", de insuperáveis dificuldades que apareceram para ulteriores viagens através do espaço (que o "intenso frio" se refira ao frio cósmico?) dos exploradores do infinito que desceram sobre o nosso planeta.

Mensagens em pó

Quais e quantas páginas da história da Terra permanecem sepultadas debaixo das pradarias e das florestas, as rochas e as metrópoles da América do Norte? Mais um exemplo é-nos oferecido pelo estudioso italiano do assunto, Alessandro Riario Sforza, a cuja cortesia devemos as notas que se seguem:

"Alexander Bradford, em seu livro *American Antiquities,* editado em Nova York em 1834, nos conta que uma das maiores cavernas americanas se encontra debaixo das cascatas de Santo Antônio e apresenta as paredes "recobertas de hieróglifos, mas a tal ponto atapetados por musgos e apagados pelo tempo que se torna difícil reconhecê-los". O mesmo Bradford acrescenta que existe no Illinois "uma vasta caverna com uma circunferência de cerca de 122 metros, onde originariamente havia um poço". As escavações trouxeram à luz, "de grande profundidade", cinzas e fragmentos de vasilhame parecidos com os encontrados perto dos *mounds.* Pelo que sabemos, julgamos poder acreditar no sentido de realidade e na meticulosidade de Bradford. Pena, porém, que ele não tenha precisado melhor a "grande profundidade".

"A rainha das cavernas norte-americanas é sem dúvida alguma a Mammoth Cave, a mastodôntica gruta do Kentucky, que se ramifica para dar origem a muitas outras. A entrada, com mais de 10 metros e meio de largura e 6 de altura, afunila-se ao longo de um corredor de aproximadamente 15 metros e cede, afinal, através de uma estreitíssima passagem, lugar à escuridão.

"Depois da entrada, damos com uma "sala" com 183 metros de comprimento e 27 e meio de largura, cujas paredes e cobertura são formadas por enormes blocos superpostos. Desta sala saem várias galerias tortuosas que os estudiosos se inclinam a considerar resultado da erosão provocada por grandes rios subterrâneos, atualmente desaparecidos. Através de uma série de passagens, chega-se à *Haunted Chamber* (quarto assombrado). Os primeiros que em época moderna entraram neste lugar — acredita-se, nos inícios de 1800 — descobriram algumas múmias. Outras foram achadas em 1810, quando dos trabalhos iniciados para procurar salitre; no seu relatório *Excursion to the Mammoth Cave,* Davidson escreve, a res-

peito, que os cadáveres "foram recobertos com terra, para não perturbar a paz daqueles que dormem"!

"As múmias estavam envolvidas em ataduras e tinham perto de si, como alfaias funerárias, saquinhos contendo agulhas e jóias. Outro explorador, Stephen, as descreveu num seu livro publicado em Nova York em 1841, dando a reprodução dos desenhos encontrados junto das múmias: hieróglifos, palácios, estátuas colossais, pirâmides, tudo muito parecido com os achados egípcios".

Desgraçadamente, não possuímos outros testemunhos. Referindo-se aos elementos citados, alguns arqueólogos (Wilson, Rush) preferem pensar não diretamente nos filhos do Nilo mas nas antigas civilizações da América central e meridional. Esta hipótese poderia também ser reforçada pelo que conta A. Riario Sforza, referindo as impressões de Stephen: "Se, de maneira geral, os hieróglifos egípcios nos lembram algo real, aqueles da Mammoth Cave dão a impressão de serem imaginários, não existentes na natureza".

"Sempre na América – lembra ainda o estudioso italiano – em 1868, enquanto se estava trabalhando numa mina de carvão no Estado do Ohio, uma enorme massa de mineral, destacando-se, trouxe à vista uma parede literalmente recoberta de hieróglifos, dispostos em fileiras horizontais, num intervalo de cerca de 7,60 centímetros um do outro. Os sinais, apesar de algumas tentativas, não foram decifrados. Por fim, a parede ruiu, reduzindo a pó a enigmática mensagem que nos chegara de um passado incrivelmente remoto.

"E eis um caso ainda mais desconcertante. Tom Kenny, um agricultor do Plateau Valley, cavando no seu terreno, viu aflorar, na profundidade de três metros, um piso nivelado, liso e regular, formado por ladrilhos feitos a mão. Os especialistas realizaram análises químicas do cimento sobre o qual tinham sido apoiados os ladrilhos, encontrando a presença de elementos que não se acham no vale. E foram afinal obrigados a admitir que o cimento – e portanto o piso inteiro – remonta a um período que vai de 20 mil até 80 mil anos atrás!

"Mas Frank Edwards, em seu livro *Stranger of All* (Nova York, 1956) sublinha que os ladrilhos e o piso foram encontrados na mesma camada geológica própria do cavalo com três dedos do Mioceno americano, que viveu entre 6 a 30 milhões de anos atrás!"

Está claro que, para chegarmos às implícitas conclusões de Edwards, seria necessário aprofundar a questão de maneira para nós impossível, visto que nos referimos a uma descoberta de que só possuímos uma documentação genérica. Mas é igualmente evidente que história da Terra não segue o caminho que os pontífices da ciência insistem em lhe atribuir.

CAPÍTULO XI

Desafio à Ciência

O SENHOR KISHI DESPERTOU bem no meio da noite, lançou-se em direção à porta, bateu num banquinho. A esposa e o filho despertaram sobressaltados.

"Pai, o que há?", perguntou o filho. "Está passando mal?"

"Oh, não, não", respondeu o velho lavrador, meneando a cabeça. "Aconteceu algo estranho lá fora. Parece ter sido um trovão... vocês não ouviram? E esta luz verde, toda esta luz verde..."

Mãe e filho entreolharam-se, assustados. Nada tinham ouvido e não havia qualquer luz verde. Kishi, em compensação, tinha uma expressão estranha, como se se achasse em estado sonambúlico, mas percebia tudo quanto se dava ao seu redor a ponto de virar-se para a mulher e dizer-lhe: "Por que você botou aquele xale? Você saiu? Poderia ser perigoso..."

A esposa apressou-se em dizer que não e ele fez um gesto com a mão: "Fiquem quietos e calados", disse. "Não se mexam, qualquer coisa que aconteça. Eu vou ver."

Entreabriu a porta, deslizou para fora. A mulher e o filho ficaram espiando pela janela; e o viram avançar rastejando na sombra e depois levantar-se improvisamente e agitar as mãos, como se quisesse acalmar alguém diante dele. O lavrador ficou parado por cerca de cinco minutos, mexendo de vez em quando os braços, como se estivesse discutindo com um invisível interlocutor. Depois virou-se e voltou para casa.

"Não consigo entender", disse, sentando-se. "Não consigo mesmo entender."

Mas o que aconteceu?", perguntou o filho.

"Vocês também viram, não é?", respondeu Kishi. "Na realidade era um grande dragão de chamas aquilo que eu pensara fosse uma estrela fugaz. Por que veio pousar no nosso prado, realmente não entendo. Mas da barriga do dragão saíram dois homenzinhos, falaram comigo numa língua desconhecida... eu procurei responder, mas não nos entendemos. Eles entraram novamente na barriga do monstro, e..."

O velho lavrador parou, tomou a cabeça entre as mãos e, poucos instantes depois, caiu, desmaiado. A esposa e o filho o deitaram sobre sua esteira, ficando a olhá-lo, preocupados. Mas logo em seguida o velho pareceu dormir, tranqüilamente, o sono do homem justo. E quando, na manhã seguinte, mãe e filho, ainda preocupados, o interrogaram, Kishi olhou para eles, profundamente surpreso.

"Vocês estão loucos!", disse. "Eu dormi a noite inteira e um sono pesado!"

Episódios como este (contado pelo jornalista americano W. Jones) parecem ser, se não comuns, pelo menos ralativamente freqüentes no Japão. Que se trate de fenômenos de sonambulismo, é muito pouco provável. E então? Os estudiosos menos presos às teorias "tradicionais" sustentam que se trata de lembranças atávicas, que afloram por caminhos sobre os quais a ciência ainda não conseguiu lançar luz. Como apoio de suas teorias poderíamos trazer uma notável coleção de conhecimentos análogos, mas não é esta a finalidade de nosso trabalho. Limitando-nos, portanto, a esta simples informação, vamos simplesmente salientar como é quase impossível que um considerável número de cidadãos japoneses, que absolutamente desconhecem as antigas crônicas e quanto alguns arrojados pesquisadores atribuem a enigmáticas "incursões cósmicas", refiram fatos que repetem ponto por ponto acontecimentos cuja lembrança, chegada até nós através de séculos e séculos, parece antecipar o mais audaz gênero de ficção científica.

A ponte entre os astros

De monstros voadores, de "estrelas" que docemente pousam sobre a Terra, de estranhas criaturas "saídas do ventre de dragões", estão repletas as antigas lendas japonesas; e elas nos falam também de outros esquisitos acontecimentos que, vistos à luz de algumas hipóteses modernas, permitem suposições igualmente assombrosas.

No início da literatura japonesa está o *Kojiki,* ou "crônica das coisas antigas", escrito em 712 pelo camarista Hiyeda-No-Are, mas contendo contos de muitos séculos antes, guardados através da tradição oral, por poetas e cantores errantes. Em 720 a coleção foi revista e escrita em chinês clássico pelo Príncipe Toneri, que a chamou *Nihongi* e a dedicou à imperatriz "como prova da sua descendência de Amaterasu, a deusa do Sol".

O Nihongi, por si só, já nos fornece suficientes detalhes curiosos sobre o aparecimento de objetos voadores desconhecidos.

"Uma grande estrela viajou do oriente para o ocidente", encontramos entre os acontecimentos de 637 "e houve um estrondo parecido com o de trovão". A gente disse que se tratava de uma estrela cadente; outros pensaram que realmente se tratasse de trovão, mas o monge budista Bin afirmou: "Não é uma estrela fugaz, mas o Cachorro Celeste, cujo latir é como o trovão".

"O Cachorro Celeste — anota Raymond Drake — é a estrela Sírio. Mas o monge não falava dela e sim do que pode ser lido no antiqüíssimo manuscrito chinês conhecido como *O Livro das Montanhas e dos Mares,* onde é dito: "Nas montanhas das Portas Celestes existe um cachorro vermelho chamado o Cachorro Celeste; seu esplendor voa através do céu e, quando o varre, torna-se uma estrêla com várias dezenas de metros de comprimento. Ele é rápido como o vento e como trovão é a sua voz, como relâmpago o seu fulgor". O fato de se indicar o "comprimento da estrela" poderia sugerir que se tratava de um veículo espacial e a coincidência do termo "Cachorro Celeste" poderia sugerir uma astronave proveniente da área de Sírio".

O douto pesquisador britânico lembra outros passos do *Nihongi* que poderiam espelhar o aparecimento de fatos interplanetários. Eis alguns, tirados do segundo livro desta obra:

640: "No 7.º dia do 2.º mês da primavera, uma estrela entrou na Lua".

642: "No outono, 9.º dia, 7.º mês, durante o reinado da Imperatriz Ame-Toyo-Tokaro-Ikashi-hi-Tarashi-Hime, uma estrela hóspede entrou na Lua".

681: "9.º mês, 16.º dia: apareceu um cometa. No 17.º dia, o planeta Marte entrou na Lua". *(Obviamente não se tratava de Marte mas de um corpo que bem o lembrava por sua cor avermelhada. É interessante notar que o Nihongi fala em cometas e meteoritos, deixando assim entender que a palavra "estrela" não indicava nem um nem outro, mas algo de natureza diferente).*

682: "8.º mês, 3.º dia... ao pôr do sol, uma grande estrela passou do oriente para ocidente".

692: "Outono, 28.º mês, reinado da Imperatriz Tokama-No-Ara-Hiro-No-Hime. A carruagem imperial estava voltando para o palácio, durante a noite, quando Marte e Júpiter aproximaram-se e afastaram-se quatro vezes, até a distância de um passo, brilhando e desaparecendo alternadamente". *(Aqui, também, está claro, não se tratou de Marte e Júpiter).*

Mas voltemos aos pressupostos astronautas extraterrestres e, voltando ao Japão, lembramos com Drake:

"O Doutor Yoshiyuki Tange nos diz como uma lenda difundida em Hokkaido conta a descida de Okikurumi-Kammi (o antigo deus ainu) em Maiopira, a bordo de uma brilhante *shinta,* o berço usado por aquelas gentes; a divindade teria ensinado aos ainus 'a justa maneira de viver' e eliminado um demônio malvado.

"O *Nihongi* conta, também, como em 667 a. C. o Imperador Kami-Yamato-Iharo-Biko falara com seus antepassados celestes, que teriam voltado para o lugar de sua morada a bordo de um "oscilante navio celeste" [74], voltando para trás no tempo, mais de 1.792.470 anos, afirmação, esta, que sem dúvida não deixará de divertir nossos cientistas...

"Antes de o neto de Amaterasu, Ninigi-No-Mikoto, descer do céu com sua "ponte flutuante" (um veículo cósmico?) contaram-lhe que "no cruzamento do céu encontrava-se uma estranha divindade, cujo nariz era comprido como sete mãos e em cuja boca, como em sua parte posterior, brilhava uma vívida luz"... A deusa Uzemehime aproximou-se do estrangeiro que, apresentando-se como Sarutehiko, revelou-lhe ser sua intenção aterrissar no Japão e ofereceu-lhe "uma ponte-voadora" ou um "navio-ave celeste".

"Os nove sóis que apareceram sobre o Japão em 9 a. C. permitem talvez uma comparação com os dez sóis que apareceram sobre a China em 2346 a. C., nove dos quais foram abatidos pelo "arqueiro divino". Quer numa, quer noutra oportunidade, os povos estavam em luta e os adoradores do Sol acreditaram que o fenômeno de 9 a. C. fosse uma manifestação do desagrado divino para com a dinastia Yamato, que lançara seus súditos na escravidão".

Quanto a viagens espaciais e civilizações extraterrestres, não seria nada mau dar um pulo até o Tibete que, antes de levantar-se sobre a Terra o mais alto sistema montanhoso, o Himalaia, teria sido "uma ilha plana e fértil, povoada pelos sobreviventes de Mu, o continente submerso no Pacífico: isto nos dizem as antigas tradições daquele país, lembrando um análogo acontecimento, a catástrofe cósmica que fez afundar a Atlântida e "levantou" os Andes, levando a vertiginosas alturas aquelas que outrora foram prósperas cidades portuárias.

Trata-se de simples lenda ou de lembranças ancestrais baseadas em fatos realmente acontecidos? Não podemos sabê-lo: podemos somente dizer que grande parte da história tibetana é desconhecida ou envolta nas névoas do mito. Parece que ao primeiro soberano

74 - Daqui, talvez, o conceito traduzido com a palavra "shinta", "berço", que poderia também significar, de maneira ampla, "berço da civilização"; e é pelo menos curioso notar que nos antigos berços dos ainus se encontrava o sinal solar.

daquela terra, Shipuye, seguiram-se os "sete tronos divinos", depois as "duas altas criaturas", seqüência que lembra de perto a das "divinas dinastias" vietnamita, indiana, chinesa, japonesa, egípcia e grega; vieram depois os "seis soberanos sábios", os "oito monarcas do mundo" e os "quatro potentes", que nos lembram os semideuses, os grandes heróis da mitologia. O primeiro rei tibetano cujas ações parecem historicamente comprovadas é, de qualquer maneira, Nami Sontson, que no VII século realizou vitoriosas campanhas militares, levando suas bandeiras desde a China até a Pérsia.

"A vasta literatura relativa ao Tibete — conta-nos Raymond Drake — é muito pouco conhecida no Ocidente: os arquivos das lamaserias devem competir, quanto a riqueza, com os vaticanos. O *Kanjur,* por exemplo, compreende 1.083 trabalhos, um só dos quais, o *Tanjur,* consiste em 255 volumes. E parece que quanto há neles se recobre de importância excepcional, se devidamente interpretado por pessoas com sólidos conhecimentos científicos; os textos indianos fazem alusão até mesmo aos segredos da antigravidade, da telecinese, do uso das energias cósmicas.

"É curioso notar como as referências que poderíamos, diante dos nossos atuais conhecimentos científicos, definir de "ficção científica", sejam comuníssimas nas tradições tibetanas. Uma conhecida lenda conta de um rapaz com a cabeça "deformada" que casou com a filha de um deus que morava nas regiões celestes, decendo porém, vez por outra, à Terra "sob forma de um brilhante ganso".

Estaríamos diante de uma nova versão da "Ave de Fogo"? Diríamos que sim, ao pensar no trecho onde nosso herói luta com um "dragão do céu".

"Uma vívida fábula tibetana — acrescenta Drake — descreve Sudarsoma, a 'cidade dos trinta e três deuses', que estava no espaço, circundada por sete voltas de muros de ouro... uma maravilha arquitetônica, resplandecente de ouro, prata, berílio e cristal, onde as divindades teriam dominado o 'poder da materialização', retirando das árvores tudo quanto desejassem (nós também não estamos nos aproximando desta fase com a síntese da clorofila?)... Depois de ter conquistado o mundo inteiro, o Rei Mandhotar teria sido impulsionado por sua sede de poder a submeter também o céu, mas sua desenfreada ambição teria levado tudo a perder, inclusive a vida. Agora, enquanto Mandhotar se encontrava no espaço, a 'cidade dos trinta e três deuses' teria sido atacada pelos Asuras, os quais, depois de uma dura batalha conduzida com armas incríveis (raios de invisibilidade, "cavalos voadores" e assim por diante) foram vencidos e repelidos para o espaço."

Muitas coisas fantásticas contam-se sobre o Tibete, e é certo que se seus habitantes tivessem tido realmente os poderes que lhes

são atribuídos, sua história – especialmente depois da II.ª Guerra Mundial – ter-se-ia desenvolvido por caminhos outros que não aqueles que conhecemos [75]. Isto não nos impede contudo de ficarmos pasmados diante de certas faculdades dos monges tibetanos e de perguntar se elas não são, na realidade, mais que pálidas lembranças de um passado inimaginável.

Os discos elétricos

Em tudo quanto foi guardado através de inúmeras gerações, sem dúvida a fantasia teve sua parte, mas seria errado considerar tudo como resultado da férvida imaginação dos antigos. Vamos seguir, por exemplo, Viatcheslav Saitsev e depararemos fatos muito concretos.

"A relação de um arqueólogo chinês – escreve Saitsev na revista soviética "Sputnik" – assustou o mundo quando foi publicada, em 1965, pois ele conseguira, juntando fragmentos de conhecimentos remotos, dar forma a uma teoria sobre navios espaciais que teriam visitado a Terra 12 mil anos atrás. Sobre suas pesquisas assim escreve a revista alemã 'Das Vegetarische Universum':

"No último quartel do século os arqueólogos que realizavam escavações nas cavernas dos Montes Bayan-Kara-Ula, na fronteira sino-tibetana, descobriram ao todo 716 discos de pedra, com sinais e hieróglifos indecifráveis, que remontavam a milhares de anos atrás. Como os discos de gramofone, estes apresentam um furo no meio, do qual um sulco duplo desenrola-se em espiral em direção à borda.

"Os sulcos não são gravações sonoras: representam a mais esquisita escritura encontrada na China e no resto do mundo. Os peritos quebraram suas cabeças em vão, na tentativa de decifrá-la; conseguiram isso os arqueólogos chineses, e os resultados foram de tal ordem pasmantes que a Academia para a Pré-História, de Pequim, proibiu, de saída, a sua divulgação. Afinal veio a permissão e o professor que chefiara as pesquisas mandou imprimir, junto com

75 - Realmente o choque é grande, e quase incompreensível para nós, ocidentais. Talvez uma explicação se possa dar, de origem filosófica. O homem ocidental vive como um imortal, como se o mundo só existisse enquanto ele existe, e a morte o surpreende e assusta. O homem oriental vive como uma gota de água dentro do oceano da vida. Ele "sabe" que já foi gota e que novamente vai sê-lo até que se complete seu ciclo. O carma é a medida. As mágoas, as atribulações, a dor fazem parte da ascese; são "moedas" com que pagar a perfeição. Desse ponto de vista, o que adiantaria empregar recursos superiores contra, por exemplo, a invasão por parte da China, com todos os horrores que comportou e ainda comporta, se isto simplesmente significaria "adiar" e não "eliminar"? Se o destino, ou melhor, "a necessidade", de um homem ou de um povo comporta uma determinada carga de dor, adiá-la nesta vida significa encontrá-la na próxima, significa demorar mais para se alcançar a meta, a perfeição. (N. do T.).

seus quatro colegas, o fruto das fadigas comuns com o explicativo título 'Escritura em sulcos relativa a navios espaciais que, como registrado nos discos, existiam 12 mil anos atrás'.

"As grutas dos Montes Bayan-Kara-Ula constituem a morada dos indígenas das tribos ham e dropa, indivíduos fracos, raquíticos, cuja altura média é de 1 metro e 27 centímetros e que até hoje escaparam de qualquer classificação étnica.

"Decifrada uma série de hieróglifos, provavelmente traçada por algum afastadíssimo antepassado dos hans, podemos ler: 'Os dropas desceram das nuvens em seus aparelhos. Nossos homens, nossas mulheres e as crianças esconderam-se nas cavernas dez vezes antes do nascer do sol. Quando, afinal, compreenderam a linguagem de gestos dos dropas, perceberam que os recém-chegados tinham intenções pacíficas'. Outros hieróglifos contam do desespero pela perda do navio espacial, como conseqüência de uma ousada aterrissagem entre altas montanhas e o insucesso da tentativa realizada para construir um novo navio...

"Para se obterem maiores informações, os discos foram limpos com cuidado de qualquer incrustação e enviados para Moscou, onde os cientistas soviéticos fizeram duas importantes descobertas. Constataram que os discos continham uma grande quantidade de cobalto e de elementos que não se esperava encontrar e perceberam que os achados vibravam com um ritmo incomum como se possuíssem uma carga elétrica ou fossem parte dum circuito elétrico. Aquelas pedras circulares fora e ainda são um desafio para a ciência!"

Algumas lendas da velha China contam, também, que seres pequenos, com o rosto amarelo, "desceram das nuvens": os terrestres experimentaram profunda repulsa pelo aspecto dos visitantes, por suas cabeças enormes e seus corpos delgados, a ponto de alguém atirar-se a eles e surrá-los.

Bem, estas lendas parecem confirmadas pela ciência. Em algumas cavernas dos Montes Bayan-Kara-Ula — diz Saitsev — arqueólogos e espeleólogos encontraram sepulturas e esqueletos que remontam a 12 mil anos atrás. Os restos pertencem a seres com aparência humanóide, com crânios muito grandes e membros que nós definiríamos raquíticos. A expedição chinesa que encontrou estes ossos referiu ter descoberto "uma nova espécie de símios extintos". Mas, pelo que sabemos, pelo menos, os símios nunca sepultaram-se uns aos outros, nem gravaram hieróglifos nas pedras. Outro detalhe assombroso é fornecido pelas paredes de numerosas grutas usadas como necrópoles: são desenhos do Sol, da Lua e das estrelas, entremeados por grupos de circulozinhos do tamanho de ervilhas, que parecem aproximar-se da Terra numa zona montanhosa!

CAPÍTULO XII

Os Recifes de Sírio

CERCA DE 15 MIL ANOS ATRÁS — escreve o estudioso francês F. Lagarde — o sacerdote babilônico Kidinnu, astrônomo e estudioso, conhecia os dados relativos ao movimento do Sol e da Lua com uma precisão superada somente em 1857, quando Hansen conseguiu valores que comportavam um erro não superior aos 3 segundos. Mais pasmante ainda é a precisão dos cálculos do antigo sábio sobre os eclipses lunares: os atuais métodos, estudados por Oppolzer, comportam um erro de 7/10 de segundo de arco por ano no cômputo do movimento solar; e os valores de Kidinnu estavam mais próximos da realidade de 2/10 de segundo de arco. O fato de resultados como estes terem sido alcançados sem telescópios, sem relógios, sem a mecânica própria das nossas observações, parece incrível: naquele tempo o homem de Aurignac ainda cortava suas pedras, gravava suas rochas!"

E as surpresas apenas começaram: lembramos que o deus assírio Nisroch, correspondente a Saturno, sempre era representado com um anel e que um sinete assírio em forma de cilindro simboliza o planeta dedicado a esta divindade com um círculo, e teremos de chegar à conclusão de que aquele povo conhecia a existência dos anéis que giram ao redor do longínquo corpo celeste.

Mas há algo de ainda mais extraordinário. "Os shilluks da África meridional — escreve o Professor Jean Servier, docente de Etnografia de Montpellier — chamam Urano de *Três Estrelas*. Esta denominação pareceu tão ridícula ao autor que a sublinhou, ao ponto de acrescentar-lhe um *sic!* para melhor realçar a primitividade daqueles coitados que enxergavam em triplo [76]. O nosso erudito esquecia-se de que Urano foi descoberto por Herschel somente em 13 de março de 1781 e que o mesmo astrônomo observou os dois primeiros satélites do planeta em 1787: só naquele ano, portanto, ele pôde chamar Urano de *Três Estrelas*, como os shilluks o definiam desde tempos imemoriais. Perdoamos a estes últimos ter

76 - *Sic*, expressão latina. Significa *assim, dessa maneira* e é normalmente empregada quando se refere a algo que parece absurdo ou sem fundamento. (N. do T.).

dito *Três* em vez de *Cinco Estrelas:* mesmo sem telescópio precederam Herschel, graças à ciência de gerações de homens nus, acocorados na savana, com os olhos cravados no céu."

O Professor Servier anota, depois, que os dogons, que moram nos recifes de Bandiagara, no Mali, descrevem o sistema de Sírio como composto de três estrelas, uma das quais é chamada *Estrela de painço,* pois seria "a menor do céu" mas também "a mais cheia". Eles a dizem formada por um metal (que chamam *sagolu)* algo mais brilhante do que o ferro, tão pesado que um diminuto grãozinho equivaleria a "480 cargas de burro".

"Nossos conhecimentos a respeito — observa o docente francês — não são muito melhores. Um satélite de Sírio, batizado *Companheiro,* foi descoberto por Clark em 1862, mas, mesmo quando se encontra na fase para nós mais favorável, não pode ser visto sem a ajuda de um potente telescópio. A densidade de *Companheiro* foi calculada alguns anos atrás e parece ser 50 mil vezes maior que a da água, a ponto de uma caixinha cheia daquela substância pesar uma tonelada.

"Os astrônomos aceitam hoje que, além de Sírio (chamado *Sírio A)* e de Companheiro (chamado *Sírio B),* deve existir no sistema outro astro, *Sírio C;* e ainda se encontram longe do dia em que poderão desenhar suas órbitas, mesmo que de maneira aproximada, como fazem os dogons. E nunca saberão se a matéria de que são formadas as estrelas deste sistema é realmente "mais brilhante que o ferro", como afirmam os cientistas dos recifes de Bandiagara.

"Poderia continuar estes exemplos com facilidade, pois fatos desta natureza são relativamente numerosos em etnografia comparada. Não existem, nas enigmáticas civilizações que nos circundam, quer telescópios, quer eletroscópios, nada, afinal, de tudo aquilo que torna soberbos nossos observatórios. Mas há um conhecimento tradicional, transmitido de geração para geração através dos milênios.

"Sabemos, por outro lado, que os satélites de Marte eram conhecidos antes de sua "descoberta" em 1887 e parece que já o eram também pelos sumérios. Diante da enorme quantidade destas noções extraordinárias, inexplicáveis, é cômodo lançar mão da hipótese dos extraterrestres que teriam vindo trazer à nossa humanidade, sabe-se lá em que remota época, todo um conjunto de conhecimentos e de técnicas. Alguns não hesitam em lançar mão disto..."

Cômodo, é verdade. Mas F. Lagarde (de que não partilhamos todas as idéias, como temos o dever de honestamente reconhecer) acrescenta: "Segundo Agrest, professor de Física e Matemática na Armênia, escritor científico soviético, foram antigos astronautas que deram o calendário aos maias, o que explicaria o fato de seu

calendário afundar no passado por milhões de anos [77]. Eles seriam os "Senhores Dedzyan" da tradição indiana, que teriam trazido à Terra o fogo, o arco e o martelo. Seriam aqueles que forneceram aos dogons as informações sobre o escuro *Companheiro* de Sírio e aos povos do Mediterrâneo as notícias sobre a existência da décima Plêiade".

O foguete de Meroe

Muitos achados, contudo, nos levam a perguntar-nos se realmente os antigos não tinham a seu dispor instrumentos ópticos. Quer aceitemos, quer recusemos as "hipóteses espaciais" estaremos diante de fatos que fazem pensar.

Deixemos mesmo de lado as lendas helenísticas relativas aos "pré-selenitas", que teriam morado em "casas de vidro" (lendas a cuja fascinação, de qualquer maneira, dificilmente conseguimos fugir): deveremos, contudo, admitir que a história do vidro perde-se na mais remota Antiguidade.

Durante muito tempo acreditou-se que a invenção do vidro tivesse sido mérito dos fenícios. Segundo Plínio, eles teriam descoberto o vidro por acaso, usando blocos de salitre como suporte para as panelas onde cozinhavam; encontrando-se numa praia, o fogo teria fundido o salitre e este, derretendo-se, ter-se-ia amalgamado com a areia, formando uma substância transparente e dura. Ainda hoje há quem aceite esta lenda, mas trata-se obviamente de uma estória absurda: nunca um fogo ao ar livre teria conseguido produzir o calor necessário para a fusão. Igualmente inaceitável é a versão de outro historiador, Flávio Josefo, segundo o qual os judeus, incendiando uma floresta, teriam chegado a descobrir o vidro.

Na realidade, o vidro apareceu em época diferente entre povos diferentes: conheceram-no os indianos numa época remotíssima (o vocábulo germânico *Glas* deriva do sânscrito *kelasa*), os chineses e os egípcios, estes últimos indubitavelmente antes de 2500 a. C.; demonstram-no as pintura rupestres de Beni Hassan, onde vemos homens que fundem vidro e as pérolas artificiais recobertas de hieróglifos encontradas em Tebas.

---

77 - Sem falar em "milhões de anos" ou recorrer a hipóteses arrojadas, o "comum" calendário maia constitui, por si, um quebra-cabeça. Colocando-se o ano da conquista espanhola (1539) na data 11.16.0.0.0 da "conta longa", o ano 1 desta datação remonta a 3.181 a. C. A data mais antiga que pode ser fixada pela arqueologia remonta ao primeiro século a. C. ou d. C., segundo os vários estudiosos. De qualquer maneira, ficamos com três mil anos "descobertos", que oficialmente não são reconhecidos. (N. do T.).

As primeiras instruções para a fabricação do vidro que conhecemos faziam parte da biblioteca do rei assírio Assurbanipal: elas aconselhavam o emprego de "60 partes de areia, 180 partes de cinza de plantas marinhas, 5 partes de salitre e 3 partes de argila"; todos os ingredientes necessários, em outras palavras, embora as proporções não sejam as ideais. Com estas conseguia-se uma espécie de massa dura, boa só para fazer pérola ou pequenas garrafinhas.

Dizem que entre os gregos a arte do vidro teria sido perdida, para novamente florescer pouco antes do nascimento de Alexandre Magno; e os romanos começaram a apreciá-la depois da conquista do Egito. Augusto exigiu dos vencidos uma parte do tributo em vidro e pouco depois também na Itália começaram a ser produzidas autênticas obras-primas: ânforas, vasos, copas, urnas e os afamados "cálices de ouro", copos formados por uma lâmina do precioso metal revestida por vidro.

Já Aristófanes conta que em Atenas vendiam-se esferas de vidro; Plínio conta que o edil Emílio Scauro, genro de Sila, mandou construir em Roma um teatro de três andares capaz de conter 80 mil espectadores: o primeiro andar era em mármore, o segundo em vidro e o terceiro de madeira dourada. O mesmo historiador afirma que Tibério mandou matar um genial estudioso que achara a maneira de fabricar vidro dobrável e infrangível, para que o segredo não fosse divulgado.

Vidro dobrável e infrangível na Roma de cerca de 1.970 anos atrás? A coisa não deve parecer impossível se pensarmos que os objetos artísticos fabricados naquela época são de uma perfeição comparável somente à alcançada pelos egípcios, a ponto que hoje em vão tentaríamos imitá-la, e que em Pompéia, entre outras coisas, as escavações trouxeram à luz numerosos fragmentos de lâminas de vidro parecidas com aquelas que hoje conhecemos.

Isto ainda não prova a existência de lentes ópticas na Antiguidade, mas eis Cícero que nos fala da transcrição da Ilíada "escrita num pergaminho tão delicado que cabia todo na casca de uma noz", eis Plínio a contar-nos que "Mimecida esculpia no marfim uma quadriga que uma mosca podia cobrir com suas asas", eis ainda Théodore Moreaux, o conhecido astrônomo e escritor francês, a falar-nos de um sinete exposto no *Cabinet des Médailles*, sobre o qual foram esculpidas 15 figuras num espaço circular de 7 milímetros de raio. A minúscula obra-prima é chamada "sinete de Miguel Ângelo" mas indubitavelmente remonta a uma época muito mais antiga. E é óbvio que trabalhos como estes não podiam ser realizados nem admirados sem o auxílio de lentes ópticas.

"Em 1903 — escreve o mesmo Moreaux — o governo francês incumbiu-me de uma missão de estudo do eclipse total da Lua

visível desde Sfax. Findos os trabalhos, meus companheiros e eu pensamos aproveitar a situação tão favorável que se nos apresentava para visitar a Tunísia. Não era possível sair sem ter dado um passeio até Cartago...

"Da antiga metrópole, porém, nada sobrou, a não ser um povoado de brancas moradas recolhidas no lugar que fora outrora o porto dos terríveis navios cartagineses. Naquele lugar os Padres Brancos fundaram um seminário e construíram a bonita catedral cujas paredes claras destacam-se nitidamente contra o fundo azul do céu. A antiga Cartago não mais existe, mas mãos reverenciosas iniciaram escavações e têm ressuscitado os restos da vida passada.

"Padre Delattre nos guiou em seu maravilhoso museu e esta visita foi para nós, confesso-o, uma revelação. Enquanto admirava surpreso um camafeu finamente esculpido que representava um cavalo que coça a orelha, não pude deixar de refletir em voz alta: "Os artistas da Antiguidade não possuíam olhos melhores do que os nossos; como podiam, então, representar tantos detalhes num espaço tão pequeno? Dê-me uma lente para admirar a crina...".

"Todos tiveram de admitir que naquela época já se sabia trabalhar o vidro e eram conhecidas as propriedades das lentes.

"Nunca vocês encontraram — continuei, dirigindo-me para o Padre Delattre — algum objeto que possa parecer-se com as lentes dos nossos relojoeiros?"

"Um instante depois, o religioso mostrava-me uma verdadeira lente, plano-convexa, grande como o botão de um sobretudo. Desgraçadamente era opaca: encontrada numa tumba após séculos de escuridão, não surpreende, aliás é possível, que um lento desgaste tenha pouco a pouco ofuscado o vidro, na origem talvez transparente.

"A dúvida, de qualquer maneira, teria sido séria se o Padre Delattre não nos tivesse mostrado outra lente, desta vez de cristal de rocha, e perfeitamente cortada. Usamo-la para examinar o camafeu.

"Tivera, portanto, na mão, pela primeira vez — pelo menos assim acreditava — a prova de que os antigos conheciam as lentes e suas propriedades. Feliz pela descoberta, comuniquei-a, logo após minha volta, a alguns cientistas... e soube, para minha grande surpresa, que em 1852 Sir David Brewster, o célebre físico inglês, mostrara, no decorrer de uma reunião realizada em Bedford, uma lâmina de cristal de rocha trabalhada em forma de lente, encontrada nas escavações de... Nínive!"

Disto até às lentes de grandes tamanhos, o caminho é evidentemente longo. Mas Moreaux pensa que nossos antepassados também chegaram a fabricar estas últimas: de outra maneira Demócrito não

poderia ter chegado a afirmar que a Via-Láctea é, na realidade, formada por uma miríade de estrelas (seus contemporâneos ainda pensavam que fossem formadas por gotas de leite saídas do seio de Juno!) e que "a confusa mistura de suas luzes é a causa de sua fosforescente brancura".

Dois séculos mais tarde aflora a notícia do misterioso aparelho mandado instalar por Ptolomeu III Evérgeta no topo do farol de Alexandria, do Egito, instrumento que teria permitido "ver os navios de longe". E é pelo menos singular a afirmação dos autores os quais nos dizem que os antigos "olhavam os astros através de tubos": Moreaux pergunta-se se os tubos serviam exclusivamente para concentrar o olhar num determinado ponto ou se, pelo contrário, tratava-se de verdadeiros telescópios.

Como apoio para esta hipótese, o estudioso refere-se a Meroe, a velha cidade do Nilo (governada, segundo Plínio, só por rainhas), capital do Reino da Núbia do IV.º século a. C. até o II d. C. e trazida à luz em 1909-10 pela expedição Garstang-Sayce. Durante os trabalhos, o Professor John Garstang, de Liverpool, descobriu os fundamentos de um edifício que um exame apurado revelou ser um observatório astronômico. Não só: numa laje desta construção é visível um esboço que, segundo alguns, representaria uma estranha antena e, segundo outros, até mesmo um foguete!

Ferro de Ethalie

Parece-nos interessante também assinalar que entre as jóias das rainhas de Méroe havia algumas representando figuras aladas e máscaras felinas. De qualquer maneira, achamos oportuno dar uma olhada à história da lendária Méroe, embora superficialmente.

"Sabemos — escreve Walther Wolf em seu trabalho *"Ritrovamenti in Egitto"* — que nas últimas décadas do VIII.º século a. C. o Egito passou a ser governado por "etíopes". Esta mudança deu-se por causa de uma família reinante que provinha da cidade de Nápata, na quarta catarata. Desde a época da XVIII.º dinastia esta cidade constituía o centro do limite meridional do império egípcio.

"Quando, em 655 a. C., os últimos "etíopes" tiveram de retirar-se do Egito, seus projetos de potência mundial chegaram realmente ao fim, embora o império de Kush ainda se mantivesse por cerca de mil anos. Mas nele ficou claramente visível a herança egípcia, quer nas formas exteriores, quer no cerimonial de corte e na religião, mesmo que cada vez mais se firmasse a influência indígena e,

mais tarde, a greco-helenística e a romana. De início sua capital continuou sendo Nápata, mas um ramo da família real continuara vivendo em Méroe, abaixo da sexta catarata, no atual distrito de Shendi, e para aqui, no VI.º século a. C., foi transferida a corte, também por causa da crescente importância comercial de Méroe, que se encontrava sobre jazidas de minérios de ferro.

"Se os reis de Kush usaram a pirâmide para suas sepulturas, é natural atribuir este fato à moda egípcia; suas pirâmides, contudo, são, de maneira geral, menores e com flancos mais íngremes.

"Aproximadamente no ano 200 a. C. os habitantes de Méroe tinham descoberto um tipo de escrita alfabética cursiva, parecida com a escrita demótica, e tinham desenvolvido um alfabeto figurado hieróglifo, de acordo com o modelo egípcio, a ser usado nas inscrições monumentais. Ambos os alfabetos foram decifrados em 1911 por F. L. Griffith, mas, apesar disto, a língua do império de Kush permaneceu para nós desconhecida."

Não sabemos quanto existe de verdade sobre o achado, nas vizinhanças de Méroe, de jóias fabricadas por granulação (um processo que, redescoberto há poucos anos pela ourives alemã Treskow, permite se obterem grãozinhos de ouro ainda menores que a metade da cabeça de um alfinete, processo conhecido pelos antigos povos mediterrâneos e por muitas gentes da América pré-colombiana): não parece de qualquer maneira arrojado atribuir aos habitantes do lendário centro uma técnica adiantadíssima no trabalho dos metais, técnica sem dúvida herdada por especialistas egípcios e de seus mestres.

Em 1850, cavando debaixo da esfinge de El-Ghiza (Gizé), o afamado egiptólogo Mariette teria trazido à luz, de uns 70 metros de profundidade, construções ciclópicas entre as quais teriam sido encontrados maravilhosos objetos artísticos.

"A data em que foi construída a esfinge — escreve Charroux — perde-se na noite dos tempos; as ruínas encontradas por Mariette, oprimidas pela terra que se foi acumulando durante milênios, devem ser portanto muito mais antigas. Entre os objetos encontrados achava-se, segundo os documentos de 1850, "jóias de ouro que, pela sua leveza, poderiam sugerir o uso da galvanoplastia, ciência industrial conhecida, entre nós, somente há 2 ou 3 anos".

Por sua vez, o americano Richard Morris fala em grandes e curiosas embarcações que se encontram no fundo do Tirreno, embarcações que (embora praticamente não identificáveis) lembrariam com seu aspecto as do antigo Egito e nos conta que a bordo desses navios ainda seriam visíveis cargas de ouro, ferro e outros metais.

Trata-se de afirmação que deve ser tomada — além do mais — com muito cuidado também pelo fato de Morris não ser um estu-

dioso e sim um homem-rã. Não devemos porém esquecer que, em suas viagens, os antigos iam muito mais longe de quanto se costuma admitir e que suas embarcações eram consideravelmente maiores e mais sólidas do que as descritas nos tradicionais livros de história.

E por outro lado cabe-nos ter presente o fato de as minas de ferro da Ilha de Elba – por exemplo – serem exploradas, segundo os cálculos realizados pelos peritos, desde uma época pelo menos dez vezes maior do que aquela em que pensávamos. "Considerando que os gregos dos tempos de Homero já conheciam esta ilha, que chamavam Ethalie pela fuligem e pela colunas de fumaça que nela podiam ser vistas – comenta Charroux – chegamos à conclusão de que as minas vêm sendo exploradas há mais de 30 mil anos."

A voz da alvorada

"Nós não conhecemos o Egito; simplesmente temos a ilusão de conhecê-lo." Esta afirmação, atribuída a Howard Carter, chefe da célebre expedição que chegou a descobrir a tumba de Tut-ankh-Amon (mais conhecido como Tutancâmen) volta à memória ao ler quanto escreve, entre outros, Walter Wolf:

"Hoje sabemos que no Egito existiu também uma antiqüíssima idade da pedra. O célebre explorador africano Georg Schweinfurth (1836-1925), fundador da Sociedade Geográfica do Cairo durante suas viagens aos mais altos terraços do vale do Nilo, em frente da atual Luxor, encontrara produtos manuais de sílex da mais antiga idade da pedra, e as formas iniciais das famosas armas em feitio de estilete, conhecidas através da descoberta feita nos anos de 1902 e 1903. A partir de então, elas foram assinaladas em muitas localidades do Egito e lembram armas similares da Europa ocidental, embora a África do Norte, a Espanha oriental e meridional e a Palestina tenham seguido caminhos diferentes a partir do meio da idade da pedra.

"...e não podemos lançar ponte alguma entre a mais antiga e a mais recente idade da pedra egípcia..."

Depois encontram-se achados que se referem à mais próxima idade da pedra egípcia ou, melhor, à idade da pedra e do cobre (eneolítica): "É caracterizada por uma cerâmica vermelho-brilhante que se alterna com cerâmica amarelada ou cor-de-rosa, sobre as quais foram pintadas numa cor vermelha escura navios, mulheres que dançam, flamengos e antílopes. Ao mesmo tempo são produzidos também vasos de alabastro amarelo, saibro colorido, ardósia esverdeada e granito vermelho, com grande riqueza de formas. O

sílex é cada vez mais substituído pelo cobre. Os fossos para sepultura dos mortos constroem-se com tijolos retangulares de terra. Estes achados nos falam de relações com a Palestina, a Síria, a Mesopotâmia e o mundo das ilhas egéias".

"Mas como deve ser explicada esta seqüência de civilizações?", pergunta-se Wolf. "Cada uma delas é um simples degrau de um desenvolvimento cultural ou devem ser separadas entre si como próprias de classes sociais? Ou até mesmo entraram em jogo novos grupos étnicos?"

Talvez seja esta última hipótese aquela correta, mas Wolf, com toda razão, usou um ponto de interrogação pois, com muita probabilidade, nunca mais alguém poderá lançar um pouco de luz sobre o passado do Egito, nada poderá nos dizer de onde os filhos do Nilo tiraram os conhecimentos que se encontram à base de suas espetaculares realizações. Praticamente, podemos seguir muitos povos desde sua infância, mas dos egípcios conhecemos só as manifestações da maturidade, talvez do declínio: na sua juventude encontramos linhas pueris que se revezavam com sinais de alta civilização, uma confusão tamanha que — para usar palavras simples — pode encorajar as hipóteses mais audazes, segundo as quais as gentes primitivas teriam sido influenciadas por grandes culturas das quais poderiam ter-lhe conservado a herança só de maneira parcial.

Lembram-se daquela radiografia, realizada em 1964 numa múmia conservada no museu de Darlington, na Inglaterra, em que se revelou a presença de uma mão artificial? "Trata-se do primeiro exemplo da aplicação de prótese realizada no mundo clássico", disse na época o Professor Thacker, diretor do Instituto de Estudos Orientais da Universidade de Durham. Mas existe quem pensa que se trata de uma prótese tosca que imita aquelas — bem mais perfeitas — de uma época de que perdemos a memória; e há quem pensa fornecer um ponto de apoio a esta hipótese lembrando, embora em outro terreno, que a técnica da construção egípcia tem alcançado, num remoto passado, vértices dos quais podemos ter só uma pálida idéia ao admirar as pirâmides e os outros titânicos monumentos que vitoriosamente desafiaram o tempo.

Os gregos falaram até mesmo de "casas cantantes": desgraçadamente não sabemos a que se referiam, mas alguns estudiosos, lembrando os mecanismos automáticos criados para abrir e fechar "milagrosamente" os portões dos templos, pensam em alguns tipos de *carillons* escondidos, acionados pelo peso ou pelos passos dos hóspedes.

De qualquer maneira a expressão nos lembra, logo, a famosa "estátua de Menon" [78] que, levantada ao redor de 1500 a. C. junto com seu gigantesco "gêmeo", deixava ouvir, ao nascer do Sol, um som fino, estrídulo, parecido com o de uma corda de harpa arrebentada.

O som foi ouvido por cerca de 2000 anos; entre outros, dele falaram Estrabão em 90 a. C., Germânico em 19 d. C., Juvenal em 90, Pausânias e o Imperador Adriano em 130; o último testemunho remonta a 196 d. C..

A colossal estátua parecia, portanto, ter sido dotada do poder de saudar o astro nascente: pode ser que, de saída, o som tivesse sido mais doce e melodioso; não devemos de fato esquecer que a estátua foi desfigurada em 524 a. C. por Cambises e danificada pelo terremoto de 27 a. C.

Foi durante o reinado de Septímio Severo que "Memnon calou-se": muitos relacionam, portanto, a origem do som com uma fissura fechada durante os trabalhos de restauração, que se pensa ordenados pelo imperador romano. Mas por que então foi ouvido algumas vezes também no século passado, como está documentado na *Revue Encyclopédique* parisiense de 1821? Pode ter-se tratado de "retornos" acidentais, devidos a um fechamento imperfeito da famosa fissura.

Mas como era produzido aquele som? Numerosas teorias foram elaboradas para explicá-lo: os franceses Langlès e Salvert falam de um complicado mecanismo escondido no interior da estátua, acionado pelo Sol através de uma lente colocada entre os lábios da estátua, e esta explicação parece possível para muitos estudiosos. Outros, cépticos, observam que o fenômeno é totalmente natural; mas sua teoria começa a enfraquecer-se quando se lembra que sons iguais ao produzido pelo monumento de Amenófis III foram ouvidos, ao nascer do Sol, nas minas de granito de Siene e num templo de Carnaque por três estudiosos que acompanhavam Napoleão na expedição ao Egito, os Professores Jomard, Jollois e Devilliers.

Quanto à técnica de construção, deixando de lado os efeitos sonoros, temos ainda a lembrar aquele fantástico labirinto de que falaram Heródoto, Diodoro, Estrabão, Plínio e outros célebres escritores da Antiguidade.

"Vi o labirinto" — escreveu Heródoto, depois de ter visitado o Egito no V.º século a. C. "Supera qualquer descrição. ...As próprias pirâmides já são colossais e cada uma delas vale quanto as maiores obras helênicas. Mas o labirinto supera até mesmo as pirâmides; ele

78 - Foram os gregos que a chamaram assim, pois, ouvindo-lhe o som ao nascer do Sol, associaram-na ao mítico filho da aurora. Na realidade, trata-se da representação de Amenófis III ou Amenotep.

possui doze pátios cobertos, colocados dois a dois, um em frente do outro... A construção compreende dois tipos de quartos, os subterrâneos e os levantados sobre o nível do chão: são, ao todo, três mil quartos... *(e são impressionantes)* estas ruas transversais e entrecruzadas em fuga através dos pátios, as sarapintadas decorações que se encontram em qualquer lugar, as inúmeras belezas de todo tipo..."

Por sua parte, Estrabão, que teve a possibilidade de admirar a construção em 25 a. C., fala dela como de um templo formado por "tantas salas quantas são as províncias do Egito", unidas entre si por um dédalo de quartos, ruas, corredores cobertos ou descobertos, a ponto de que "estrangeiro algum poderia encontrar o caminho correto sem a ajuda de um guia experimentado".

O simbolismo, de acordo com o célebre geógrafo grego e muitos outros autores, orientou a construção do labirinto; por que, portanto, deveríamos negar-lhe uma importante atuação na construção das pirâmides, encaradas ainda hoje pelos egiptólogos mais tradicionalistas como simples sepulturas monumentais?

CAPÍTULO XIII

Arcas para a Eternidade

TREZENTOS ANOS ANTES DO DILÚVIO reinava sobre o Egito um rei chamado Saurid, filho de Salahoc; durante uma noite ele sonhou que tudo se abatia sobre a Terra, os homens sobre seus rostos, as casas sobre os homens. Os astros chocavam-se no céu e seus destroços cobriam grande parte do Sol. O rei acordou aterrorizado, foi correndo até o Templo do Sol, chamou os sacerdotes e os adivinhos. O sacerdote Akliman, o mais sábio entre eles, revelou ter tido também um sonho parecido...

"Foi então que o rei mandou construir as pirâmides, naquela forma angular apta para agüentar até o choque com os astros, construídas com pedras enormes mantidas unidas por garras de ferro e cortadas com tamanha precisão que nem o fogo do céu nem o dilúvio teriam conseguido removê-las. Naquele lugar devia encontrar guarida, caso houvesse necessidade, o soberano e os grandes do reino, com os livros e imagens da ciência, os talismãs e tudo quanto era indispensável guardar para o futuro da raça humana."

Assim escreve o estudioso Serge Hutin, inspirando-se na *Viagem ao Oriente,* de Gérard de Nerval, querendo provar como não é absurdo ver nas pirâmides monumentos anteriores a Quéops, Quéfren e Miquerino, que nada mais teriam feito senão tentar usufruir das pirâmides para seu próprio interesse... póstumo. Afinal devia tratar-se de enormes arquivos, cujo conteúdo teria desaparecido como conseqüência das expoliações realizadas depois da conquista árabe.

Guardava a Pirâmide oriental um ídolo feito de lascas de madeira brancas e pretas, sentado num trono de ouro, segurando uma lança e que ninguém podia olhar sem ser morto", conta-nos Hutin, referindo velhas lendas.. "O espírito associado a este ídolo era uma mulher bonita e sorridente, que ainda aparece em nossos dias e endoidece quem encontra.

"Quanto à Pirâmide ocidental, era guardada por um ídolo de pedra vermelha, também armado de lança, tendo na cabeça uma

serpente enroscada. Servia-o um espírito que parecia um velho da Núbia, com um cesto na cabeça e um turíbulo na mão.

"A terceira pirâmide era guardada por um pequeno ídolo de basalto, erguido sobre um pedestal também de basalto: ele atraía todos que para ele olhassem, e estes nunca mais conseguiam soltar-se dele. O espírito aparecia durante a noite, sob forma de um jovem imberbe."

Num manuscrito árabe intitulado *Le Murtadi,* traduzido em francês por Pierre Vattier (Paris, 1666) encontra-se, também, a descrição de algumas estranhas descobertas feitas pelos muçulmanos na sala, dita "do rei", da Grande Pirâmide (a de Quéops): os saqueadores viram uma estátua de homem de pedra negra e uma estátua de mulher de pedra branca, com um aspecto físico muito diferente daquele dos antigos egípcios; aquelas estátuas estavam de pé sobre uma mesa, uma armada com uma lança e a outra com um arco; entre elas encontrava-se um vaso que parecia "talhado no cristal vermelho... enchiam-no de água, depois pesavam-no e seu peso era o mesmo que tinha quando estava vazio..."

Os árabes encontraram também um curiosíssimo autômato: "Num lugar quadrado, como numa sala de assembléia, havia muitas estátuas e, entre outras, a de um galo de ouro vermelho. Esta figura era espantosa, ornamentada com pedras preciosas, das quais duas representavam os olhos, brilhantes como duas tochas... quando os homens se aproximaram o animal soltou um grito terrificante, começou a bater as asas, e ao mesmo tempo ouviram-se vozes provenientes de todos os lados...".

As pirâmides e as catedrais

É curioso notar como na Antiguidade era difundida a crença de que os construtores da Grande Pirâmide tinham escondido em seu interior a fabulosa pedra filosofal, ou alguma coisa que teria conferido grande potência ao seu possuidor. Tomado por esta idéia, o califa Al-Mamun mandou revistar exaustivamente a pirâmide, evidentemente em vão. Melik Al-Aziz, tomado pelo mesmo desejo foi além: em 1196 contratou milhares e milhares de operários com a finalidade de demolir as três pirâmides, pedra após pedra, até encontrar o esconderijo do extraordinário objeto. Começando pela pirâmide menor, os operários trabalharam com um ritmo estafante durante oito meses, após o que seu ávido "empreiteiro", visto que somente tinham conseguido "arranhar" a construção, deu ordem para suspender os trabalhos.

Alguns escritores fantasiam bastante sobre este assunto, sustentando a relação entre as catedrais góticas e as pirâmides, afiançando que estas últimas teriam sido construídas com a única finalidade de "defender dos raios cósmicos uma força terrível, capaz de fecundar os espíritos e dar ao país fecundidade material: os edifícios não seriam, portanto, mais que potentes emissores de ondas, cuja natureza desconhecemos; e é a estes emissores que nós daríamos o nome de pedra filosofal".

Um dos autores acha, até mesmo, que conhece o lugar onde foi escondida a pedra filosofal: "Na realidade, visitando as salas da Grande Pirâmide depois da primeira passagem baixa e a entrada da "sala do Rei", vêem-se nas paredes do corredor revestimentos de granito nos quais foram feitos entalhes verticais. Na parede leste foi encaixada uma laje de granito que apresenta uma saliência em ferradura de 63 centímetros de circunferência e 20,5 centímetros de espessura. A parte inferior da laje de granito se encontra exatamente na altura do forro da passagem baixa. Não estará escondida nesta "bainha" a pedra filosofal, essa força que destruiu um mundo?"

Não são poucos, na verdade, os pesquisadores de coisas ocultas, principalmente franceses, que afirmam existir precisas correlações de medidas e desenhos entre as antiqüíssimas construções e as catedrais góticas e de maneira especial entre a pirâmide de Quéops e a catedral de Estrasburgo: isto resulta na visão de uma sociedade cujos membros, através de inúmeras gerações, teriam conservado segredos antiqüíssimos. E é singular quanto escreve o próprio Roger Peyrefitte em seu livro *Les Fils de la Lumière:*

"A técnica dos *compagnons* era algo diferente de uma técnica. Seus segredos fundiam a arte dos construtores de catedrais com aquela dos especialistas em concreto armado. Quando foi construída a ponte de Orly, na auto-estrada do Sul (ponte que apresenta a característica de ter forma de "S"), os órgãos de controle não quiseram aprovar os trabalhos por causa de um defeito que escapara ao controle do competente departamento da firma. Não se conseguindo encontrar solução, devia-se começar tudo de novo. Alguém, porém, teve a idéia de consultar um *compagnon*, homem que nunca lera um livro técnico e que nunca pisara num departamento técnico. Ele resolveu o problema. Alguns *compagnons* gostam de exagerar de maneira sensacional seus poderes. O último mestre dos cortadores de pedra afirmara conhecer o ponto da catedral de Estrasburgo sobre o qual teria sido suficiente apoiar um dedo para que o edifício inteiro ruísse".

Em relação às catedrais góticas, ainda temos a lembrar que, de acordo com outro escritor, elas seriam até mesmo "lugares de comu-

nicações entre dois mundos, escondendo não somente os mistérios cristãos como conhecimentos científicos que serão futuramente redescobertos nas equações de um novo Einstein"; segundo o nosso amigo, o mesmo segredo teria sido guardado pelos sábios da América pré-colombiana, os quais, entre outras coisas, teriam até "calculado o tempo em que a quarta dimensão encontra as três conhecidas".

Sem dúvida nós acreditamos que os contos acima relatados devem ter sido condimentados com uma boa dose de fantasia mas — deixando de lado o assunto digno de ficção científica da pedra filosofal — não podemos considerá-los frutos de simples fantasia. "Afirmando que as pirâmides são somente monumentos funerários — devemos portanto admitir com Moreaux — os arqueólogos modernos cometem talvez um erro igualmente grave como aquele em que incidiriam os sábios do futuro se, depois de ter trazido à luz, daqui a sessenta séculos, as ruínas das criptas das nossas igrejas e nelas ter descoberto as sepulturas dos bispos e dos reis, concluíssem que monumentos tão maravilhosos foram construídos para honrar restos mortais. Pelo fato de que as pirâmides egípcias tenham, de maneira geral, funcionado como lugar de sepulturas... não podemos negar que idéias de outra natureza tenham motivado sua construção."

Moreaux cometeu o grande erro de ter cegamente acreditado nas afirmações de Piazzi-Smith, o astrônomo escocês que, tendo a pretensão de ter descoberto a unidade de medida universal (a assim chamada "polegada-pirâmide") foi um dia surpreendido por um discípulo enquanto apressadamente desgastava com uma lima uma pedra para reduzi-la às dimensões compatíveis com a sua teoria. Isto, contudo, não nos impede, evidentemente, de reconhecer que são válidas numerosas considerações do mesmo estudioso.

"As pedras das pirâmides — escreve ele — são justapostas com tamanha exatidão (embora algumas alcancem os 10 metros de comprimento) que podemos passar a lâmina de um canivete em sua superfície sem conseguirmos descobrir a linha que as separa. E no entanto não foi usada qualquer argamassa! Um dos maiores empreiteiros dos Estados Unidos afirmou que ainda hoje não possuímos máquinas capazes de produzir duas superfícies que se justaponham entre si tão perfeitamente como são justapostas as pedras da Grande Pirâmide.

"A construção toda pesa cerca de 6 milhões de toneladas: seriam, portanto, necessárias 6.000 locomotivas capazes de puxar mil toneladas cada uma para transportá-la. A atual disponibilidade financeira do Egito não seria suficiente para pagar os operários encarregados de demoli-la. Seu arquiteto, quem quer que tenha sido,

queria, portanto, levantar um monumento perene. Na realidade, ninguém alcançou a audácia dos construtores da Grande Pirâmide: esta montanha de pedra supera de 40 metros os Inválidos, de 66 o Pantheon e de 77 as torres de Notre Dame de Paris!"

"Quanto à orientação — continua Moreaux — os lados da pirâmide deveriam ter sido orientados para os quatro pontos cardeais, mas isto foi conseguido com precisão somente com a pirâmide de Quéops. O problema realmente é árduo e criou dificuldades muito graves também para os arquitetos mais experimentados. Temos, é verdade, a bússola, mas todos sabemos que a agulha imantada indica o norte magnético: para cada lugar e para cada ano — aliás, para cada dia — é necessário introduzir correções.

"Sobra o método astronômico, o norte assinalado pela estrela polar. Este também não é método exato, pois, esta estrela que serve, na prática, para nos orientar, na realidade não se encontra no pólo celeste: atualmente ela descreve ao redor deste "ponto ideal", que corresponde a um prolongamento do eixo terrestre, uma circunferência de raio igual a 1 grau e 8′; em outras palavras, entre a estrela polar e o pólo norte poderiam ser encaixados dois globos do tamanho da Lua. A estrela que nós chamamos "polar", além do mais, não poderia ter sido chamada "polar" 4 mil anos atrás. Em virtude da oscilação da Terra, o eixo do nosso planeta aponta sucessivamente a várias direções e ocorre um prazo de 25 mil anos para que volte à mesma posição. Daqui a 13 mil anos a nossa estrela polar será Vega, o bonito sol verde da Lira; quando foi construída a Grande Pirâmide a estrela polar era um astro da constelação do Dragão.

"Para estabelecer o pólo celeste, portanto, devemos usar outros métodos. Os astrônomos antigos não possuíam certamente instrumentos exatos como aqueles que hoje usamos. O célebre Ticho Brahe, quando quis orientar o observatório de Urianenborg, cometeu um erro, apesar de todos os seus cálculos, de 18′ de arco; e notemos que isto se deu em 1577, isto é, somente há quatro séculos atrás. Quer por negligência, quer por inaptidão, o observatório de Paris não foi orientado da melhor maneira... e foi construído em 1666!

"Bem, uma nova e incrível surpresa esperava os astrônomos: descobriu-se que a orientação da Grande Pirâmide é exata com uma aproximação inferior a 5′, sendo o erro de somente 4′ e 35″. Aqui é absolutamente impossível pensar numa coincidência e temos de admitir que os construtores egípcios foram mais hábeis que Ticho Brahe.

"Vamos em frente: durante séculos os cientistas de todos os países procuraram um meridiano ideal para medir as latitudes. A

escolha caiu inicialmente no de Paris, depois no de Greenwich. E agora sabemos que o meridiano ideal é aquele que passa pela Grande Pirâmide. Por quê?

"Em primeiro lugar, é o meridiano que passa pela maior parte dos continentes e pela menor extensão oceânica. É o único que parte do Estreito de Bering e (fato ainda mais singular) se calcularmos exatamente a área habitável pelo homem, ele a divide exatamente em duas partes. É justo, portanto, defini-lo ideal, pois é o único que se baseia em dados naturais.

"Os construtores da Grande Pirâmide teriam, portanto, viajado pela Terra e desenhado mapas geográficos do globo?"

Não só: a altura do monumento está em relação direta (como veremos) com a distância do nosso globo ao Sol. E a distância da Grande Pirâmide do centro da Terra é igual à distância da construção ao Pólo Norte e, portanto, corresponde à distância do Pólo Norte ao centro da Terra. Só podemos perguntar-nos como podiam sabê-lo os projetistas se seu nível de conhecimento era aquele admitido pela ciência tradicional [79].

O "absurdo" sarcófago

A pirâmide de Quéops, depois, apresenta outros enigmas, um dos quais — para cuja solução os estudiosos estão quebrando a cabeça há muitos anos — é representado pela maneira pela qual um cortejo fúnebre poderia ter entrado na "sala do rei" no 50º nível e dele ter saído. Quando os árabes violaram o interior do monumento, tiveram de abrir caminho, na entrada da primeira passagem, ao redor de uma dura "rolha" de granito que de maneira alguma poderia ter sido empurrada pelo corredor, pois era mais larga do que o próprio corredor. Admitindo-se a hipótese da sepultura, a "rolha" deveria, portanto, ter sido colocada desde a "sala do rei". Mas nesta câmara, os árabes — que ali primeiro penetraram, no século IX d. C. — não encontraram nem corpos nem instrumentos, mas somente um sarcófago de granito vermelho, vazio desde a época em que aí fora colocado!

Também o sarcófago é mais largo do que a passagem ascendente e da própria entrada. Não existe, portanto, mais que uma única solução possível: o sarcófago vermelho foi colocado na câmara durante a construção da pirâmide. Mas neste caso, não podia conter — como alguns egiptólogos sustentam — o assim chamada *Ka* (o

79 - Evidentemente trata-se de fatos "singulares" mas que não provam nada. Nem mesmo sabemos se "eles sabiam". Nada existe para provar a intencionalidade. (N. do T.).

espírito eternamente vital, a alma) do faraó, ainda vivo enquanto ia sendo levantado o monumento por ele presumivelmente ordenado.

Pode ser que a Grande Pirâmide não tenha sido edificada como sepultura, mas que tenha sido usada com esta finalidade depois; e pode ser que as pirâmides posteriores realmente tenham sido construídas como sepultura. O que é certo é que ainda estamos longe de ter esclarecido os numerosos mistérios que envolvem os célebres monumentos.

Não queremos, evidentemente, tornar-nos divulgadores daquela pseudo-ciência chamada "piramidologia", da qual Piazzi-Smith (1819-1900) foi um dos maiores defensores. Pelo contrário, dizemos com Walter Wolf:

"Estas teorias foram originadas pela convicção de que a pirâmide de Quéops não é, talvez, um monumento fúnebre e sim um lugar onde, de maneira simbólica, fora depositada toda a ciência do antigo Egito.

"Para quem tenha começado a brincar com os números, não existe depois, sabemos, qualquer freio. Assim alguns vêem inscritos na pirâmide todos os acontecimentos essenciais que a história realiza periodicamente até o fim do mundo, outros "calculadores" tiram de suas formas a importância anatômica e os períodos de gestação dos mamíferos, outros ainda interpretam as câmaras e os corredores em sentido místico: assim, por exemplo, a câmara do sarcófago seria a "câmara do mistério e do sarcófago aberto", "a câmara do Grande Oriente das profecias messiânicas do antigo Egito", "a sala do Julgamento", etc.".

Aqui trata-se, obviamente, de grandes asneiras. Resta, porém, o fato de que os eruditos que souberam desvincular-se dos conceitos tradicionais estão conosco para assinalar com um grande ponto de interrogação a história das afamadas construções.

Bastará lembrar, a propósito, a grande operação projetada por cientistas americanos e egípcios que quiseram, por assim dizer, dar uma nova olhada ao passado examinando por meio de raios X a pirâmide de Quéfren.

"O monumento – escreveu o jornal londrino "Daily Telegraph" em 19 de outubro de 1966 – com 143 metros de altura e 213 de largura foi levantado há mais de 4.500 anos atrás ao redor da câmara mortuária. Alguns arqueólogos deram-se por satisfeitos com esta interpretação e pensam poder talvez descobrir novas câmaras desconhecidas na pirâmide de Quéfren através da 'Operação Raios X'."

Outros arqueólogos porém não compartilham desta opinião e o jornal anota:

"Ao redor de 2650 a. C., Quéops mandou construir a Grande Pirâmide de Gizé, com uma precisão que ainda hoje surpreende os historiadores e os técnicos. Os quatro lados do monumento foram exatamente orientados segundo os quatro pontos cardeais (conhecia-se a bússola naquela época?) e seus 148,20 metros de altura representam uma escala exata da distância de 148.208.000 quilômetros, que é a da Terra ao Sol, nunca calculada de maneira tão precisa até 1860 depois de Cristo.

"Muitos arqueólogos dizem-se convencidos de a Grande Pirâmide ter sido construída não somente como sepultura mas também com finalidades astronômicas e astrológicas. O problema é o seguinte: podiam os egípcios ter perdido ou esquecido estes conhecimentos a ponto de, somente trinta anos depois, construírem a pirâmide de Quéfren como um simples amontoado de pedras ao redor da câmara funerária?"

CAPÍTULO XIV

Olhando o Sol

Eu ando pelas sendas do céu...
Eu moro no divino olho de Hórus...
Dá-me o olho de Hórus vida eterna,
e ao fechar-se dá-me proteção...
Envolto por raios brilhantes, avanço no meu
caminho e penetro todo lugar, segundo me agrada...
Eu ando pelas solidões cósmicas...

Referindo-se a estes trechos do célebre *Livro dos Mortos,* o Professor Solas Bancompagni sublinha que talvez o afamado "olho" deva ser identificado com o disco alado que tão freqüentemente é encontrado no simbolismo egípcio e anota: "Este disco pode ser comparado com as representações do deus da luz do mazdeísmo, Ahura-Mazda e ao círculo alado assírio; todas estas imagens apresentam um deus dentro de um corpo voador luminoso, como se nele morasse. Esta divindade, a julgar por algumas expressões do *Livro dos Mortos,* parece ter sido o dominador do espaço e do tempo, "deus de ontem, de hoje e do amanhã", capaz, talvez, de atravessar a matéria.

"Um documento que acreditamos possa ter alguma relação com quanto acabamos de expor encontra-se ao pé do capítulo 110 do "papiro de Turim". O trecho diz:

Eu chego no momento (oportuno) *sobre a Terra,*
na época estabelecida, segundo todos os escritos
da Terra, desde que a Terra tem existido e
segundo quanto (espaço em branco)
venerável.

"Vamos comentar. O pronome "eu" desta, como de outras fórmulas mágicas, pode referir-se ao próprio Osíris dos egípcios, visto que aquele que o pronuncia, ao repetir a fórmula, identifica-se com ele. Mas quem era Osíris?

Osíris (Os = muito, irim = olho — segundo Plutarco) era um semideus, antes que propriamente um verdadeiro deus, cuja mãe pertencia certamente aos celestes (a deusa-céu Nut) enquanto o pai era, na Terra, um deus (deus-Terra Gebeb). E visto que era irmão e esposo de Ísis, não podemos negar uma correlação mitológica e talvez de uma origem comum da mitologia clássica e das mais antigas. É contrária, porém, a esta correlação (Osíris-Júpiter) a mais provável opinião de certos estudiosos que consideram Osíris o deus da luz (isto é, o Febo ou Apolo dos gregos) e, portanto, bastante diferente de Zeus (Júpiter), o Adão dos fenícios, o Ahura-Mazda dos persas.

"Se assim é, vamos voltar à última citação: "Eu chego no momento oportuno sobre a Terra". Não sempre, portanto, mas como se se tratasse de um verdadeiro *"deus ex maquina"*, uma pessoa ou uma coisa que, intervindo de maneira milagrosa e inesperada, resolve as dificuldades humanas naqueles momentos em que o somar-se de determinados acontecimentos históricos críticos o exijam, a fim de que não seja perturbada a harmonia cósmica ('na época estabelecida').

"O mito nos conta que Osíris 'apareceu na Terra depois da Criação e reinou sobre os homens'; mas o termo 'apareceu' não é preciso: tratou-se de um nascimento ou de um aparecimento de improviso? A lenda continua dizendo que ele "mitigou a barbárie dos egípcios com a bondade e foi o primeiro rei do Egito, ensinou a cultivar o trigo e a videira e fundou cidades como Tebas".

"Cabe a ele o primeiro lugar no panteão dos deuses egípcios por ter readquirido a existência terrena no reino celeste, após perder de maneira violenta a vida por obra do maléfico Set. Desde então, e depois dele, todos os fiéis tiveram a mesma sorte: perder a vida terrena significava ganhar uma eterna nos céus. Isto também justifica como o "eu" da fórmula por nós citada refere-se a Osíris, pois todo morto na sua fé identificava-se com ele mesmo. Mas Osíris é também pai de Hórus e também nesta antiga teogonia pagã pai e filho possuem algo que os aproxima, que os funde numa única pessoa, embora com aspectos diferentes.

"Os egípcios, de fato, davam nomes diferentes a várias posições do Sol sobre o horizonte, durante o dia. Mas tratava-se sempre da personificação do mesmo corpo celeste... E não basta: é preciso lembrar a tríade de "criar-fecundar-reproduzir-se": Osíris, Ísis, Hórus (pai, mãe e filho) como atributos de uma mesma potência criadora.

"Por outro lado, está nisto o mistério tríplice da vida que não muda com o passar dos séculos e que, na potência criadora, identifica-se ao unir-se. Falar de Osíris, portanto, é falar de Hórus. Mas

Hórus é "aquele que voa no alto", que mora no seu olho" (ou *O od ug'at)* talvez o mesmo disco alado egípcio ou assírio, o mesmo disco de luz em que era representado Ahura-Mazda ao descer do céu e com que eram percorridas "as solidões cósmicas".

Hórus, o falcão

Hórus (ou Hor, ou Horo) não é, portanto, uma figura simplesmente mitológica? Diríamos que não, aliás parece até que dispomos de provas para esta afirmação.

Quando o arqueólogo e geólogo engenheiro Jacques Jean Marie de Morgan (1857-1924), ex-diretor da Administração das Antiguidades do Cairo, começou a procurar testemunhos da pré-história egípcia, descobriu perto de Naqâda as ruínas de uma gigantesca construção de 54 metros de comprimento e 27 de largura. O muro externo, levantado segundo um complicado desenho de saliências e reentrâncias de grande efeito, encerra o núcleo central, formado por cinco edifícios. De Morgan o considerou único em seu gênero sem saber que o mesmo modelo, modificado de lugar para lugar, encontra-se no Baixo Egito e remonta ao "palácio dos reis" de um reino pré-histórico do Delta que parece ter tido como capital Bute.

"De qualquer maneira — confirma Walther Wolf no trabalho já referido, *Ritrovamenti in Egitto* — a opinião de de Morgan, segundo a qual estaria diante de um monumento da pré-história egípcia, é exata. Ele tratou da descoberta num capítulo das suas *Recherches* com grande cuidado e abundância de detalhes relativos aos vasos de pedra e de argila, os apetrechos de sílex, os peões do jogo das damas em forma de leões e cães, os pés dos móveis modelados em marfim como patas de touros, os moldes para os sinetes de argila. Ele deu particular destaque ao achado de uma tabuinha de marfim com estranhas gravuras e o nome de um rei que era encontrado também em outros lugares. Hoje sabemos que aquele nome é Hórus, "o combatente".

Esquecendo o fato de que ainda hoje sobre estes achados não se aplacaram as polêmicas (demasiado grande, de fato, é o contraste entre as armas de pedra e os utensílios de argila de um lado, os móveis de marfim e os peões do jogo das damas, de outro lado), devemos notar que Hórus — personificação do Sol nascente — é representado com a cabeça de falcão e, muito freqüentemente, com uma aparência que lembra muito de perto a "ave de fogo" americana, na qual alguns estudiosos querem ver a representação de uma astronave e, por analogia, de um astronauta.

Não nos parece inoportuno reproduzir aqui parte das "fórmulas" 508 e 509 na tradução de Kurt Sethe:

Com teu esplendor fiz degraus de baixo de meus pés,
para poder subir àquela minha mãe, a vivente e ascendente serpente Ureo,
que está sobre a cebaça de Râ...
Pertence ao céu quem é do céu, junto com os deuses que devem ascender...
Pai, vim a estas duas mães minhas, as duas fêmeas de abutre...
Eu ascendo ao céu e VIAJO SOBRE O METAL...
Eu subo ao céu entre as estrelas, as imortais,
minha irmã é Sotis [80]*, meu guia a estrela d'alva...*
Sento-me em meu trono de bronze, com seus rostos de leão e cujos pés são patas de grandes touros selvagens...

Quando James Edward Quibell trouxe à luz, em 1897, a antiqüíssima capital da terceira província do Alto Egito (chamada pelos egípcios Nechen e pelos gregos Hierakonpolis, "cidade dos falcões"), encontrou, com algumas belíssimas estátuas de cobre, uma maravilhosa cabeça de falcão de ouro saltado e cinzelado, com olhos de obsidiana; bem, segundo Taylor, esta cabeça seria idêntica a muitas representações da "ave do fogo" difundidas desde o Alaska até a América centro-meridional. E representações quase idênticas àquelas do sagrado volátil americano foram encontradas, em forma de falcões, sobre os peitorais das princesas Sit-Hathor e Mereret!

Quibell encontrou também duas paletas de xisto com relevos em ambos os lados. Na assim chamada "paleta dos animais" algumas das monstruosas e míticas feras reproduzidas parecem-se bastante com aquelas pré-colombianas; e na assim chamada "paleta de Narmer" vemos dois quadrúpedes com os pescoços deformados simbolizando duas serpentes que se entrelaçam naquele sempre presente "8" que parece ter representado também para os antigos, em todo o globo, o sinal do Infinito! [81].

Heliópolis mexicana

Perfis de aves que reproduzem os de cruzadores espaciais, animais que evocam "coisas vindas de outro mundo", monumentos

80 - A estrela Sírio.

81 - Segundo a interpretação "oficial", trata-se de duas panteras cujos pescoços foram esticados para formar uma depressão onde moer os cosméticos. (N. do T.).

levantados em memória de antigos astronautas e de sua lembrança transmitida por habitantes de civilizações desaparecidas, tudo expressando um veemente mas confuso desejo de espaço que se tornou afinal lenda: eis — segundo alguns estudiosos — o significado dos trabalhos de metal e pedra das remotas civilizações do mundo inteiro.

Voltemos aos templos do Sol dos egípcios: veremos que para os fiéis não eram uma morada da divindade, mas lugares onde o astro era venerado a céu aberto e onde, com ele, eram veneradas as estrelas, como nos contam os antigos documentos dos filhos do Nilo.

No grande templo de Heliópolis (capital do Egito há seis mil anos atrás) havia um enorme obelisco, apoiado sobre uma ampla base: devemos considerar visionários os cientistas soviéticos que pensam possa ser a representação de um foguete sobre uma rampa de lançamento? Note-se que o santuário, em sua reconstrução ideal, apresenta várias características parecidas com aquelas próprias de vários monumentos da civilização pré-colombiana, desde a disposição dos muros externos, à posição dos edifícios, às escadas, ao ponto de lembrar o impressionante complexo de ruínas mexicanas de Teotihuacan.

Daqui ao conceito que inspirou a construção das pirâmides a degraus americanas e egípcias, o passo não é longo: "É muito provável — diz-nos Wolf — que com estas construções o rei quisesse criar uma escada que, depois de sua morte, lhe possibilitasse a subida ao céu. Esta vontade de alcançar o deus do Sol e as estrelas é comum nos textos recentes das pirâmides".

Também para os monumentos com paredes lisas, a idéia básica não muda; e sua realização concretiza-se — como em Heliópolis — em passagens estreitas, em enigmáticos vãos, em estreitos e escuros corredores, que levam afinal a admirar o incomparável espetáculo do Sol que brilha sobre o vale do Nilo.

Que aqui também se trate — como sustentam os mais arrojados — da imitação do interior de uma daquelas astronaves que, numa época sem data, "aproximou os homens do céu e o céu dos homens?"

Nós, francamente, não estamos dispostos a subscrever uma afirmativa desta natureza. Mas, colocando-nos além da posição aceita pelos pontífices do saber, concluímos com Herbert Kühn:

"A ciência é uma criação cuja grandeza consiste no fato de nunca estar concluída, de nunca ter fim. Todo estudioso é chamado a colaborar para a ciência, a melhorar, a aperfeiçoar lá onde existem pontos obscuros. Mas as mudanças, os aperfeiçoamentos, dizem respeito, de maneira geral, a pequenas partes, aprofunda-

mento neste sector, complementação naquele, destinados a transformar, gradual e continuamente, o quadro.

"As grandes mudanças, o firmar-se de outras seqüências, são excepcionais, inesperados. Eles são combatidos e somente quando uma nova visão pode ser apoiada por muitos fatos, de uma maneira tão segura que não permita dúvida, a nova orientação é aceita, muito lentamente, e encaixada no grande quadro da vida.

"Assim foi com as descobertas de Galileu, com as de Copérnico e de Kepler, assim foi com o mundo de Darwin, embora tudo isto tivesse sido previsto por Herder, Kant e Goethe".

ENIGMAS DO UNIVERSO

MELHORAMENTOS

DE ONDE PROVÉM O NOSSO IMPULSO DE SONDAR O ESPAÇO?

O terráqueo — todos nós — sentimos um fascínio irresistível de viajar para outros planetas.
Será isso um "instinto" herdado dos nossos antepassados, que teriam colonizado a Terra vindos de outros mundos? Foi a Terra algum dia visitada por viajantes do espaço? Como explicar as civilizações antigas, mais organizadas, mais pacíficas e mais inteligentes que as atuais? Esses e outros mistérios estão sendo exaustivamente investigados por vários escritores, que dedicam a vida a recolher provas de visitas extraterrestres. As provas recolhidas por eles até agora foram reunidas pela Melhoramentos e editadas (com mil fotos e ilustrações) na Série "Enigmas do Universo", da qual fazem parte os volumes:

SOMBRAS SOBRE AS ESTRELAS
Peter Kolosimo

ERAM OS DEUSES ASTRONAUTAS?
Erich von Däniken

DE VOLTA ÀS ESTRELAS
Erich von Däniken

ANTES DOS TEMPOS CONHECIDOS
Peter Kolosimo

VIERAM OS DEUSES DE OUTRAS ESTRELAS?
Compilação de Ernst von Khuon

O PLANETA DAS POSSIBILIDADES IMPOSSÍVEIS
Louis Pauwels e Jacques Bergier

NÃO SOMOS OS PRIMEIROS
Andrew Tomas

NÃO É TERRESTRE
Peter Kolosimo

Leitura que fascina como uma novela policial, mas que encerra o próprio mistério da nossa vida e do nosso planeta! Se não leu, leia. Se leu um, leia os demais. Nas livrarias ou pelo Reembolso Postal.

EDIÇÕES MELHORAMENTOS
Caixa Postal 8120 — São Paulo

tida, que sugerem as linhas de um espaço-porto coberto pelos gelos... A lista fornecida por Kolosimo é contínua, sempre renovada, de livro para livro.

A ciência chamada de "oficial" só pode responder alegando que são "vagas teorias fundamentadas em achados que não merecem consideração". Com essa pobre defesa, usa a tática da avestruz, consagrada como argumento científico. Diante da avalanche de fatos inexplicáveis, de indícios que se acumulam, a resistência começa a ceder: jovens e brilhantes cientistas, armados com os métodos mais avançados da tecnologia dos nossos dias, estão estudando os fenômenos apresentados por pioneiros como Peter Kolosimo e chegando a conclusões arrojadas sobre gigantes que viveriam na Terra e suas manifestações monumentais em Stonehenge, na Ilha de Páscoa e na Córsega.

Estaremos chegando a um tempo em que nossos conhecimentos permitirão afirmar, com certeza inegável, diante de um fenômeno do gênero dos revelados por Kolosimo neste livro: "NÃO É TERRESTRE!"

Capa de
WALTER MACHADO

Nesta série são apresentados todos os argumentos inquietantes, aos quais a ciência oficial não responde: A Pré-História de nosso planeta, o nascimento do Universo, os dramas cósmicos, os discos voadores, os poderes do oculto, a arqueologia misteriosa: um vasto e fascinante panorama de hipóteses com base em novas contribuições científicas. Uma cabeça de bisonte pré-histórico, por exemplo, morto por arma de fogo, mostra claramente o furo da bala que o vitimou: os peritos não têm dúvida disso. O que parece impossível explicar, é a existência de armas de fogo na Idade da Pedra!... São enigmas como esse, os quais a ciência tenta em vão explicar, que o leitor irá encontrar, página por página, nos livros desta série:

De Erich von Däniken:

ERAM OS DEUSES ASTRONAUTAS?
DE VOLTA ÀS ESTRELAS

Sobre Erich von Däniken:

VIERAM OS DEUSES DE OUTRAS ESTRELAS?
Coligido por Ernst von Khuon

De Peter Kolosimo:

ANTES DOS TEMPOS CONHECIDOS
SOMBRAS SOBRE AS ESTRELAS
NÃO É TERRESTRE

De Louis Pauwels e Jacques Bergier:

O PLANETA DAS POSSIBILIDADES IMPOSSÍVEIS

De Andrew Tomas:

NÃO SOMOS OS PRIMEIROS